VICTORIA AVEYARD

A RAINHA VERMELHA

UMA SOCIEDADE DIVIDIDA PELO SANGUE.
UM JOGO DEFINIDO PELO PODER.

SEGUINTE

VICTORIA AVEYARD

A RAINHA VERMELHA

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

Para mamãe, papai e Morgan, que queriam saber o que acontecia depois, mesmo quando eu mesma não queria.

UM

ODEIO A PRIMEIRA SEXTA. O vilarejo fica lotado, o que agora, no auge do verão, é a última coisa que alguém desejaria. Não é tão ruim aqui na sombra, mas o fedor dos corpos suados do trabalho da manhã é forte o bastante para azedar o leite. O ar tremeluz com o calor e a umidade, e até as poças da tempestade de ontem estão quentes e agitam-se com pequenos arco-íris de óleo e graxa.

A feira esvazia à medida que as barracas vão fechando. Os mercadores estão distraídos, despreocupados. É fácil pegar o que eu quiser dos estoques. Quando terminar, estarei com os bolsos abarrotados de quinquilharias e ainda terei uma maçã para a viagem. Nada mal para poucos minutos de trabalho. A multidão se move e eu me deixo ser arrastada pela corrente humana. Minhas mãos entram e saem num só gesto, sempre toques rápidos. Umas notas do bolso de um homem, a pulseira de uma mulher, nada muito grande. Os aldeãos estão ocupados demais seguindo o fluxo para notar uma batedora de carteira.

As altas construções sobre palafitas que dão nome ao vilarejo (Palafitas, quanta originalidade…) erguem-se ao redor, três metros acima do solo lamacento. Na primavera, a margem sul do rio geralmente fica alagada, mas estamos em agosto, mês em que desidratação e insolação afligem o vilarejo. Quase todo mundo espera ansiosamente a primeira sexta-feira do mês, quando a escola e o trabalho terminam mais cedo. Eu não. Preferiria estar na escola numa sala cheia de crianças sem aprender nada.

Não que eu vá permanecer muito mais tempo na escola. Meu décimo oitavo aniversário está chegando e, com ele, o recrutamento. Não tenho formação profissional nem emprego, de modo que acabarei na guerra com outros *desocupados*. Não é de estranhar a falta de trabalho: todo homem, mulher e criança faz de tudo para ficar longe do Exército.

Meus irmãos foram para a guerra quando completaram dezoito anos; mandaram os três combater Lakeland. Apenas Shade sabe escrever um pouco, e ele me manda cartas sempre que pode. Não tenho informações sobre meus outros irmãos, Bree e Tramy, há mais de um ano. Mas notícia ruim sempre chega depressa. As famílias podem passar anos sem novidades para um dia se deparar com os filhos na porta de casa — de licença ou às vezes felizes por terem sido dispensados. No geral, porém, o que as pessoas recebem é uma carta em papel grosso com o selo da Coroa estampado ao pé de um curto agradecimento pela vida do filho. Talvez ganhem até alguns botões de seus uniformes despedaçados.

Eu tinha treze anos quando Bree partiu. Ele me deu um beijo na bochecha e um par de brincos que eu teria de dividir com minha irmã mais nova, Gisa. Eram dois pingentes com contas de vidro rosado como o pôr do sol. Naquela mesma noite, nós duas furamos a orelha sozinhas. Tramy e Shade mantiveram a tradição. Agora Gisa e eu levamos as três pequenas joias numa orelha, para lembrar dos nossos irmãos que lutam em algum lugar. Não acreditei que eles teriam mesmo de ir embora até o dia em que o legionário apareceu com sua armadura reluzente e os levou consigo, um após o outro. No próximo outono, ele virá me buscar. Já comecei a economizar — e roubar — para comprar os brincos de Gisa quando partir.

Não pense nisso. É o que minha mãe sempre diz sobre o Exército, sobre meus irmãos, sobre tudo. *Ótimo conselho, mãe.*

No fim da rua, no cruzamento da Mill com a Marcher, mais aldeões juntam-se à marcha e a multidão aumenta. Um bando de moleques — ladrõezinhos em treinamento — se move pelo tumulto com seus dedos grudentos e curiosos. São jovens demais para serem bons nisso, e os agentes de segurança logo intervêm. Normalmente as crianças seriam mandadas para o tronco ou para a cadeia no entreposto, mas os agentes querem ver a Primeira Sexta. Eles se contentam em dar algumas surras e deixar os ladrões irem. *Pequenas caridades*.

A menor pressão na minha cintura me faz virar para trás instintivamente. Agarro aquela mão tola o bastante para tentar furtar de mim. Aperto tão forte que o diabinho não vai conseguir escapar. Mas, em vez de um moleque mirrado, me deparo com um rosto sorridente.

Kilorn Warren. Aprendiz de pescador, órfão de guerra e provavelmente meu único amigo de verdade. Costumávamos brincar de lutinha quando crianças, mas agora que estamos mais velhos e ele tem uns trinta centímetros a mais que eu, procuro evitar disputas. Acho que Kilorn pode ser útil. Para alcançar prateleiras altas, por exemplo.

— Você está mais rápida — ele ri, soltando-se da minha mão.

— Ou você mais lento.

Ele faz uma cara de tédio e apanha a maçã da minha mão.

— Esperamos Gisa? — pergunta, abocanhando a maçã.

— Ela tem um passe para ficar o dia inteiro. Trabalhando.

— Então é melhor irmos. Não quero perder o espetáculo.

— Que tragédia seria…

— Tsc, tsc, Mare — ele provoca, balançando o dedo na minha cara. — É pra ser divertido.

— É pra ser um *aviso*, seu burro.

Nisso ele já caminha a passos largos, forçando-me a quase correr para acompanhar o ritmo. O andar gingado, desequilibrado. "Passos de marujo" é como ele chama, embora nunca tenha estado em alto-mar. Mas acho que as longas horas no pesqueiro do seu mestre, ainda que no rio, tendem a produzir algum efeito.

O pai de Kilorn foi mandado à guerra, assim como o meu. Mas, enquanto o meu regressou sem uma perna e um pulmão, o sr.

Warren voltou dentro de uma caixa de sapatos. A mãe de Kilorn fugiu logo em seguida, deixando o filho abandonado à própria sorte. Ele quase morreu de fome, mas por algum motivo continuou pegando no meu pé. Eu o alimentava só para não ter de enxotar aquele saco de ossos o tempo todo. Hoje, dez anos depois, aqui está ele. Pelo menos ocupa um posto de aprendiz e não vai ter que encarar a guerra.

Chegamos ao pé do monte onde a multidão se apinha entre empurrões e cutucões. É obrigatório comparecer à Primeira Sexta, a menos que você seja um "trabalhador essencial", como minha irmã. Como se bordar seda fosse essencial. Mas os prateados adoram seda… Até os agentes de segurança podem ser subornados com peças costuradas pela minha irmã. Não que eu saiba algo sobre isso.

As sombras ao redor escurecem à medida que subimos os degraus de pedra rumo ao topo da montanha. Kilorn vai de dois em dois e quase me deixa para trás. Mas ele se detém e espera, sorrindo para mim com malícia, e tirando uma mecha do cabelo castanho de seus olhos verdes.

— De vez em quando esqueço que você tem pernas de criança.

— Melhor do que ter cérebro de criança — rebato, dando-lhe um tapinha na bochecha ao passar. O som da sua risada sobe os degraus atrás de mim.

— Você está mais mal-humorada do que o normal.

— É que odeio essas coisas.

— Eu sei — ele sussurra, sério pela primeira vez.

Eis que chegamos à arena, com o sol escaldante sobre nossa cabeça. Construída há dez anos, a arena é de longe a maior estrutura de Palafitas. Não é nada perto das construções colossais das cidades, mas ainda assim os arcos ascendentes de metal e os milhares de metros de concreto bastam para fazer uma menina da aldeia perder o fôlego.

Os agentes de segurança estão por toda parte; os uniformes preto e prata destacam-se na multidão. É a Primeira Sexta, e eles não veem a hora de assistir aos eventos. Portam armas pequenas, apesar de não precisarem. Os agentes são prateados, e os prateados não têm nada a temer de nós, vermelhos. Todo mundo sabe disso. Não somos iguais, embora talvez não dê para perceber só de olhar. A única coisa que nos diferencia — ao menos por fora — é que os prateados andam eretos. Já nossas costas são curvadas pelo trabalho, pela esperança frustrada e pela inevitável desilusão com nosso fardo na vida.

O calor dentro da arena descoberta é o mesmo do lado de fora, e Kilorn, sempre na ponta dos pés, me conduz para debaixo de uma sombra. Não há assentos para nós, apenas uns bancos grandes de concreto, mas os poucos nobres prateados desfrutam de camarotes frescos e confortáveis na parte superior. Lá, dispõem de bebidas, comida, *gelo* — mesmo no auge do verão —, cadeiras estofadas, luz elétrica e outras comodidades que jamais teremos. Os prateados nem ligam para isso e reclamam da sua "condição miserável". Vou dar a eles uma condição miserável se um dia tiver a chance. Tudo o que há para nós são bancos duros e alguns telões com tantos chuviscos e chiados que mal podemos enxergar.

— Aposto um dia de salário que hoje haverá mais um forçador — Kilorn diz enquanto joga o resto da maçã no chão da arena.

— Sem apostas — disparo.

Muitos vermelhos apostam nas lutas com a esperança de ganhar um pouquinho de dinheiro que os ajude a atravessar mais uma semana. Eu não aposto nem com Kilorn. É mais fácil surrupiar a bolsa do corretor de apostas do que ganhar algum dinheiro jogando.

— Você não devia desperdiçar seu dinheiro desse jeito.

— Não é desperdício quando você tem razão. *Sempre* tem um forçador espancando alguém.

Os forçadores geralmente participam de metade das lutas. Seu talento e sua técnica os tornam mais aptos à arena do que a maioria dos prateados. Para eles, parece prazeroso usar sua força sobre-humana para arremessar outros campeões como bonecas de pano.

— E o outro? — pergunto, pensando na gama de prateados que poderiam aparecer. Telecs, lépidos, ninfoides, verdes, pétreos: todos uma dureza de ver.

— Não sei direito. Tomara que seja legal. Um pouco de diversão não cairia mal.

Kilorn e eu não vemos as Efemérides da Primeira Sexta com os mesmos olhos. Para mim, assistir a dois campeões se digladiando não é nada agradável, mas Kilorn adora. "Deixe que se destruam", diz. "Não são nossa gente."

Ele não entende o que são esses shows. Não se trata de um simples entretenimento, um descanso para o nosso trabalho cansativo. É uma mensagem fria e calculista. Apenas prateados podem lutar na arena porque apenas *eles* podem sobreviver à arena. Lutam para nos mostrar sua força e seu poder. "Vocês não são páreo para nós. Somos melhores. Somos deuses": é isso que cada golpe dado pelos campeões quer dizer.

E eles têm toda a razão. No mês passado, assisti a uma luta entre um lépido e um telec. Embora o lépido se movesse mais rápido do que conseguíamos ver, o telec o imobilizou completamente. Ele ergueu o adversário do chão apenas com o poder da mente. O lépido começou a sufocar; acho que o telec agarrou a garganta dele de algum jeito invisível. A luta terminou quando o lépido ficou azul. Kilorn comemorou. Ele tinha apostado no telec.

— Senhoras e senhores, prateados e vermelhos, bem-vindos à Primeira Sexta, a Efeméride de agosto.

A voz do locutor ecoa pela arena, amplificada pelas muralhas. Soa entediada, como de costume, mas não o culpo por isso.

Antes as Efemérides estavam bem longe de serem disputas; eram simples execuções. Prisioneiros e inimigos do Estado eram transportados para Archeon, a capital, e mortos diante de uma plateia de prateados. Acho que os prateados gostavam disso, então começaram as lutas. Não para matar, mas para divertir. Foi então que surgiram as Efemérides de hoje, que se espalharam por outras cidades, para arenas e públicos diferentes. Com o tempo, permitiu-se a entrada de vermelhos, confinados aos assentos mais baratos. Não demorou muito até os prateados construírem arenas por toda parte, mesmo em vilarejos como Palafitas. E a participação dos vermelhos, que antes era um ato de benevolência, tornou-se obrigatória. Meu irmão Shade diz que é porque nas cidades com arena os vermelhos cometem menos crimes e discordam menos do regime; até o número de atos rebeldes cai. Agora os prateados não precisam apelar para execuções, ou mesmo legiões de agentes de segurança para manter a paz: dois campeões já bastam para nos assustar.

Hoje, os dois em questão fazem bem seu trabalho. O primeiro a pisar na areia branca é apresentado como Cantos Carros, um prateado de Harbor Bay, a leste de Palafitas. O telão explode em cores para formar uma imagem nítida do guerreiro. Ninguém precisa dizer que é um forçador. Os braços são como troncos de árvores, cheios de nervos e veias, a pele toda repuxada. Quando ele sorri, reparo que os dentes ou estão quebrados ou já não estão na boca. Talvez ele tenha brigado com a escova de dentes na infância.

Do meu lado, Kilorn está aos gritos, e os outros aldeões rugem com ele. Um agente de segurança atira pães aos que gritam mais alto para premiar o esforço. À minha esquerda, outro agente entrega um papelzinho amarelo brilhante para uma criança que se esgoela. É um lec, um vale de cota extra de eletricidade. Tudo isso para que torçamos e gritemos; tudo para nos forçar a ver, ainda que não queiramos.

— Isso mesmo, ele quer ouvir vocês! — o locutor quase bocejou, forçando o entusiasmo na voz o máximo que podia. — E aqui temos seu oponente. Diretamente da capital, Samson Merandus.

Provavelmente um parente distante de alguém famoso tentando ganhar renome na arena. Parece pálido e lânguido ao lado do conjunto de músculos em forma humana que era seu oponente, mas sua armadura de aço temperado é boa e reluzente. Embora devesse estar assustado, parece estranhamente calmo.

O sobrenome soa familiar, o que não é incomum. Muitos prateados pertencem a famílias ilustres — chamadas Casas —, com dúzias de membros. A Casa que governa nossa região, Capital Valley, é a Casa Welle, embora eu nunca tenha visto o governador Welle na vida. Ele nunca aparece mais de uma ou duas vezes por ano, e mesmo assim *nunca* se rebaixa a ponto de entrar num vilarejo vermelho como o meu. Vi uma vez seu barco cruzar o rio, uma máquina elegante com bandeiras auriverdes. Ele é um verde. Quando passou, as árvores nas margens floresceram e o chão recobriu-se de flores. Achei bonito, até um dos garotos mais velhos jogar pedras no barco. Elas caíram no rio, inofensivas. Mas o menino foi para o tronco mesmo assim.

— O forçador leva, sem dúvida.

Kilorn observa o campeão mirrado.

— Como você sabe? Qual é o poder de Samson?

— Isso importa? Ele vai perder de qualquer jeito — zombo, preparando-me para assistir.

O gongo soa na arena. Muitos se levantam, ansiosos para assistir, mas permaneço sentada em um protesto silencioso. Por mais calma que pareça, a raiva ferve dentro de mim. Raiva e inveja. “Somos deuses” é a frase que ecoa na minha cabeça.

— Campeões, adentrem a arena.

Eles entram, pisando forte, um de cada lado. Armas de fogo são proibidas nos combates em arena, então Cantos puxa uma espada curta e larga. Duvido que vá precisar dela. Samson não saca nenhuma arma, mal contrai os dedos.

Um zumbido elétrico baixo soa na arena. *Odeio esta parte!* O som reverbera nos meus ossos e dentes, que latejam tanto que chego a pensar que vão trincar. O ruído termina com uma campainha aguda. *Começou.* Suspiro.

Logo de cara parece que vai ser um banho de sangue. Cantos avança como um touro, levantando areia. Samson tenta desviar, usando o ombro para deslizar por trás do prateado, mas o forçador é rápido. Ele agarra a perna de Samson e o arremessa pela arena feito uma peteca. Os gritos da torcida encobrem o urro de dor que Samson solta ao bater no muro de cimento, mas o sofrimento está escrito em sua testa. Antes de sonhar em levantar, Cantos já está em cima dele e o lança para o alto. O campeão de armadura cai na areia feito um saco de ossos quebrados, mas se levanta, não sei como.

— Ele é um saco de pancada? — ri Kilorn. — Vai pra cima, Cantos!

Kilorn não liga para um pão a mais ou uns minutos extras de eletricidade. Não é por isso que torce. Ele sinceramente quer ver sangue, sangue dos prateados, *sangue prata* manchar a arena. Não importa que o sangue seja tudo o que não somos, tudo o que não podemos ser, tudo o que *queremos* ser. Kilorn só quer vê-lo e se ilude com a ideia de que eles são humanos de verdade, que podem ser feridos e derrotados. Mas sei que não é assim. O sangue deles é uma ameaça, um aviso, uma promessa. *Não somos iguais e jamais seremos*.

Kilorn não se decepciona. Até as pessoas do camarote podem ver o líquido metálico e furta-cor pingar da boca de Samson. O sol de verão reflete-se nele como num espelho d’água e pinta um rio correndo do seu pescoço até a armadura.

Esta é a verdadeira distinção entre prateados e vermelhos: a cor do sangue. Esta única diferença os torna mais fortes, mais inteligentes e *melhores* que nós.

Samson cospe e mais sangue prata reluz na arena. Uns dez metros à frente, Cantos segura forte a espada na mão, pronto para pôr um fim na luta.

— Pobre coitado — murmuro.

Parece que Kilorn tinha razão: *ele não passa de um saco de pancadas*.

Cantos faz a arena tremer com seus passos. Espada na mão, olhos em chamas. E então ele para. Um pé se mantém suspenso; a armadura ressoa com a interrupção abrupta. No meio da arena, o guerreiro sangrando aponta para Cantos; seu olhar parece capaz de partir ossos.

Samson move os dedos e Cantos caminha, perfeitamente sincronizado com os gestos manuais dele. A boca do forçador se abre, como se não fosse bom da cabeça. *Como se tivesse perdido a mente*.

Não acredito no que vejo.

Um silêncio mortal recai sobre a arena enquanto assistimos à cena sem entender. Até Kilorn não tinha o que dizer.

— Um murmurador — suspiro em voz alta.

Nunca tinha visto um deles na arena… Duvido que alguém tivesse. Murmuradores são raros, perigosos e poderosos mesmo entre os prateados, mesmo na *capital*. Os rumores a seu respeito variam, mas no final todos soam simples e aterrorizantes: eles podem entrar na sua cabeça, ler seus pensamentos e *controlar sua mente*. E é exatamente isso que Samson faz agora, depois de atravessar a armadura e os músculos de Canto e chegar ao seu cérebro, onde não há defesas.

Cantos ergue a espada com as mãos trêmulas. Tenta combater o poder de Samson. Mas, por mais força que tenha, é incapaz de lutar contra sua mente.

Outro gesto da mão de Samson faz sangue prata respingar pela arena. Canto enfia a espada na armadura, na própria barriga. Posso ouvir o rangido doentio do metal cortando carne mesmo do meu péssimo lugar.

Sangue jorra de Cantos. A arena ecoa de espanto. Nunca vimos tanto sangue aqui antes.

Luzes azuis acendem e banham a arena com um brilho etéreo que marca o fim da disputa. Curandeiros prateados correm pela areia para chegar a Cantos, que está caído. Prateados não podem morrer aqui. A ideia é que lutem com braveza, ostentem seus talentos e deem um espetáculo, mas nada de *morrer*. Afinal, eles não são vermelhos.

Nunca vi os guardas moverem-se tão rápido. Alguns são lépidos e seus vultos nos cercam por todos os lados para nos conduzir à saída. Não nos querem por perto caso Cantos morra na arena. Enquanto isso, Samson se retira como um titã. Seu olhar repousa sobre o corpo de Cantos. Pensei que encontraria um ar de arrependimento nele, mas não. Seu rosto está impassível, inexpressivo e frio. O combate não significava nada para ele. *Nós* não somos nada para ele.

Na escola, aprendemos sobre o mundo antes de nós, sobre anjos e deuses que viviam no céu e governavam a Terra com mãos ternas e gentis. Alguns dizem que não passam de histórias, mas não acredito nisso.

Os deuses ainda governam. Ainda descem das estrelas. Só não são mais gentis.

DOIS

Nossa casa é pequena, mesmo para os padrões de Palafitas, mas ao menos temos uma boa vista. Antes dos ferimentos, durante uma das licenças do Exército, meu pai construiu uma casa tão alta que podíamos avistar o outro lado do rio. Mesmo através da neblina do verão, é possível ver as clareiras que antes formavam uma floresta, destinada ao esquecimento pelos machados. Parecem uma doença, mas as colinas intocadas ao norte e ao oeste tranquilizam nossa memória: *há muito mais lá fora*. Além de nós, além dos prateados, além de tudo o que conheço.

Subo a escada da minha casa escalando os degraus de madeira deformados pelas mãos que sobem e descem diariamente. Dessa altura, vejo alguns barcos que percorrem o rio com bandeiras brilhantes hasteadas. *Prateados*. São os únicos ricos o bastante para usar transporte privado. Enquanto desfrutam de veículos com rodas, lanchas e até jatinhos para rasgar os céus, não temos mais que os próprios pés ou bicicletas, se tivermos sorte.

O destino dos barcos deve ser Summerton, a pequena cidade da casa de verão do rei que se enche de vida nessa época. Gisa esteve lá hoje para ajudar a costureira de quem é aprendiz. Durante as visitas do rei, as duas sempre vão à feira de lá para vender seus produtos aos mercadores e nobres prateados que seguem a família real como filhotinhos. O palácio em si é conhecido como Palacete do Sol. Teoricamente é uma maravilha, mas nunca o vi. Não sei por que a família real possui uma segunda casa, principalmente se o palácio na capital é tão incrível. Só que, como todos os prateados, eles não agem por necessidade. São movidos pelo desejo. E o que desejam, conseguem.

Antes de abrir a porta para o caos habitual, acaricio a bandeira que tremula na varanda. Três estrelas vermelhas, uma para cada irmão, sobre um fundo amarelado. E há espaço para mais. *Espaço para mim.* A maioria das casas possui bandeiras como esta, algumas com faixas negras em vez de estrelas, um silencioso lembrete dos filhos mortos.

Dentro de casa, minha mãe transpira à beira do forno enquanto mexe um guisado. Meu pai observa-a da cadeira de rodas. Gisa borda na mesa, produzindo algo belo e requintado, inteiramente fora da minha compreensão.

— Cheguei — anuncio a ninguém em particular.

Meu pai responde com um aceno e minha mãe move a cabeça. Gisa não levanta o olhar do seu retalho de seda.

Solto meu saco de bens roubados do lado dela, deixando as moedas tilintarem o máximo possível.

— Acho que consegui o bastante para um bolo decente no aniversário do papai. E mais baterias, suficientes para durar um mês.

Gisa olha o saco e fecha a cara de desgosto.

— Um dia as pessoas virão aqui e tomarão tudo o que você tem.

— Inveja não é do seu feitio, Gisa — retruco, dando-lhe tapinhas na cabeça. Imediatamente, suas mãos sobem até seu cabelo ruivo, perfeito e brilhante, e o ajeitam de volta num coque meticuloso.

Sempre quis ter o cabelo dela, embora nunca tenha dito isso. Enquanto seu cabelo é como o fogo, o meu é castanho como um rio, como costumamos dizer. Escuro na raiz e desbotado nas pontas; as cores desvanecem com o desgaste da vida em Palafitas. A maioria das mulheres deixa o cabelo curto para esconder as pontas grisalhas. Eu não. Gosto de lembrar que até meu cabelo sabe que a vida não deveria ser assim.

— Não estou com inveja — ela bufa antes de retomar o trabalho. Ela borda flores de fogo, como se cada uma fosse uma bela chama de pontos sobre a seda negra e brilhante.

— Que bonito, Gi.

Deixo minha mão contornar uma das flores, maravilhada com o toque sedoso. Gisa lança-me um olhar e abre um sorriso gentil que revela até seus dentes. Apesar das brigas, ela sabe que é minha pequena estrela.

E todo mundo sabe que a invejosa sou eu, Gisa. Não sei fazer nada além de roubar daqueles que realmente fazem alguma coisa.

Assim que deixar de ser aprendiz, ela poderá abrir sua própria loja. Prateados virão de todo lugar para comprar seus lencinhos, bandeiras e roupas. Gisa conquistará o que poucos vermelhos têm e viverá bem. Ela cuidará dos nossos pais e contratará meus irmãos e eu como seus ajudantes para nos tirar da guerra. Um dia Gisa nos salvará apenas com uma linha e uma agulha.

— Minhas meninas… Como o dia e a noite — murmura minha mãe. Ela não quer ofender, mas é uma verdade espinhosa. Gisa é talentosa, linda e doce. Eu sou mais durona, nas palavras de mamãe. O fundo escuro para a luz de Gisa. Acredito que nossos únicos pontos em comum sejam os brincos compartilhados e as lembranças dos nossos irmãos.

Meu pai está ofegante em seu canto e bate no próprio peito. É comum, já que ele só tem um pulmão de verdade. Por sorte, um médico vermelho habilidoso o salvou, substituindo o pulmão destruído por um dispositivo que respira pelo meu pai. Não foi invenção dos prateados, que não precisam dessas coisas. Eles têm os curandeiros, que não perdem seu tempo salvando vermelhos, nem mesmo para manter os soldados na linha de frente vivos. A maioria fica nas cidades, prolongando a vida dos velhos prateados, consertando fígados destruídos pelo álcool e coisas do gênero. Assim, somos forçados a depender de um mercado negro de invenções se tivermos problemas. Alguns inventos são idiotas e muitos não funcionam. Mas um metal

ruidoso salvou a vida de meu pai. Sempre escuto seu tique-taque, pequenos pulsos que mantêm meu pai respirando.
— Não quero bolo.
— Bom, então diga o que *quer*, pai. Um relógio novo ou…
— Mare, não considero *novo* algo que você arrancou do pulso de alguém.
Antes de uma nova guerra eclodir na casa dos Barrow, minha mãe tira o guisado do fogo.
— O jantar está servido.
Quando põe a panela na mesa, o vapor vai em minha direção.
— O cheiro está ótimo, mãe — Gisa mente. Meu pai não tem o mesmo tato e abre um sorriso amarelo diante da refeição.
Não quero ser exigente, então forço um pouco da carne goela abaixo. Para minha surpresa, não está tão ruim quanto de costume.
— Você usou a pimenta que eu trouxe?
Em vez de assentir e sorrir, agradecida por eu ter notado, minha mãe cora e não responde. Sabe que a pimenta é roubada, como tudo que eu trago para casa.
Gisa faz uma careta de desânimo e olha para o prato, desconfiando do rumo da conversa.
Talvez você pense que a essa altura eu deveria estar acostumada, mas a reprovação deles ainda me incomoda.
Minha mãe solta um suspiro e enterra a cabeça entre as mãos.
— Mare, eu reconheço seu gesto… Só queria que…
— Que eu fosse como Gisa? — completo a frase.
Minha mãe sacode a cabeça. Outra mentira.
— Não, claro que não. Não é minha intenção.
— Certo.
Certo mesmo é que o vilarejo inteiro deve ter sentido a amargura da minha fala. Esforço-me ao máximo para minha voz não desandar num choro:
— É o único jeito de ajudar vocês antes… antes de eu ir embora.
Menções à guerra são uma maneira rápida de chegar ao silêncio. Até meu pai respira silencioso. Minha mãe vira a cara com as bochechas vermelhas de raiva. Sob a mesa, a mão de Gisa enlaça a minha.
— Sei que você faz o que pode, pelos motivos certos — balbucia minha mãe. Custa-lhe muito dizer isso, mas me serve de conforto mesmo assim.
Fico de boca fechada e apenas concordo com a cabeça.
Então Gisa pula da cadeira, como se tivesse levado um choque.
— Ai, quase esqueci! Passei no correio na volta de Summerton. Havia uma carta de Shade.
É como se tivesse soltado uma bomba. Meus pais, atrapalhados, pegam o envelope encardido que Gisa tira do bolso do casaco. Deixo ambos manusear a carta, examiná-la. Nenhum dos dois sabe ler, então tentam concluir algo a partir do próprio papel.
Meu pai cheira a carta na tentativa de adivinhar sua origem.
— Pinheiros. Sem fumaça. Isso é bom. Ele está longe do Gargalo.
O Gargalo é a faixa de terra bombardeada que liga Norta a Lakeland, onde ocorre a maior parte das batalhas. É lá que os soldados passam quase todo o tempo, encolhendo-se atrás de trincheiras fadadas a explodir ou avançando bravamente em ofensivas que acabam em massacres. O resto da fronteira é formado por lagos, embora a parte ao extremo norte seja de tundra, fria e desolada demais para ser disputada. Meu pai feriu-se no Gargalo anos atrás, quando uma bomba caiu sobre sua unidade. Agora o Gargalo está tão destruído por décadas de guerra que a fumaça das explosões forma uma neblina permanente e nada brota ali. O solo está morto e cinza, e assim será com o futuro da guerra.
Ele finalmente me passa a carta, e eu a abro, sôfrega e ao mesmo tempo receosa do que Shade tem a dizer.

Querida família, estou vivo. É óbvio.

Isso arranca uma risadinha de meu pai e de mim, e até um sorriso de Gisa. Minha mãe não se impressiona, embora Shade comece todas as cartas assim.

Recuamos da frente de batalha, como o papai farejador deve ter adivinhado. É bom voltar aos acampamentos principais. Tudo é vermelho como a aurora aqui; mal dá para ver os oficiais prateados. Sem a fumaça do Gargalo, dá até para ver o sol se levantar cada dia mais forte. Mas não ficarei muito por aqui. O comando planeja reorganizar a unidade de combate nos lagos, e nós fomos destinados a um dos novos navios de guerra. Conheci uma médica transferida de outra unidade; ela disse que conhece Tramy e que ele está bem. Foi atingido por estilhaços na retirada do Gargalo, mas se recuperou bem. Sem infecções, sem sequelas.

Minha mãe suspira alto, balançando a cabeça:
— Sem sequelas… — ironiza.

Ainda nada de notícias de Bree, mas não me preocupo. Ele é o melhor entre nós e logo receberá sua licença

quinquenal. Vai estar em casa em breve, mãe, então pare de se preocupar. Nada mais a relatar, ao menos nada que eu possa escrever numa carta. Gisa, não seja exibida demais, apesar de ter motivos para isso. Mare, não seja tão chata o tempo todo e pare de bater naquele Warren. Pai, tenho orgulho de você. Sempre. Amo todos. Seu filho e irmão favorito, Shade.

Como sempre, as palavras de Shade penetram fundo no meu peito. Quase consigo ouvir sua voz se me esforçar bastante. E então a luz sobre nós começa a oscilar.

— Ninguém usou os vales de energia que eu trouxe ontem? — pergunto um pouco antes de a luz apagar de vez e nos deixar na escuridão. Meus olhos tentam se ajustar e mal enxergo minha mãe balançar a cabeça.

— Podemos não repetir a discussão? — Gisa resmunga enquanto afasta a cadeira e se levanta. — Vou pra cama. Tentem não gritar.

Mas não gritamos. Parece que meu mundo é assim: *cansada demais para lutar*. Meus pais retiram-se para o quarto, deixando-me sozinha na mesa. Normalmente eu sairia um pouco de casa, mas não estou com disposição para nada além de ir dormir.

Subo outra escada até o sótão, onde Gisa já está roncando. Ela dorme como ninguém; apaga depois de mais ou menos um minuto, enquanto eu levo horas para cair no sono. Deito no beliche, feliz simplesmente por estar ali, segurando a carta de Shade. Como percebeu meu pai, o cheiro de pinheiros é forte.

O som do rio é agradável: a água resvala nas pedras da margem e parece cantar para que eu durma. Até a velha geladeira — um troço enferrujado que costuma chiar ao ponto de me dar dor de cabeça — não me incomoda esta noite. Mas então um pio de passarinho interrompe meu mergulho no sono. *Kilorn*.

Não. Vai embora.

Outro pio, mais alto. Gisa vira um pouco na cama e enfia a cabeça no travesseiro.

Resmungando baixo, com ódio de Kilorn, rolo o corpo para fora da cama e escorrego escada abaixo. Qualquer um tropeçaria na bagunça da sala, mas me equilibro como ninguém após anos de experiência fugindo dos agentes. Um segundo depois já estou descendo a escada da palafita. A lama bate na altura do meu joelho. Kilorn está à minha espera, misturado às sombras em torno da casa.

— Tomara que você goste de olhos roxos, porque é o que vou fazer com você depois dessa…

Sua expressão me interrompe.

Ele esteve chorando. *Kilorn não chora.* Os nós dos dedos sangram, e aposto que em algum lugar uma parede também está machucada. Apesar do incômodo, apesar de ser tarde da noite, não consigo deixar de sentir preocupação, medo até, por ele.

— O que é isso? O que houve?

Sem pensar, tomo sua mão entre as minhas. Posso sentir seu sangue sob meus dedos.

— O que aconteceu? — pergunto de novo.

Ele demora para responder, como se juntasse forças. Fico aterrorizada.

— Meu mestre… caiu. Morreu. Não sou mais aprendiz.

Tento disfarçar o espanto, mas ecoa em minha respiração. Apesar de não haver necessidade, apesar de saber o que Kilorn quer dizer, ele continua:

— Não terminei o aprendizado e agora… — ele engasga com as palavras. — Tenho dezoito anos. Os outros pescadores têm aprendizes. Não trabalho. Não posso *arranjar* um trabalho.

As palavras seguintes são como uma faca no meu coração. Kilorn toma fôlego nervoso, enquanto eu desejo não precisar ouvi-lo.

— Vão me mandar pra guerra.

TRÊS

JÁ ESTÁ ACONTECENDO desde a maior parte dos últimos cem anos. Acho que nem dá para chamar de guerra, só que não existe uma palavra para essa forma superior de destruição. Na escola, disseram que começou por causa de terras. Lakeland é uma planície fértil rodeada de lagos imensos cheios de peixe. Bem diferente das montanhas de Norta, rochosas e cobertas de florestas. As fazendas mal conseguem alimentar metade de nós. Até os prateados sentiram o peso, e o rei declarou guerra, afundando todos num conflito que nenhum dos lados tinha chance real de vencer.

O rei de Lakeland, outro prateado, retribuiu na mesma moeda, totalmente apoiado por seus nobres. Queriam nossos rios para ter acesso a um mar que não passe metade do ano congelado, e os moinhos d'água que os rodeiam. Os moinhos são a força do país; fornecem eletricidade suficiente para que até os vermelhos possam receber um pouco. Ouvi rumores de cidades mais ao sul, perto da capital Archeon, onde vermelhos muito habilidosos constroem máquinas que estão além da minha compreensão. Para transporte na terra, na água e no céu, ou armas para semear a destruição onde os prateados quiserem. Nossa professora nos contava cheia de orgulho que Norta era a luz do mundo, uma nação grande por sua tecnologia e seu poder. Todo o resto, como Lakeland ou Piedmont, ao sul, vive nas trevas. Tínhamos sorte de ter nascido aqui. *Sorte.* Essa palavra me dá vontade de gritar.

Mas, apesar da nossa eletricidade, da comida de Lakeland, das nossas armas e dos números deles, nenhum dos lados tinha muita vantagem sobre o outro. Ambos contam com oficiais prateados e soldados vermelhos, valendo-se em combate de seus poderes, pistolas e do escudo de mil corpos vermelhos. Uma guerra que devia ter acabado há menos de um século ainda se arrasta. Sempre achei engraçado termos de lutar por comida e água. Mesmo os grandes e poderosos prateados precisam comer.

Mas agora não tem graça nenhuma, não quando Kilorn vai ser o próximo para quem direi adeus. Pergunto-me se ele vai me dar um brinco para que me lembre dele depois que o legionário o levar.

— Uma semana, Mare. Uma semana e já era. — Sua voz começa a falhar, embora ele tente disfarçar tossindo. — Não posso fazer isso. Eles… eles não vão me levar.

Mas posso ver a resistência deixar seus olhos.

— Deve ter alguma coisa que a gente possa fazer — solto.

— Não tem nada que ninguém possa fazer. Ninguém escapou do recrutamento e viveu para contar a história.

Ele não precisa me dizer isso. Todo ano alguém tenta fugir. E todo ano esse alguém é arrastado para o paço municipal e enforcado.

— Não. A gente vai descobrir um jeito.

Mesmo nessa situação, ele arranja forças para fazer graça:

— *A gente?*

Minhas bochechas ardem mais que qualquer fogueira.

— Estou destinada ao recrutamento tanto quanto você, mas eles não vão me pegar. Vamos fugir.

O Exército sempre foi meu destino, meu castigo. Eu sei disso. Mas não o dele. A guerra já arrancou coisas demais de Kilorn.

— Não há para onde ir — ele dispara. Pelo menos estamos discutindo a ideia. Pelo menos ele não desistiu. — Nunca sobreviveríamos ao inverno do norte; o leste é só mar; no oeste, há mais guerra; o sul é um inferno radiativo… e qualquer lugar no meio disso está lotado de prateados e agentes de segurança.

As palavras transbordam da minha boca como um rio:

— Igual ao vilarejo. Lotado de prateados e agentes de segurança. E a gente consegue roubar bem debaixo do nariz deles e escapar ainda com a cabeça sobre o pescoço.

Meu cérebro trabalha em seu esforço máximo para encontrar uma coisa, qualquer coisa, que possa ser útil. E então vem uma luz, clara como um relâmpago.

— O mercado negro, o mercado que *nós* ajudamos a manter, contrabandeia tudo. De grãos a lâmpadas. Quem disse que não pode contrabandear pessoas?

Sua boca abre, prestes a metralhar mil razões para não dar certo. Mas então ele sorri. E concorda com a cabeça.

Não gosto de me meter nos assuntos dos outros. Não tenho tempo para isso. E, contudo, aqui estou, me ouvindo dizer duas palavras fatais:

— Deixa comigo.

Aquilo que não conseguimos vender para os comerciantes habituais levamos para Will Whistle. Ele é velho e fraco demais para trabalhos braçais, mas sua mente é afiada como um prego. Ele vende de tudo no seu trailer mofado, desde café altamente proibido a esquisitices de Archeon. Eu tinha nove anos e um punhado de botões roubados quando tentei a sorte com ele pela primeira vez. Will me pagou com três moedinhas de cobre e não fez nenhuma pergunta. Agora sou sua melhor fornecedora e

talvez o motivo de ele não ter ido à falência num lugarzinho como este. Algum dia, quem sabe, poderei até chamá-lo de amigo.

Levou anos para eu descobrir que Will fazia parte de um esquema muito maior. Alguns chamam de submundo, outros de mercado negro. Para mim, só importa o que eles podem fazer. Seus atravessadores, pessoas como Will, estão em toda parte. Até em Archeon, por incrível que pareça. Eles transportam bens ilegais pelo país inteiro. E agora aposto minhas fichas na ideia de que abram uma exceção e transportem pessoas.

— Absolutamente não.

Em oito anos, Will nunca me disse não. Agora, o velho tolo e enrugado praticamente bate a porta do trailer na minha cara. Fico feliz por Kilorn não ter ido junto. Assim não precisa me ver fracassar.

— Will, *por favor*. Sei que você pode…

Ele balança a cabeça e sua barba branca se agita.

— Mesmo se *pudesse*, eu sou um negociante. As pessoas com quem trabalho não são do tipo que gasta tempo e energia dando carona pra um desertor. Não é nosso negócio.

Sinto minha única esperança, a única esperança de Kilorn, escorregar por entre os dedos.

Will deve ter notado o desespero em meus olhos. Ele se desarma e encosta na porta do trailer. Deixa escapar um suspiro pesado e lança um olhar para trás, em direção à escuridão da van. Alguns instantes depois, entra no veículo e gesticula para que o acompanhe. Vou com a maior alegria.

— Obrigada, Will — balbucio. — Você não sabe o que isso significa para mim…

— Sente-se e fique quieta, menina — uma voz aguda diz.

Nas sombras do trailer, quase invisível à luz da solitária vela azul de Will, uma mulher levanta. Uma garota, eu diria, pois parece ser pouco mais velha que eu. Mas é muito mais alta. Tem um ar de guerreira experiente. A pistola na cintura, enfiada num cinturão vermelho estampado com sóis, certamente não é permitida. Ela é loira e bonita demais para ser de Palafitas; a julgar pelo suor em seu rosto, não está acostumada ao calor e à umidade. É uma estrangeira, uma forasteira e, por isso, uma fora da lei. *Exatamente o tipo de pessoa que preciso.*

Ela aponta para um banco e, assim que me sento, ela faz o mesmo. Will vem logo atrás e desaba numa cadeira gasta. Seu olhar alterna entre mim e a garota.

— Mare Barrow, esta é Farley — sussurra ele, e a mulher fecha a cara.

Seus olhos cravam-se em meu rosto.

— Você quer transportar uma carga.

— Eu e um rapaz…

Ela ergue a mão grande e calejada para me interromper.

— *Carga* — ela repete, com o olhar repleto de significado.

Meu coração salta no peito. Essa tal de Farley pode ser do tipo que se dispõe a ajudar.

— Qual é o destino? — pergunta.

Racho a cabeça na tentativa de encontrar um lugar seguro. O velho mapa da escola paira ante meus olhos desenhando o litoral e os rios, indicando as cidades e vilas e tudo entre elas. De Harbor Bay até a fronteira com Lakeland no leste, da tundra do norte até os escombros radiativos das ruínas e Wash: todos terrenos perigosos para nós.

— Qualquer lugar a salvo dos prateados. É isso.

Farley pisca para mim sem mudar sua expressão.

— A segurança tem um preço, garota.

— Tudo tem um preço, *garota* — retruco no mesmo tom. — Ninguém sabe disso melhor que eu.

Um silêncio profundo preenche o trailer. Posso sentir a noite desvanecer levando preciosos minutos de Kilorn consigo. Farley percebe meu desconforto e minha impaciência, mas não tem pressa de falar. Depois do que me pareceu uma eternidade, sua boca finalmente se abre.

— A Guarda Escarlate aceita, Mare Barrow.

Preciso de todo o meu autocontrole para não pular de alegria. Mas algo me detém e não permite que um sorriso se desenhe em meu rosto.

— O pagamento é à vista, mil coroas — prossegue Farley.

Fico quase sem ar. Até Will parece surpreso; suas sobrancelhas felpudas desaparecem sob a franja.

— *Mil?*

Consigo desentalar. Ninguém negocia tanto dinheiro, não em Palafitas. Daria para alimentar minha família por um ano. *Vários anos.*

Mas Farley não terminou. Tenho a impressão de que gosta da situação.

— A quantia pode ser paga em cédulas, moedas tetrarcas ou bens. E são mil coroas para cada item, claro.

Duas mil coroas. Uma fortuna. Nossa liberdade custa uma fortuna.

— A carga vai ser transportada depois de amanhã. O pagamento é no ato.

Mal consigo respirar. Menos de dois dias para juntar mais dinheiro do que roubei na vida inteira. *Sem chance.*

Ela nem me dá tempo de reclamar.

— Aceita os termos?

— Preciso de mais tempo.

Ela nega com um aceno mínimo de cabeça. Inclina o corpo para a frente, e sinto o cheiro de pólvora.

— Aceita os termos?

É impossível. É burrice. *É nossa melhor chance.*

— Aceito.

Os momentos seguintes passam num turbilhão enquanto caminho cambaleante pelas sombras de volta para casa. Meu cérebro está em chamas, tentando descobrir um jeito de botar as mãos em alguma coisa com o valor ao menos próximo do preço de Farley. Não será em Palafitas, isso é certo.

Kilorn ainda aguarda na escuridão, um menininho perdido. Penso que ele é isso mesmo.

— Más notícias? — pergunta, tentando manter a voz firme, mas ela vacila mesmo assim.

— Eles podem nos tirar daqui.

Por Kilorn, mantenho a calma durante a explicação. Duas mil coroas deve ser o preço do trono do rei, mas faço parecer que não é nada.

— Se alguém pode fazer isso, somos nós. *Nós vamos conseguir.*

— Mare…

Sua voz sai fria, mais fria que o inverno, mas seu olhar vazio é ainda pior.

— Acabou. Perdemos.

— Mas e se…

Ele põe as mãos nos meus ombros e me segura firme à distância de um braço. Não dói, mas fico chocada como se doesse.

— Não faça isso comigo, Mare. Não me faça acreditar que existe uma saída. Não me dê esperanças.

Ele tem razão. É cruel dar esperanças quando não há nenhuma. Geraria apenas frustração, ressentimento e raiva: tudo o que torna a vida ainda mais difícil do que já é.

— Só me deixa aceitar. Talvez… Talvez assim consiga pôr ordem na minha cabeça, treinar direito e ter uma chance no combate.

Minhas mãos vão ao encontro dos seus punhos e os agarram firme.

— Você fala como se já estivesse morto.

— Talvez esteja.

— Meus irmãos…

— Seu pai cuidou para que eles soubessem muito bem o que fazer antes de partir. E o fato de terem quase o tamanho desta casa ajuda.

Ele força um sorriso, na tentativa de me fazer rir. Não funciona.

— Sei nadar bem e sou um bom marinheiro — continua. — Vão precisar de mim nos lagos.

Somente quando ele me envolve em seus braços e me aperta forte percebo que estou tremendo.

— Kilorn… — balbucio contra seu peito. Mas as próximas palavras não vêm. *Deveria ser eu.* Mas minha vez chegará rápido. Só posso ter esperança de que ele sobreviverá pelo tempo suficiente para que eu o veja de novo, nos quartéis ou nas trincheiras. Talvez então encontre as palavras certas a dizer. Talvez então eu entenda o que sinto.

— Obrigado, Mare. Por tudo.

Ele se afasta, soltando-me rápido demais.

— Se você economizar, vai ter o suficiente para quando a legião vier atrás de você — ele conclui.

Por Kilorn, concordo com a cabeça. Mas não está nos meus planos deixá-lo lutar e morrer sozinho.

Volto ao beliche, apesar da certeza de que não vou dormir. Deve haver alguma coisa que possa fazer e vou descobrir mesmo que leve a noite inteira.

A tosse de Gisa durante o sono soa miúda e doce. Mesmo inconsciente, ela consegue ser uma dama. Não surpreende que se dê tão bem com os prateados. Ela é tudo o que eles gostam num vermelho: quieta, feliz e despretensiosa. É bom que seja ela a lidar com eles, ajudando os trouxas super-humanos a escolher seda e tecidos finos para roupas que usarão apenas uma vez. Gisa diz que é possível acostumar-se a isso, à quantia de dinheiro que gastam com coisas tão banais. E no Grande Jardim, a feira de Summerton, o dinheiro é multiplicado por dez. Junto com sua mestra, Gisa costura rendas, sedas, peles e até pedras preciosas para criar peças de arte para serem vestidas pela elite prateada que parece seguir a família real a toda parte. O desfile, como ela diz, é uma marcha interminável de pavões emperiquitados, um mais orgulhoso e ridículo que o outro. Todos prateados, todos bobos e todos obcecados por seu status.

Eu os odeio mais que o normal esta noite. As meias que usam provavelmente bastariam para salvar a mim, Kilorn e metade de Palafitas do recrutamento.

Pela segunda vez na noite, uma luz.

— Gisa. Acorda — chamo, sem cochichar. Ela dorme feito um defunto. — *Gisa.*

Minha irmã se vira e abafa uma reclamação no travesseiro.

— Às vezes quero matar você — resmunga.

— Que lindo. Agora *acorda*!

Seus olhos ainda estão fechados quando pulo em cima dela, como se fosse uma gata gigante. Tapo sua boca antes de ela conseguir gritar, chorar ou chamar a atenção da mamãe.

— Só me escuta. Não precisa falar, é só ouvir.

Ela bufa de novo na minha mão, mas assente.

— Kilorn…

Bastou mencionar o nome do garoto para seu rosto assumir um tom vermelho brilhante. Ela até deu uma risadinha, coisa que nunca faz. Mas não tenho tempo para namoricos de escola, não agora.

— Chega disso, Gisa — digo, depois tomo fôlego e continuo. — Kilorn vai para o Exército.

Então seu riso acaba. O Exército não é piada, não para nós.

— Descobri um jeito de tirá-lo daqui, de salvá-lo da guerra, mas preciso da sua ajuda.

Dói dizer isso, mas as palavras atravessam os meus lábios mesmo assim.

— Preciso de você, Gisa. Pode me ajudar?

Ela não hesita e sinto meu amor por minha irmã se multiplicar.

— Sim.

Ainda bem que sou baixinha, do contrário não caberia no uniforme extra de Gisa. Ele é grosso e escuro, nada apropriado para o sol de verão, com botões e zíperes que parecem ferver no calor. A mochila que levo nas costas vai sacolejando quase ao ponto de me derrubar com o peso dos tecidos e dos materiais de costura. Gisa caminha com sua mochila e seu uniforme sufocante, mas não parecem incomodá-la nem um pouco. Está acostumada com trabalho e vida duros.

Velejamos a maior parte do trajeto rio acima espremidas entre sacas de trigo na barca de um fazendeiro bondoso com quem Gisa fez amizade uns anos atrás. As pessoas aqui confiam nela de uma maneira que jamais confiariam em mim. O fazendeiro nos deixa a um quilômetro e meio de nosso destino, onde encontramos um cortejo de mercadores que se dirigem a Summerton. Nos misturamos a eles rumo ao que Gisa chama de Portal do Jardim, embora não exista jardim nenhum ali. Na verdade, trata-se de um portão de vidro cintilante que nos cega antes de termos oportunidade de entrar. O resto do muro parece feito do mesmo material, mas duvido que um rei prateado seja burro o bastante para se esconder atrás de muralhas de vidro.

— Não é vidro — Gisa conta. — Ou pelo menos não totalmente. Os prateados descobriram um jeito de aquecer diamantes e misturar com outros materiais. É totalmente impenetrável. Nem uma bomba consegue atravessar.

Paredes de diamante.

— Parece necessário.

— Fique de cabeça baixa. Deixa que eu falo — ela cochicha.

Sigo atrás dela, com os olhos cravados nas ruas, que passam de asfalto escuro e rachado para pavimentos de pedras brancas. São tão lisas que quase escorrego, mas Gisa me segura pelo braço e me mantém de pé. Kilorn não teria problema em andar sobre isto, não com seus passos de marujo. Por outro lado, ele nem viria até aqui. Já desistiu. *Mas eu não.*

À medida que nos aproximamos dos portões, estreito os olhos para ver a parte de dentro, além do reflexo do sol. Embora Summerton funcione apenas como uma residência de verão e seja abandonada antes do primeiro floco de neve cair, é a maior cidade que já vi. Ruas agitadas, lojas, bares, restaurantes, casas e pátios: tudo voltado para uma monstruosidade ofuscante feita de cristais de diamante e mármore. E agora sei de onde veio o nome. O Palacete do Sol brilha como uma estrela com seus trinta metros de altura, como uma massa sinuosa de pontes e espirais. Algumas partes parecem escurecidas segundo a vontade dos ocupantes, que desejam privacidade. Não se pode admitir que os camponeses fiquem observando o rei e sua corte. É sublime, intimidador, magnífico — e é apenas a *casa de verão*.

— Nomes — uma voz rouca urra. Gisa para no ato.

— Gisa Barrow. Esta é minha irmã Mare Barrow. Ela está me ajudando a trazer alguns itens para minha mestra.

Gisa não vacila um instante sequer e mantém a voz no mesmo tom, quase aborrecido. O agente acena com a cabeça para mim. Ponho a mochila na frente do corpo e abro para ele. Gisa entrega nossos cartões de identidade, ambos já rasgados, sujos, se desfazendo, mas são o suficiente.

O homem que nos revista deve conhecer minha irmã, pois mal passa os olhos na identidade dela. A minha, porém, ele esmiúça, olhando para mim e para a foto por um minuto inteiro. Pergunto-me se ele é um murmurador e pode ler minha mente. Nesse caso, meu passeiozinho chegaria ao fim bem rápido. Talvez eu também, com uma corda no pescoço.

— Punho — ele bufa, já enfadado conosco.

Hesito por um instante, mas Gisa estica a mão direita sem pestanejar. Imito seu gesto e mostro o braço para o policial. Ele tasca uma fita vermelha nos punhos. As voltas ficam cada vez mais apertadas, parecendo algemas: é impossível tirar isso do braço sozinha.

— Adiante — o policial diz, indicando a direção com um gesto preguiçoso. Duas jovens garotas não representam ameaça aos seus olhos.

Gisa acena em agradecimento, mas eu não. Esse homem não merece um pingo do meu reconhecimento. Os portões se abrem aos rangidos diante de nós. Avançamos. Enquanto adentramos esse mundo diferente, as batidas do meu coração ressoam em meus ouvidos e abafam os sons do Grande Jardim.

Trata-se de um mercado diferente de tudo o que já vi, repleto de flores, árvores e fontes. Os vermelhos são poucos e rápidos: prestam serviços e vendem suas mercadorias, todos marcados por suas fitas vermelhas. Mesmo sem a fita, é fácil identificar os prateados. Eles transbordam de joias e metais preciosos, valendo uma fortuna. Um só gesto rápido e posso voltar para casa com tudo que algum dia precisarei. Todos os prateados são altos, lindos e frios. Caminham com uma elegância sem pressa que nenhum vermelho jamais poderia ter. Simplesmente não possuímos tempo para andar desse jeito.

Conduzida por Gisa, passo por uma padaria com bolos polvilhados de ouro, por uma quitanda repleta de frutas com cores vibrantes que nunca tinha visto e mesmo por uma exposição de animais cheia de feras além do meu conhecimento. Uma garotinha — prateada, a julgar pelas roupas — serve pedacinhos de maçã a uma criatura manchada, parecida com um cavalo e de pescoço incrivelmente comprido. Umas ruas mais para a frente, uma joalheria cintila em todas as cores do arco-íris. Presto atenção no lugar, mas é difícil andar de cabeça erguida aqui. O ar parece pulsar, vívido.

Logo quando pensava que não haveria nada mais fantástico que este lugar, observo os prateados mais de perto e lembro-me exatamente de quem são. A garotinha é telec e faz a maçã levitar a três metros do chão para alimentar a criatura de pescoço comprido. Um florista corre a mão sobre um vaso de flores brancas que disparam a crescer, chegando a enrolar-se nos cotovelos de seu dono. Ele é verde, capaz de manipular as plantas e o solo. Sentados à beira da fonte, um par de ninfoides produz esferas flutuantes de água para divertir a garotada sem muita animação. Um deles tem cabelo alaranjado e ódio nos olhos, mesmo quando as crianças se reúnem ao seu redor. Por toda a praça, cada um dos tipos de prateado segue sua vida extraordinária. Há muitos, todos grandiosos, magníficos e poderosos. E tão distantes do mundo que conheço.

— É assim que a outra metade vive — murmura Gisa. — Já é o bastante para deixar qualquer um enojado.

Sinto-me invadida pela culpa. Sempre tive inveja de Gisa, do seu talento e de todos os privilégios que ele garante, mas nunca pensei nos custos. Ela não frequentou a escola e tem poucos amigos em Palafitas. Se as coisas fossem diferentes, ela teria muitos. Sorriria. Em vez disso, a menina de catorze anos arma-se de fio e agulha e parte para a batalha com o futuro da família nas costas, afundada até o pescoço num mundo que odeia.

— Obrigada, Gi — cochicho em sua orelha. Ela sabe que o agradecimento não é só por hoje.

— A loja de Salla é ali, no toldo azul.

Ela aponta para uma loja minúscula no fim de uma travessa, apertada entre dois cafés.

— Se precisar de mim, estarei lá.

— Não vou precisar — respondo rápido. — Mesmo que tudo dê errado, não vou envolver você.

— Ótimo.

Ela então agarra minha mão e a aperta por um segundo.

— Cuidado — avisa. — Isto aqui está lotado hoje, mais do que o normal.

— Mais lugares para se esconder — digo, com um sorrisinho no rosto.

Mas sua voz é séria.

— Mais agentes também.

Continuamos a caminhada. Cada passo nos aproxima do momento em que ela me deixará sozinha neste lugar estranho. Sinto uma pontada de pânico quando Gisa tira a mochila das minhas costas com gentileza. Chegamos à loja.

Para me acalmar, murmuro para mim mesma:

— Não falar com ninguém, não encarar ninguém. Não parar. Saio por onde entrei, o Portal do Jardim. O policial remove minha fita e eu continuo a andar.

Gisa confirma minhas palavras assentindo. Seus olhos estão arregalados, temerosos e talvez mesmo esperançosos:

— São dezesseis quilômetros daqui até nossa casa — concluo.

— Dezesseis quilômetros até nossa casa — ela repete.

Desejando com todas as forças poder acompanhá-la, observo Gisa desaparecer sob o toldo azul. Ela me trouxe até aqui. Agora é minha vez de agir.

QUATRO

JÁ FIZ ISSO MIL VEZES: observar a multidão como um lobo vigia um rebanho de ovelhas. À procura dos fracos, dos lentos, dos tolos. Só que, agora, pareço mais a presa. Posso escolher um lépido, que me pegará em um piscar de olhos; ou, ainda pior, um murmurador, que vai sentir minha presença a um quilômetro de distância. Até a garotinha telec tem vantagem sobre mim se as coisas derem errado. Assim, tenho que ser mais rápida do que nunca, mais esperta do que nunca e ter mais *sorte* do que nunca. É enlouquecedor. Felizmente, ninguém presta atenção em mais uma criada vermelha, outro inseto perambulando aos pés dos deuses.

Volto para a praça. Deixo meus braços penderem frouxos do lado do corpo, embora estejam preparados. Normalmente esse é meu jogo: caminhar pelas partes mais congestionadas da multidão e deixar minhas mãos apanharem bolsas e carteiras como as aranhas apanham moscas. Não sou burra a ponto de tentar isso aqui. Em vez disso, sigo a multidão ao redor da praça. Minha visão não está mais ofuscada pelo cenário fantástico ao redor. Enxergo além dele: as fendas entre as rochas e os agentes de segurança em uniforme preto atrás de cada sombra. O impossível mundo prateado surge mais nítido. Eles mal olham um para o outro e *nunca* sorriem. A menina telec parece cansada de brincar com o bicho estranho, e os mercadores nem pechincham. Apenas os vermelhos parecem vivos, cruzando aqui e ali com homens e mulheres lentos e bem de vida. Apesar do calor, do sol e dos sinais luminosos, nunca vi um lugar tão frio.

O que mais me preocupa são as câmeras de vídeo escondidas nas fachadas e vielas. Há apenas algumas no meu vilarejo, perto da sede da segurança ou da arena. Mas aqui elas estão em todos os comércios. Consigo ouvi-las mexer, como que para recordar com firmeza: *Alguém mais observa você aqui*.

A maré de pessoas me conduz pela avenida principal, por tavernas e cafés. Prateados sentam-se do lado de fora para observar a multidão passar enquanto desfrutam suas bebidas matinais. Alguns assistem a vídeos em monitores presos na parede ou pendurados em arcos. Cada um exibe algo diferente, de antigas lutas na arena a noticiários e programas coloridos que não consigo compreender. Todos se misturam em minha cabeça. O som agudo dos monitores e o chiado distante da imagem zunem em meus ouvidos. Como eles aguentam, não sei. Mas os prateados sequer piscam diante dos vídeos, como se os ignorassem por completo.

O Palacete projeta uma sombra tênue sobre mim, e de novo me pego admirando, tola. Mas então um som repetitivo me tira do transe. No começo, parece a sirene da arena, aquela que usam para dar início às Efemérides, mas é diferente. Um pouco mais grave e pesado. Sem pensar, volto-me para a direção do barulho.

No bar perto de mim, todos os monitores exibem a mesma transmissão. Não se trata de um pronunciamento real, mas de um plantão de notícias. Até os prateados param e assistem com um silêncio extasiado. Quando o ruído termina, a reportagem começa. Uma loira de cabelos volumosos — prateada, sem dúvida — surge na tela assustada, e começa a ler uma ficha:

— Prateados de Norta, pedimos desculpas pela interrupção. Há treze minutos houve um ataque terrorista na capital.

Os prateados ao meu redor soltam um suspiro seguido de resmungos temerosos.

Só consigo esfregar os olhos, descrente. Ataque terrorista? Contra os prateados?

Isso é possível?

— Ocorreram explosões concentradas em prédios governamentais no oeste de Archeon. Segundo relatos, a Corte, a Casa do Tesouro e o Palácio de Whitefire foram danificados, mas nem a Corte nem a tesouraria estavam em sessão esta manhã.

A loira então sai de cena para dar lugar à imagem de um prédio em chamas. Agentes de segurança evacuam edifícios enquanto ninfoides lançam água nas labaredas. Curandeiros, identificados por uma cruz preta e vermelha no braço, correm de um lado para o outro.

— A família real não estava na residência de Whitefire e não há mortes confirmadas até o momento. O rei Tiberias deve se dirigir à nação dentro de uma hora.

Um prateado perto de mim cerra o punho e soca o balcão, produzindo uma teia de rachaduras no tampo de pedra sólida. *Um forçador*.

— Foi Lakeland! Estão perdendo no norte, então vêm nos assustar no sul!

Alguns se juntam às provocações para maldizer Lakeland.

— Tínhamos que varrer essa gente do mapa, avançar até Prairie! — ressoa outro prateado.

Muitos vibram em acordo. Precisei de toda a minha força para não pular em cima desses covardes que jamais estarão na frente de batalha ou enviarão seus filhos para o combate. A guerra prateada deles é paga com sangue vermelho.

Parte de mim se alegra com as próximas imagens transmitidas: a fachada de mármore do tribunal pulverizada por explosões, uma muralha de diamante sob uma bola de fogo. Os prateados não são invencíveis. Têm inimigos, inimigos capazes de feri-los e, pela primeira vez, não estão escondidos atrás de um escudo de vermelhos.

A âncora retorna, mais pálida do que nunca. Alguém sussurra umas palavras por trás da câmera enquanto ela repassa as fichas. Suas mãos tremem.

— Aparentemente uma organização assumiu a responsabilidade pelo atentado em Archeon — ela diz, gaguejando um pouco.

Os gritos dos homens no bar cessam rapidamente. Todos estão ansiosos para escutar.
— Um grupo terrorista autointitulado Guarda Escarlate divulgou esse vídeo há alguns instantes.
— Guarda Escarlate?
— Que diabos é…?
— É alguma piada?
Outras perguntas confusas ecoaram pelo balcão. Ninguém nunca ouviu falar da Guarda Escarlate.
Mas eu ouvi.
Foi assim que Farley se referiu a si mesma. A ela e Will. Mas ambos são *contrabandistas*, não terroristas ou homens-bomba, ou seja lá o que diz o noticiário. *É coincidência. Não podem ser eles.*
No monitor, uma imagem terrível me aguarda. Uma mulher diante de uma câmera trêmula. Uma bandana vermelha cobre seu rosto, deixando à mostra apenas seu cabelo dourado e os olhos azuis e vivos. Numa das mãos, uma pistola; na outra, uma bandeira vermelha esfarrapada. No peito, um medalhão de bronze no formato de um sol despedaçado.
— Somos a Guarda Escarlate e defendemos a liberdade e a igualdade de todos os seres humanos… — a mulher diz.
Reconheço a voz. *Farley.*
— … a começar pelos vermelhos.
Não é preciso ser um gênio para saber que um bar lotado de prateados zangados e violentos é o último lugar em que uma garota vermelha gostaria de estar. Mas não consigo me mover. Não consigo desgrudar os olhos do rosto de Farley.
— Vocês se consideram os donos do mundo, reis, deuses. Mas seu império está no fim. Enquanto não nos reconhecerem como *humanos*, como *iguais*, a guerra baterá à porta das suas casas. Não nos campos de batalha, mas nas suas cidades. Nas suas ruas. Onde vocês moram. Vocês não nos veem, e por isso já estamos em todo lugar.
Sua voz ressoa com autoridade e ponderação nas últimas palavras.
— E nós vamos nos levantar. Vermelhos como a aurora.
Vermelhos como a aurora.
O vídeo termina. O monitor volta a exibir a apresentadora, agora de queixo caído. Urros crescentes sufocam o resto do noticiário à medida que os prateados ao redor do balcão recuperam a voz. Gritam contra Farley. Chamam-na de terrorista, assassina, diabo vermelho. Antes de seus olhos recaírem sobre mim, já estou de volta à rua.
Só que, por toda a avenida, da praça até o Palacete, os prateados fervilham, vindos dos bares e cafés. Tento arrancar a fita vermelha do meu punho, mas ela não solta. Outros vermelhos desaparecem nos becos e corredores, na tentativa de fugir, e eu, que não sou burra, vou atrás. Quando encontro um beco, a gritaria começa.
Contra todos os meus instintos, viro para trás e vejo um vermelho erguido pelo pescoço. Ele suplica à agressora prateada:
— Por favor, não sei nem quem são essas pessoas!
— O que é a Guarda Escarlate? — a prateada grita na cara dele.
Reconheço a mulher. É uma das ninfoides que brincava com as crianças há menos de meia hora.
— Quem são eles?
Antes do pobre vermelho conseguir responder, um bloco de água o acerta no rosto. A ninfoide levanta a mão e a água se reúne novamente para mais um golpe. Prateados aglomeram-se em torno da cena, rindo e torcendo. O vermelho gagueja e tosse, tenta recuperar o ar. Ele reforça sua inocência a cada segundo, mas a água continua atingindo-o. A ninfoide, com os olhos repletos de ódio, não dá sinais de que vai parar. Ela atrai para si água de todas as fontes, de todos os copos, e lança contra ele, de novo e de novo.
Vai afogá-lo.

O toldo azul é meu farol, meu guia em meio ao pânico das ruas enquanto desvio tanto de vermelhos quanto de prateados. Geralmente, o caos é meu melhor amigo e deixa meu trabalho de ladra bem mais fácil. Ninguém dá pela falta de um porta-moedas quando está fugindo de uma multidão. Mas minha prioridade não é mais Kilorn e as duas mil coroas. Só consigo pensar em pegar Gisa e sair da cidade, que com certeza vai se tornar uma prisão. *Se fecharem os portões…* Não quero nem pensar em ficar presa aqui, cercada por muralhas de vidro, sem ter como chegar à liberdade.
Os agentes correm para cima e para baixo nas ruas. Não sabem o que fazer ou quem proteger. Alguns juntam vermelhos e os forçam a ajoelhar. Os coitados tremem e imploram. Repetem várias vezes que não sabem de nada. Posso apostar que sou a única pessoa na cidade inteira que *ouviu* falar da Guarda Escarlate antes de hoje.
Uma punhalada de medo atravessa meu corpo. Se for capturada, se contar a eles o pouco que sei, o que farão à minha família? A Kilorn? A Palafitas?
Eles não podem me pegar.
Me escondo atrás das barracas e corro o mais rápido que posso. A rua principal virou uma zona de guerra, mas mantenho o olhar adiante, fixo no toldo azul depois da praça. Passo em frente à joalheria. Desacelero. Uma joia bastaria para salvar Kilorn. Uma fração de segundo parada e… uma chuva de estilhaços de vidro arranha meu rosto. Na rua, um telec crava os olhos em mim e mira novamente. Não lhe dou chance e disparo. Escorrego por debaixo de cortinas e barracas, os braços

estendidos até voltar à praça. Quando me dou conta, já estou com o pé encharcado, cruzando a fonte na corrida.

Uma onda azul e espumante me joga para o lado, nas águas agitadas. Nada muito fundo, meio metro, mas a água parece chumbo. Não consigo andar, não consigo nadar, *não consigo respirar*. Mal consigo pensar. Minha mente só consegue gritar "ninfoide" e lembro do pobre vermelho na avenida, se afogando em pé. Bato a cabeça no fundo de pedra e vejo estrelas, *faíscas*, até que minha visão clareia. Tenho a sensação de que cada centímetro da minha pele está eletrificado. A água muda ao meu redor, volta ao normal e finalmente atinjo a superfície da fonte. O ar invade meus pulmões, queimando o nariz e a garganta. Não ligo: *estou viva*.

Mãos pequenas e fortes me agarram pelo colarinho na tentativa de me tirar da fonte. *Gisa*. Meus pés desgrudam do fundo e vamos ao chão juntas.

— Temos que ir — grito enquanto tento ficar em pé.

Gisa já está correndo na minha frente, rumo ao Portal do Jardim.

— Que perspicaz! — ela berra por cima do ombro.

Não consigo deixar de dar mais uma olhada na praça antes de segui-la. A multidão prateada transborda de todas as portas, revistando as barracas com a voracidade de lobos. Os poucos vermelhos restantes se encolhem no chão e imploram por misericórdia. Na fonte de onde acabei de escapar, um ruivo boia com o rosto para baixo.

Meu corpo estremece. Cada nervo queima enquanto ambas avançamos na direção do Portal. Gisa segura minha mão e abre caminho para nós em meio à multidão.

— Dezesseis quilômetros até nossa casa — ela murmura. — Você conseguiu o que precisava?

Sinto o peso da vergonha recair sobre meus ombros ao responder que não. Não deu tempo. Mal tinha conseguido retornar à avenida quando o plantão começou. *Não havia nada que pudesse fazer.*

O rosto de Gisa mostra pequenas rugas de preocupação.

— A gente pensa em algo — ela afirma com uma voz tão desesperada como a minha.

Mas os portões já despontam diante de nós, mais próximos a cada segundo que passa. Encho-me de tristeza. Assim que estiver do outro lado, assim que sair, Kilorn estará perdido para sempre.

E acho que é por isso que ela faz o que faz.

Antes de eu conseguir detê-la, agarrá-la ou empurrá-la, as mãozinhas espertas de Gisa deslizam pela mochila de uma pessoa. Mas não uma pessoa qualquer: um prateado em fuga. Um prateado com olhar de chumbo, cara de invocado e ombros largos que gritam "Não mexa comigo". Gisa pode ser uma artista com a agulha e a linha, mas não é batedora de carteiras. O prateado leva apenas um segundo para notar o que está acontecendo. E então alguém a ergue do chão.

É o mesmo prateado. *Dois* deles. *Gêmeos?*

— Não é um bom momento para começar a bater carteiras — os dois dizem em uníssono. E então já são três, quatro, cinco, seis, e fecham uma roda ao nosso redor. *Multiplicam-se. É um clonador.*

A multidão dá um nó na minha cabeça.

— Ela não teve a intenção. É só uma criança boba…

— Sou só uma criança boba! — Gisa berra enquanto tenta chutar o clone que a segura.

Eles riem juntos, uma gargalhada aterrorizante.

Corro na direção de Gisa e tento puxá-la, mas um deles me joga de volta para o chão. O impacto contra o piso duro faz o ar fugir dos meus pulmões. Fico recuperando o ar, capaz apenas de ver outro gêmeo botar o pé na minha barriga e me imobilizar.

— Por favor… — gemo, mas ninguém escuta. O zumbido na minha cabeça se intensifica à medida que as câmeras viram para focar a confusão. Sinto mais uma vez meu corpo eletrificado, agora por medo do que pode acontecer à minha irmã.

Um agente de segurança — o mesmo que nos deixou entrar pela manhã — se aproxima com a arma em punho.

— O que é isso? — rosna, encarando os prateados idênticos.

Um por um, eles fundem-se novamente até restar somente dois: o que segura Gisa e o que me prende no chão.

— Uma ladra — um deles diz, balançando minha irmã. Tenho que reconhecer que ao menos ela não gritou.

O policial a reconhece. Sua dureza se transforma em consternação numa fração de segundo.

— Você conhece a lei, menina.

Gisa abaixa a cabeça.

— Sim.

Luto o máximo que posso para tentar impedir o que está para acontecer. Som de vidro quebrando, luzes piscando: um monitor perto de nós é destruído pelo tumulto. Nem isso impede o policial de agarrar minha irmã e pôr a mão dela no chão.

Minha voz sai por vontade própria, unindo-se ao ruído do caos:

— Fui eu! Foi minha ideia! Me castiguem!

Mas eles não ouvem. Não se importam.

Posso apenas observar o policial deitar minha irmã ao meu lado. Seus olhos fixam-se nos meus enquanto ele desce a coronha da arma e esmaga os ossos da mão que ela usa para costurar.

CINCO

KILORN VAI ME ENCONTRAR EM QUALQUER ESCONDERIJO, então sigo em frente. Corro. Como se assim pudesse deixar para trás o que fiz com Gisa, a falha com Kilorn, tudo o que arruinei. Mas até eu sou incapaz de deixar para trás o olhar da minha mãe quando deixo Gisa em casa. Vi a sombra do desespero em seu rosto e corri, antes que meu pai pudesse arrastar sua cadeira de rodas à cena. Não consigo encarar os dois. *Sou uma covarde.*

Então corro até não conseguir pensar, até cada lembrança ruim se desfazer, até sentir apenas meus músculos queimarem. Chego a dizer para mim mesma que as lágrimas em meus olhos são chuva.

Quando finalmente diminuo o passo para tomar fôlego, estou fora do vilarejo, uns quilômetros adentro da terrível estrada para o norte. As árvores filtram a luz sobre a curva e a projetam sobre uma estalagem, uma das muitas presentes nas velhas estradas. O estabelecimento está lotado, como em todos os verões; cheio de criados e trabalhadores sazonais que acompanham a Corte. Eles não moram em Palafitas, não conhecem meu rosto, de modo que são presas fáceis para furtos. Faço isso todo verão, mas Kilorn está sempre comigo, sorrindo enquanto bebe e me vê trabalhar. *Acho que já não vou vê-lo sorrir por muito tempo.*

Risadas escandalosas surgem quando um punhado de homens, bêbados e felizes, sai da estalagem aos tropeços. Seus porta-moedas tilintam sob o peso do pagamento do dia. *Dinheiro prateado*, por servir, sorrir e ajoelhar-se a monstros vestidos de senhores.

Causei tantos estragos hoje, tanta dor àqueles que mais amo. Deveria dar meia-volta e ir para casa, encarar todos, ter pelo menos um pouco de coragem. Em vez disso, detenho-me sob as sombras da estalagem, contente por permanecer na escuridão.

Acho que só sirvo para machucar as pessoas.

Não demora muito para os bolsos do meu casaco ficarem cheios. Bêbados aparecem a cada cinco minutos, e avanço sobre eles com um sorriso no rosto para esconder minhas mãos. Ninguém nota, ninguém sequer liga quando torno a desaparecer. Sou uma sombra, e ninguém se lembra de sombras.

Chega a meia-noite. Ainda estou de pé, à espera. Do alto, a lua é um indicativo luminoso das horas, de quanto tempo faz que estou fora de casa. *Um último bolso. Um último bolso e vou embora.* Já faz uma hora que digo isso a mim mesma.

Não penso quando o próximo cliente sai. Seus olhos se voltam para o céu e ele não me nota. É fácil demais alcançar sua bolsa, fácil demais passar os dedos pelos cordões do porta-moedas. Eu devia ter aprendido a esta altura: nada aqui é fácil. Mas o tumulto, os olhos ocos de Gisa e o sofrimento me emburreceram.

A mão dele se fecha sobre meu punho, com força e um calor estranho. Ele me puxa para fora das sombras. Tento resistir, escapar, mas é forte demais. Ele se volta para mim, e o fogo em seus olhos me enche de medo, o mesmo que senti de manhã. Mas será bem-vindo qualquer castigo que ele queira infligir. Mereço tudo.

— Ladra — ele diz, com uma estranha surpresa na voz.

Pisco para ele, esforçando-me para conter o riso. Nem tenho forças para negar.

— Claro.

Ele me encara, analisa cada detalhe, do rosto até as botas gastas. Fico constrangida. Depois de um longo momento, ele deixa escapar um suspiro e me solta. Confusa, sou apenas capaz de encará-lo. Uma moeda de prata rodopia no ar, e quase não tenho a astúcia de apanhá-la. *Um tetrarca. Um tetrarca de prata, que vale uma coroa.* Bem mais que todas as moedinhas roubadas no meu bolso.

— Isso deve ser mais que o suficiente para você se manter — diz, antes que eu possa responder.

À luz da estalagem, seus olhos reluzem um vermelho dourado, a cor do fogo. Os anos que gastei estudando o jeito das pessoas não me deixam na mão, nem mesmo agora. Cabelos pretos sedosos demais, pele pálida demais: ele é tudo menos um criado. Seu físico, porém, é mais de lenhador, com ombros largos e pernas fortes. Ele é jovem, um pouco mais velho que eu, embora bem longe de ter a autoconfiança que qualquer outro jovem de dezenove ou vinte anos tem.

Eu devia beijar suas botas por me deixar ir *e* me dar tamanho presente, mas sou vencida pela curiosidade. Como sempre.

— Por quê? — as palavras saem duras e ríspidas. Depois de um dia como hoje, como poderiam ser diferentes?

A pergunta o surpreende e ele dá de ombros.

— Você precisa mais do que eu.

Tenho vontade de jogar a moeda na cara dele, de dizer que sei me cuidar, mas um pedaço de mim é mais prudente. *Você não aprendeu nada hoje?*

— Obrigada — forço por entre os dentes.

Por algum motivo, ele ri da minha gratidão relutante.

— Não vá se machucar.

Então ele muda de posição e chega mais perto. *É a pessoa mais estranha que já conheci.*

— Você mora num vilarejo, não é?

— Sim — respondo, gesticulando para mim mesma. Com meu cabelo desbotado, minhas roupas imundas e meus olhos

submissos, onde mais moraria? O contraste é impressionante: ele veste uma camisa boa e limpa, sapatos de couro brilhantes e macios. Reparo que ele brinca com sua correntinha, agitado. Eu o deixo nervoso.

Pálido sob o luar, com olhos incisivos, ele pergunta, para disfarçar:

— E você gosta? De viver lá, digo.

A pergunta quase me provoca gargalhadas, mas ele não se impressiona.

— Alguém gosta? — respondo enquanto tento descobrir qual é a dele.

Mas, em vez de contestar rápido, de emendar algo como Kilorn faria, ele se cala. Sua expressão torna-se sombria.

— Você já vai voltar? — indaga de repente, apontando para a estrada.

— Por quê? Você tem medo do escuro? — pergunto, falando devagar e cruzando os braços. Mas lá no fundo me questiono se não deveria estar com medo. *Ele é forte e rápido, e você está sozinha aqui fora.*

Seu sorriso reaparece, e o alívio que isso me causa é arrebatador.

— Não, mas quero garantir que você vai manter as mãos longe dos outros pelo resto da noite. Não pode ficar aqui sugando metade do bar, pode? A propósito, meu nome é Cal — acrescenta, estendendo a mão para me cumprimentar.

Recuso a mão, ainda me lembrando do calor escaldante de sua pele. Tomo o rumo da estrada a passos silenciosos e ligeiros.

— Mare Barrow — digo sobre o ombro.

Não demora muito e suas longas pernas me alcançam.

— Você é sempre assim tão simpática? — ele provoca. Por algum motivo, tenho a sensação de estar sendo analisada. Mas a fria moeda de prata na minha mão me mantém calma e me lembra do que mais ele carrega nos bolsos. *Prata para Farley. Muito apropriado.*

— Seus senhores devem pagar bem para você carregar coroas de prata — disparo na esperança de mudar de assunto. Funciona, e ele recua, um pouco assustado.

— Tenho um bom emprego — explica, fingindo não ligar.

— Não é o meu caso.

— Mas você é…

— Jovem. Tenho dezessete anos — completo. — Ainda tenho tempo antes do recrutamento.

Ele aperta os olhos e os lábios. Há um quê de dureza na sua voz que torna suas palavras mais afiadas.

— Quanto tempo?

— Cada dia menos.

Dói por dentro só de dizer isso em voz alta. *E Kilorn tem ainda menos tempo que eu.*

Suas palavras secam. Ele volta a me observar e a me estudar enquanto andamos pela floresta. *Pensando.*

— E não há trabalho — ele murmura, mais para si mesmo. — Não há como escapar do recrutamento.

Fico intrigada com sua confusão mental.

— Talvez as coisas sejam diferentes de onde você vem.

— Por isso você rouba.

Roubo.

— É o que posso fazer — deixo escapar. De novo, lembro que só sirvo para causar dor. — Mas minha irmã trabalha — solto, antes de lembrar. *Não, ela não trabalha. Não mais. Por minha culpa.*

Cal apenas observa enquanto luto com as palavras, pensando se me corrijo ou não. É o que posso fazer para manter as aparências, para não desabar por inteiro diante de um completo estranho. Mas ele nota o que tento esconder.

— Você estava no Palacete hoje?

Acho que ele já sabe a resposta. Mesmo assim continua.

— Os tumultos foram terríveis.

— Foram…

Quase engasgo com as palavras.

— Você…

Ele prossegue com as perguntas mais tranquilo. É como fazer um furo numa represa para que toda a água jorre para fora. Eu não seria capaz de deter as palavras mesmo se quisesse.

Não menciono Farley, a Guarda Escarlate, nem mesmo Kilorn. Só conto que minha irmã me infiltrou no Grande Jardim para me ajudar a juntar o dinheiro de que precisávamos para sobreviver. Então veio o erro de Gisa, a fratura e o que ela significa para nós. O que causei à minha família. O que andei fazendo, a decepção da minha mãe, a vergonha do meu pai, os furtos dentro da própria comunidade. Aqui, na escuridão, conto a um estranho como sou péssima. Ele não faz perguntas, mesmo quando minhas palavras saem sem sentido. Apenas escuta.

— É o que posso fazer — digo novamente antes da minha voz sumir por completo.

Então capto um brilho prata pelo canto do olho. Ele saca outra moeda. Sob a luz do luar, só consigo ver os contornos da coroa flamejante do rei estampada no metal. Quando Cal a aperta contra minha mão, tenho a esperança de sentir seu calor de

novo, mas ele está frio.

Não quero sua piedade, sinto vontade de gritar, mas seria burrice. A moeda vai comprar o que Gisa já não pode.

— Sinto muito mesmo por você, Mare. As coisas não deveriam ser assim.

Não consigo nem reunir forças para fechar a cara.

— Há vidas piores. Não lamente por mim.

Ele me acompanha até a entrada do vilarejo, me deixando caminhar pelas palafitas sozinha. Algo na lama e nas sombras deixa Cal desconfortável, e ele desaparece antes de eu ter a chance de olhar para trás e agradecer ao estranho criado.

A casa está escura e silenciosa, mas mesmo assim tremo de medo. A manhã parece estar a cem anos de distância, parte de outra vida em que fui idiota, egoísta e talvez um pouco feliz. Agora só me restam um amigo recrutado e uma irmã de ossos quebrados.

— Você não devia deixar sua mãe preocupada desse jeito — a voz de meu pai sai de detrás das vigas das palafitas e ressoa em meus ouvidos. Faz tantos anos que nem lembro mais da última vez em que o vi no chão.

Minha voz se exalta de susto e medo.

— Pai? O que você está fazendo? Como você…?

Antes de eu terminar, ele aponta para trás, para a polia pendendo da casa. É a primeira vez que a usa.

— Acabou a energia. Pensei em dar uma olhada — ele diz, rouco como sempre.

Ele passa por mim com sua cadeira e para diante da caixa de força fincada no chão. Toda casa possui uma dessas para regular a carga elétrica que mantém as luzes acesas.

Meu pai está ofegante, seu peito estala a cada respiração. Talvez Gisa fique como ele: a mão, uma bagunça metálica; o cérebro, despedaçado e amargurado por causa do que poderia ter sido.

— Por que você não *usa* os lecs que eu trago?

Sua resposta é tirar um vale de energia da camisa e enfiar na caixa. Geralmente isso faz a caixa de força funcionar. Mas agora nada acontece. *Está quebrada.*

— Não adianta — suspira meu pai, voltando a se acomodar na cadeira.

Ambos permanecemos olhando para a caixa de força, sem assunto, sem querer sair, sem querer voltar lá para cima. Meu pai fugiu, como eu. Não suportou ficar dentro de casa com minha mãe chorando sobre a mão de Gisa, lamentando sonhos perdidos enquanto minha irmã tentava não fazer o mesmo.

Meu pai começa a bater naquela porcaria de caixa, como se pancadas de repente fossem capazes de trazer de volta luz, calor e esperança. Os golpes ficam mais irritados, mais desesperados, e ele começa a irradiar ódio. Não por mim ou Gisa, mas pelo mundo. Há muito tempo ele nos chamou de formigas, formigas vermelhas ardendo sob a luz de um sol prateado. Destruídas pela grandeza dos outros, quase derrotadas na batalha pelo nosso direito de existir, porque não somos *especiais*. Não evoluímos como eles, que têm poderes e forças além da nossa imaginação limitada. Permanecemos os mesmos, presos em nossos corpos. *O mundo mudou ao nosso redor e permanecemos os mesmos.*

A raiva também toma conta de mim: xingo Farley, Kilorn, o recrutamento, cada coisa em que consigo pensar. A caixa de metal é fria ao toque, faz tempo que perdeu o calor da eletricidade. Mas algo ainda vibra sob todo aquele mecanismo, algo espera reconectar-se. Perco a cabeça e me lanço à tarefa de encontrar eletricidade, de trazê-la de volta e provar que ao menos sei fazer direito alguma coisa neste mundo tão torto. Meus dedos topam com alguma coisa pontiaguda e meu corpo estremece. Um fio desencapado e afiado ou uma chave defeituosa, digo a mim mesma. Pareceu uma picada de agulha, como se um alfinete me acertasse bem no nervo, mas sem dor.

Acima de nós, a luz da varanda ressuscita.

— Bom, vai entender — resmunga meu pai.

Ele gira as rodas enlameadas da cadeira de volta para a polia. Vou atrás, calada, sem vontade de mencionar o motivo de ambos estarmos com tanto medo do lugar que chamamos de lar.

— Chega de fugir — ele suspira, prendendo a cadeira na plataforma.

— Chega de fugir — concordo, mais por mim que por ele.

A plataforma geme sob o peso ao içá-lo até a varanda. Vou mais rápido pela escada e espero no andar de cima para ajudar, sem palavras, meu pai a se soltar da plataforma.

— Porcaria — resmunga ele quando finalmente consigo soltar a fivela.

— Mamãe vai ficar feliz por você ter saído de casa.

Ele crava os olhos em mim e segura minha mão. Embora meu pai mal trabalhe — ele só conserta bugigangas para crianças —, suas mãos ainda são ásperas e calejadas, como se tivesse acabado de voltar da frente de batalha. *A guerra nunca acaba.*

— Não conte para sua mãe.

— Mas…

— Sei que não parece nada, mas dá pano pra manga. Ela vai pensar que é um pequeno passo de uma grande jornada, entende? Primeiro saio de casa à noite, depois de dia, depois vou à feira com ela como há vinte anos. Então as coisas voltam a

ser como antes.

Seus olhos escurecem enquanto ele fala. Meu pai luta para manter a voz baixa e constante.

— Nunca vou ficar bem, Mare. Nunca vou me *sentir* bem. Não posso deixar sua mãe ter essa esperança quando sei que nunca vai acontecer. Você entende?

Bem demais, pai.

Ele sabe o que a esperança fez comigo e ameniza o tom.

— Queria que as coisas fossem diferentes.

— Todos queríamos.

Apesar das sombras, consigo avistar a mão quebrada de Gisa quando chego ao sótão. Normalmente ela dorme encolhida, enrolada num cobertor fino, mas agora está de barriga para cima, com a mão fraturada apoiada sobre uma pilha de roupas. Minha mãe ajeitou a tala — melhorando assim minha ínfima tentativa de ajudar — e trocou as gazes. Não preciso de luz para saber que sua pobre mão está roxa dos machucados. O sono de Gisa é inquieto, seu corpo se agita, mas o braço permanece imóvel. Dói mesmo durante o sono.

Quero tocar minha irmã, mas como posso consertar os acontecimentos trágicos do dia?

Pego uma carta de Shade na caixinha onde guardo toda a sua correspondência. Ao menos vai me deixar mais calma. Suas piadas, suas palavras, sua *voz* presa nas páginas sempre me tranquilizam. Mas, ao correr os olhos novamente pela carta, sou tomada por tristeza.

"Vermelho como a aurora", diz a carta. Aí está, na minha cara. As palavras de Farley no vídeo, o grito de guerra da Guarda Escarlate, na caligrafia do meu irmão. A frase é estranha demais para ser ignorada, singular demais para ser posta de lado. E a próxima frase: "ver o sol se levantar cada dia mais forte"… Meu irmão é esperto, mas prático. Não liga para o nascer nem para o pôr do sol, menos ainda para frases de estilo. O *se levantar* ressoa em mim. Em vez de Farley, é meu irmão que fala. *Se levantar, vermelho como a aurora.*

De algum modo, Shade sabia. Muitas semanas atrás, antes do atentado, antes da transmissão de Farley, ele sabia da Guarda Escarlate e tentou nos avisar. *Por quê?*

Porque é um deles.

SEIS

NÃO ME ASSUSTO QUANDO ESCANCARAM AS PORTAS AO AMANHECER . Revistas são normais, embora geralmente só tenhamos duas por ano. Esta vai ser a terceira.

— Venha, Gi — balbucio ao ajudar minha irmã a sair da cama e descer a escada. Ela anda com dificuldade, apoiando-se no braço bom. Lá embaixo, minha mãe está à espera. Seus braços envolvem Gisa, mas os olhos focam em mim. Para minha surpresa, ela não parece brava ou decepcionada comigo. Pelo contrário, seu olhar é até suave.

Dois agentes esperam à porta, armas na cintura. Já vi os dois no entreposto do vilarejo, mas há uma terceira figura: uma jovem de vermelho com uma insígnia tricolor no peito. *Uma criada real, uma vermelha que serve o rei*. Percebo que esta não vai ser uma revista usual.

— Submetemo-nos à revista e à apreensão — meu pai resmunga. Ele é obrigado a dizer essas palavras sempre que isso acontece. Mas, em vez de dividir-se para revirar a casa, os agentes permanecem de guarda.

A jovem dá um passo à frente e, para meu horror, se dirige a mim:

— Mare Barrow, você foi intimada a ir a Summerton.

A mão boa de Gisa se fecha sobre a minha, como se pudesse me prender aqui.

— Como? — gaguejo a muito custo.

— Você foi intimada a ir a Summerton — ela repete, apontando para a porta. — Vamos escoltá-la. Por favor, venha.

Uma intimação. Para um vermelho. Nunca na vida ouvi falar disso. Então, por que eu? O que fiz para merecer isso?

Por outro lado, sou uma criminosa e provavelmente considerada terrorista por causa do meu envolvimento com Farley. Sinto todos os nervos do meu corpo pinicarem; cada um dos meus músculos está tenso e pronto. Preciso correr, apesar dos agentes bloquearem a porta. *Vai ser um milagre se conseguir chegar até a janela.*

— Acalme-se. Tudo já voltou ao normal — ela brinca, enganada quanto ao meu medo. — O Palacete e a feira já estão sob controle. *Por favor, venha.*

Para minha surpresa, ela até sorri, apesar de os agentes levarem a mão à arma. Isso gela meu sangue.

Negar uma ordem da polícia, recusar uma *intimação real* significa pena de morte não apenas para mim.

— Tudo bem — digo baixinho enquanto solto a mão de Gisa. Ela tenta me agarrar de novo, mas mamãe a puxa para trás. — Vejo vocês mais tarde?

Minha pergunta paira no ar. Sinto a mão cálida de meu pai acariciar meu braço. *É seu jeito de dizer adeus.* Os olhos de minha mãe marejam de lágrimas não derramadas, ao passo que Gisa tenta não piscar a fim de se lembrar de cada segundo comigo. *E nem tenho algo para lhe dar*. Mas, antes que eu hesite ou solte o choro, um policial me toma pelo braço e me leva para fora.

As palavras forçam passagem por entre meus lábios, embora sejam pouco mais que um suspiro.

— Amo vocês.

E então a porta bate atrás de mim, acabando com meu lar e minha vida.

Eles me apressam pelo vilarejo ao longo da estrada que dá para a praça do mercado. Passamos na frente do casebre de Kilorn. Ele costumava estar acordado a essa hora, já na metade do caminho até o rio para começar o trabalho com o dia ainda fresco. Mas isso acabou. Imagino que ele durma até meio-dia na tentativa de aproveitar o pouco conforto que lhe resta antes do recrutamento. Parte de mim quer dar um grito de despedida, mas me seguro. Ele vai aparecer em casa atrás de mim e Gisa contará tudo. Lembro que hoje Farley estará esperando por mim e pela fortuna que teria que pagar. Não consigo segurar um riso silencioso. Ela vai ficar decepcionada.

Na praça, um veículo preto brilhante está à espera. Estacionado com quatro rodas, janelas de vidro: parece uma fera pronta para me devorar. Um oficial sentado diante dos controles liga o motor quando nos aproximamos. A cusparada de fumaça preta tinge o ar matinal. Sou forçada a entrar na parte de trás sem que me digam qualquer coisa. A jovem criada se ajeita ao meu lado pouco antes de o veículo acelerar pela estrada a uma velocidade inimaginável. *Esta será minha primeira — e última — viagem num destes.*

Quero falar, perguntar o que está acontecendo, como vão me punir pelos meus crimes, mas sei que minhas palavras não seriam ouvidas. Então apenas olho pela janela o vilarejo desaparecer à medida que entramos na floresta, avançando pela familiar estrada do norte. Não está tão cheia quanto ontem, e o trajeto está pontilhado de agentes. “O Palacete está sob controle”, tinha dito a criada. Acho que era a isso que ela se referia.

A muralha de diamante brilha adiante, refletindo o sol que se levanta nos bosques. Quero fechar os olhos, mas resisto. Sei que tenho que mantê-los abertos aqui.

O portão está cercado de uniformes pretos, agentes que verificam os viajantes que entram. Quando o veículo encosta, a criada me tira de lá e me conduz até o portão sem pegar a fila. Ninguém protesta ou se dá ao trabalho de verificar sua identidade. Ela deve ser conhecida por aqui.

Assim que entramos, a criada me encara.

— Meu nome é Ann, a propósito, mas aqui quase sempre atendemos pelo sobrenome. Você pode me chamar de Walsh.

Walsh. O nome soa familiar. Combinado com o seu cabelo desbotado e com a pele bronzeada, só pode significar uma coisa.

— Você é de…?

— De Palafitas, como você. Conheci seu irmão Tramy e gostaria de não ter conhecido Bree, aquele safado.

Bree ficou famoso no vilarejo antes de partir. Uma vez me disse que não tinha tanto medo do recrutamento como os outros porque o grupo de garotas sedentas de sangue que ele ia deixar para trás era bem mais perigoso.

— Não conheço você, mas logo conhecerei muito bem.

Não consigo mais segurar:

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que sua jornada de trabalho aqui vai ser longa. Não sei quem contratou você ou o que disseram sobre o emprego, mas cedo ou tarde você sente o peso. Não é só trocar lençóis e fronhas e lavar pratos. Você precisa olhar sem ver, ouvir sem escutar. Somos objetos aqui, estátuas vivas feitas para servir. — Ela suspira baixo e abre uma porta pesada construída bem ao lado do portão. — Especialmente com esse negócio de Guarda Escarlate. Nunca é bom ser vermelho, mas agora é pior.

Ela cruza a porta e, aparentemente, também o muro. Leva um tempo para eu perceber que está descendo uma escada, e por isso sumiu em meio à semiescuridão.

— O emprego? — insisto. — Que emprego? O que é isso?

Ela se vira para mim com cara de tédio.

— Você foi intimada a assumir um posto de criada — diz, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Trabalhar. Um emprego. Quase desmaio só de pensar.

Cal. Ele disse que tinha um bom trabalho — e agora mexeu os pauzinhos para que eu também tivesse. Talvez até trabalhe com ele. Meu coração dispara diante da possibilidade, sabendo o que isso implica. *Não vou morrer, não vou para a guerra. Vou trabalhar e viver. E, mais tarde, quando encontrar Cal, posso convencê-lo a fazer o mesmo por Kilorn.*

— Continue andando. Não tenho tempo para levar você pela mão.

Sigo Walsh por um túnel incrivelmente escuro. Pequenas lâmpadas brilham na parede o suficiente para iluminar o encanamento e a fiação sobre nós. Há um zunido por causa da água corrente e da eletricidade.

— Onde vamos? — sussurro finalmente.

Quase ouço o desânimo de Walsh, que finalmente se volta para mim, confusa:

— Para o Palacete do Sol, claro.

Sinto meu coração parar por um segundo.

— Quê? Como? O palácio? O palácio de verdade?

Ela dá um tapinha na insígnia no uniforme. A coroa reluz sob a luz baixa.

— Você serve ao rei agora.

Prepararam um uniforme para mim, mas quase não o noto. O cenário é maravilhoso demais para isso: tijolinhos de argila e um piso com mosaicos brilhantes num cômodo esquecido na casa do rei. Outros criados correm para lá e para cá num desfile de uniformes vermelhos. Presto atenção nos rostos, procurando por Cal para poder agradecer, mas ele não aparece.

Walsh permanece ao meu lado, sussurrando conselhos:

— Não diga nada. Não escute nada. Não fale com ninguém, pois ninguém vai falar com você.

Mal consigo guardar as palavras. Os últimos dois dias foram uma ruína para meu coração e minha alma. Parece que a vida simplesmente decidiu abrir as comportas para tentar me afogar num redemoinho de reviravoltas.

— Você chegou num dia cheio, talvez o pior que veremos.

— Vi os barcos e dirigíveis. Faz semanas que os prateados estão subindo o rio — comento. — Não é normal, mesmo para esta época do ano.

Walsh me apressa e bota uma bandeja com taças brilhantes nas minhas mãos. Com certeza eu poderia comprar minha liberdade e a de Kilorn com elas, mas o Palacete tem um guarda em cada porta ou janela. Nunca conseguiria escapar de tantos agentes, nem com toda a minha habilidade.

— O que vai acontecer hoje? — pergunto, demonstrando minha ignorância. Uma mecha escura de cabelo cai sobre meus olhos. Nem tenho chance de soprá-la para cima: Walsh a bota de volta no lugar e prende com um grampo minúsculo, com movimentos rápidos e precisos. — Fiz uma pergunta idiota? — emendo.

— Não. Eu também não sabia disso antes de começarmos os preparativos. Afinal, há mais de vinte anos isso não acontece, desde a escolha da rainha Elara — ela começa, tão rápida que quase não distingo as palavras. — Hoje é a Prova Real. As filhas das Grandes Casas, das mais ilustres famílias prateadas, vieram se oferecer ao príncipe. Vai acontecer uma grande festa, mas agora elas estão no Jardim Espiral, preparando-se para se apresentar ao príncipe na esperança de serem escolhidas. Uma dessas meninas será a próxima rainha. Estão brigando com unhas e dentes pela chance.

Uma imagem de um bando de pavões me vem à mente.

— Mas como é? Elas dão uma voltinha, dizem umas palavras e piscam pra ele?

Walsh torce o nariz e balança a cabeça.

— Improvável… — responde. Em seguida, com brilho nos olhos, anuncia: — Você está escalada para hoje, então vai ter a chance de ver com os próprios olhos.

A porta agiganta-se adiante, feita de madeira esculpida e vidro trabalhado. Um criado a abre para dar passagem a uma fila de uniformes vermelhos. Então chega minha vez.

— Você não vem? — Até eu ouço o desespero na minha voz, quase implorando para Walsh vir comigo. Mas ela recua e me deixa só. Antes de atrasar a fila ou arruinar de outro jeito o grupo organizado de criados, forço-me a seguir em frente e sair ao sol naquilo que Walsh chamou de Jardim Espiral.

No começo, sinto que estou em outra arena como a do meu vilarejo. O terreno desce em círculos para formar um anfiteatro imenso, mas, em vez de bancos de pedra, cada curva está apinhada de mesas e cadeiras aveludadas. Plantas e fontes enfeitam os degraus, fazendo assim a divisão dos camarotes. Elas convergem até a parte inferior para fazer parte da decoração de um círculo de grama com algumas estátuas. Diante de mim, está uma área reservada, separada por sedas vermelhas e negras. Ali, há quatro assentos, todos feitos de ferro bruto e direcionados para o centro do complexo.

O que é este lugar?

O trabalho tem um ritmo frenético. Apenas sigo ordens de outros vermelhos. Sou auxiliar de cozinha, então minhas responsabilidades são limpar, ajudar os cozinheiros e, no momento, preparar a arena para o evento. Para quê a nobreza precisa de arena, não sei bem. No vilarejo ela apenas é usada para as Efemérides, para assistir às lutas de prateado contra prateado. O que acontece aqui? Isto é um palácio. Este chão nunca será manchado de sangue. Ainda assim, a pseudoarena me enche de maus presságios. Volto a sentir meu corpo pinicar, e a sensação se propaga como ondas sob minha pele. Quando eu terminar e voltar para a entrada de serviço, a Prova Real já estará prestes a começar.

Os criados saem cada vez mais da região dos assentos e passam para uma plataforma alta rodeada de cortinas. Sigo seus passos meio desajeitada e chego à fila tropeçando quando outra porta se abre, separando o camarote real e a entrada de serviço.

Começou.

Minha mente volta para o passado, para o Grande Jardim, para aquelas belas e cruéis criaturas que se dizem humanas. Todas vaidosas e vazias, com olhar duro e caráter ainda pior. Estes prateados — das Grandes Casas, segundo Walsh — não serão diferentes. *Podem até ser piores*.

Eles adentram em blocos, uma multidão de cores que se espalha pelo Jardim Espiral com fria elegância. É fácil notar as famílias — ou Casas — diferentes: todos usam a mesma cor. Lilás, verde, preto, amarelo, um arco-íris de tons rumo ao camarote de cada família. Logo perco a conta. *Quantas Casas existem afinal?* Mais e mais deles juntam-se à multidão. Uns param para conversar, outros trocam abraços sem vida. Percebo que para eles é só uma festa. A maioria provavelmente tem pouca esperança de emplacar uma rainha, de modo que isso é apenas uma diversão.

Mas alguns não parecem estar aqui para celebrar. Uma família de cabelo prateado, vestida com seda preta, senta-se em silêncio à direita do camarote do rei. O patriarca da Casa tem barba pontuda e olhos pretos. Um pouco mais adiante, membros de uma Casa cujas cores são azul-marinho e branco conversam. Para minha surpresa, reconheço um deles. Samson Merandus, o murmurador que vi na arena há poucos dias. Diferente dos outros, ele tem os olhos fixos no chão, sua atenção está em outro lugar. Faço uma anotação mental de não cruzar com ele e seus poderes mortais.

É estranho, porém, que não haja nenhuma garota com idade para casar com o príncipe. Talvez estejam todas se preparando em algum outro lugar, ansiosas, à espera da oportunidade de ganhar uma coroa.

De vez em quando alguém pressiona um botão quadrado de metal na mesa que acende uma luz, solicitando um criado. Quem estiver mais perto da porta atende, enquanto os demais dão um passo à frente e esperam sua vez de servir. E, claro, assim que chego perto da porta o patriarca de olhos pretos aperta o botão.

Agradeço aos céus por meus pés não falharem. Passo praticamente aos pulos por toda a multidão, dançando entre corpos em movimento com o coração disparado. Em vez de roubar dessa gente, tenho que servi-la. Não sei se a Mare Barrow da semana passada riria ou choraria de sua nova tarefa. *Mas ela foi burra, e agora eu pago por isso.*

— Senhor? — digo, olhando para o patriarca. Me xingo mentalmente. “Não diga nada” é a primeira regra e eu já a quebrei.

Mas ele não parece perceber. Simplesmente ergue o copo vazio de água com um ar de tédio no rosto.

— Estão brincando conosco, Ptolemus — resmunga para o jovem musculoso ao seu lado. Suponho que seja ele o infeliz que se chama Ptolemus.

— É uma demonstração de poder, pai — responde o jovem, esvaziando o próprio copo. Ele o estende para mim, e o pego sem hesitar. — Fazem-nos esperar porque podem.

Eles são a família real, que ainda não apareceu. Mas ouvir prateados falar deles assim, com tanto desdém, é desconcertante. Nós, vermelhos, insultamos o rei e a nobreza sempre que possível, mas é um pré-requisito nosso. Essas pessoas nunca sofreram um dia na vida. Que problemas podem ter entre si?

Quero ficar para escutar, mas até eu sei que é contra as regras. Dou meia-volta e subo um lance de escada para sair do

camarote deles. Há um bebedouro escondido atrás de algumas flores coloridas, de modo que não preciso dar toda a volta na pseudoarena para reabastecer os copos. De repente, um som metálico e agudo reverbera, parecido com o sinal tocado no começo das Efemérides da Primeira Sexta. Ressoa mais algumas vezes, e começa a formar uma melodia heroica, provavelmente para anunciar a entrada do rei. Por toda parte as Grandes Casas põem-se de pé, de boa ou má vontade. Reparo que Ptolemus murmura algo para o pai de novo.

Minha posição é privilegiada: atrás das flores, no mesmo patamar do camarote do rei, mas um pouco atrás. Mare Barrow a poucos metros do rei. O que minha família pensaria? O que Kilorn pensaria? Este homem nos manda para a morte, e eu me tornei de bom grado sua criada. Me dá nojo.

O rei entra bruscamente, de peito aberto e ombros retos. Mesmo de costas parece muito mais gordo do que nas moedas e vídeos, mas também mais alto. Seu uniforme é vermelho e preto, estilo militar, mas duvido que tenha passado ao menos um dia nas trincheiras onde os vermelhos morrem. Seu peito reluz com medalhas e insígnias, um memorial de coisas que jamais fez. Ele até carrega uma espada dourada, apesar dos muitos guardas ao seu redor. A coroa na cabeça é familiar, feita de ouro vermelho retorcido e ferro preto. Cada uma das pontas enrola-se em línguas de fogo ardentes que parecem chamuscar seu cabelo grisalho. Muito apropriado, pois o rei é um ardente, como seu pai, o pai de seu pai e todos os antepassados. Destrutivos, poderosos, controladores do calor e do fogo. Antigamente, nossos reis costumavam queimar os opositores com apenas um toque. Este rei talvez não queime mais vermelhos, mas ainda nos mata com guerras e ruínas. Conheço seu nome desde a infância na sala de aula, quando ainda tinha ânsia pelo conhecimento, como se fosse me levar a algum lugar. *Tiberias Calore VI, rei de Norta, Chama do Norte*. A afetação das afetações. Eu cuspiria em seu nome se pudesse.

A rainha vem atrás, cumprimentando a multidão com a cabeça. Se as roupas do rei são escuras e sóbrias, o vestido azul-marinho e branco dela é leve e claro. Ela dirige uma reverência apenas para a Casa de Samson, e só então percebo que vestem as mesmas cores. Deve ser sua família, a julgar pelas semelhanças: o mesmo cabelo loiro-acinzentado e o mesmo sorriso anguloso que lhe confere a aparência de um felino selvagem e predador.

Por mais intimidadora que a família real seja, não é nada quando comparada à sua guarda. Ainda que eu seja uma vermelha nascida na lama, sei quem são. Todos sabem reconhecer um sentinela porque ninguém quer encontrar um deles. Eles cercam o rei em todas as gravações, em todos os discursos ou decretos. Como sempre, seus uniformes parecem em chamas, com uma cor que faísca entre o vermelho e o laranja. Os olhos brilham por trás das medonhas máscaras negras. Cada um deles porta um rifle preto ponteado com uma baioneta de prata reluzente capaz de atravessar ossos. Seu poder é ainda mais assustador que sua aparência. Guerreiros de elite oriundos de diferentes Casas dos prateados, treinados desde a infância, juraram proteger o rei e sua família pela vida inteira. Sua presença basta para me fazer tremer, mas as Grandes Casas não demonstram medo algum.

Das profundezas dos camarotes, começa a gritaria:

— Morte à Guarda Escarlate! — berra alguém, logo seguido por outros.

Um calafrio desce pela minha espinha quando lembro dos acontecimentos de ontem, agora tão distantes. Com que rapidez aquela multidão é capaz de se transformar em…

O rei fica confuso; o barulho o deixa pálido. Não está acostumado a protestos assim e parece resmungar contra os gritos.

— Já estamos cuidando da Guarda Escarlate e de todos os nossos inimigos! — troveja Tiberias, e sua voz ecoa em meio à multidão. Seu brado silencia a todos como um estalar de chicote. — Mas não é disso que viemos tratar aqui. Hoje honramos a tradição, e nenhum diabo vermelho impedirá isso. Vamos realizar o rito da Prova Real para descobrir a filha mais talentosa que se casará com o filho mais nobre. Assim, encontramos força para unir as Grandes Casas e aumentamos nosso poder para garantir o domínio prateado até o fim dos dias, derrotando nossos inimigos dentro e fora das fronteiras.

— Força! — grita agora a multidão. É assustador. — Poder!

— É novamente tempo de defender esses ideais, e ambos os meus filhos honram nosso solenníssimo costume.

Ao gesto do rei, duas figuras dão um passo à frente, uma de cada lado dele. Não consigo ver seu rosto, mas ambos têm a estatura e o cabelo preto do pai. Eles também vestem uniformes militares.

— Príncipe Maven, das Casas Calore e Merandos, filho da minha consorte real, a rainha Elara — anuncia o rei.

O segundo príncipe, mais pálido e magro que o outro, ergue a mão num cumprimento severo. Vira para a esquerda e para a direita, de modo que consigo ver seu rosto de relance. Embora tenha uma aparência nobre e séria, não deve ter mais de dezessete anos. Tem rosto anguloso, olhos azuis e um sorriso tão frio que seria capaz de congelar fogo. Dá a impressão de desprezar todos ali, como eu.

— E o príncipe herdeiro das Casas Calore e Jacos, filho da minha falecida esposa, a rainha Coriane, herdeiro do trono de Norta e da coroa ardente, Tiberias VII.

Estou tão ocupada rindo internamente de como o nome é ridículo que nem percebo o jovem a acenar e sorrir. Por fim levanto os olhos, apenas para poder contar melhor depois como fiquei tão perto do futuro rei. Só que meus olhos acabam vendo mais do que esperava.

Os cálices de vidro caem das minhas mãos e aterrissam a salvo no bebedouro.

Conheço aquele sorriso e aquele olhar. Queimaram nos meus há apenas uma noite. Ele me arranjou o emprego, ele me

salvou do recrutamento. Ele era um de nós. *Como pode ser?*

Então ele se vira, acenando para todo lado. Não há engano.

O príncipe herdeiro é Cal.

SETE

Retorno à plataforma da criadagem com um buraco no estômago. Qualquer felicidade que experimentei antes acabou. Não tenho coragem de olhar para trás e vê-lo ali, com suas roupas finas, carregado de fitas e medalhas e do ar de realeza que odeio. Como Walsh, ele possui uma insígnia da coroa ardente, mas em âmbar, diamante e rubi. Ela cintila sobre o preto do uniforme. Longe dos trajes surrados que vestiu na noite passada, usados para se misturar a plebeus como eu. Agora ele parece o futuro rei em cada centímetro, prateado até os ossos. E pensar que confiei nele.

Os outros criados abrem passagem para que eu volte ao fim da fila. Minha cabeça está a mil. Ele me arranjou este emprego, ele me *salvou*, salvou minha família — e é um deles. Pior que um deles. Um príncipe. *O* príncipe. A pessoa que todos neste monstruoso espiral de pedra vieram ver.

— Todos os senhores vieram honrar meu filho e o reino, então honro os senhores — irrompe o rei Tiberias, enquanto meus pensamentos desaparecem como fumaça. Ele ergue os braços e saúda os muitos camarotes. Embora eu tente ao máximo manter os olhos no rei, não resisto um olhar para Cal. O sorriso em seus lábios não se reflete em seus olhos.

— Honro vosso direito de governar. O futuro rei, filho de meu filho, terá vosso sangue prata tanto quanto eu. Quem atribuirá para si esse direito?

O patriarca de cabelos prateados urra em resposta:

— Eu quero a Prova Real!

Por toda a espiral, os líderes das diversas Casas gritam em uníssono:

— Eu quero a Prova Real!

Os brados ecoam de acordo com alguma tradição que não compreendo.

Tiberias sorri e acena com a cabeça.

— Que comece. Lord Provos, tenha a bondade.

O rei encara o camarote que penso ser o da Casa Provos. O resto da espiral acompanha seu olhar, e todos fixam-se na família vestida de dourado com listras pretas. Um ancião de cabelo grisalho dá um passo à frente. Os trajes estranhos lhe dão a aparência de uma vespa prestes a dar uma ferroada. Ele faz um gesto com a mão, e não sei o que esperar.

De repente, a plataforma treme e se move para o lado. Dou um pulo, por reflexo, e quase trombo no criado ao meu lado quando começamos a deslizar. Meu coração salta à boca quando vejo o resto do Jardim Espiral girar. Lord Provos é um telec e movimenta a estrutura por caminhos projetados pelo poder da mente.

A estrutura inteira gira sob seu comando e a área do jardim se amplia, formando um imenso círculo. Os níveis inferiores recuam e se alinham com os superiores, de modo que a espiral se transforma num enorme cilindro a céu aberto. À medida que os níveis se movem, o chão afunda até quase seis metros abaixo do camarote mais baixo. As fontes convertem-se em cachoeiras jorrando do alto do cilindro até o centro, enchendo piscinas profundas e estreitas. Nossa plataforma plana para sobre o camarote real, o que nos dá uma vista perfeita de tudo, inclusive do centro lá embaixo. Tudo isso leva menos de um minuto. Lord Provos transformou o Jardim Espiral em um lugar muito mais sinistro.

Ele retoma seu assento, mas as mudanças ainda não estão completas. O zumbido da eletricidade eleva-se até ressoar por toda parte, arrepiando os pelos do meu braço. Uma luz lilás esbranquiçada cintila perto do solo do jardim; faíscas elétricas saltam das pedras de pontos minúsculos, quase invisíveis. Nenhum prateado levanta para controlar o processo. Entendo por quê. Isso não é obra de prateados, mas uma maravilha tecnológica: eletricidade. *Raios sem trovões*. Os feixes de luz se entrelaçam e interceptam, tecendo assim uma rede brilhante a ponto de cegar. A simples visão daquilo faz meus olhos doerem e sinto pontadas agudas de dor na cabeça. Não faço ideia de como os outros aguentam.

Os prateados parecem impressionados, intrigados com algo que não conseguem controlar. Enquanto isso, nós vermelhos ficamos de queixo caído, em total admiração.

A rede se cristaliza à medida que a eletricidade se expande e ramifica. E, então, tão repentino quanto surgiu, o ruído cessa. A eletricidade se detém, solidifica-se em pleno ar na forma de um escudo roxo entre o público e o chão. Entre nós e *seja lá o quê* vai aparecer lá embaixo.

Minha mente começa a viajar imaginando o que poderia necessitar de um escudo elétrico. Não seria um urso ou uma alcateia ou qualquer uma das feras raras da floresta. Mesmo criaturas míticas, como grandes felinos, tubarões ou dragões não representariam perigo para os muitos prateados aqui. E por que botariam feras na Prova Real? É a cerimônia de escolha da rainha, não um combate com monstros.

Como em resposta, o solo sob o círculo de estátuas — agora o pequeno centro do cilindro — se abre. Sem pensar, dou um pulo à frente na esperança de ter uma visão melhor. O resto dos criados aglomera-se ao meu redor, também querendo ver com os próprios olhos o que sairá daquela câmara.

A menor garota que já vi na vida emerge da escuridão.

Os gritos de apoio ressoam pelo Jardim Espiral: uma Casa vestida de marrom e joias vermelhas aplaude a filha.

— Rohr, da Casa Rhambos — grita a família para apresentá-la ao mundo.

A garota, que não deve ter mais que catorze anos, sorri para a família. Ela é minúscula em comparação com as estátuas, mas suas mãos são estranhamente grandes. Já o resto do corpo parece capaz de sair voando com uma brisa mais forte. Ela se vira para as estátuas, sempre sorrindo de cabeça erguida. Seu olhar vai até Cal, quer dizer, o príncipe, na tentativa de seduzi-lo com o olhar ou com o balançar ocasional dos cabelos cor de mel. Em suma, ela parece meio idiota. Até se aproximar de uma estátua de pedra maciça e arrancar sua cabeça com um único e simples tapa.

A Casa Rhambos grita novamente:

— Forçadora.

Sob nós, a pequena Rohr destrói tudo num turbilhão, reduzindo estátuas a pilhas de pó ao mesmo tempo que racha o solo sob seus pés. É como um terremoto em forma de um minúsculo ser humano, destruindo tudo pelo caminho.

Então estamos num concurso de talentos.

Um concurso de talentos violentos, cuja intenção é servir de vitrine para a beleza, o esplendor e… a força. *A filha mais talentosa.* É uma demonstração de poder para que o príncipe se una à garota mais poderosa, de modo que seus filhos sejam os mais poderosos de todos. E acontece há centenas de anos.

Estremeço só de pensar na força que Cal tem no mindinho.

Ele aplaude educadamente o fim da destruição organizada da menina. A Casa Rhambos grita mais incentivos enquanto a garota desce pela plataforma de onde veio.

Em seguida vem Heron, da Casa Welle, filha do governador da minha região. Alta, com cara de pássaro. A terra destruída remexe em torno dela, voltando ao normal.

— Verde! — canta a família.

Verde. Às suas ordens, árvores crescem num piscar de olhos, tão altas que as copas encostam na cúpula elétrica. Faíscas incendeiam as folhas verdes. A próxima garota, uma ninfoide da Casa Osanos, aproveita a oportunidade. Usando as fontes transformadas em cachoeiras, transforma a floresta num turbilhão de corredeiras; sobram apenas árvores chamuscadas e terra arrasada.

O espetáculo prossegue assim por horas. As garotas sucedem-se para demonstrar seu valor, e cada uma delas encontra a arena mais destruída que a anterior. São treinadas para lidar com qualquer coisa. Variam na idade e na aparência, mas são todas estonteantes. Uma delas — de uns doze anos — explode tudo o que toca como uma bomba ambulante.

— Oblívio! — grita a família para descrever seu poder.

O escudo elétrico aguenta firme enquanto a jovem destrói as últimas estátuas brancas. O som agudo das explosões ecoa nos meus ouvidos.

A eletricidade, os prateados e os berros se misturam na minha cabeça enquanto assisto a verdes, lépidas, forçadoras, telecs e aparentemente uma centena de outros tipos de prateadas exibirem-se sob o escudo. Coisas que nunca sonhei serem possíveis acontecem diante dos meus olhos: garotas que transformam a própria pele em pedra ou soltam gritos capazes de esfacelar muralhas de vidro. Os prateados são maiores e mais fortes do que temia; têm poderes que nem sabia que existiam. Como podem ser de verdade?

Fiz todo esse trajeto e de repente estou de volta à arena para assistir aos prateados demonstrarem tudo o que não somos.

Quase fico maravilhada quando uma animos, com o poder de controlar os animais, convoca mil pombas do céu. Quando os pássaros mergulham de cabeça contra o escudo elétrico e explodem em nuvenzinhas de sangue e penas, minha admiração vira repulsa. O escudo faísca e queima os restos dos animais até brilhar como novo. Quase vomito ao som dos aplausos quando a animos de sangue frio submerge de volta.

Outra garota — espero que a última — surge na arena que está reduzida a pó.

— Evangeline, da Casa Samos — grita o patriarca da família de cabelo prateado. Ele fala sozinho, e sua voz ecoa pelo Jardim Espiral.

Do meu lugar privilegiado, percebo o rei e a rainha endireitarem-se nos assentos. Evangeline já tem a atenção deles. Em claro contraste, Cal baixa a cabeça e olha para as próprias mãos.

Enquanto as outras garotas usavam vestidos de seda e umas poucas trajavam estranhas armaduras douradas, Evangeline aparece com uma roupa de couro preto. Jaqueta, calça, botas: tudo cravejado de prata maciça. Não, não é prata. Ferro. Prata não é tão fosca ou dura. Sua Casa torce por ela, todos de pé. Ela pertence à família de Ptolemus e do patriarca. Mas outras famílias também torcem. Querem-na como rainha. *Ela é a favorita.* Evangeline saúda a todos levando dois dedos à fronte, primeiro para sua família e depois para a família real. O rei e a rainha devolvem o cumprimento, favorecendo descaradamente a garota.

Talvez isso seja mais parecido com os shows do que eu pensava. A diferença é que em vez de mostrar para os vermelhos seu lugar, aqui o rei mostra aos seus súditos — não importa quão poderosos sejam — o lugar *deles*. *Uma hierarquia dentro da hierarquia.*

Presto tanta atenção às provas que quase não noto quando é minha vez de servir novamente. Antes de alguém me dar um cutucão para mostrar o caminho, parto para o camarote certo. Mal escuto o patriarca dos Samos falar mais uma vez. Acho que

disse “magnetron”, mas não faço ideia do que significa.

Desço pelos estreitos corredores — antes amplas passarelas — até os prateados que solicitaram um criado. O camarote fica na parte de baixo, mas sou rápida e chego lá num piscar de olhos. Me deparo então com um clã especialmente gordo, vestido em amarelo berrante e penas horríveis, degustando um bolo enorme. Pratos e taças vazios emporcalham o ambiente. Ponho-me a trabalhar para limpar tudo com minhas mãos rápidas e treinadas. Um monitor de vídeo dentro do camarote exibe Evangeline, que parece imóvel na arena.

— Que farsa é essa? — um dos pássaros gordos e amarelos resmunga enquanto enche a boca. — A menina dos Samos já ganhou.

Estranho. Ela parece a mais fraca de todas.

Empilho os pratos, mas mantenho os olhos na tela para assistir às proezas dela naquele cenário arrasado. Não parece dispor de nada com que trabalhar, com que mostrar o que pode fazer, mas não dá a impressão de estar incomodada. Seu sorrisinho é terrível, como se estivesse plenamente convencida da própria glória. *Não vejo qualquer glória nela.*

As peças de ferro na sua jaqueta se mexem. Flutuam no ar, como balas de metal. E então, como disparos de uma arma, explodem para longe de Evangeline, perfurando o pó, as paredes e mesmo o escudo elétrico.

Ela consegue controlar metais.

Vários camarotes aplaudem, mas ela está longe de ter terminado. Rangidos e chiados ecoam até nós vindos de algum lugar subterrâneo do Jardim Espiral. Mesmo a família gorda para de comer e observa ao redor, perplexa. Todos ficam confusos e intrigados, e consigo sentir a vibração bem abaixo dos pés. Tenho medo.

Com um estrondo arrasador, canos de metal rompem o chão do Jardim, erguendo-se desde as profundezas. Atravessam as paredes e cercam Evangeline na forma de uma coroa cinzenta de metal retorcido. Ela parece rir, mas o baque ensurdecedor do metal abafa qualquer som. O escudo elétrico faísca, mas Evangeline se protege sob a sucata. Ela nem sequer suou. Por fim, deixa o metal cair num barulho horrível e olha para o céu, para os camarotes acima. A boca escancarada. *Ela parece faminta.*

Começa devagar, uma leve mudança no equilíbrio, até que o camarote inteiro é tomado. Pratos estilhaçam-se no chão e taças de vidro rolam para a frente, esbarram no parapeito e se despedaçam contra o escudo elétrico. Evangeline está arrancando nosso camarote, inclinando-o para a frente para cairmos. Os prateados ao meu redor guincham e se agitam; os aplausos viram pânico. Eles não são os únicos: todos os camarotes da nossa fileira vão com o nosso. Lá embaixo, Evangeline — o cenho franzido de concentração — controla tudo com apenas uma das mãos. Como os lutadores prateados nas arenas, quer mostrar ao mundo do que é capaz.

É isso que penso quando uma bola amarela de pele e penachos bate contra mim, lançando-me por cima do parapeito com o resto dos talheres.

Tudo fica roxo durante a queda; vejo apenas o escudo se aproximar. A eletricidade silva, queima o ar. Mal tenho tempo de entender, mas sei que aquela cúpula tramada em roxo vai me cozinhar viva, me eletrocutar com uniforme vermelho e tudo. Aposto que a única preocupação dos prateados será quem vai limpar a sujeira.

Minha cabeça bate contra o escudo. Vejo estrelas. Não, não são estrelas. *Faíscas.* O escudo cumpre sua função: frita-me com raios elétricos. O uniforme queima, fica chamuscado, tostado. Aguardo o momento em que minha pele vai ficar assim também. *Meu cadáver vai ter um cheiro ótimo.* Mas, por algum motivo, não sinto nada. *Devo estar com tanta dor que não sinto.*

Mas… então *posso* sentir. Sinto o calor das faíscas subindo e descendo pelo meu corpo, incendiando cada nervo. A sensação não é ruim, porém. Na verdade, me sinto *viva.* Como se tivesse sido cega a vida inteira e agora pudesse enxergar. Alguma coisa se move sob minha pele, mas não são as faíscas. Olho minhas mãos e meus braços, admirada com a eletricidade que paira sobre mim. A roupa continua a queimar, abrasada pelo calor, mas minha pele não muda. O escudo continua a tentar me matar, mas não consegue.

Está tudo errado.

Estou viva.

O escudo solta uma fumaça preta e começa a ceder e se estilhaçar. As faíscas ficam mais brilhantes, mais ferozes, mas vão enfraquecendo. Tento me ajeitar, ficar de pé, mas o escudo se esfacela sob meus pés. Caio novamente para a frente.

Consigo, não sei como, cair numa pilha de pó sem pontas do metal. Músculos fracos, arranhões pelo corpo, mas ainda inteira. Já meu uniforme não teve tanta sorte… Está em frangalhos, todo queimado.

Levanto a muito custo, e mais pedaços do meu uniforme se desfazem. Murmúrios e interjeições ecoam pelo Jardim Espiral. Posso sentir todos os olhos sobre mim, a vermelha queimada. O para-raios humano.

Evangeline me encara com olhos arregalados. Furiosa, confusa… e com medo.

De mim. Por algum motivo, ela tem medo de mim.

— Oi — digo, feito uma idiota.

Evangeline responde com uma rajada de cacos de ferro afiados e mortais, que cortam o ar em direção ao meu coração.

Sem pensar, ergo as mãos na tentativa de me proteger do pior. Em vez de aparar uma dúzia de lâminas na palma da mão, sinto algo bem diferente. Como com as faíscas, meus nervos cantam, reanimados por uma espécie de fogo interior. Ele se agita

dentro de mim, atrás dos olhos, debaixo da pele, até que me sinto mais eu mesma. E, então, emana de mim puro poder e energia.

O facho de luz, ou melhor, de *relâmpagos*, irrompe das minhas mãos e arde através do metal. Os fragmentos rangem e esquentam, explodindo com o calor. Caem inofensivos no chão enquanto o relâmpago atinge a parede. Produz um rombo fumegante de quase dois metros e por pouco não acerta Evangeline.

Seu queixo cai em choque. Tenho certeza de que olho minhas mãos com a mesma expressão, perguntando-me o que teria acontecido comigo. Lá no alto, uma centena dos mais poderosos prateados se pergunta a mesma coisa. Levanto a cabeça e me deparo com todos me encarando.

Até o rei se inclina sobre a beirada do camarote; a coroa flamejante desenha-se contra o céu. Cal está bem ao seu lado, encarando-me com olhos arregalados.

— Sentinelas.

A voz do rei é incisiva como uma navalha, ameaçadora. De repente o uniforme alaranjado dos sentinelas desponta em todos os camarotes. A guarda de elite espera mais uma palavra, mais uma ordem.

Sou uma boa ladra porque sei quando correr. Agora é um bom momento.

Antes de o rei conseguir falar, disparo. Ultrapasso a atônita Evangeline e deslizo até a passagem no chão antes que ela se feche.

— Peguem-na!

As palavras ecoam atrás de mim enquanto caio no lusco-fusco da câmara subterrânea. Os metais voadores de Evangeline abriram buracos no teto, de modo que ainda posso ver o Jardim Espiral. Para meu desespero, a estrutura parece rachar conforme os sentinelas saltam dos camarotes, todos em minha direção.

Sem tempo para pensar, apenas corro.

A antecâmara debaixo do Jardim está ligada a um corredor escuro e vazio. Câmeras de segurança pretas e quadradas me observam correr a toda velocidade, fazendo uma curva depois da outra. Posso sentir sua presença, me perseguindo como os sentinelas não muito distantes de mim. *Corre*, repito mentalmente. *Corre, corre, corre.*

Preciso encontrar uma porta, uma janela, alguma luz no fim do túnel. Se conseguir sair, quem sabe chegar até o mercado, talvez tenha uma chance. *Talvez.*

O primeiro lance de escadas conduz a um corredor longo cheio de espelhos. Mas as câmeras também estão lá, pendendo do teto como insetos grandes e pretos.

Uma bala passa perto da minha cabeça, e sou forçada a me jogar no chão. Dois sentinelas em seus uniformes cor de fogo saem de trás de um espelho e vêm na minha direção. *São iguais aos agentes. Apenas agentes desastrados que não conhecem você. Não sabem do que é capaz.*

Nem eu *sei do que sou capaz.*

Eles esperam que eu corra, então faço o contrário: salto na direção deles. Suas armas são grandes e potentes, mas complicadas. Antes que consigam levantá-las para atirar, me assustar ou as duas coisas, fico de joelhos no chão de mármore liso e escorrego entre os dois gigantes. Um deles grita comigo, e sua voz faz outro espelho explodir numa tempestade de vidro. Quando por fim conseguem dar meia-volta, já estou longe e retomo a corrida.

A janela que finalmente encontro acaba sendo uma alegria e uma tristeza. Estou parada diante de uma gigantesca vidraça de diamante que dá para a vasta floresta. Está bem ali, logo do outro lado, atrás de uma muralha impenetrável.

Certo, mãos, agora seria um bom momento para vocês fazerem algo.

Nada acontece, claro. Nada acontece quando preciso.

Uma onda de calor me toma de surpresa. Olho para trás e vejo uma muralha vermelha e laranja se aproximar. Tenho certeza: os sentinelas me encontraram. Só que a muralha é quente, cintilante, quase sólida. *Fogo*. E vem para cima de mim.

Minha voz sai frouxa, fraca e derrotada quando tento rir da situação.

— Ah, que ótimo.

Quero correr, mas acabo colidindo com um largo tecido preto. Braços fortes fecham-se ao meu redor e me seguram quando tento escapar. *Dê um choque nele, solte um raio*, grito mentalmente. Mas nada acontece. O milagre não vai me salvar de novo.

O calor aumenta quase ao ponto de queimar o ar nos meus pulmões. Sobrevivi à eletricidade hoje, não quero tentar a sorte com o fogo.

Mas é a fumaça que vai me matar. Grossa, negra, forte e sufocante. Minha vista fica turva e as pálpebras, pesadas. Ouço passos, gritos e o crepitar do fogo à medida que o mundo escurece.

— Sinto muito. — É a voz de Cal.

Acho que estou sonhando.

OITO

Estou na varanda, observando minha mãe se despedir de meu irmão Bree. Ela chora e o abraça forte. Shade e Tramy ficam ao lado para segurá-la caso suas pernas falhem. Sei que também querem chorar ao ver seu irmão mais velho partir, mas aguentam pela mamãe. Perto de mim, meu pai não diz nada; contenta-se em encarar o legionário. Mesmo em sua armadura de aço e tecido à prova de balas, o soldado parece pequeno diante de meu irmão. Bree poderia engoli-lo vivo se quisesse, mas não quer. Não esboça qualquer reação quando o legionário o toma pelo braço e o leva para longe de nós. Uma sombra o segue e paira sobre ele como asas negras terríveis. O mundo gira ao meu redor, então caio.

Aterrisso um ano depois, com os pés presos na lama batida debaixo de casa. Agora minha mãe abraça Tramy e implora ao legionário. Shade precisa arrastá-la. Em algum lugar, Gisa chora pelo irmão predileto. Meu pai e eu permanecemos em silêncio, poupando as lágrimas. A sombra retorna. Dessa vez, gira em torno de mim, bloqueando o céu e o sol. Aperto bem os olhos, na esperança de que ela vá embora.

Quando os abro novamente, estou nos braços de Shade, abraçando meu irmão o mais forte que posso. Aperto-me contra seu peito e estremeço. Uma dor aguda na orelha me faz recuar. Vejo gotas de sangue na camisa dele. Gisa e eu furamos a orelha de novo com o presente que Shade nos deu. Acho que fiz errado, como sempre faço tudo errado. Dessa vez, sinto a sombra antes de vê-la. Tenho raiva.

Sou arrastada através de um desfile de lembranças, de todas as feridas recentes ainda por cicatrizar. Algumas parecem sonhos. Não, pesadelos. Meus piores pesadelos.

Um novo mundo materializa-se diante de mim, formando uma paisagem sombria de fumaça e cinzas. *O Gargalo.* Nunca estive lá, mas ouvi o bastante para imaginar. A planície marcada por crateras de mil bombardeios. Soldados em uniformes vermelhos sujos encolhem-se nelas, como o sangue que preenche uma ferida. Flutuo sobre todos, examinando os rostos, procurando irmãos que perdi para a fumaça e os estilhaços.

Bree é o primeiro a aparecer, lutando com um inimigo de azul numa poça de lama. Quero ajudar, mas continuo a flutuar até perdê-lo de vista. Tramy é o próximo, debruçado sobre um soldado ferido, tentando impedir que sangre até a morte. Nunca esquecerei os gritos de dor e frustração. Como com Bree, não consigo ajudar.

Shade me espera na linha de frente, além mesmo dos guerreiros mais valentes. Está de pé no topo de pedra sem se importar com bombas, armas ou o Exército de Lakeland à espera do outro lado. Tem até a ousadia de sorrir para mim. Posso apenas assistir ao momento em que o chão sob seus pés explode, reduzindo-o a uma nuvem de fumaça e cinzas.

— Parem! — consigo gritar.

As cinzas tomam forma e se transformam na sombra. Fico envolta na escuridão até uma onda de lembranças me invadir novamente. A mão de Gisa. O recrutamento de Kilorn. Meu pai voltando quase morto da guerra. Elas se misturam num turbilhão de cores ofuscantes que fere meus olhos. *Algo não está certo.* As lembranças regridem através dos anos, como se assistisse à minha vida de trás para a frente. Então vejo acontecimentos de que não me lembro: meu primeiro encontro com minha irmã, aprender a andar, meus irmãos — ainda crianças — escondendo-me durante as broncas de nossa mãe. *É impossível.*

— Impossível — diz a sombra. Sua voz é tão cortante que tenho medo de que rache meu crânio. Caio de joelhos, e sinto um chão de concreto.

Depois tudo desaparece: meus irmãos, meus pais, minha irmã, minhas lembranças, meus pesadelos. Concreto e barras de aço levantam-se ao meu redor. *Uma cela.*

Levanto a duras penas, com a mão na cabeça dolorida. A visão aos poucos retorna ao foco. Uma pessoa olha para mim do lado de fora. Uma coroa brilha em sua cabeça.

— Eu me curvaria, mas posso despencar — digo à rainha Elara, para logo em seguida me arrepender. Ela é uma *prateada*, não posso falar assim com ela. A rainha poderia me botar no tronco, negar comida, me castigar, castigar minha família. *Não*, me dou conta com horror crescente. *Ela é a rainha. Pode simplesmente me matar. Pode matar todos nós.*

Mas ela não parece ofendida. Pelo contrário, esboça até um risinho. Sinto náusea quando cruzamos olhares e caio de joelhos novamente.

— Essa reverência já está boa — ela silva, desfrutando da minha dor.

Luto contra a vontade de vomitar, alcanço as barras e cerro os punhos em torno do aço frio.

— O que está fazendo comigo?

— Não muita coisa agora. Mas isto… — ela passa as mãos pela grade e toca minha têmpora. A dor triplica sob seu dedo e caio contra as barras, quase inconsciente, sem conseguir levantar — … é para evitar que você faça qualquer idiotice.

As lágrimas despontam nos meus olhos, mas não as deixo cair.

— Tipo ficar de pé? — consigo replicar. Não aguento pensar com tanta dor, quanto mais ser educada. Ainda assim, dou um jeito de segurar uma torrente de palavrões. *Céus, Mare Barrow, controle sua língua.*

— Como eletrocutar alguma coisa — ela dispara.

A dor diminui um pouco. Junto minhas forças e consigo chegar até o banco de metal. Só quando descanso a cabeça contra a parede fria de pedra é que me dou conta das palavras da rainha. *Eletrocutar*.

A lembrança retorna em pequenos fragmentos. Evangeline, o escudo elétrico, as faíscas e eu. *Não é possível.*

— Você não é prateada. Seus pais são vermelhos, você é vermelha, seu sangue é vermelho — resmunga a rainha andando em círculos diante da minha cela. — Você é um milagre, Mare Barrow, uma impossibilidade. Algo que nem eu consigo entender, e já vi você por inteiro.

— Era você? — praticamente vocifero enquanto ajeito minha cabeça. — Você estava na minha mente? Nas minhas lembranças? Nos meus *pesadelos*?

— Para conhecer alguém você tem que conhecer seus medos.

A rainha pisca como se eu fosse uma criatura idiota.

— E eu precisava saber com que tipo de coisa estamos lidando — conclui.

— Não sou uma *coisa*.

— O que você é ainda não vem ao caso. Mas tem muito o que agradecer, garotinha elétrica — zomba ela, com o rosto próximo às barras.

De repente, perco o controle das pernas. Elas perdem a sensibilidade, como se eu tivesse sentado em cima delas. *Como se eu estivesse paralisada.* O pânico só aumenta quando percebo que sequer consigo mexer os dedos do pé. Deve ser assim que meu pai se sente, quebrado e inútil. Não sei como levanto. Minhas pernas se movem sozinhas e me levam até as barras. Do lado de fora, a rainha observa. Meus passos seguem o piscar dos seus olhos.

Ela é uma murmuradora e está brincando comigo. Quando estou perto o bastante, a rainha agarra meu rosto. A dor na minha cabeça se multiplica. Solto um grito. O que não daria para o simples destino do recrutamento agora.

— Você fez aquilo diante de centenas de prateados, pessoas que vão fazer perguntas, pessoas com poder — ela sibila no meu ouvido com o hálito enjoativamente doce. — Esse é o único motivo para ainda estar viva.

Minhas mãos se contraem e desejo que o relâmpago apareça de novo, mas ele não vem. Ela sabe o que estou fazendo e gargalha. Estrelas explodem atrás dos meus olhos, ofuscando minha visão, mas eu a ouço sair num farfalhar de seda. Minha vista retorna bem a tempo de ver seu vestido desaparecer na esquina do corredor, deixando-me completamente só na cela. Mal consigo voltar ao banco de tanto esforço para não vomitar.

A exaustão chega em ondas. Começa nos músculos e penetra meus ossos. Sou apenas humana, e humanos não foram feitos para lidar com dias como hoje. Sobressaltada, descubro que meu punho está nu. A fita vermelha sumiu, foi retirada. O que isso significa? As lágrimas mais uma vez despontam, mas não vou chorar. Ainda tenho muito orgulho em mim.

Posso combater as lágrimas, mas não as perguntas. Não a dúvida que cresce no meu coração.

O que está acontecendo comigo?

O que eu sou?

Abro os olhos e me deparo com um policial me encarando do lado de fora da cela. Os botões de prata do uniforme brilham sob a luz fraca, mas não são nada perto do reflexo produzido por sua careca.

— Você tem que dizer à minha família onde estou — desabafo enquanto sento. *Pelo menos eu disse que os amava*, lembro, revivendo nossos últimos momentos.

— Não tenho que fazer nada a não ser levar você até lá em cima — responde ele, mas sem ser grosso. O policial é um poço de tranquilidade. — Troque de roupa.

De repente, noto que o uniforme meio queimado ainda pende do meu corpo. O policial aponta para uma pilha de roupas limpas próxima da grade. Ele vira de costas, permitindo-me ao menos uma vaga privacidade.

As roupas são simples, porém finas e mais macias do que qualquer outra coisa que tenha vestido. Camisa branca e calça preta, ambas decoradas com uma solitária faixa prateada de cada lado. Há sapatos também: um par de botas engraxadas que vão até o joelho. Para minha surpresa, não há sequer uma linha vermelha nas roupas. Por quê? Não sei. *Minha ignorância está virando rotina.*

— Tudo certo — resmungo, calçando a segunda bota.

Assim que a fecho, o policial se vira. Não ouço o tilintar das chaves, mas também não vejo a tranca nas grades. Não sei muito bem como ele pretende me tirar desta cela sem porta.

Contudo, em vez de abrir algum portão escondido, ele acena com a mão e as barras de metal se abrem. Claro. O carcereiro é…

— Magnetron — diz ele mexendo os dedos. — E, caso esteja se perguntando, a moça que você quase fritou é minha prima.

Quase engasgo com o ar nos pulmões, sem saber o que responder.

— Desculpe — a palavra soa quase como uma pergunta.

— Peça desculpas por ter errado a mira — ele responde sem qualquer tom de ironia. — Evangeline é uma vaca.

— É de família?

Minha boca é mais rápida que meu cérebro e engulo em seco quando me dou conta do que disse. Só que, em vez de me bater

por falar fora de hora, o rosto do policial se contorce num esboço de sorriso.

— Acho que você vai descobrir — ele diz, com seus olhos pretos e suaves. — Meu nome é Lucas Samos. Siga-me.

Não preciso perguntar para saber que não tenho escolha.

Ele me conduz para fora da cela e subimos uma escada em espiral até nada menos que doze agentes de segurança. Sem uma palavra, eles me cercam numa formação bem ensaiada e me obrigam a ir com eles. Lucas permanece ao meu lado, marchando em sincronia com os outros. Todos mantêm as armas em punho, como se estivessem prontos para a batalha. Alguma coisa me diz que esses homens não estão aqui para me defender, mas para proteger os outros.

Quando chegamos aos belos andares de cima, as paredes começam a escurecer estranhamente. *Tingem-se*, digo a mim mesma, lembrando o que Gisa contou sobre o Palacete do Sol. Os cristais de diamante podem ser escurecidos para esconder o que não deve ser visto. Obviamente, devo estar nessa categoria.

Assusto quando percebo que as janelas mudam de cor não graças a algum mecanismo, mas por causa de uma agente ruiva. Ela faz um gesto com a mão diante de cada parede por que passamos, e alguma força que sai dela sombreia os vidros.

— Ela é uma sombria, manipuladora de luz — cochicha Lucas ao notar minha admiração.

As câmeras também estão aqui. Minha pele se arrepia ao perceber seu olhar elétrico escaneando meus ossos. Normalmente, minha cabeça doeria sob o peso de tanta eletricidade, mas a dor não veio. Algo no escudo me transformou. Ou talvez tenha libertado alguma coisa, revelado uma parte de mim que por muito tempo mantive sepultada. *O que sou?* De novo a pergunta ecoa na minha cabeça, mais ameaçadora que antes.

A sensação de eletricidade passa apenas quando cruzamos portas monstruosas. *Os olhos não podem me ver aqui*. O cômodo além das portas tem dez vezes o tamanho da minha casa com palafitas e tudo. E, diante de mim, com seus olhos flamejantes queimando os meus, está o rei, sentado num trono de cristais de diamante esculpidos num inferno de chamas. Atrás dele, uma janela cheia de luz do dia rapidamente escurece. Pode ser a última vez que vejo o sol.

Lucas e os outros guardas me fazem avançar, mas não ficam muito. Com apenas um olhar, o magnetron conduz os outros para fora.

O rei está sentado, com a rainha à esquerda e os príncipes à direita. Recuso-me a encarar Cal, mas sei que deve estar me observando, pasmo. Mantenho o olhar sobre minhas botas novas, focando para não ceder ao medo de meu corpo virar chumbo.

— De joelhos — a rainha murmura com a voz suave como o veludo.

Eu *deveria* me ajoelhar, mas meu orgulho não deixa. Mesmo aqui, mesmo na frente dos prateados, na frente do *rei*, meus joelhos não se dobram.

— Não — contesto, reunindo forças para levantar a cabeça.

— Gosta da sua cela, menina? — Tiberias pergunta. Sua voz preenche o salão, e o tom de ameaça das palavras é claro como o dia. Ainda assim, fico de pé. Ele inclina a cabeça e me olha como se eu fosse um experimento intrigante.

— O que querem comigo? — reúno forças para perguntar.

A rainha aproxima o rosto de Tiberias.

— Já disse, ela é vermelha dos pés à cabeça…

O rei, porém, faz ela se calar com apenas um gesto, como se espantasse uma mosca. Ela morde o lábio e recua apertando as mãos. *Bem feito*.

— O que quero de você é impossível — dispara Tiberias. Um ardor tênue em seu olhar revela o desejo de me incinerar.

Lembro das palavras da rainha.

— Bom, não fico triste por você não poder me matar.

O rei ri.

— Não disseram que você era esperta.

Sou inundada de alívio. A morte não está à minha espera aqui. Ainda não.

Ele lança ao chão uma pilha de papéis, cheios de anotações. A primeira folha traz as informações de costume: meu nome, data de nascimento, pais e uma manchinha marrom de sangue. Também há uma foto minha, a mesma da identidade. Encaro aquela imagem de mim mesma, aqueles olhos aborrecidos, cansados de esperar na fila da fotografia. Como gostaria de mergulhar na foto, na garota cujos únicos problemas eram o recrutamento e a barriga vazia.

— Mare Molly Barrow, nascida em 17 de novembro de 302 da Nova Era, filha de Daniel e Ruth Barrow — Tiberias começa a recitar de cor, expondo minha vida. — Desempregada, será recrutada no próximo aniversário. De vez em quando vai à escola, suas notas são baixas, e tem uma lista de infrações que levariam à cadeia na maioria das cidades. Roubo, contrabando, resistência à prisão são apenas algumas. Resumindo, você é pobre, rude, imoral, limitada, simplória, amarga, teimosa: uma chaga em seu vilarejo e em meu reino.

Levo um tempo para assimilar o choque de palavras tão francas. Mas não contesto. Ele tem toda a razão.

O rei levanta. A essa proximidade, posso ver que sua coroa é extremamente afiada. As pontas podem matar. Ele prossegue:

— Contudo, você também é algo mais. Algo que não posso compreender. Você é tanto vermelha quanto prateada, uma peculiaridade com consequências fatais que é incapaz de entender. Então, o que faço com você?

Ele está me perguntando mesmo?

— Me deixe ir embora. Não vou dizer uma palavra a ninguém.
O riso agudo da rainha interrompe minha fala.
— E as Grandes Casas? Também farão silêncio? Vão esquecer a menininha elétrica de uniforme vermelho?
Não, não vão.
— Você sabe qual é meu conselho, Tiberias — a rainha acrescenta. — Resolve nossos dois problemas.
Deve ser um conselho ruim, pelo menos para mim, porque Cal cerra o punho. O movimento chama minha atenção e finalmente o encaro. Ele permanece imóvel, resignado e quieto; certamente foi treinado para isso. Seus olhos, porém, ocultam uma chama. Por um instante, nossos olhares se cruzam, mas desvio o rosto antes que possa lhe pedir para me salvar.
— Sim, Elara — diz o rei, assentindo. — Não podemos matá-la, Mare Barrow.
A ideia de um "ainda não" permanece no ar. O rei continua.
— Portanto, vamos escondê-la à vista de todos, onde poderemos observá-la, *protegê-la* e tentar entendê-la.
O brilho nos seus olhos faz com que me sinta uma refeição prestes a ser devorada.
— Pai! — estoura Cal.
Seu irmão — o príncipe mais magro e pálido — segura seu braço e contém novos protestos. O caçula tem um efeito calmante e Cal volta à linha.
Tiberias avança, ignorando o filho.
— Você já não é Mare Barrow, uma filha vermelha de Palafitas.
— Então quem eu sou? — pergunto com a voz trêmula de tristeza, imaginando todas as coisas horríveis que podem fazer comigo.
— Seu pai é Ethan Titanos, general da Legião de Ferro, morto em batalha quando você era bebê. Um soldado vermelho a tomou para si e a criou na lama, sem jamais revelar sua verdadeira origem. Você cresceu acreditando não ser nada, e agora, por acaso, assumiu seu verdadeiro lugar. Você é prateada, senhora de uma Grande Casa perdida, nobre de grande poder e, um dia, princesa de Norta.
Por mais que me esforce, não posso conter um gritinho de surpresa:
— Prateada? Princesa?
Sou traída por meus olhos, que encaram Cal. *Uma princesa tem que casar com um príncipe.*
— Você se casará com meu filho Maven e fará isso sem passar nem um milímetro dos limites.
Juro que ouvi meu queixo bater no chão. Um mísero e vergonhoso som me escapa da boca enquanto procuro algo para dizer, mas, para ser honesta, não tenho palavras. Diante de mim, o príncipe mais jovem parece igualmente confuso, esbravejando tão alto quanto eu gostaria. É a vez de Cal contê-lo, embora me observe.
O jovem príncipe finalmente consegue falar:
— Não entendo — dispara, se soltando de Cal e caminhando na direção do pai. — Ela é… por quê?
Normalmente, ficaria ofendida, mas tenho que concordar com as ressalvas do príncipe.
— Quieto — sua mãe corta. — Você vai obedecer.
Ele a encara, dando toda a pinta de filho jovem que se rebela contra os pais. Mas a mãe endurece e o príncipe recua. Ele conhece a ira e os poderes dela tão bem quanto eu.
Minha voz sai fraca, mal dá para escutar.
— Isso parece um pouco… demais.
Simplesmente não há outra forma de descrever a situação.
— Você não quer fazer de mim uma nobre, quanto mais uma princesa — acrescento.
A expressão de Tiberias se abre num sorriso malicioso. Como sua mulher, tem dentes estonteantemente brancos.
— Ah, claro que quero, minha cara. Pela primeira vez na sua vida rudimentar, você tem um propósito.
Recebo suas palavras como um tapa na cara.
— Aqui estamos — prossegue o rei — nos primeiros estágios de uma rebelião inoportuna, com grupos terroristas ou exércitos libertadores ou seja lá como aqueles vermelhos imbecis chamam a si próprios, explodindo tudo em nome da igualdade.
— A Guarda Escarlate — suspiro. *Farley. Shade.* Assim que os nomes vêm-me à cabeça, rezo para que a rainha fique longe dos meus pensamentos. — Eles bombardearam…
— A capital, sim — o rei me interrompe, dando de ombros e coçando o pescoço.
Meus anos de ladra me ensinaram muitas coisas. Quem transporta mais dinheiro, quem não vai notar você e quem é mentiroso. *O rei é um mentiroso*, concluo ao vê-lo dar de ombros mais uma vez. É uma tentativa de fingir desdém, mas não funciona. Alguma coisa o faz temer Farley e a Guarda Escarlate. Alguma coisa muito maior que meia dúzia de explosões.
— E você — retoma, inclinando-se para mim — pode nos ajudar a acabar com isso de vez.
Se não estivesse tão assustada, poderia até cair na gargalhada.
— Casando com… Perdão, qual é seu nome mesmo?
As bochechas do caçula ficam pálidas. Suponho que seja a maneira de os prateados corarem, afinal, o sangue deles é

prateado.

— Meu nome é Maven — diz ele com calma e suavidade. Como Cal e o pai, seu cabelo é preto brilhante, mas as semelhanças param por aí. Enquanto os dois primeiros são grandes e musculosos, Maven é lânguido e tem olhos claros como a água. — E ainda não entendo.

— O que nosso pai quer dizer é que ela representa uma oportunidade para nós — Cal intervém para explicar. Diferente do irmão, sua voz é forte e impõe respeito. É a voz de um rei. — Se os vermelhos a virem elevada ao nosso patamar, uma prateada de sangue, mas vermelha de criação, talvez se acalmem. É como nos antigos contos de fadas: uma plebeia que se torna princesa. Ela é a campeã dos plebeus. Os vermelhos podem se espelhar nela, e não nos terroristas.

Então Cal conclui num tom mais ameno, mas suas palavras são mais importantes que todo o resto.

— Ela é uma distração.

Só que isto não é um conto de fadas, nem mesmo um sonho. *É um pesadelo. Vou passar o resto da vida presa, forçada a ser outra pessoa. Forçada a ser um deles. Um fantoche. Um espetáculo para manter o povo feliz, quieto e oprimido.*

— E, se criarmos uma boa história, as Grandes Casas também ficarão satisfeitas. Você é a filha perdida de um herói de guerra. Que honra maior poderíamos lhe dar?

Encaro seus olhos com uma súplica silenciosa. Cal já me ajudou uma vez, talvez possa fazer o mesmo de novo. Mas ele balança a cabeça leve e vagarosamente. *Não pode me ajudar aqui.*

— Isto não é um pedido, Lady Titanos — avisa Tiberias, usando meu novo nome e meu novo *título*. — Você vai levar a farsa adiante e vai fazer *direito*.

A rainha Elara volta seus olhos claros para mim.

— Morará aqui, como é costume com as noivas reais. Sua agenda diária será feita de acordo com minha vontade, e você será instruída em toda e qualquer coisa que possa lhe tornar… — ela umedece os lábios enquanto procura a palavra — … *apropriada*.

Nem quero saber o que isso quer dizer.

— Você será constantemente avaliada — a rainha prossegue. — A partir de agora você vive no fio da navalha. Um passo em falso e sofrerá as consequências.

Minha garganta se fecha, como se pudesse sentir as correntes em que o rei e a rainha me prendem.

— E a minha vida…?

— Que vida? — grasna Elara. — Menina, você tirou a sorte grande.

Cal aperta os olhos por um instante, como se o riso da rainha lhe causasse dor.

— Ela se refere à família dela. Mare… A garota tem uma família.

Gisa, mamãe, papai, meus irmãos, Kilorn: uma vida arrancada de mim.

— Ah, isso — bufa o rei. — Suponho que vamos pagar uma pensão para ficarem *calados*.

— Quero que meus irmãos sejam dispensados da guerra.

Pela primeira vez tenho a sensação de ter dito a coisa certa.

— E meu amigo Kilorn Warren. Não deixe os legionários o levarem.

Tiberias responde em meio segundo. Um punhado de soldados vermelhos não significa nada para ele.

— Feito.

A resposta soa mais como uma sentença de morte que como um acordo.

NOVE

Lady Mareena Titanos, *filha de Lady Nora Nolle Titanos e Lord Ethan Titanos, general da Legião de Ferro. Herdeira da Casa Titanos. Mareena Titanos. Titanos.*

Meu novo nome ecoa em minha cabeça enquanto as criadas vermelhas me preparam para o massacre iminente. As três trabalham com rapidez e eficiência, nunca conversam. Também não fazem perguntas, embora devam ter vontade. *Não fale nada*. Elas não têm autorização para conversar comigo, e com certeza não têm autorização para falar sobre mim com ninguém. Nem sobre as coisas estranhas — *vermelhas* — que com certeza notam.

Por muitos e agonizantes minutos elas tentam me tornar *apropriada*: tomo banho, me vestem, me *transformam* na bonequinha que devo ser. O pior é a maquiagem, especialmente o produto branco e grosso que aplicam à minha pele. Usam três potes para cobrir o rosto, o pescoço, o colo e os braços com esse pó úmido e brilhante. Ao me encarar no espelho, fico com a impressão de que todo o calor foi sugado de meu corpo, como se o pó ocultasse a temperatura da minha pele. Respiro fundo quando me dou conta de que não posso mais corar, de que preciso esconder o rubor da minha pele, o sangue *vermelho*. Vou fingir que sou prateada e de fato, quando terminam de pintar meu rosto, fico bem parecida com uma. A nova pele pálida, os olhos e lábios escurecidos me dão um ar frio, cruel, uma lâmina viva. Pareço prateada. Pareço linda. E odeio isso.

Quanto vai durar? Estou prometida a um príncipe. Soa loucura até em pensamento. *Nenhum prateado em sã consciência casaria com você, quanto mais um príncipe de Norta. Nem para acalmar uma rebelião nem para esconder sua identidade nem para nada.*

Então por que fazer isso?

Quando as criadas me pegam e me enfiam num vestido de gala, tenho a sensação de ser um cadáver vestido para o funeral. Sei que não estou longe da verdade. Vermelhas não casam com príncipes prateados. Jamais usarei coroa e sentarei no trono. Algo vai acontecer, um *acidente* talvez. Uma mentira me levanta e, um dia, outra vai me derrubar.

O vestido é de tons de lilás escuro salpicados com prata, todo feito de seda e bordados. *Todos as Casas têm uma cor*. A imagem do arco-íris de famílias me vem à mente. As cores de Titanos, *minha Casa*, devem ser lilás e prata.

Uma das criadas toca meus brincos, na tentativa de arrancar o último pedacinho da minha antiga vida. Surto de medo.

— Não toque neles!

A moça dá um salto para trás e pisca atônita. As outras duas congelam com meu grito.

— Perdão, eu…

Um prateado não pediria desculpas.

Limpo a garganta e me recomponho.

— Deixe os brincos — minha voz sai forte e dura. *Nobre*. — Você pode trocar tudo, menos os brincos.

As três peças de metal barato — cada uma de um irmão — não vão a lugar algum.

— A cor combina com você.

Olho para trás e dou com as criadas curvadas em reverências idênticas. De pé, diante delas, está Cal. De repente fico feliz com o fato de a maquiagem cobrir o vermelho das minhas bochechas.

Com um movimento rápido da mão ele as dispensa, e elas correm do quarto como ratos fugindo do gato.

— Sou meio nova nessa coisa de realeza, mas não sei se você deveria estar aqui. No meu quarto — digo, forçando o máximo de desdém que consigo na minha voz. Afinal, a culpa por eu estar nessa bagunça é toda dele.

Cal dá uns passos em minha direção enquanto eu, por instinto, dou um passo para trás. Meus pés enroscam na bainha do vestido e tenho que escolher entre ficar parada ou levar um tombo. Não sei o que desejo menos.

— Vim pedir desculpas, algo que não há como fazer durante uma audiência.

Ele interrompe sua fala ao perceber meu desconforto. Um músculo se contrai em seu rosto. Cal me examina com o olhar, talvez recordando a garota perdida que tentou bater sua carteira há apenas uma noite. Não pareço com ela em nada agora.

— Sinto muito ter envolvido você nisso, Mare.

— *Mareena* — o nome até *soa* errado. — É assim que me chamo agora, lembra?

— Que bom que Mare é um apelido adequado.

— Não acho nada em mim *adequado*.

Os olhos de Cal me atravessam, e minha pele arde sob seu olhar.

— O que achou de Lucas? — ele diz afinal, recuando educadamente.

O guarda Samos, o primeiro prateado decente que conheci aqui.

— Ele é normal, acho.

Talvez a rainha resolva trocá-lo se eu revelar como foi gentil comigo.

— Ele é um homem bom. Sua família o considera fraco por essa bondade — Cal comenta. Seus olhos escurecem um pouco, como se conhecesse a sensação. — Mas ele a servirá bem e com justiça. Garanto.

Que prestativo. Ele me deu um carcereiro gentil. Dobro a língua. De nada adiantaria ironizar sua misericórdia.

— Obrigada, alteza.
Seus olhos tornam a brilhar, e um sorriso surge em seus lábios.
— Você sabe que meu nome é Cal.
— E você sabe meu nome, não? — interrogo, amarga. — Sabe de onde venho.
Ele mal confirma com a cabeça, como que envergonhado.
— Você precisa cuidar deles.
Minha família. Seus rostos surgem em minha mente, já tão distantes.
— De todos eles, por quanto tempo puder.
— Claro que cuidarei.
Antes de continuar, o príncipe dá um passo na minha direção, preenchendo o espaço entre nós.
— Sinto muito — diz mais uma vez.
As palavras ressoam na minha cabeça e evocam uma lembrança.
A parede de fogo. A fumaça sufocante. Sinto muito. Sinto muito. Sinto muito.
Foi Cal que me capturou ontem, que evitou minha fuga deste lugar terrível.
— Sente muito por ter acabado com minha única chance de escapar deste lugar?
— E você iria passar pelos sentinelas, pela segurança, pelas muralhas, pela floresta, chegar a Palafitas e esperar até que a rainha em pessoa saísse à sua caça? — ele responde, impassível diante da acusação. — Detê-la foi o melhor para você *e* para sua família.
— Eu teria conseguido. Você não me conhece.
— Sei que a rainha reviraria o mundo para encontrar a menininha elétrica.
— Não me chame assim. — O apelido dói mais que o nome falso a que ainda estou me acostumando. — É assim que sua mãe me chama.
Ele solta uma gargalhada amarga.
— Ela não é minha mãe. É mãe de Maven, não minha.
A tensão em seu rosto mostra que é melhor encerrar o assunto.
— Ah — é tudo o que consigo dizer. A voz sai fraca e logo se desfaz num eco tênue contra a abóbada do quarto.
Observo ao redor pela primeira vez desde minha chegada. O quarto é mais elegante do que qualquer lugar que já tenha visto na vida: mármore e vidro, seda e plumas. A luz mudou, assumindo a cor alaranjada do pôr do sol. A noite chega. E, com ela, o resto da minha vida.
— Acordei esta manhã como uma pessoa — balbucio, mais para mim do que para ele —, e agora tenho que ser outra pessoa completamente diferente.
— Você consegue.
Ele se aproxima mais uma vez. Seu calor preenche o ambiente de um jeito que irrita minha pele. Mas não levanto a cabeça. Não.
— Como você sabe?
— Porque você *precisa*.
Ele morde o lábio, passando os olhos sobre mim.
— Este mundo é tão perigoso quanto belo — começa. — Quem não é útil, quem comete erros, pode ser descartado. *Você* pode ser descartada.
E serei. Algum dia. Mas essa não é a única ameaça diante de mim.
— Então, o instante em que eu der um passo em falso pode ser meu último?
Ele não fala, mas posso ver a resposta em seu olhar. *Sim.*
Levo a mão até minha cinta de prata e a aperto mais um pouco. Se fosse um sonho, eu acordaria. Mas não. *É real.*
— E eu? E… — estendo as mãos, olhando espantada para aquelas coisas infernais — … isto?
Cal responde com um sorriso.
— Acho que você vai aprender a lidar.
Ele ergue a mão. Há um dispositivo estranho em seu punho, uma espécie de bracelete com duas pontas de metal que faz um clique e solta faíscas. Em vez de desaparecer num piscar de olhos, as faíscas brilham até se transformar num fogo vermelho e produzir uma explosão de calor.
Ele é um ardente. É um príncipe, e um príncipe perigoso. Mas as chamas desaparecem tão rápido quanto vieram. Permanecem apenas o sorriso encorajador de Cal e a vibração das câmeras, escondidas em algum lugar, observando tudo.

Os sentinelas mascarados que observo pelo canto do olho são um lembrete constante da minha nova posição. Sou quase uma princesa, noiva do segundo solteiro mais cobiçado do país. E sou uma mentira. Cal já saiu há muito tempo, deixando-me a sós com os guardas. Lucas não é mau, mas os outros são severos e calados, nunca me encaram nos olhos. Os guardas, incluindo Lucas, são guardiões que me mantêm aprisionada sob minha própria pele. Uma pele vermelha atrás de uma cortina prateada

que não pode jamais ser aberta. Se eu cair, se escorregar, morro. *E outros morrerão por causa da minha falha.*

Conforme me escoltam até o banquete, repasso a história que a rainha enfiou na minha cabeça, o belo conto que narrei à corte. É simples, fácil de lembrar, mas ainda me faz tremer.

Nasci na frente de batalha. Meus pais foram mortos num ataque ao acampamento. Um soldado vermelho me salvou dos escombros e me levou para sua casa, pois sua mulher sempre quis uma filha. Criaram-me num vilarejo chamado Palafitas, e vivi na ignorância dos meus direitos de nascença e dos meus poderes até esta manhã. Agora, fui devolvida ao meu lugar de direito.

Sinto náuseas só de pensar. Meu lugar de direito é em casa, com meus pais, Gisa e Kilorn. Não *aqui*.

Os sentinelas me conduzem por um labirinto de passagens nos andares superiores do palácio. Como o Jardim Espiral, a arquitetura é toda de curvas de pedra, vidro e metal, que aos poucos o inclinam para baixo. Os cristais de diamante estão em todo canto, revelando uma vista capaz de tirar o fôlego: o mercado, o vale e as florestas além. Dessa altura, posso avistar as montanhas que desconhecia se erguerem à distância e recortarem o sol com sua sombra.

— Os últimos dois andares são os aposentos reais — Lucas explica, apontado para um corredor espiralado e íngreme. O sol brilha forte e salpica luz sobre nós.

— O elevador nos levará até o salão de festas. É logo ali.

Lucas estende o braço e para diante de uma parede de metal. Enxergamos nosso reflexo nela perfeitamente. Desliza para o lado com um aceno do guarda.

Os sentinelas nos conduzem para dentro de uma caixa de metal sem janelas e com pouca luz. Forço-me a respirar, muito embora minha vontade seja sair daquele caixão de metal gigante.

Pulo de susto quando o tal elevador começa a mover-se. Meu coração dispara, minha respiração fica irregular e arregalo os olhos na expectativa de ver os outros reagirem da mesma maneira. Mas ninguém parece se incomodar com o fato de a caixa onde estamos estar *despencando*. Apenas Lucas percebe meu desconforto e então diminui um pouco a velocidade.

— O elevador sobe e desce para que não precisemos andar. Este lugar é muito grande, Lady Titanos — ele sussurra com um pequeno sorriso.

Alterno medo e admiração durante nossa descida, e respiro aliviada quando Lucas abre as portas. Avançamos pelo corredor espelhado por onde corri de manhã. Os espelhos quebrados já foram consertados. Parece que não aconteceu nada.

Quando a rainha Elara surge ao fim do caminho — com sua própria escolta de sentinelas a tiracolo —, Lucas desaba numa reverência. As roupas dela agora são pretas, vermelhas e prateadas, as cores do marido. O cabelo loiro e a pele pálida lhe dão uma aparência assombrosa.

Ela me segura pelo braço e me puxa para si conforme caminhamos. Seus lábios não se mexem, mas escuto sua voz ecoar em minha cabeça mesmo assim. Desta vez, não sinto dor ou náuseas, mas a impressão de que alguma coisa está errada permanece. Quero gritar, arrancá-la da minha mente. Mas não há nada que possa fazer a não ser odiá-la.

Os Titanos eram uma família de oblívios. Sua voz soa onipresente. *Podiam explodir as coisas com um toque, como a Lerolan da Prova Real.* Quando tento lembrar da garota, Elara projeta uma imagem dela diretamente no meu cérebro. É apenas um flash, uma vaga figura, mas ainda assim distingo uma jovem de laranja explodindo rochas e areia como se usasse bombas. *Sua mãe, Nora Nolle, era uma tempestuosa como o restante da Casa Nolle. Os tempestuosos podem controlar o clima até certo ponto. Não é comum, mas a união de ambos resultou no seu poder único de controlar a eletricidade. Não diga mais nada caso alguém pergunte.*

O que você realmente quer de mim? Minha voz vacila mesmo na minha cabeça.

Seu riso aparece dentro da minha cabeça; é a única resposta que obtenho.

Lembre-se da pessoa que você dever ser, e lembre-se bem , ela continua, ignorando minha pergunta. *Você está fingindo que é uma prateada de sangue criada como vermelha. Você é agora vermelha na cabeça, prateada no coração.*

Um calafrio de pensamentos percorre meu corpo.

De hoje até o fim dos seus dias, você precisa mentir. Sua vida depende disso, menininha elétrica.

DEZ

ELARA SE AFASTA. Fico sozinha no corredor, digerindo suas palavras.

Eu costumava pensar que existia apenas uma divisão: prateados e vermelhos, ricos e pobres, reis e escravos. Contudo, há muito mais entre esses dois extremos, coisas que não entendo, e estou bem no meio delas. Cresci me perguntando todos os dias se haveria comida suficiente para o jantar. Agora estou num palácio prestes a ser devorada viva.

A frase "vermelha na cabeça, prateada no coração" não me sai do pensamento e serve de guia para minhas atitudes. Abro bem os olhos para contemplar o grandioso palácio que tanto Mare como Mareena nunca imaginaram, mas meus lábios permanecem firmes. Mareena se impressiona, mas guarda suas emoções para si. É fria e insensível.

As portas no fim do corredor abrem-se para revelar o maior salão que já vi, maior até que a sala do trono. Acho que nunca vou me acostumar com o tamanho brutal deste lugar. Atravesso a porta e me deparo com uma escadaria. Os degraus levam a um espaço amplo onde todas as Casas aguardam impassíveis minha chegada. Mais uma vez, agrupam-se por cores. Alguns cochicham entre si, provavelmente sobre mim e meu showzinho. Sobre uma plataforma elevada a quase um metro do chão, Tiberias e Elara erguem-se diante dos súditos. *Nunca perdem a chance de exercer seu domínio sobre os outros* . Ou são vaidosos ou muito cuidadosos. Parecer poderosos os torna poderosos.

Os príncipes combinam com os pais, vestindo também vermelho e preto. Embora diferentes, ambos os trajes são decorados com medalhas militares. Cal está à direita do pai, com o rosto impassível. Se já sabe com quem vai se casar, não parece muito animado com a escolha. Maven também está lá, à esquerda da mãe, com um rosto que lembra uma nuvem de tempestade carregada de emoções. O irmão mais novo não é tão bom como Cal em esconder o que sente.

Pelo menos não terei de lidar com um bom mentiroso.

— O rito da Prova Real é sempre um evento afortunado, representando o futuro do nosso grande reino e os elos que nos mantêm fortemente ligados diante dos inimigos — fala o rei dirigindo-se à multidão, que ainda não me vê no canto do salão. — Mas, como vocês viram hoje, a Prova Real trouxe-nos mais do que somente a futura rainha.

Ele se volta para Elara, que enlaça sua mão na dele com um sorriso devoto. A mudança de vilã demoníaca para rainha pudica é impressionante.

— Todos recordamos nossa luminosa esperança contra a escuridão da guerra, nosso capitão, nosso *amigo*, general Ethan Titanos — Elara diz.

Um burburinho, de carinho ou tristeza, percorre o ambiente. Mesmo o patriarca Samos, pai cruel de Evangeline, inclina a cabeça.

— Ele liderou a Legião de Ferro à vitória, fazendo as linhas da guerra que já haviam durado quase cem anos recuar. Temido por Lakeland, amado por nossos soldados.

Duvido muito que sequer um soldado vermelho amasse seu general prateado.

— Espiões de Lakeland assassinaram nosso amado amigo Ethan. Esgueiraram-se pelas trincheiras e destruíram nossa única esperança de paz. Sua esposa, Lady Nora, uma mulher boa e justa, morreu com o marido. Naquele dia fatídico há quinze anos, a Casa Titanos se perdeu. Amigos foram arrancados de nós. Nosso sangue foi derrubado.

Agora é o silêncio que preenche o salão enquanto a rainha faz uma pausa para enxugar lágrimas dos olhos que sei que são falsas. Algumas das participantes da Prova Real se inquietam em seus assentos. Não se importam com um general morto; nem a rainha se importa, não de verdade. A questão aqui sou eu, é como botar a coroa na cabeça de uma vermelha sem que ninguém perceba. É um truque de mágica, e a rainha é habilidosa nisso.

Seus olhos me veem no topo das escadas e se fixam em mim. A multidão segue seu olhar. Alguns parecem confusos, outros me reconhecem do evento. Uns poucos focam meu vestido. Conhecem as cores da Casa Titanos melhor que eu, e entendem quem sou. Ou ao menos quem finjo ser.

— Nesta manhã presenciamos um milagre — retoma a rainha. — Assistimos a uma garota vermelha cair na arena como um relâmpago e demonstrar um poder que não deveria ter.

O burburinho retorna, mais alto, e alguns prateados chegam a levantar. A tal Evangeline parece furiosa, seus olhos pretos fixos em mim.

— O rei e eu entrevistamos a garota demoradamente na tentativa de descobrir sua origem.

Entrevista... Um eufemismo curioso para "vasculhar o cérebro".

— Ela não é vermelha, mas ainda assim é um milagre. Meus amigos, por favor deem as boas-vindas àquela que voltou para nós: Lady Mareena Titanos, filha de Ethan Titanos. Antes perdida, agora encontrada.

Com um movimento rápido da mão ela me chama para perto de si. Obedeço.

Desço os degraus em meio a aplausos forçados, pensando apenas em não tropeçar. Mas meus pés caminham seguros e meu rosto permanece sério conforme passo por aquelas centenas de faces reservadas, ameaçadoras, desconfiadas. Mais uma vez estou sozinha diante dessas pessoas. Jamais me senti assim tão nua, mesmo coberta por camadas de seda e pó. Agradeço de novo por toda a maquiagem; ela é o escudo entre eles e a verdade sobre quem sou. Uma verdade que nem eu compreendo.

Caminho na direção de um assento vago na primeira fileira que a rainha me indica com um gesto. As garotas da Prova Real observam-me, perguntando-se o porquê de eu estar aqui e ser de repente tão importante. Mas estão apenas curiosas, não zangadas. Olham para mim com pena, solidarizam-se o máximo que podem com minha triste história. Exceto Evangeline Samos. Finalmente chego ao meu assento, ao lado do seu. Ela me lança um olhar fulminante. Longe de suas roupas de couro e detalhes de ferro, Evangeline traja agora um vestido de anéis metálicos entrelaçados. Pelo seu jeito de apertar os dedos, posso ver que sua vontade não é outra senão a de pular no meu pescoço.

— Salva do destino dos pais, Lady Mareena foi levada do front para um vilarejo vermelho a menos de vinte quilômetros daqui — continua o rei, retomando a palavra para que seja ele a anunciar a grande virada da minha história. — Criada por pais vermelhos, ela trabalhava como criada vermelha. E, até esta manhã, acreditava ser uma deles.

Os suspiros suscitados por essas palavras me fazem ranger os dentes. O rei prossegue.

— Mareena era um diamante bruto, trabalhando no meu próprio palácio, a filha de meu falecido amigo bem debaixo do meu nariz. Mas isso é passado. Em expiação da minha ignorância e em retribuição às grandes contribuições ao reino prestadas por seu pai e sua Casa, gostaria de aproveitar este momento para anunciar a união entre a Casa Calore e a ressurrecta Casa Titanos.

Mais suspiros, desta vez das meninas da Prova Real. *Pensam que vou tirar Cal delas. Pensam que sou sua concorrente*. Elevo os olhos ao rei numa súplica silenciosa para que continue antes que uma delas me mate.

Quase consigo sentir o frio metálico de Evangeline cortando minha carne. Ela enlaça os dedos com tanta força que sua mão fica branca. De fato luta para não me esfolar à vista de todos. Do outro lado, seu taciturno pai pousa a mão em seu braço para acalmá-la.

Quando Maven dá um passo à frente, a tensão do ambiente se desfaz. Ele gagueja um pouco, atrapalhando-se com as palavras que lhe ensinaram, mas sua voz finalmente sai:

— Lady Mareena.

Fazendo o máximo para não tremer, fico de pé e o encaro nos olhos.

— Sob o olhar do meu magnífico pai e desta nobre corte, gostaria de pedir sua mão em casamento. Prometo-me a você, Mareena Titanos. Aceita?

Meu coração quase sai pela boca com essas palavras. Embora Maven tenha me feito uma pergunta, sei que não tenho escolha para responder. Não importa o quanto queira desviar o rosto, meu olhar permanece no jovem príncipe. Ele abre um sorriso tímido para me encorajar. Fico imaginando que garota ele escolheria para si.

Quem eu escolheria para mim? Se nada disso tivesse acontecido, se o mestre de Kilorn não tivesse morrido, se nunca tivessem quebrado a mão de Gisa. *Se*, a pior palavra do mundo.

Recrutamento. Sobrevivência. Crianças de olhos verdes com meus pés ligeiros e o sobrenome de Kilorn. Esse futuro já era quase impossível antes. Agora, é inexistente.

— Prometo-me a você, Maven Calore — digo, batendo os últimos pregos do meu caixão. Minha voz vacila, mas não paro. — Aceito.

É tão definitivo que é como fechar a porta para minha vida anterior. Tenho a impressão de que vou desabar, mas consigo dar um jeito de sentar graciosamente.

Maven cai de volta ao assento, grato por sair dos holofotes. A mãe acaricia seu braço para reconfortá-lo. Abre um sorriso suave, só para ele. Até os prateados amam seus filhos. Mas ela volta a enrijecer quando Cal levanta; seu sorriso desaparece num piscar de olhos.

Parece até faltar ar no salão depois que todas as garotas inspiram fundo à espera da decisão. Duvido que Cal tenha tido alguma voz na escolha da rainha, mas ele representa bem seu papel, como Maven, como estou tentando. O herdeiro abre até um sorriso luminoso que arranca suspiros de algumas garotas. Seus olhos, porém, carregam uma solenidade terrível.

— Sou herdeiro de meu pai, nascido num berço de privilégio, poder e força. Vocês me devem fidelidade, e eu lhes devo a vida. É meu dever servir a vocês e a meu reino da melhor maneira que puder, e mais.

Cal ensaiou o discurso, mas é impossível fingir esse fervor. Ele acredita em si mesmo, acredita que será um bom rei… ou morrerá tentando.

— Preciso de uma rainha tão disposta ao sacrifício quanto eu para manter a ordem, a justiça e o equilíbrio.

As participantes da Prova Real se inclinam para a frente, ansiosas para ouvir as próximas palavras. Mas Evangeline, com um sorriso malicioso e obsceno no rosto, não se mexe. O restante da Casa Samos parece igualmente calmo. Seu irmão Ptolemus chega a conter um bocejo. *Eles sabem quem é a escolhida.*

— Lady Evangeline.

Não há qualquer surpresa, choque ou comoção nela. As outras garotas, por mais que estejam de coração partido, apenas recostam novamente e dão de ombros. Todo mundo já sabia. Lembro da família gorda no Jardim Espiral reclamando que Evangeline já tinha vencido. *Eles estavam certos.*

Com uma elegância fluida e fria, Evangeline levanta. Mal olha para Cal. Em vez disso, volta o rosto para trás para tripudiar sobre as concorrentes vencidas. Deleita-se em seu momento de glória. Um sorriso assombra seu rosto quando seus olhos

recaem sobre mim. Não deixo passar batido o brilho ferino dos seus dentes.
Quando ela volta a olhar para a frente, Cal repete a proposta do irmão.
— Sob o olhar do meu magnífico pai e desta nobre corte, gostaria de pedir sua mão em casamento. Prometo-me a você, Evangeline Samos. Aceita?
— Prometo-me a você, príncipe Tiberias — sua voz sai estranhamente aguda e abafada, contrastando com sua aparência dura. — Aceito.
Com um sorrisinho triunfante, Evangeline volta ao assento e Cal faz o mesmo. O sorriso dele, porém, é rijo como uma armadura, mas a garota não parece notar.
Do nada, sinto uma mão contra meu braço, e unhas começam a arranhar minha pele. Luto para segurar o impulso de pular da cadeira. Evangeline não reage, ainda com o olhar fixo no lugar que um dia será seu. Se estivéssemos em Palafitas, arrancaria seus dentes com um soco. Seus dedos afundam em mim até a carne. Se ela tirar sangue — o sangue vermelho — nosso joguinho terá acabado antes mesmo de ter começado. Contudo, ela para antes de cortar minha pele; deixa apenas vermelhões que as criadas terão de esconder.
— Fique no meu caminho e matarei você devagar, menininha elétrica — ela sussurra através do sorriso.
Menininha elétrica. Esse apelido começa a me dar nos nervos.
Para reforçar seu ponto, a pulseira de metal escovado em seu pulso muda, transformando-se num círculo de espinhos afiados. Cada uma das pontas brilha como que implorando para derramar sangue. Engulo em seco, tentando não me mover, mas ela logo me solta. Sua mão repousa sobre o colo, e Evangeline volta a ser a imagem recatada de uma moça prateada. Se existe no mundo uma pessoa que pede para levar uma cotovelada é Evangeline Samos.
Um rápido passar de olhos pelo salão me revela uma corte cabisbaixa. Algumas garotas estão com os olhos marejados e encaram Evangeline, e até a mim, com um rancor selvagem. Provavelmente esperaram a vida inteira por este dia, só para fracassar. Quero me livrar do juramento, dar aquilo que querem tão desesperadamente. Só que não posso. Tenho que parecer feliz. Tenho que *fingir*.
— Por mais fantástico e feliz que o dia de hoje tenha sido — diz o rei Tiberias, ignorando o sentimento no salão —, devo lembrar a todos do porquê desta escolha. O poder da Casa Samos unido ao meu filho, e aos filhos do meu filho, ajudará a guiar nossa nação. Todos os presentes sabem da situação precária do nosso reino, com guerra ao norte e extremistas tolos, inimigos do nosso modo de vida, tentando nos destruir por dentro. A Guarda Escarlate pode parecer pequena e insignificante, mas representa uma mudança perigosa para nossos irmãos vermelhos.
Mais de uma dúzia de pessoas, até eu, fazem cara de desdém ao escutar o termo “irmãos”.
Pequena e insignificante. Então por que precisam de mim? Por que me usar se a Guarda Escarlate não é nada para eles? *O rei é um mentiroso*. Mas ainda não sei bem o que tenta esconder. Poderia ser a força da Guarda. Poderia ser eu mesma.
Provavelmente as duas coisas.
— Caso tal levante rebelde venha a se consolidar — ele prossegue —, terminará em carnificina e em uma nação dividida, o que não posso tolerar. Precisamos manter o equilíbrio. Evangeline *e* Mareena nos ajudarão a fazer isso, para o bem de todos nós.
Cochichos percorrem a corte após as palavras do rei. Alguns dos presentes concordam com a cabeça, outros parecem irritados com o resultado da Prova Real, mas ninguém manifesta seu descontentamento. Ninguém levanta a voz. Ninguém escutaria quem o fizesse.
Sorrindo, o rei Tiberias inclina a cabeça. Sabe que ganhou.
— Força e poder.
O lema ecoa pelo salão à medida que cada um dos presentes diz as palavras.
Elas se enroscam na minha língua, talvez por se sentirem deslocadas na minha boca. Cal me encara para me ver unida ao coro dos demais. Neste momento, tenho ódio de mim mesma.
— Força e poder.

Sobrevivo ao banquete: olho sem ver, ouço sem escutar. Até a comida — mais comida do que já vi em toda a minha vida — não tem graça na minha boca. Eu deveria estar enchendo a barriga, aproveitando a melhor refeição da minha vida, mas não consigo. Não consigo sequer falar quando Maven vem cochichar com sua voz calma e equilibrada para me reconfortar:
— Você está se saindo bem.
Tento ignorá-lo. Como o irmão, também usa uma pulseira de metal, a marca das chamas. É um lembrete sólido de quem e o que Maven exatamente é: poderoso, perigoso, ardente e prateado.
Sentada à mesa de cristal, bebo um líquido dourado e espumante até minha cabeça começar a girar. Sinto-me uma traidora. *O que meus pais estão jantando esta noite? Será que sabem onde estou? Ou minha mãe está na varanda à minha espera?*
Em vez disso, estou presa num salão cheio de gente que me mataria se descobrisse a verdade. E com a família real, claro, que me mataria se pudesse, e que provavelmente *vai* me matar um dia. Viraram-me do avesso, trocaram Mare por Mareena, a ladra pela coroa, trapos pela seda, *vermelho por prateado*. Esta manhã, eu era uma criada; à noite, sou princesa. *O que mais*

mudará? O que mais perderei?

— É suficiente — Maven diz com uma voz capaz de se esgueirar pela agitação do banquete. Ele toma o cálice luxuoso da minha mão e o substitui por um copo d'água.

— Gostei dessa bebida — digo, ao mesmo tempo que viro a água de um gole só para clarear as ideias.

Ele apenas dá de ombros.

— Você vai me agradecer mais tarde.

— Obrigada — emendo do jeito mais sarcástico possível.

Não esqueci a maneira como me olhou hoje de manhã, como se eu fosse alguma coisa grudada na sola do sapato. Mas seu olhar agora é mais doce, mais calmo, mais parecido com o de Cal.

— Sinto muito por hoje de manhã, Mareena.

Meu nome é Mare.

— Com certeza sente — respondo.

— É sério — ele diz, inclinando-se para perto.

Ambos sentamos lado a lado com o resto da família real na mesa principal.

— É que… — ele começa a explicar — … geralmente os príncipes mais novos têm a chance de escolher. É um dos poucos benefícios de não ser o herdeiro — ele completa com um sorriso horrivelmente forçado.

Ah.

— Não sabia disso — respondo, sem ter o que dizer. Eu deveria sentir muito por ele, mas não consigo me obrigar a ter qualquer pena de um príncipe.

— É, bom, você não tinha como saber. Não é culpa sua.

Ele lança um olhar para o salão em festa, como se quisesse pescar alguma coisa. Me pergunto que rosto estaria procurando.

— Ela está aqui? — cochicho, tentando parecer contrita. — A garota que você escolheu?

Ele hesita para depois negar com a cabeça.

— Não, eu não tinha ninguém em mente. Mas era legal ter a opção de escolher, sabe?

Não, não sei. Não tenho o luxo de escolher. Não tenho agora e nunca tive.

— Não é como meu irmão. Ele cresceu sabendo que não teria voz no próprio futuro. Acho que agora tenho um gostinho de como é ser ele.

— Você e seu irmão têm tudo, príncipe Maven — meus sussurros saem tão fervorosos que poderiam ser uma oração. — Você mora num palácio, tem força, tem *poder*. Não saberia o que é dificuldade nem se ela te desse um chute na cara. E acredite: ela faz isso direto. Então, perdoe-me se não sinto muito por nenhum de vocês.

Lá vou eu, deixando a boca passar na frente do cérebro. Aos poucos, recupero o controle, bebendo mais água na tentativa de esfriar meus ânimos. Maven, por sua vez, apenas me encara com olhos frios. Logo, todo esse gelo começa a derreter à medida que o olhar do príncipe se torna mais terno.

— Tem razão, Mare. Ninguém deveria sentir muito por mim.

Dá para ouvir a amargura na sua voz. Estremeço ao vê-lo lançar um olhar sobre Cal. Seu irmão mais velho está radiante como o sol, rindo junto ao pai. Quando Maven se volta novamente para mim, força outro sorriso, mas há uma surpreendente tristeza nos seus olhos.

Por mais que eu tente, não consigo ignorar a pontada de pena que sinto pelo príncipe esquecido. Mas passa quando lembro quem ele é e quem eu sou.

Sou uma garota vermelha em meio a um mar de prateados. Não posso me dar ao luxo de sentir pena de alguém, menos ainda do filho de uma cobra.

ONZE

A CORTE BRINDA NO FIM DO BANQUETE erguendo as taças na direção da mesa real. Aqui estão eles: grandes senhores e senhoras tentando arrancar algum favor do rei. Logo terei de saber identificar cada um deles, associar cada cor a uma Casa e cada Casa a seus membros. Maven me sopra seus nomes, embora eu não vá me lembrar de nada amanhã. É chato no começo, mas logo me pego curiosa para ouvir.

Lord Samos é o último a levantar. Quando o faz, o silêncio toma conta do ambiente. Esse homem é respeitado mesmo entre os titãs. Apesar de seu traje preto ser simples, costurado em seda comum, e de não carregar grandes insígnias ou joias, ele exala um inegável ar de poder. Não preciso que Maven me conte nada para saber que Lord Samos chefia a mais elevada de todas as Casas, e é um homem para ser temido acima de todos os outros.

— Volo Samos — sussurra Maven. — Chefe da Casa Samos. Possui e administra minas de ferro. Cada uma das armas usadas na guerra sai das suas terras.

Então ele não é apenas nobre. Sua importância vai além do título.

O brinde de Volo é curto e direto.

— À minha filha — troveja em voz forte, grave e firme. — À futura rainha.

— A Evangeline! — grita Ptolemus, erguendo-se de um salto para ficar ao lado do pai.

Seus olhos varrem o salão desafiando alguém a se opor a ele. Alguns parecem incomodados, irritados até, mas erguem a taça como os demais para saudar a nova princesa. As taças refletem a luz como se fossem pequenas estrelas na mão de deuses.

Quando terminam, a rainha Elara e o rei Tiberias levantam, ambos sorrindo para os convidados. Cal também fica de pé, seguido por Evangeline, Maven e, após um segundo de distração, me junto a eles. As muitas Casas fazem o mesmo em suas mesas. E o arrastar das cadeiras sobre o mármore soa como alguém cravando pregos numa pedra. Graças aos céus, o rei e a rainha simplesmente fazem uma reverência e descem os poucos degraus rumo à saída da mesa principal. *Acabou.* Sobrevivi à primeira noite.

Cal toma Evangeline pela mão e ambos seguem atrás do casal real. Maven e eu vamos na retaguarda. Quando toco sua pele, sinto um frio impressionante.

Os prateados nos cercam. Um silêncio carregado domina o ambiente. Rostos curiosos, ardilosos e cruéis nos observam — e por trás de cada sorriso educado, um lembrete: *estamos de olho*. Cada par de olhos me estuda dos pés à cabeça em busca de falhas, defeitos. Vacilo, mas não posso cair.

Não posso dar um escorregão sequer. Nem agora nem nunca. Sou especial. *Sou um acidente. Uma mentira. E minha vida depende simplesmente de sustentar a ilusão.*

Maven aperta minha mão, um estímulo para seguirmos em frente.

— Está quase acabando — cochicha à medida que nos aproximamos do fim do corredor. — Quase lá.

O sufoco passa quando deixamos o banquete para trás, mas as câmeras ainda nos seguem com seus olhos pesados e elétricos. Quanto mais penso nelas, mais forte fica seu olhar, ao ponto de conseguir saber onde estão antes de vê-las. Talvez seja um efeito colateral da minha "situação". Talvez todos se sintam assim, só que eu nunca tinha sido rodeada por tanta eletricidade. *Ou talvez eu seja uma aberração.*

De volta a uma das passagens do castelo, um grupo de sentinelas aguarda para nos escoltar até o andar de cima. Mas que tipo de ameaça pode existir para gente assim? Cal, Maven e o rei Tiberias controlam o fogo. Elara controla *a mente*. O que podem temer?

E nós vamos nos levantar. Vermelhos como a aurora. A voz de Farley, as palavras de meu irmão, o credo da Guarda Escarlate: tudo volta à minha cabeça. Já atacaram a capital, aqui facilmente pode ser seu próximo alvo. *Eu* posso ser um alvo. Farley pode me desmascarar na próxima transmissão pirata para sabotar os prateados. *Vejam as mentiras deles, vejam esta mentira*, ela diria, esfregando minha cara contra a câmera, me fazendo sangrar vermelho para todo mundo ver.

Tenho pensamentos cada vez mais loucos, um mais assustador que o outro. *Este lugar está me deixando maluca logo no primeiro dia.*

— Tudo correu bem — diz Elara soltando a mão do marido quando chegamos ao andar dos aposentos reais. Ele parece não se importar nem um pouco. — Levem as meninas aos quartos — ela conclui.

Sua ordem não foi dirigida a ninguém em particular, mas quatro sentinelas se separam do grupo. Seus olhos brilham atrás das máscaras negras.

— Eu levo — dizem Cal e Maven em uníssono para depois se entreolhar espantados.

A sobrancelha bem delineada de Elara se ergue.

— Não seria apropriado.

— Eu acompanho Mareena, Mavey leva Evangeline — Cal propõe rapidamente.

Maven morde o lábio ao ouvir o apelido. *Mavey.* Provavelmente Cal o chamava assim desde criança e o nome pegou. A marca do caçula: sempre nas sombras, sempre em segundo lugar.

O rei dá de ombros.
— Deixe-os, Elara. As garotas precisam de uma boa noite de sono, e os sentinelas dão pesadelos em qualquer dama — brinca o rei, acenando jocosamente a cabeça para os guardas. Eles não respondem. Permanecem calados como estátuas, e nem sei se têm autorização para falar.
Após uns instantes de silêncio tenso, a rainha dá meia-volta.
— Pois bem.
Como qualquer mãe, ela odeia quando o pai dos filhos a desafia. E como qualquer rainha, odeia o poder que o rei tem sobre ela. *Uma combinação ruim.*
— Para a cama — diz o rei num tom mais autoritário.
Os sentinelas permanecem com ele e o acompanham quando se separa da esposa. Acho que não dormem no mesmo quarto, o que não me impressiona.
— Onde fica meu quarto exatamente? — pergunta Evangeline, cravando os olhos em Maven.
A meiga futura rainha sumiu. Foi substituída pela bruxa dissimulada que já conheci.
Maven engole em seco ao encará-la.
— Ah, é por aqui, senhora… madame… senhorita.
Ele estende o braço para Evangeline, mas ela passa reto, rumo ao quarto.
— Boa noite, Cal, Mareena — suspira Maven, fazendo questão de me encarar.
Despeço-me do príncipe apenas com um aceno. *Meu noivo.* Fico enjoada só de pensar. Apesar de parecer educado — simpático, até — ele é *prateado*. E filho de Elara, o que pode ser ainda pior. Seus sorrisos e suas belas palavras não conseguem esconder isso de mim. Cal é tão ruim quanto, criado para governar, para perpetuar ainda mais esse mundo dividido.
Ele observa a figura de Evangeline desaparecer no corredor com um olhar tão demorado que chego a ficar estranhamente incomodada.
— Você escolheu uma campeã mesmo — murmuro quando tenho certeza de que ela não vai ouvir.
Cal contrai o rosto e apaga seu sorriso para logo pôr-se a caminho do meu quarto. Subimos pela rampa espiralada e minhas pernas curtas penam para acompanhar as passadas largas do príncipe, que parece não notar, perdido em seus pensamentos.
Por fim, ele me encara com os olhos em brasa como carvão.
— Não escolho nada. Todo mundo sabe disso.
— Pelo menos esperava por isso. Quando acordei hoje de manhã não tinha nem namorado.
Cal recua um pouco diante das minhas palavras, mas não ligo. Não tenho paciência para sua autopiedade.
— E você sabe — prossigo —, tem aquela história de que pelo menos vai ser rei. Deve fazer bem ao ego.
O herdeiro esboça um sorriso, mas não ri. Seus olhos escurecem à medida que ele avança e me inspeciona da cabeça aos pés. Aparenta mais tristeza que moralismo. Uma tristeza profunda insinua-se em suas pupilas douradas de fogo. É como se fosse um garotinho perdido em busca de alguém que o salve.
— Você é muito parecida com Maven — diz após um longo intervalo que fez meu coração disparar.
— Porque nós dois somos noivos de um estranho? Temos isso em comum, mesmo.
— Os dois são muito espertos.
Não consigo conter uma careta. Cal obviamente não sabe que não consigo passar numa prova de matemática para alunos de catorze anos.
— Ambos conhecem as pessoas e as compreendem, conseguem ver através delas.
Mais uma vez tenho que rir. A única coisa que consigo enxergar é a quantidade de dinheiro no bolso de alguém.
— Sim, claro. Fui ótima ontem à noite. Sabia desde o começo que você era o príncipe herdeiro.
Ainda não consigo acreditar que foi apenas noite passada. *Que diferença um dia faz.*
— Você sabia que era eu um forasteiro.
Sua tristeza me contagia e sinto sua dor.
— Bom, trocamos de lugar.
De repente o palácio já não parece tão belo ou maravilhoso. O metal, a pedra sólida: tudo tão severo, tão brilhante e tão artificial. Uma prisão. E, debaixo de tudo isso, o rumor elétrico das câmeras ligadas. Não chega a ser um som; é mais uma sensação sob minha pele, um estalo de energia que sou incapaz de controlar. Claro que isso tinha que voltar agora, no momento em que menos quero.
Mas a sensação vai embora tão rápido quanto veio. A eletricidade se converte numa vibração baixa e o mundo volta ao normal.
— Tudo bem?
Cal me observa, confuso.
— Desculpe — balbucio, balançando a cabeça. — Só estava pensando.
Ele assente, com um ar de arrependimento.

— Na sua família?

As palavras me atingem como um tapa. Eles nem passaram pela minha cabeça nas últimas horas. *Umas poucas horas de seda e nobreza já me mudaram.*

— Emiti uma dispensa militar para seus irmãos e seu amigo. E mandei um oficial até sua casa para informar aos seus pais onde você está — Cal continua, com a intenção de me acalmar. — Não podemos lhes contar tudo, porém.

Tento imaginar a cena. *Ah, olá! Sua filha agora é prateada e vai se casar com um príncipe. Vocês nunca mais a verão, mas enviaremos algum dinheiro para ajudar. Justo, não acham?*

— Sabem que trabalha para nós e que tem de viver aqui, mas ainda pensam que é uma criada. Por enquanto, pelo menos. Quando sua vida se tornar pública, vamos pensar num jeito de lidar com eles.

— Posso ao menos escrever?

As cartas de Shade eram sempre uma luz em nossos dias escuros. Talvez as minhas tenham o mesmo efeito.

— Acho que não.

Ele me leva até o quarto, que se ilumina e ganha vida assim que entramos. Luzes com sensores de movimento, suponho. Como no corredor, meus sentidos se aguçam. Tudo o que é elétrico arde no meu corpo. Sei de imediato que há pelo menos quatro câmeras no quarto, o que me incomoda muito.

— É para sua segurança. Se alguém interceptar suas cartas ou descobrir sobre você…

— E as câmeras estão aqui *para minha segurança*? — pergunto apontando o dedo para a parede. Elas penetram minha pele, registrando cada pedaço de mim. É enlouquecedor, e não sei quanto mais vou aguentar depois de um dia como hoje. — Estou trancafiada neste palácio infernal, cercada de muros, guardas, pessoas que me querem em pedaços… e não posso ter sequer um momento de paz no meu próprio quarto?

Em vez de responder, Cal parece atônito. Seus olhos vasculham o lugar. As paredes não têm nada, mas talvez ele sinta as câmeras também. Como alguém pode não sentir a pressão desses olhos?

— Mare, não há câmeras aqui.

Desdenho seu comentário com um gesto. A eletricidade ainda roça minha pele.

— Não seja tolo. Consigo sentir.

Agora sim ele parece perdido de vez.

— Sentir? Como assim?

— Eu…

As palavras morrem nos meus lábios quando me dou conta: ele não sente nada. Ele nem *sabe* do que estou falando. Como explicar, se não sabe? Como contar que sinto a energia pulsar no ar, como uma parte de mim? Como um sexto sentido? Será que ele vai entender?

Alguém entenderia?

— Isso não é… normal?

Um lampejo nos seus olhos denuncia sua hesitação. Cal tenta encontrar palavras para me dizer que sou diferente. Mesmo entre os prateados, sou um ponto fora da curva.

— Não que eu saiba — diz finalmente.

Minha voz soa frágil, até para mim.

— Acho que nada em mim continua normal.

Ele chega a abrir a boca para falar, mas pensa duas vezes. Não há nada que possa dizer que vá me fazer sentir melhor. Aliás, não há nada que possa fazer por mim em qualquer aspecto.

Nos contos de fadas, a garota pobre sorri ao se tornar princesa. No momento, não sei se voltarei a sorrir algum dia.

DOZE

SUA AGENDA É A SEGUINTE:

7h30 — Café da manhã
8h — Protocolo
11h30 — Almoço
13h — Aulas
18h — Jantar
Lucas vai acompanhá-la em todos os momentos. A agenda não é negociável.
Sua majestade,
Rainha Elara da Casa Merandus

O bilhete é curto e direto, para não dizer grosso. Minha mente viaja só de pensar nas *cinco horas* de aulas me lembrando de como eu era ruim na escola. Gemendo, jogo o papel de volta no criado-mudo. Ele cai bem embaixo de um raio dourado do sol, só para me provocar.

Como ontem, as três criadas adentram o quarto silenciosas como uma brisa. Passados quinze minutos de sofrimento com calças de couro justíssimas, um vestido drapeado e outras roupas estranhas e impossíveis de usar, decidimos pela coisa mais simples que consigo encontrar no armário das maravilhas. Uma calça preta, firme e justa, um casaco roxo com botões prateados e botas cinza-claro. Apesar do cabelo brilhante e da maquiagem pesada, quase pareço eu mesma.

Lucas aguarda em frente à porta, batendo o pé no piso de mármore.

— Um minuto atrasada — diz assim que piso no corredor.

— Você vai ser minha babá todos os dias ou só até eu aprender o caminho?

Ele começa a caminhar ao meu lado e me guia com simpatia.

— O que acha?

— Acho que é o começo de uma longa e divertida amizade, oficial Samos.

— Penso o mesmo, Lady Titanos.

— Não me chame assim.

— Como quiser, Lady Titanos.

Perto do banquete da noite anterior, o café da manhã parece sem graça. A sala de jantar "menor" ainda é enorme, com seu pé-direito alto e sua vista para o rio. A mesa, porém, está posta apenas para três. Para minha tristeza, as outras duas pessoas são Elara e Evangeline. Já estão na metade da salada de frutas quando chego. Elara mal me nota, mas o olhar penetrante de Evangeline basta. Os raios de sol refletidos em sua roupa metálica a fazem parecer uma estrela cintilante.

— Coma rápido — diz a rainha sem levantar a cabeça. — Lady Blonos não tolera atrasos.

De frente para mim, Evangeline esconde a risada com a mão.

— Você ainda tem aula de protocolo?

— Então você não tem? — Meu coração salta de alegria diante da perspectiva de não ter que aturar a presença dela na classe. — Excelente.

Evangeline assume um ar de desdém e finge não estar ofendida.

— Só crianças fazem aula de protocolo.

Para minha surpresa, a rainha me defende.

— Lady Mareena cresceu em circunstâncias terríveis. Nada sabe dos nossos modos, das expectativas que precisa atender agora. Certamente entende as necessidades dela, não é, Evangeline?

A repreensão é calma, discreta e ameaçadora. O sorriso de Evangeline se desfaz e ela confirma com a cabeça, sem coragem de encarar a rainha nos olhos.

— Hoje o almoço será no Terraço de Vidro, juntamente com as moças da Prova Real e suas mães. Tentem não tripudiar sobre elas — acrescenta Elara. Eu nunca faria isso, mas Evangeline fica branca de vergonha.

— Elas ainda estão aqui? — pergunto quase sem querer. — Mesmo depois… de não serem escolhidas?

Elara confirma.

— Os convidados permanecem aqui ao longo das próximas semanas, para honrar adequadamente o príncipe e sua noiva. Só partem após o Baile de Despedida.

Meu coração sobe pela garganta e quase sai pela boca. Mais noites como a de ontem, com a multidão a colocar seus mil olhos sobre mim. Também vão fazer perguntas que terei que responder.

— Que bom.

— E, depois do baile, partimos com eles — continua Elara, manejando a faca. — De volta à capital.

A capital. *Archeon.* Sei que a família real volta para o Palácio de Whitefire ao fim do verão. Desta vez eu vou junto. Terei

de partir, e este mundo que não compreendo será minha única realidade. Jamais poderei voltar para casa. *Você sabia. Você concordou.* Mas isso não diminui a dor.

Quando escapo do café da manhã e volto ao corredor, Lucas me guia por uma passagem. Durante a caminhada, abre um sorriso malicioso.

— Sua boca está suja de melancia.

— Claro que está — rebato, limpando a mancha com a manga do casaco.

— Lady Blonos está bem ali — avisa ele, apontando para o fim do corredor.

— Qual é a dela? Ela voa ou faz flores brotar das orelhas?

A risada de Lucas é animadora.

— Não exatamente. Ela é uma curandeira. Existem dois tipos de curandeiros: os de pele e os de sangue. Toda a Casa Blonos é formada por curandeiros de sangue, ou seja, podem curar a si mesmos. Eu podia jogá-la do alto do Palacete e ela sairia andando logo depois sem nenhum arranhão.

Bem que eu gostaria de fazer um teste, mas não ouso expressar meu desejo em voz alta.

— Nunca ouvi falar de curandeiros de sangue.

— Não teria como ouvir mesmo. Eles não podem lutar nas arenas. Simplesmente não faria sentido.

Uau. Mais um tipo épico de prateado.

— Então, se eu…

Lucas capta o que quero dizer e quebra o gelo.

— Ela ficará bem. Já as cortinas…

— É por isso que é minha professora. Porque sou perigosa.

Lucas nega com a cabeça.

— Lady Titanos, ela é sua professora porque você come feito um cachorro e tem uma postura horrível. Bess Blonos vai lhe ensinar a ser uma dama, e, se de vez em quando tomar um choque, ninguém vai culpar você.

Como ser uma dama… Vai ser horrível.

Ele bate à porta de um jeito que me faz pular de susto. Ela se abre devagar e silenciosa para revelar uma sala iluminada pelo sol.

— Volto para trazer seu almoço — Lucas avisa.

Permaneço imóvel, com os pés plantados no chão, mas Lucas me dá um leve empurrão para o interior da temida sala.

As portas fecham-se atrás de mim. Estou separada do corredor e de qualquer coisa capaz de me tranquilizar. O cômodo é bonito, mas simples, com uma parede cheia de janelas; de resto, completamente vazio. O rumor das câmeras, das luzes e da *eletricidade* é bem forte. Quase posso sentir o ar ao meu redor queimar com a energia. Tenho certeza de que a rainha está vendo, pronta para rir das minhas tentativas de ser apropriada.

— Olá? — digo à espera de resposta, mas nada vem.

Atravesso a sala em direção às janelas que dão para o pátio. Em vez de me deparar com outro belo jardim, surpreendo-me ao descobrir que a janela não dá para o lado de fora do palácio, mas para um salão branco e enorme vários andares abaixo de mim.

Uma pista de corrida contorna a parte exterior do salão. No centro, um estranho mecanismo gira por toda parte, como um pião com braços abertos de metal. Homens e mulheres, todos de uniforme, fazem fila para tentar se esquivar da máquina, que gira cada vez mais e mais rápido. Com o passar do tempo, apenas dois permanecem de pé. Ambos são rápidos; rolam no chão e desviam com graça e velocidade. A máquina acelera mais a cada rodada, até finalmente parar. *Eles venceram.*

Deve ser uma espécie de treinamento para os seguranças ou sentinelas.

Mas, quando os dois recrutas passam para o treino de mira, percebo que estão longe de serem seguranças. Ambos atiram bolas de fogo de um vermelho intenso, que cruzam os ares e explodem os alvos que sobem e descem. Ambos têm a mira perfeita, e mesmo daqui de cima sou capaz de reconhecer os rostos. *Cal e Maven.*

Então é isso que fazem durante o dia. Não aprendem a governar, a ser rei, sequer a ser um lorde apropriado: treinam para a guerra. Cal e Maven são criaturas mortíferas, soldados. Mas sua batalha não é apenas nas trincheiras. É aqui no palácio, nas transmissões, no coração de cada pessoa que governam. Vão governar não apenas pela coroa, mas também pelo poder. *Força e poder.* É só isso que os prateados respeitam, e é tudo de que precisam para manter o resto de nós na escravidão.

Evangeline é a próxima. Alvos voam pelo lugar e ela lança uma nuvem de dardos prateados afiados que os derrubam um a um. Não é surpreendente ela ter caçoado de mim por causa da aula de protocolo. Enquanto tento aprender a comer adequadamente, ela aprende a matar.

— Gosta do espetáculo, Lady Mareena? — uma voz grasna atrás de mim.

Olho para trás com os nervos à flor da pele. O que vejo não me acalma nem um pouco.

A figura de Lady Blonos é arrepiante. Preciso juntar toda a minha boa educação para não deixar meu queixo cair na frente dela. *Curandeira de sangue, capaz de curar a si mesma.* Agora entendo o que isso quer dizer.

Ela deve ter mais de cinquenta anos, perto da idade da minha mãe, mas sua pele é suave e incrivelmente esticada sobre os ossos. Suas sobrancelhas parecem fixadas num estado de constante choque, arqueadas em sua testa sem rugas. Tudo está errado nela: dos lábios muito inchados à curva fechada e artificial do nariz. Apenas seus olhos azuis cinzentos aparentam naturalidade. O resto — dá para perceber — é *falso*. Ela deu algum jeito de curar ou se transformar nessa coisa monstruosa no intuito de parecer mais jovem, mais bonita, *melhor*.

— Perdão — finalmente consigo dizer. — Entrei e você não estava aqui…

— Reparei — ela interrompe, já com raiva de mim — que você tem a postura de uma árvore contra o vento.

Lady Blonos segura meus ombros e os empurra para trás, forçando-me a ficar ereta.

— Meu nome é Bess Blonos e vou tentar transformar você em uma dama. Será princesa algum dia, e não podemos aceitar que se comporte como uma selvagem, podemos?

Selvagem. Por um breve instante penso em cuspir na cara da idiota da Lady Blonos. *Mas quanto me custaria? O que ganharia com isso? Seria apenas uma prova de que tem razão.* E o pior de tudo: tenho consciência de que preciso dela. O treinamento vai evitar um escorregão e, assim, me manter *viva*.

— Não — minha voz sai vazia. — Não podemos.

Exatamente três horas e meia mais tarde, Blonos me solta de suas garras e me devolve aos cuidados de Lucas. Minhas costas doem por causa das aulas de postura para sentar, levantar e até dormir (*barriga para cima, braços ao lado, sempre imóvel*), mas isso não é nada perto dos exercícios mentais a que ela me submeteu. A professora quis enfiar as regras da corte na minha cabeça; me encher de nomes, protocolos e etiquetas. Nas últimas horas, fiz um intensivo de toda e qualquer coisa que devo saber. A hierarquia entre as Grandes Casas aos poucos começa a ganhar sentido, mas garanto que vou confundir alguma coisa mesmo assim. Passamos pelos protocolos por cima, mas agora pelo menos posso ir ao evento idiota da rainha com alguma ideia de como me comportar.

O Terraço de Vidro é relativamente perto: só um andar para baixo e a um corredor de distância, de modo que não tenho muito tempo de me recompor antes de encarar Elara e Evangeline novamente. Desta vez, recebo as boas-vindas de uma brisa revigorante de ar fresco assim que cruzo a porta. É a primeira vez que fico ao ar livre depois de me tornar Mareena, mas com vento e sol no rosto me sinto mais Mare de novo. Se fechar os olhos, posso fingir que nada aconteceu. *Mas aconteceu.*

O Terraço de Vidro é tão decorado quanto a sala de aula de Blonos era vazia e corresponde bem ao nome. Um dossel de vidro, sustentado por colunas claras e engenhosamente projetadas, estende-se sobre nós e divide a luz do sol em milhões de cores dançantes que combinam com as cores das mulheres circulando pelo local. É artificialmente belo, como tudo neste mundo prateado.

Antes de ter a chance de respirar, duas moças surgem na minha frente. Os sorrisos são falsos e frios, como seus olhos. A julgar pela cor dos vestidos (um é azul-escuro e vermelho, o outro é preto básico), pertencem às Casas Iral e Haven. *Silfos e sombrios*, recordo a explicação de Blonos sobre os poderes.

— Lady Mareena — saúdam em uníssono com uma reverência rígida. Faço o mesmo e inclino a cabeça como aprendi essa manhã.

— Meu nome é Sonya, da Casa Iral — apresenta-se a primeira após reerguer a cabeça orgulhosamente. Seus movimentos são ágeis como os de um gato. *Silfos são rápidos e discretos, ágeis e perfeitamente equilibrados.*

— E eu sou Elane, da Casa Haven — complementa a outra, quase num sussurro. Enquanto Sonya é uma morena bronzeada, Elane é pálida e tem cabelo ruivo cacheado. A luz dançante do sol confere a sua pele um halo perfeito, parece imaculada. *Sombria, manipuladora da luz*. — Queremos lhe dar as boas-vindas.

Mas seus sorrisos afiados e os olhos cerrados não parecem nada acolhedores.

— Obrigada. É muita gentileza — digo, limpando a garganta para tentar soar normal. As garotas não deixam passar e trocam olhares. — Vocês também participaram da Prova Real? — emendo rápido na esperança de distraí-las dos meus terríveis modos sociais.

A pergunta parece apenas irritá-las mais. Sonya cruza os braços, evidenciando suas unhas afiadas cor de metal.

— Sim. Claramente não tivemos tanta sorte quanto você ou Evangeline.

— Perdão…

A palavra sai antes de eu conseguir segurar. *Mareena não pediria desculpa.*

— Digo, não tinha a intenção… — corrijo.

— Ainda não sabemos suas intenções — ronrona Sonya, mais parecida com um gato a cada segundo.

Meu corpo treme quando ela se volta para trás e estala os dedos fazendo suas unhas roçarem uma na outra.

— Vovó, venha conhecer Lady Mareena — chama.

Vovó. Quase solto um suspiro de alívio à espera da senhora bondosa que se arrastará até nós para me salvar das presas das garotas. Em vão.

Em vez de uma velha enrugada, deparo com uma mulher formidável, feita de sombras e aço. A pele cor de café como Sonya, seus cabelos também pretos já apresentam algumas mechas brancas. Apesar da idade, seus olhos castanhos são repletos de

vida.
— Lady Mareena, esta é minha avó, Lady Ara, chefe da Casa Iral — explica a neta com seu sorrisinho afiado. A anciã me encara com um olhar penetrante pior do que qualquer câmera.
— Talvez você a conheça como Pantera — completa Sonya.
— Pantera? Não…
Mas Sonya continua falando. Parece se divertir com minha agitação.
— Muitos anos atrás, quando a guerra ficou menos intensa, os agentes de inteligência se tornaram mais importantes que os soldados. E a Pantera foi a melhor agente de todos.
Uma espiã. Estou diante de uma espiã.
Forço um sorriso, apenas para tentar esconder o medo. O suor brota da palma das minhas mãos. Espero que não precise apertar a mão dela.
— É um prazer conhecê-la, Lady Ara.
Ara simplesmente inclina a cabeça.
— Conheci seu pai, Mareena. E sua mãe.
— Sinto tanto a falta deles — respondo na tentativa de acalmá-la.
Pantera inclina a cabeça para o lado. Parece perplexa. Por um segundo, sou capaz de ver milhares de segredos de guerra, conquistados a custo, desfilarem nos seus olhos.
— Você lembra deles? — ela pergunta, sondando minha vida.
Minha voz falha, mas tenho que continuar a conversa, a mentira.
— Não, mas sinto falta de ter pais.
Meu pai e minha mãe aparecem em minha mente, mas eu os expulso. O passado vermelho é a última coisa com que posso me preocupar agora.
— Queria que estivessem aqui para me ajudar a entender tudo isto — completo.
— Hum — a velha rumina, me examinando mais uma vez. Sua desconfiança me dá vontade de pular da sacada. — Seu pai tinha olhos azuis, assim como sua mãe.
E os meus são castanhos.
— Sou diferente em tantas coisas. Muitas ainda não entendo.
É tudo o que consigo dizer. Espero que essa explicação seja suficiente para ela. Mas a voz da rainha me salva.
— Que tal sentarmos, senhoras? — ela diz, sobressaindo à multidão.
Isso basta para que eu escape de Lady Ara, Sonya e da discreta Elane e escolha um assento onde possa tomar um ar sozinha.
Quando a hora da aula se aproxima, começo a me sentir calma de novo. Tratei todas de maneira adequada e só falei o necessário, como me recomendaram. Evangeline falou o suficiente por nós duas, regalando as mulheres com seu “amor eterno” por Cal e a honra de ser escolhida. Pensei que as outras participantes da Prova Real iam linchá-la, mas não o fizeram, para minha tristeza. Apenas a avó Iral e Sonya pareciam se importar com minha presença, embora não continuassem o interrogatório. *Mas continuarão em algum momento.*
Quando Maven surge no canto do terraço, estou tão orgulhosa de ter sobrevivido ao almoço que nem me incomodo com sua presença. De fato, sinto até um alívio estranho e deixo de lado um pouco da minha rispidez fingida. Sorrindo, ele se aproxima com alguns passos largos.
— Ainda viva? — pergunta. Comparado às Iral, ele é um cãozinho alegre.
Não consigo conter uma risada.
— Vocês deviam mandar Lady Iral de volta para a batalha. Lakeland ia se render numa semana.
Ele força uma gargalhada sem vida.
— Essa aí é um tanque de guerra. Não consigo entender por que não trabalha mais. Ela perguntou alguma coisa para você?
— Ela praticamente me interrogou. Acho que está com raiva por eu ter ganhado da neta.
Um lampejo de medo brilha no olhar de Maven. Entendo o motivo. *Se a Pantera farejar uma pista…*
— Ela não vai mais incomodar você — ele murmura. — Vou informar minha mãe. Ela tomará conta disso.
Por mais que eu não queira sua ajuda, não vejo outro modo. Uma mulher como Ara encontraria facilmente os furos na minha história. E então seria o fim de verdade.
— Obrigada… vai ser de grande ajuda.
Maven já não está mais de uniforme. O traje militar deu lugar a roupas informais feitas para a ocasião. Ver finalmente alguém tão casual me tranquiliza um pouco. Mas não posso me consolar com nada que tenha a ver com ele. *Maven é um deles. Não posso esquecer.*
— Você está livre durante o resto do dia? — ele pergunta com uma expressão mais leve e um sorriso ansioso. — Posso mostrar o palácio se quiser.
— Não. — Seu sorriso desaparece assim que a palavra sai da minha boca. Sua cara fechada me desconcerta tanto quanto seu sorriso. — Tenho aula depois — acrescento na esperança de diminuir a decepção, embora não saiba bem por que me

importo com seus sentimentos. — E sua mãe é louca pelos horários.
Ele concorda com a cabeça, aparentemente melhor.
— Ela é mesmo. Bem, não vou mais incomodar.
Maven toma minha mão com gentileza. O frio que antes experimentara na sua pele foi trocado por um calor delicioso. Antes de eu ter a chance de puxar a mão de volta, o príncipe me deixa parada sozinha.
Lucas me dá uns instantes para me recuperar antes de comentar:
— Sabe, a gente chegaria lá mais rápido se você se *movesse* de verdade.
— Calado, Lucas.

TREZE

O PRÓXIMO PROFESSOR ME AGUARDA NUMA SALA abarrotada do chão ao teto com livros. Mais publicações do que já vi na vida, mais do que pensei *existir*. Parecem antigos e inestimáveis. Apesar da minha aversão a escolas e livros em geral, sou atraída por eles. Mas os títulos e as páginas estão escritos numa língua que não entendo, um amontoado de símbolos que não tenho qualquer esperança de decifrar.

Tão intrigantes quanto os livros são os mapas espalhados pelas paredes: do reino e de outros países, novos e antigos. Emoldurado na parede oposta à porta, protegido por um vidro, há um mapa enorme e colorido montado a partir de diferentes folhas. Com pelo menos duas vezes meu tamanho, sua presença domina a sala. Desbotado e rasgado, trata-se de um emaranhado de linhas vermelhas, costas azuis, florestas verdes e cidades amarelas. É o velho mundo, o mundo de antes, com seus nomes e fronteiras que já não têm qualquer serventia.

— É estranho olhar para o mundo como era antes — diz o professor, saindo de trás das pilhas de livros. Sua túnica amarela, manchada e desbotada pelo tempo, dá a ele a aparência de uma folha de papel humana. — Consegue adivinhar onde estamos?

A imensidão do mapa me faz engolir em seco, mas, como sempre, tenho certeza de que é um teste.

— Posso tentar.

Norta fica a noroeste. Palafitas fica à beira do rio Capital, e o rio deságua no mar.

Após um minuto de sofrida procura, finalmente encontro o rio e a enseada perto do meu vilarejo.

— Aqui — respondo com o dedo apontado um pouco mais ao norte, onde imagino que fique Summerton.

Ele assente, feliz por eu não ser uma burra completa.

— Reconhece mais algum lugar?

No entanto, o mapa também está escrito numa língua desconhecida.

— Não consigo ler.

— Não perguntei se consegue ler — responde ele, ainda simpático. — Além disso, as palavras mentem de vez em quando. Veja além delas.

Dou de ombros e me forço a olhar de novo. Nunca fui boa aluna na escola, o homem logo vai descobrir. Para minha surpresa, porém, até gosto do jogo: examinar o mapa, procurar lugares conhecidos.

— Aqui talvez seja Harbor Bay — balbucio afinal, circulando com o dedo a área em torno de um cabo recurvado.

— Correto — ele confirma, abrindo um sorriso. As rugas ao redor dos olhos ficam mais evidentes e transparecem sua idade. — Aqui é Delphie — acrescenta, apontando para uma cidade bem ao sul. — E Archeon é aqui.

Ele põe o dedo sobre o rio Capital num ponto a poucos quilômetros daquela que parece ser a maior cidade do mapa, do país do mundo de antes. *As Ruínas.* Já ouvi esse nome sussurrado pelos garotos mais velhos e pelos lábios do meu irmão Shade. *A Cidade Cinzenta*, *os Escombros*. Sinto um calafrio só de pensar no lugar, ainda coberto por fumaça e sombras por causa de uma guerra ocorrida há mais de mil anos. *Será que nosso país vai ficar assim se a guerra não acabar?*

O professor recua um pouco e me deixa pensar. Sua ideia de ensinar é bem estranha: provavelmente vai acabar num jogo em que fico na parede analisando mapas por quatro horas.

É então que, de repente, o rumor no quarto me deixa alerta. Quer dizer, a falta de rumor. Senti o peso elétrico das câmeras ao longo do dia todo, tanto que até parei de me importar. Até agora, quando não sinto nada. *Foi embora.* Ainda posso sentir a eletricidade das luzes, mas nada de câmeras. Nada de olhos. Elara não pode me ver aqui.

— Por que ninguém nos observa?

Ele apenas pisca para mim.

— Há uma diferença na minha aula — ele murmura. Não sei o que quer dizer, e isso me deixa furiosa.

— *O quê?*

— Mare, estou aqui para ensinar sua história, para ensiná-la a ser prateada e ser, hum, útil — diz, com uma expressão amarga. — Mas também vou tentar compreender exatamente como *você* existe e como seus poderes funcionam.

Encaro o professor, meio confusa.

— Meus poderes funcionam porque… porque sou prateada. Os poderes dos meus pais se misturaram: meu pai era oblívio e minha mãe tempestuosa — gaguejo a explicação que Elara me ensinou. — Sou prateada, senhor — finalizo, tentando fazê-lo entender.

Para meu horror, ele balança a cabeça.

— Não, você não é, Mare Barrow, e jamais pode esquecer isso.

Ele sabe. Estou arruinada. Acabou. Tenho que implorar a ele para guardar segredo, mas as palavras entalam na garganta. O fim está próximo e sequer consigo abrir a boca para impedir.

— Isso não é necessário — ele continua ao perceber meu medo. — Não tenho planos de avisar ninguém sobre sua *ascendência*.

Sinto um breve alívio que logo se transforma em outro tipo de medo.
— Por quê? O que quer de mim?
— Sou, acima de tudo, um homem curioso. Você entrou na Prova Real como uma criada vermelha e saiu como uma nobre prateada perdida. Tenho que dizer que fiquei bastante curioso.
— É por isso que não há câmeras aqui? — disparo enquanto me afasto dele. Cerro os punhos e desejo que o trovão venha me proteger deste homem. — Para que não existam registros de você me *examinando*?
— Não há câmeras aqui porque tenho o poder de desligá-las.
Uma centelha de esperança brilha na escuridão absoluta em mim.
— E que poder é esse? — pergunto, trêmula. *Talvez ele seja como eu.*
— Mare, quando um prateado diz "poder", quer dizer "autoridade". Embora poder também tenha a ver com todas essas bobagens que fazemos.
Bobagens. Como partir um homem em dois ou afogar alguém na praça.
— O que quero dizer — ele prossegue — é que minha irmã já foi rainha, e que isso ainda tem algum valor por aqui.
— Lady Blonos não me ensinou isso.
Ele ri sozinho.
— Isso é porque Lady Blonos está lhe ensinando baboseiras. Jamais farei isso.
— Então, se a rainha *era* sua irmã, você é…
— Julian Jacos, ao seu dispor — ele faz uma reverência cômica. — Chefe da Casa Jacos, herdeiro de nada além de um punhado de livros velhos. Minha irmã era a falecida rainha Coriane, e o príncipe Tiberias VII, que chamamos de Cal, é meu sobrinho.
Agora que diz, dá para notar a semelhança. A cor de Cal veio do pai, mas o rosto calmo e a ternura dos olhos só podem ter vindo da mãe.
— Então você não vai me transformar em alguma experiência científica esquisita para a rainha? — pergunto, ainda receosa.
Em vez de ficar ofendido, Julian gargalha alto.
— Minha cara, a única coisa que a rainha quer é que você desapareça. Descobrir o que você é e ajudá-la a entender é a *última* coisa em que ela pensa.
— Mas você vai fazer isso mesmo assim?
Algo brilha em seus olhos, algo como ódio.
— A influência da rainha não é tão abrangente como ela quer que você pense. Quero saber o que você é, e tenho certeza de que você deseja o mesmo.
Meu interesse agora é tão grande quanto meu medo era instantes atrás.
— Sim.
— Foi o que pensei — diz, sorrindo. — Sinto muito em informar, porém, que terei de fazer o que me pediram: prepará-la para o dia da sua apresentação ao mundo.
Fico pasma. Lembro-me do que Cal disse na sala do trono: "A campeã dos plebeus. Uma prateada de sangue, mas vermelha de criação".
— Eles querem me usar para acabar com a rebelião. De algum jeito.
— Sim. Meu caro cunhado e sua rainha creem que você pode fazer isso, se usada adequadamente — ele confirma amargurado.
— É uma ideia idiota e impossível. Não serei capaz de fazer nada e então… — minha voz desaparece. *Então vão me matar*.
Julian segue minha linha de raciocínio.
— Está errada, Mare. Não compreende o poder que possui agora, quantas coisas pode controlar.
Ele faz uma pausa para levar as mãos atrás das costas de um jeito estranho.
— A Guarda Escarlate — retoma — é drástica demais, muito, muito rápida. Mas você é a mudança controlada, do tipo em que as pessoas podem confiar. Você é a chama lenta que pode dissipar uma revolução com um punhado de discursos e sorrisos. Você pode falar aos vermelhos, dizer-lhes quão nobres, benevolentes e *corretos* são os prateados. Você pode convencer seu povo a voltar para os grilhões. Mesmo os prateados que questionam o rei, aqueles que têm dúvidas, podem ser convencidos por *você*. E o mundo permanecerá igual.
Para minha surpresa, a perspectiva parece desanimar Julian.
— E você não quer isso? — sem as câmeras barulhentas, acabo me soltando e fazendo cara de desdém. — Você é prateado. Tem que *odiar* a Guarda e… me odiar.
— Pensar que todos os prateados são maus é tão errado quanto pensar que todos os vermelhos são inferiores — ele rebate com a voz grave. — O que meu povo vem fazendo com você e seu povo é uma ofensa aos fundamentos da humanidade. Oprimir e aprisionar os vermelhos num círculo perpétuo de pobreza e morte, apenas por pensarmos que vocês são *diferentes* de nós? Não é *certo*. E como todos que conhecem história podem lhe contar, termina em desastre.

— Mas somos diferentes — respondi. Um dia no mundo prateado já me ensinou isso. — Não somos iguais.
Julian se inclina para mim e lança um olhar penetrante.
— Estou diante da prova de que você está errada.
Você está diante de uma aberração, Julian.
— Vai deixar que eu prove que está errada, Mare?
— Pra quê? Nada vai mudar.
Julian suspira enfadado. Passa a mão pelos cabelos castanhos e escassos.
— Por centenas de anos os prateados caminharam sobre a terra como deuses de carne e osso, ao passo que os vermelhos não passam de escravos sob seus pés. Até *você* aparecer. Se isso não é uma mudança, não sei o que é.
Ele pode me ajudar a sobreviver. Melhor ainda: talvez até me ajude a viver.
— E o que fazemos, então?

Meus dias são ritmados, sempre com a mesma programação. Protocolo de manhã, aulas à tarde. No meio-tempo, Elara me faz desfilar em almoços e jantares. Aparentemente, Sonya e Pantera ainda desconfiam de mim, mas não disseram mais nada desde nosso primeiro encontro. A ajuda de Maven parece ter funcionado, por mais que odeie admitir.
No evento seguinte com mais pessoas — na sala de jantar particular da rainha —, as Iral ignoram completamente minha presença. Apesar das aulas de protocolo, o almoço ainda é perturbador; passo o tempo todo tentando lembrar o que me ensinaram. *Osanos, ninfoides, azul e verde. Welle, verdes, verde e dourado. Lerolan, oblívios, laranja e vermelho. Rhambos e Tyros e Nornus e Iral e muitos outros nomes.* Nunca vou entender como alguém consegue gravar tudo isso.
Como sempre, meu lugar fica ao lado de Evangeline. É doloroso ter a consciência de que todos os utensílios de metal na mesa são armas letais em suas mãos cruéis. Cada vez que ela levanta a faca para cortar a comida, meu corpo fica tenso à espera do golpe. Elara, como de costume, sabe o que estou pensando, mas continua a refeição com um sorriso. Talvez pior que a tortura de Evangeline seja saber que a rainha se diverte ao assistir à nossa guerra silenciosa.
— E o que achou do Palacete do Sol, Lady Titanos? — pergunta a garota à minha frente.
Atara, Casa Viper, verde e preto. Foi ela quem matou os pombos. Ela acrescenta:
— Suponho que não haja comparação com o *vilarejo* onde você morava antes.
Ela pronuncia a palavra “vilarejo” como se fosse uma maldição, e não deixo passar seu sorriso malicioso.
As mulheres riem com ela. Umas poucas cochicham como que escandalizadas.
Levo um tempo para abrir a boca, esperando o sangue esfriar.
— O Palacete e Summerton são muito diferentes do lugar a que estou acostumada — forço a resposta.
— Óbvio — diz outra mulher, que se inclina para entrar na conversa. Uma Welle, a julgar pela túnica verde e dourada. — Fiz um passeio pelo vale do rio Capital uma vez e devo dizer que os vilarejos vermelhos são simplesmente deploráveis. Não têm sequer estradas adequadas.
Mal conseguimos comer, quanto mais asfaltar estradas. Cerro a mandíbula quase ao ponto de rachar os dentes. Tento sorrir, mas o que sai é uma careta. Enquanto isso, as outras concordam com a Welle.
— E os vermelhos… Bom, acho que aquilo é o melhor que podem fazer com o que têm — ela continua, torcendo o nariz. — São feitos para aquele tipo de vida.
— Não temos culpa de terem nascido para servir — uma Rhambos de vestido marrom diz, leviana, como se falasse do tempo ou da comida. — É simplesmente sua natureza.
O ódio cresce dentro de mim, mas o olhar da rainha me diz para aguentar e cumprir meu dever. Preciso mentir.
— Sim, de fato. — Ouço as palavras saírem da minha boca. Debaixo da mesa, cerro os punhos e sinto meu coração se partir.
Por toda a mesa, as mulheres escutam com atenção. Muitas sorriem e a maioria concorda com a cabeça diante da minha defesa às suas crenças terríveis sobre meu povo. Seus rostos me dão vontade de gritar.
— Claro — continuo, incapaz de me conter —, qualquer um forçado a levar uma vida assim, sem descanso, férias e escapatória, acabaria como servo.
Os poucos sorrisos desaparecem e se contorcem espantados.
— Lady Titanos terá os melhores tutores e toda a ajuda necessária para adequar-se à nova vida — Elara me interrompe rapidamente. — Já começou as aulas com Lady Blonos.
As mulheres murmuram em aprovação ao passo que as garotas fazem caretas. Isso me dá tempo suficiente para recuperar o autocontrole necessário para sobreviver à refeição.
— O que sua majestade real pretende fazer com os rebeldes? — pergunta uma mulher com rispidez. A indagação produz um choque de silêncio na mesa e desvia o foco de mim.
Todos os olhos se voltam para a questionadora: uma mulher de uniforme militar. Outras mulheres também usam farda, mas a dela brilha com mais medalhas e fitas. A feia cicatriz que rasga seu rosto sardento indica que talvez as tenha merecido. Aqui no palácio é fácil esquecer que há uma guerra acontecendo, mas seu olhar assombrado diz que ela não vai, *não pode*,

esquecer.

A rainha Elara baixa a colher com elegância ensaiada e abre um sorriso, igualmente ensaiado.

— Coronel Macanthos, dificilmente podemos chamá-los de rebeldes…

— E esse foi o único atentado que assumiram — rebate a coronel, interrompendo a rainha. — E a explosão em Harbor Bay? E, já que estamos nisso, a base aérea de Delphie? Dois jatos destruídos e outro *roubado* de uma das nossas próprias bases!

Arregalo os olhos e, como outras presentes, não consigo conter a surpresa. *Mais ataques?* Só que, enquanto as outras parecem assustadas e levam a mão à boca, tenho que segurar a vontade de sorrir. *Farley tem andado ocupada.*

— Você é engenheira, coronel? — a voz de Elara soa aguda, fria e definitiva. Não dá a Macanthos a chance de negar com a cabeça. — Então não é capaz de entender que foi um vazamento de gás que causou a explosão em Harbor. E, por favor, refresque minha memória: você comanda as tropas aéreas? Ah, não. Sua especialidade são as forças terrestres. O incidente na base aérea foi uma manobra de treinamento supervisionada pelo próprio general Lord Laris. Ele garantiu pessoalmente à sua majestade que a base de Delphie é segura.

Numa luta justa, Macanthos provavelmente deixaria a rainha em pedaços com as próprias mãos. Em vez disso, Elara a partiu no meio com nada além de palavras. E ela sequer terminou. O comentário de Julian ecoa em minha cabeça: *as palavras mentem de vez em quando.*

— O objetivo deles é ferir civis inocentes, prateados e vermelhos, para incitar medo e histeria. São poucos, restritos e covardes. Escondem-se da justiça do meu marido. Considerar toda desgraça ou infortúnio deste reino obra desse mal apenas colabora com seus esforços de aterrorizar o resto da população. Não dê a esses monstros a satisfação que desejam.

Algumas mulheres aplaudem e inclinam a cabeça em concordância com a mentira deslavada da rainha. Evangeline segue o exemplo e o gesto rapidamente se espalha, até que apenas a coronel e eu permanecemos em silêncio. Dá para notar que ela não acredita em nada do que a rainha diz, mas não há como chamá-la de mentirosa. Não aqui, não na casa dela.

Por mais que queira continuar sem fazer nada, sei que não posso. Meu nome é Mareena, não Mare, tenho que apoiar minha rainha e suas palavras desgraçadas. Minhas mãos juntam-se num aplauso à mentira de Elara ao passo que a coronel inclina a cabeça, repreendida.

Embora eu esteja constantemente rodeada de criados e prateados, sinto-me só. Não vejo Cal com frequência graças à sua agenda ocupada com treinamento, treinamento e mais treinamento. Ele às vezes sai do Palacete para falar às tropas de uma base aqui perto ou acompanhar o pai em negócios de Estado. Imagino que possa conversar com Maven, com seus olhos azuis e meios sorrisos, mas ainda não confio muito nele. Por sorte, nunca somos deixados a sós de verdade. Trata-se de uma tradição boba da corte: evitar que rapazes e moças da nobreza se sintam *tentados*, nas palavras de Lady Blonos. Duvido que isso se aplique ao meu caso.

Para ser sincera, passo a metade do tempo sem me lembrar de que um dia terei que casar com ele. A ideia de Maven como meu marido não parece real. Não somos sequer amigos, quanto mais parceiros. Por mais simpático que ele seja, meus instintos me dizem para não confiar demais no filho de Elara. Ele esconde alguma coisa. O que é, não sei.

Os ensinamentos de Julian tornam as coisas mais suportáveis. A educação que eu antes lamentava agora é uma luz no mar de trevas. Sem as câmeras ou os olhos de Elara, podemos passar o tempo descobrindo o que sou de verdade. Mas as coisas caminham devagar, e ambos estamos frustrados.

— Acho que sei qual é o problema — diz Julian ao fim da minha primeira semana.

Ouço essas palavras de pé, com os braços estendidos do jeito idiota de sempre. Um estranho dispositivo elétrico está preso em meus pés e de vez em quando solta faíscas. Julian quer testá-lo, mas de novo falhei em produzir os raios que me botaram nesta bagunça.

— Talvez eu precise correr um risco mortal — digo bufando. — Que tal pedir a arma de Lucas emprestada?

Julian geralmente ri das minhas piadas, mas agora está ocupado demais pensando.

— Você é como uma criança — ele finalmente afirma. Torço o nariz, ofendida, mas ele continua mesmo assim. — É assim que as crianças são no começo: não conseguem controlar seus poderes. Eles só se manifestam em situações de estresse ou medo, até a pessoa aprender a domar as emoções e usá-las em benefício próprio. Existe um gatilho, e você precisa encontrar o seu.

Lembro de como me senti no Jardim Espiral ao cair em direção à minha aparente morte. Não sentia medo nas minhas veias quando colidi com o escudo elétrico; sentia paz. *Sabia* que meu fim tinha chegado e aceitava que não havia nada a fazer para mudar isso. Deixei-me ir.

— Vale a pena ao menos tentar — provoca Julian.

Resmungando, volto-me para a parede mais uma vez. Julian enfileirou umas estantes de pedra, todas vazias, para que eu tivesse onde mirar. Pelo canto do olho consigo ver o professor se afastar, mas sem deixar de me observar.

Solte-se. Deixe-se ir, sussurra a voz em minha cabeça. Meus olhos fecham levemente enquanto me concentro. Meus próprios pensamentos desaparecem para que minha mente busque a eletricidade que tanto deseja. As ondas de energia, vivas sob minha pele, agitam-se em mim mais uma vez, até vibrar em cada músculo e nervo. Geralmente o processo termina aí, mas

não desta vez. Em vez de segurar, vou ao encontro dessa força, me deixo levar. Mergulho em algo que sou incapaz de explicar, uma sensação que é tudo e nada, luz e trevas, calor e frio, vida e morte. Logo, o poder é a única coisa na minha cabeça, ofuscando todos os meus fantasmas e lembranças. Mesmo Julian e os livros deixam de existir. Minha mente está limpa, como um vazio negro a ressoar força. Agora, me concentro na força e ela não desaparece; na verdade, se move pelo meu corpo, dos olhos à ponta dos dedos. À minha esquerda, Julian deixa escapar uma interjeição de espanto.

Abro os olhos. Um feixe de faíscas lilás salta do dispositivo até meus dedos, como em fios elétricos.

Pela primeira vez, Julian fica sem palavras. E eu também.

Não quero me mexer. Tenho medo de que a menor mudança faça os raios desaparecerem. Mas eles não desaparecem. Continuam, saltando e se contorcendo em minhas mãos. Parecem brincar, inofensivos, como um gatinho e seu novelo. Lembro então do que quase fiz com Evangeline. *Este poder é destrutivo se eu quiser.*

— Tente movê-lo — Julian fala baixinho enquanto me observa entusiasmado.

Algo me diz que o raio vai obedecer meus desejos. É parte de mim, um pedaço da minha alma vivo no mundo.

Aperto o punho, e as faíscas reagem aos músculos tensos; ficam maiores, mais brilhantes e mais velozes. Expandem-se até a manga da minha camisa, e em segundos consomem o tecido. Como uma criança que vai arremessar uma bola, chacoalho o braço na direção das estantes de pedra e abro a mão no último instante. O raio voa pelos ares numa bola de centelhas brilhantes e colide com o alvo.

O estrondo da explosão me faz gritar e cair para trás sobre uma pilha de livros. Meu coração dispara. Durante a queda, vejo a estante de pedra sólida se desfazer numa nuvem grossa de pó. As faíscas reluzem por um segundo sobre os escombros antes de desaparecer, deixando apenas ruínas.

— Desculpe pela estante — digo. A manga da minha camisa ainda faísca, convertida num chumaço de fios soltos. Mas isso nem se compara aos tremores na mão. Meus nervos parecem cantar, latejar de poder. E a sensação é *boa*.

A silhueta de Julian se aproxima através das nuvens de pó. Rindo a plenos pulmões, ele examina a obra. Seus dentes alvos brilham através da poeira.

— Vamos precisar de uma sala de aula maior.

Ele não está enganado. A cada dia somos obrigados a encontrar salas novas e maiores para praticar até finalmente descobrir um lugar adequado no andar subterrâneo. As paredes são de concreto e metal, bem mais resistentes que a pedra decorativa e a madeira dos andares superiores. Minha mira é decepcionante, para dizer o mínimo, de modo que Julian precisa tomar muito cuidado ao se posicionar nos treinos. Em todo caso, é cada vez mais fácil invocar os raios.

Julian toma notas o tempo inteiro, registrando tudo, desde os meus batimentos cardíacos até a temperatura de um cálice recém-eletrizado. Cada anotação nova faz surgir em seu rosto um sorriso confuso, mas feliz, embora ele não me diga o motivo de tanta alegria. Duvido que entendesse mesmo que ele explicasse.

— Fascinante — murmura ao ler algum valor de um dispositivo de metal cujo nome não sei. Ele diz que o aparelho mede energia elétrica, mas não entendo como.

Esfrego as mãos para “desenergizá-las”, como Julian diz. As mangas da minha camisa permanecem intactas desta vez, graças à minha roupa nova. É feita de tecido à prova de fogo, como o que Cal e Maven usam, embora eu ache que a minha deveria ser à prova de choque.

— O que é fascinante? — pergunto.

Ele hesita, como se não quisesse contar, como se não *devesse* contar, mas finalmente dá de ombros e diz:

— Antes de você se energizar e fritar aquela pobre estátua — ele aponta para o monte de entulho fumegante que uma vez fora o busto de algum rei —, medi a quantidade de eletricidade nesta sala: luzes, fiação, esse tipo de coisa. E agora acabo de medir você.

— E?

— Deu *o dobro* do registrado antes — ele anuncia orgulhoso, mas não sei por que isso é tão importante afinal.

Com um gesto breve, Julian desliga a “caixa de faíscas” — nome que dei ao aparelho. Sinto sua eletricidade morrer.

— Tente outra vez.

Respiro fundo e me concentro novamente. Depois de um tempo, a eletricidade volta, tão forte quanto antes. Mas, desta vez, vem de dentro de mim.

O sorriso de Julian vai de orelha à orelha.

— E então…?

— Então isso confirma minhas suspeitas.

Às vezes esqueço que Julian é um cientista e estudioso. Mas ele não demora muito para refrescar minha memória.

— Você gerou energia elétrica.

Agora fico confusa de vez.

— Certo. É meu *poder*, Julian.

— Não, pensei que seu poder fosse *manipular*, não *criar* eletricidade — ele diz em tom grave. — Ninguém consegue *criar*,

Mare.

— Mas isso não faz sentido. Os ninfoides…

— Manipulam água. Não podem usar o que não está por perto.

— Bom, mas e Cal? Maven? Não vejo muitas labaredas por aí para eles brincarem.

Julian sorri e balança a cabeça.

— Você já viu as pulseiras, certo?

— Eles usam sempre.

— As pulseiras produzem centelhas, chamas minúsculas que os rapazes controlam. Sem algum recurso para iniciar o fogo, ambos ficam impotentes. O princípio é sempre o mesmo: os prateados *manipulam* algo. Nossa força depende do ambiente. Mas você é diferente, Mare.

Sou diferente. Diferente de todos.

— E o que isso quer dizer?

— Não tenho certeza. Você é algo completamente novo. Nem vermelho, nem prateado. Algo novo. Algo *mais*.

— Algo diferente.

Esperava que os testes de Julian me aproximassem de alguma resposta. Em vez disso, apenas levantaram mais perguntas.

— O que eu sou, Julian? O que há de errado comigo?

De repente, sinto um nó na garganta. Meus olhos marejam. Preciso piscar várias vezes na tentativa de conter as lágrimas quentes. Acho que tudo se acumulou: protocolo, aulas, a desconfiança de todos, um lugar onde nem posso ser eu mesma. É sufocante. Quero gritar, mas sei que não posso.

— Não há nada de *errado* em ser diferente — ouço Julian falar, mas suas palavras são apenas um eco. O som é abafado pelas lembranças de Gisa e Kilorn.

— Mare?

Julian dá um passo em minha direção; seu rosto é a própria imagem da gentileza. Mas ele para a um braço de distância de mim. Não pelo meu bem, mas pelo seu. Para se proteger de mim. Também me assusto quando percebo que os raios voltaram. Eles avançam sobre meus braços e ameaçam se transformar numa tempestade de luzes e fúria.

— Mare, concentre-se em mim. Mare, controle.

Sua voz é suave e tranquila, mas firme. Parece até que Julian está com *medo* de mim.

— *Controle*, Mare.

Mas sou incapaz de controlar qualquer coisa. Nem meu futuro, nem meus pensamentos, nem este *poder* que é a raiz de todos os meus males.

Há pelo menos uma coisa que ainda consigo controlar por ora: meus pés.

Como a covarde que sou, corro.

Avanço pelos corredores vazios sob o peso de mil câmeras invisíveis. Não tenho muito tempo até que Lucas ou, pior, os sentinelas me encontrem. Só preciso respirar. Só preciso olhar para cima e ver o céu, não o vidro.

Passo dez segundos de pé na sacada antes de perceber a chuva, que extingue o calor da minha raiva. Os raios se foram; deram lugar a lágrimas vergonhosas e ardentes que escorrem pelo meu rosto. Um trovão retumba em algum lugar distante. Ar quente, sem umidade. O calor diminuiu. O verão acabará logo. O tempo passa. A vida mudou, não importa o quanto eu deseje que volte ao que era.

Uma mão forte se fecha em torno do meu braço e quase solto um grito. Dois sentinelas estão ao meu lado, com seus olhos sombrios debaixo das máscaras. Ambos têm o dobro do meu tamanho. Insensíveis, tentam me arrastar de volta para aquela prisão.

— Senhora — rosna um deles, sem qualquer aparência de respeito.

— Me deixa — a ordem sai fraca, quase um suspiro. Começo a perder o fôlego como se estivesse me afogando. — Apenas mais uns minutos, por favor…

Só que não sou mestre deles. Não respondem a mim. Ninguém responde.

— Vocês ouviram minha noiva — diz outra voz. As palavras vêm firmes e duras, no tom da realeza. *Maven*. — Deixem-na ir.

Não posso deixar de sentir um alívio ao ver o príncipe pisar na sacada. Os sentinelas aprumam o corpo em sua presença e inclinam a cabeça em sua direção. Aquele que me segura fala:

— Devemos assegurar que Lady Titanos cumpra a programação. São ordens, senhor — explica ao mesmo tempo que relaxa um pouco a mão.

— Pois agora vocês têm novas ordens — replica Maven, a voz fria como gelo. — Eu acompanharei Mareena de volta à aula.

— Muito bem, senhor — dizem os sentinelas em uníssono, impossibilitados de desobedecer um príncipe.

Assim que batem em retirada com suas capas flamejantes pingando água da chuva, solto um suspiro alto. Só então percebo que minhas mãos tremem, de modo que preciso cerrar o punho para esconder a agitação. Mas Maven é educado acima de tudo

e finge não notar.
— Os chuveiros lá *dentro* funcionam bem, sabia?
Esfrego as mãos nos olhos, apesar de minhas lágrimas já terem se perdido na chuva faz tempo. Restaram apenas um vergonhoso nariz escorrendo e manchas pretas da maquiagem. Felizmente o pó prateado aguentou firme. O negócio é mais resistente à água do que eu.
— Primeira chuva da estação — me esforço para falar, tentando reproduzir uma voz normal. — Precisava ver pessoalmente.
— Certo — ele diz, chegando mais perto.
Viro o rosto para o outro lado na esperança de esconder as lágrimas mais um pouco.
— Entendo, sabe? — acrescenta Maven.
Entende mesmo, príncipe? Entende como é ser arrancada de tudo o que ama, forçada a ser outra pessoa? Mentir a cada minuto de cada dia pelo resto da vida? Saber que há algo errado com você?
Não tenho forças para aguentar seus sorrisos de complacência.
— Pode parar de fingir que sabe alguma coisa sobre os meus sentimentos.
Seu rosto se enche de amargura com o tom da minha voz, e seus lábios se contorcem.
— Acha que não sei quão difícil é estar aqui? Com essas *pessoas*?
A essas palavras, ele lança um olhar por sobre o ombro, preocupado que alguém possa ouvir. Mas ninguém ouve; apenas a chuva e os trovões estão presentes.
— Não posso dizer o que quero, fazer o que quero — Maven prossegue. — Com minha mãe por perto, mal posso *pensar* o que quero. E meu irmão…
— O que tem seu irmão?
As palavras entalam na garganta. Não quer pronunciá-las, mas as sente mesmo assim.
— Ele é forte, talentoso, poderoso… Sou sua sombra. A sombra da chama.
Aos poucos ele relaxa. Então me dou conta de que o ar ao nosso redor estava estranhamente quente.
— Desculpe — acrescenta, dando um passo para trás a fim de que o ar esfrie. Diante dos meus olhos, Maven dilui-se novamente na figura do príncipe prateado, mais afeito a banquetes e uniformes. — Eu não devia ter dito isso.
— Tudo bem — sussurro. — É bom saber que não sou só eu que me sinto deslocada.
— Isso é algo que você devia saber sobre nós, os prateados. Estamos sempre sozinhos. Aqui — ele aponta para a cabeça — e aqui — conclui, apontando para o coração. — Isso nos torna fortes.
Um relâmpago rasga os céus e ilumina seus olhos azuis, que parecem brilhar.
— Isso é burrice — digo a ele, que solta uma risada sombria.
— É melhor você esconder esse seu coração, Lady Titanos. Ele não vai levá-la a nenhum dos lugares a que deseja chegar.
As palavras me dão calafrios. Por fim, lembro-me da chuva e de como minha aparência deve estar lamentável.
— Preciso voltar à aula — balbucio.
A intenção era simplesmente abandoná-lo na sacada. Maven, porém, agarra meu braço.
— Acho que posso ajudar a resolver seu problema.
Ergo as sobrancelhas, desconfiada.
— Que problema?
— Você não parece do tipo que chora por qualquer besteira. Está com saudades de casa.
Antes de eu dizer qualquer palavra de protesto, ele levanta a mão e dispara:
— Posso dar um jeito nisso.

CATORZE

Os SEGURANÇAS PATRULHAM O CORREDOR que dá para o meu quarto em pares. Desta vez, porém, estou de braços dados com Maven, de modo que eles nem ousam me parar. Embora seja noite, bem depois do horário em que deveria estar na cama, ninguém diz nada. Não se bate de frente com um príncipe. Não sei para onde ele me leva, mas prometeu que eu chegaria lá: em *casa*.

Maven é tímido, mas determinado. Caminha lutando para conter um sorrisinho. Não consigo não estar radiante com ele. *Talvez Maven não seja tão ruim.* Mas nos detemos bem antes de nosso suposto destino. Na verdade, sequer saímos do andar dos aposentos.

— Aqui estamos — anuncia ele ao bater à porta.

Ela se abre quase que instantaneamente e revela Cal. A aparência dele me faz recuar um pouco: peito nu e restos da sua estranha armadura — placas de metal e lâminas costuradas sobre o tecido — ainda em seu corpo. Não deixo de notar o hematoma acima do coração ou a barba por fazer. Faz mais de uma semana que não o vejo. Obviamente cheguei num mau momento. Cal não me nota de cara. Para meu espanto, está mais concentrado em tirar o resto da armadura.

— O embarque já está certo, Mavey… — começa a dizer, mas interrompe a frase quando encara o irmão e me vê ao lado dele. — Mare, como posso… Hã… O que posso fazer por você? — ele gagueja, sem saber o que dizer. Pela primeira vez.

— Não sei direito — respondo.

Meus olhos vão de Cal para Maven. Meu noivo apenas sorri e levanta um pouco a sobrancelha.

— Por ser o bom filho, meu irmão vai cuidar de você — ele diz, num tom de voz surpreendentemente brincalhão. Até Cal dá um sorrisinho e faz uma careta. — Você queria ir para a casa, Mare, e descobri alguém que já esteve lá antes.

Depois de um segundo confusa, entendo o que Maven quer dizer e me sinto burra por não ter percebido antes. *Cal pode me tirar do palácio. Cal esteve na taverna… Conseguiu chegar até lá e pode fazer o mesmo por mim.*

— Maven — diz Cal através dos dentes cerrados, já sem o sorriso —, você sabe que ela não pode ir. Não é uma boa ideia…

É minha vez de falar para conseguir o que quero.

— Mentiroso.

Ele me encara com os olhos ardentes que parecem me atravessar. Espero que consiga ver minha determinação, meu desespero, minha *necessidade*.

— Tiramos tudo dela, meu irmão — murmura Maven, aproximando-se. — Será que não podemos dar ao menos isso?

E então Cal concorda devagar e relutante, e gesticula para que entre em seu quarto. Zonza de tanto entusiasmo, corro para dentro, quase aos pulos.

Vou para casa.

Maven passa uns instantes parado em frente à porta depois que saio do seu lado.

— Você não vem junto — diz o mais velho. Não se trata de uma pergunta.

O príncipe mais novo balança a cabeça desanimado.

— Vocês já têm coisas demais com que se preocupar sem a minha presença.

Não preciso ser uma gênia para reconhecer a verdade nas suas palavras. Mas não é porque ele não vai que vou me esquecer do que fez por mim. Sem pensar, lanço os braços em volta de Maven. Ele fica sem reação por um segundo, mas aos poucos deixa um braço cair sobre meus ombros. Quando me afasto, suas bochechas estão coradas de prata. Eu mesma sinto o sangue ferver nas veias e pulsar nas orelhas.

— Não demore muito — ele pede, dirigindo o olhar a Cal.

Ele dá um meio sorriso.

— Você fala como se eu não tivesse feito isso antes.

Os irmãos riem juntos, de um jeito que só fazem entre si; como vi mil vezes meus irmãos rirem. Quando a porta se fecha após a saída de Maven e fico a sós com Cal, reconheço que já não sinto tanta antipatia pelos príncipes.

O quarto dele é duas vezes maior que o meu, mas é tão bagunçado que parece menor. Armaduras e trajes de combate ocupam nichos nas paredes, dispostos no que suponho ser manequins do tamanho de Cal. Erguem-se ao meu redor como fantasmas sem rosto e me encaram com seus olhos invisíveis. A maioria das armaduras é leve, feita de chapas de aço e tecido grosso, mas algumas são mais robustas, feitas para batalhas, e não para treinamentos. Uma tem até um elmo de metal reluzente e um visor de vidro fumê. Uma insígnia brilha em uma manga, costurada no material cinza-escuro. Traz a imagem da coroa preta flamejante e de asas prateadas. O que significa, para que servem os uniformes, o que Cal *fez* com eles… Nem quero pensar no assunto.

Como Julian, o príncipe herdeiro possui pilhas de livros por toda parte; tantas que as obras caem umas sobre as outras como pequenas cachoeiras de papel e tinta. Só que os livros de Cal não são antigos como os de Julian; quase todos parecem recém-encadernados, impressos em páginas envernizadas para conservar as palavras. Enquanto o príncipe some para tirar o

resto da armadura, arrisco uma folheada em seus livros. São estranhos, cheios de mapas, diagramas e gráficos: guias para a terrível arte da guerra. Um é mais violento que o outro, com detalhes cada vez mais minuciosos sobre manobras militares dos últimos anos e também do passado distante. Grandes vitórias, derrotas sangrentas, armas e estratégias: é o bastante para dar um nó na minha cabeça. Pior ainda são as anotações de Cal guardadas entre as páginas: esboços das suas táticas favoritas, cálculos de ações que compensam a perda de vidas. Nas imagens, os soldados são representados por quadradinhos, mas vejo neles meus irmãos, Kilorn e todos que conheço na mesma situação.

Além dos livros, perto da janela há uma mesinha com duas cadeiras. Sobre ela, um tabuleiro com as peças já no devido lugar. Não consigo identificar o jogo, mas tenho certeza de que um dos assentos é de Maven. Os irmãos devem se encontrar de noite para jogar e rir, como fazem todos os irmãos.

— Nossa visita não pode durar muito.

O aviso de Cal me pega de surpresa, e chego até a pular de susto. Lanço um olhar para o closet a tempo de vê-lo descer a camisa pelas costas largas e musculosas. Também existem arranhões e cicatrizes ali, embora eu tenha certeza de que ele poderia ter acesso a um batalhão de curandeiros se quisesse. Por algum motivo, escolhe ficar com elas.

— Desde que consiga ver minha família — respondo ao mesmo tempo que me volto para o outro lado, desviando o olhar.

Cal reaparece, dessa vez totalmente vestido em roupas comuns. Levo um segundo para perceber que são as mesmas que trajava na noite em que nos conhecemos. Não acredito que não vi desde o começo o que ele realmente é: um lobo em pele de cordeiro. Agora sou um cordeiro em pele de lobo.

Saímos da parte residencial rápido, caminhando para o andar de baixo. De repente Cal entra num corredor que dá para um cômodo todo feito de concreto.

— É bem aqui.

O lugar parece um depósito, repleto de formas estranhas cobertas por lençóis. Algumas grandes, outras menores, mas todas ocultas.

— Não tem saída — protesto. De fato, não há outra porta além daquela pela qual entramos.

— Sim, Mare, trouxe você para um beco sem saída — ele bufa enquanto passa ao lado de uma das fileiras de coisas. Os lençóis levantam um pouco e consigo entrever o brilho do metal que escondem.

— Mais armaduras? — pergunto apontando para uma das formas. — Ia mesmo aconselhar você a arrumar mais algumas. Acho que as do seu quarto não bastam. E talvez seja melhor vestir uma delas agora. Meus irmãos são enormes e gostam de bater nos outros.

No entanto, a julgar pelos livros e músculos que Cal coleciona, acho que ele se garante. *Isso sem falar de todo o negócio de controlar o fogo*.

Ele apenas balança a cabeça e diz:

— Acho que estou bem assim. Além disso, vou parecer um agente de segurança com uma coisa dessas. Não queremos passar uma impressão errada para sua família, queremos?

— E que impressão queremos passar? Acho que não estamos propriamente autorizados a apresentar você pelo nome.

— Diga que trabalho com você, que temos passe livre esta noite. Simples — ele propõe, dando de ombros.

Essa gente mente com tanta facilidade.

— E por que vai me acompanhar? Qual é o ponto?

Cal dá um sorriso maroto e aponta para um lençol ao seu lado.

— Carona.

Ele puxa o lençol e revela um aparelho reluzente de metal e tinta preta. Dois pneus, aros cromados, faróis e um longo assento em couro: nunca vi um veículo parecido.

— É uma moto — explica Cal, passando a mão pelo guidão feito um pai orgulhoso. Conhece e ama cada centímetro da fera metálica. — Veloz, ágil e vai aonde os outros veículos não vão.

— Parece… parece um convite à morte — comento finalmente, incapaz de mascarar minha apreensão.

Às gargalhadas, ele tira um capacete da parte de trás do assento. Desejo muito que não esteja esperando que eu o use ou me arrisque a andar neste troço.

— Meu pai disse a mesma coisa. E a coronel Macanthos também. Não querem produzir em série para o Exército ainda, mas vou convencê-los. Não caí uma só vez desde que aperfeiçoei as rodas.

— Foi *você* que construiu? — pergunto incrédula.

Cal dá de ombros, como se não fosse nada.

— Uau — deixo escapar.

— Espere só até andar nela — ele diz me estendendo o capacete.

Essa parece ser a deixa para a parede tremer. Mecanismos de metal rangem em algum lugar, e os blocos começam a deslizar para o lado. A nova abertura revela a noite escura lá fora.

Rindo, me afasto da máquina mortífera.

— Isso não vai acontecer.

Cal, porém, apenas sorri, joga a perna por cima da moto e ajeita o corpo no assento. O motor ronca vivo sob ele, rosnando e rugindo de energia. Consigo sentir a bateria no interior da máquina, fornecendo energia. A moto implora para escapar, para devorar a estrada entre o palácio e minha casa. *Minha casa*.

— É perfeitamente seguro. Prometo — ele grita mais alto que o motor.

Os faróis acendem e iluminam a noite escura à frente. Os olhos dourados de Cal encontram os meus. O príncipe me estende a mão.

— Mare?

Apesar do frio terrível na barriga, enfio o capacete na cabeça.

Nunca viajei de avião, mas agora sinto vontade de voar. De ser livre. A moto de Cal avança pelo percurso familiar em curvas elegantes e bem desenhadas. Ele é um bom piloto, admito. A velha estrada é cheia de lombadas e buracos, mas Cal desvia de todos com facilidade, mesmo daqueles que fazem meu coração saltar até a garganta. Quando faltam uns oitocentos metros, Cal para a moto no acostamento. Só então percebo que estou tão agarrada às costas do príncipe que ele precisa fazer força para se soltar. Sinto um frio súbito sem seu calor, mas tento não pensar nisso.

— Divertido, não é? — ele diz ao desligar o motor.

Minhas pernas e costas já doem por causa do assento estranho e pequeno, mas Cal salta da moto feito uma criança animada.

Desço logo em seguida, não sem alguma dificuldade. As pernas tremem um pouco por conta dos batimentos cardíacos que ainda estão acelerados. De resto, acho que estou bem.

— Nunca vai ser minha primeira opção de transporte.

— Me lembre de levar você num passeio de jato. Acho que depois você só vai querer motos — ele responde enquanto empurra o veículo para fora da estrada e o esconde na floresta. Depois de cobrir com galhos, Cal dá um passo para trás e admira sua obra. Se eu não soubesse exatamente para onde olhar, jamais notaria a moto ali.

— Dá para ver que você faz isso com frequência.

Cal se volta para mim com uma mão no bolso.

— O palácio às vezes é… sufocante.

— E bares lotados, bares de vermelhos, não são? — pergunto para forçar o assunto.

Cal, porém, põe-se a caminho do vilarejo a passos rápidos, como se pudesse deixar a questão para trás.

— Não saio para beber, Mare.

— Então você só sai para pegar batedores de carteira e distribuir empregos ao léu.

O príncipe para e se vira com tudo. Sem querer, acabo dando com a cabeça contra seu peito. Por uns instantes sinto o peso daquele corpo. Só depois ouço as gargalhadas.

— Você acabou de dizer "ao léu"? — ele diz, rindo.

Sinto o rosto corar por baixo da maquiagem. Dou um leve empurrão em Cal, em reprovação. *Que inapropriado*.

— Apenas responda a pergunta.

Seu sorriso permanece, apesar das gargalhadas sumirem aos poucos.

— Não faço isso por mim — explica. — Você precisa entender, Mare. Não… Um dia serei rei. Não posso me dar ao luxo de ser egoísta.

— Para mim, o rei era a única pessoa a *ter* esse luxo.

Cal nega com a cabeça e me lança um olhar desamparado.

— Quem dera isso fosse verdade.

Cal abre e fecha as mãos algumas vezes. Quase consigo ver as chamas em sua pele aparecerem de raiva. Depois, passa. Restam apenas as cinzas do arrependimento em seus olhos. Quando retomamos a caminhada, seu passo é mais ameno.

— Um rei deve conhecer seu povo. É por isso que saio às escondidas — ele cochicha. — Faço o mesmo na capital e na frente de batalha. Gosto de saber como o reino está ao vivo, e não pelas palavras de diplomatas e conselheiros. É o que um bom rei faria.

Pelo seu modo de falar, até parece que ele tem vergonha de querer ser um bom líder. Talvez, aos olhos do pai e de todos aqueles idiotas, esse desejo seja mesmo vergonhoso. Força e poder: as duas palavras que ensinaram a Cal desde a infância. Nada de bondade. Nada de gentileza. Nada de empatia, coragem, igualdade ou qualquer outra coisa que um governante deveria almejar.

— E o que você vê, Cal? — pergunto apontando para o vilarejo que começa a surgir atrás das árvores. Meu coração está agitado com a proximidade.

— Vejo um mundo na corda bamba. Sem equilíbrio, ele cai.

As palavras saem entre suspiros. O príncipe sabe que essa não é a resposta que quero ouvir.

— Você não faz ideia de como tudo é precário — ele continua —, de quão próximo este mundo está de voltar às ruínas. Meu pai faz o possível para proteger a todos, e eu farei o mesmo.

— Meu mundo já está em ruínas — rebato, chutando a poeira da estrada.

Ao nosso redor, as árvores parecem se abrir para revelar o lamaçal que chamo de lar. Perto do Palacete, parece uma favela, um inferno. *Como ele não vê isto?*

— Seu pai protege *seu* povo, não o meu.

— Mudar o mundo tem seu preço, Mare — diz ele. — Muitos morreriam, vermelhos na maioria. E, no fim das contas, a vitória não chegaria, não para você. Não conhece a história toda.

— Então conte — desafio, odiando suas palavras. — Conte a história toda.

— Lakeland é como nós: monarquia, nobres, uma elite prateada governando o resto da população. E os príncipes de Piedmont, nossos aliados, jamais apoiariam uma nação em que todos fossem iguais. Com Prairie e Tiraxes é a mesma coisa. Ainda que Norta *mudasse*, o resto do continente não aceitaria. Seríamos invadidos, divididos, despedaçados. Mais guerra, mais morte.

Lembro-me do mapa de Julian, aquela vastidão do mundo além do nosso país. Tudo dominado pelos prateados. Não há lugar para onde correr.

— E se você estiver errado? E se Norta for o começo? A mudança que os outros precisam? Você não sabe aonde a liberdade nos levaria.

Cal não tem resposta para me dar, e ambos caímos num silêncio amargo.

— É aqui — sussurro ao parar sob a sombra familiar da minha casa.

Meus pés caminham silenciosos pela varanda, bem diferente dos passos pesados e estrondosos de Cal, que fazem as tábuas de madeira ranger. Ele nota meu desconforto e põe sua mão cálida no meu ombro, mas isso não me acalma.

— Posso esperar lá embaixo se você quiser — ele sussurra, para minha surpresa. — Não vamos correr o risco de me reconhecerem.

— Eles não vão. Apesar dos meus irmãos estarem servindo o Exército, provavelmente são incapazes de diferenciar você de um poste.

Shade conseguiria. Mas ele é esperto o bastante e manteria a boca fechada.

— Além disso, você disse que queria conhecer o mundo pelo qual não vale a pena lutar — acrescento.

Após essas palavras, abro a porta e adentro aquela casa que já não é minha. É como entrar num túnel do tempo.

A casa vibra ao som de um coro de roncos, composto não apenas por meu pai, mas pela figura volumosa na sala: Bree, caído por cima da poltrona mais fofa da casa, formando uma pilha de músculos e mantas finas. Seus cabelos outrora longos agora estão raspados em estilo militar. Tem cicatrizes no rosto e nos braços, provas do seu tempo na batalha. Deve ter perdido uma aposta para Tramy, que se revira na minha cama. Não vejo Shade em parte alguma, mas ele nunca foi muito de dormir. Deve estar por aí no vilarejo, atrás das ex-namoradas.

— Hora de acordar — brinco ao puxar devagar o cobertor de Bree.

Meu irmão vai com tudo para o chão, que provavelmente fica mais prejudicado que ele, e rola até meus pés. Por uma fração de segundo, parece que vai voltar a dormir.

Então ele me encara. Pisca os olhos embaçados e confusos. Como sempre.

— Mare?

— Cala a boca, Bree. Tem gente querendo dormir! — Tramy urra na escuridão.

— QUIETOS TODOS VOCÊS! — ruge meu pai do seu quarto, o que faz todos nós pularmos de susto.

Nunca me dei conta de como sentia falta disto. Bree esfrega os olhos com sono e me puxa para si com uma gargalhada profunda. Um *poft* ao nosso lado anuncia que Tramy pulou descalço do sótão para a sala.

— Mare! — berra, e em seguida me ergue do chão ao me abraçar. Ele ainda está mais magro que Bree, mas bem longe daquele palito de que me lembro. Posso sentir os nós dos seus músculos sob minhas mãos. Os últimos anos não devem ter sido fáceis para ele.

— Bom ver você, Tramy — balbucio sob seus braços, sentindo-me prestes a explodir.

A porta do quarto abre de supetão e minha mãe surge em sua camisola esfarrapada. Ela abre a boca para dar uma bronca nos meninos, mas suas palavras morrem ao me ver. Em vez de brigar, minha mãe abre um sorriso e junta as mãos.

— Ah, finalmente você veio nos visitar!

Meu pai vem logo em seguida, fungando e rolando sua cadeira de rodas até a sala. Gisa acorda por último, mas não desce. Sua cabeça desponta da beira do sótão e apenas observa lá de cima.

Tramy enfim me larga e me põe de volta no chão, perto de Cal. Aliás, o príncipe é ótimo em parecer constrangido e deslocado.

— Ouvi dizer que se rendeu e arrumou um bom emprego — provoca Tramy, cutucando minha barriga.

Bree acha graça e bagunça meus cabelos.

— O Exército não ia querer saber dela mesmo. Mare ia roubar até os olhos do pelotão.

Respondo com um sorriso.

— O Exército não quer nem vocês. Dispensados, né?

Meu pai responde pelos dois, aproximando sua cadeira:

— Uma loteria, dizia a carta. Os irmãos Barrow ganharam a dispensa honrosa. E também pensão completa.

Dá para notar que ele não crê em nenhuma palavra daquilo. Já minha mãe engole tudo sem hesitar.

— Ótimo, não é? Finalmente o governo fez algo pra gente — ela diz para em seguida beijar Bree na bochecha. — E agora você tem um emprego. — Minha mãe está radiante de orgulho como nunca vi: geralmente ela guarda tudo para Gisa. *Ela tem orgulho de uma mentira.* — Já era hora de esta família ter um pouco de sorte — conclui.

Lá do alto, Gisa desdenha. Não a culpo. Minha sorte quebrou sua mão e seu futuro.

— Sim, somos muito sortudos — bufa, finalmente descendo para se juntar a nós.

Com uma mão, ela vem devagar pela escada. Quando chega no chão, reparo na tala amarrada com um tecido colorido. Com uma pontada de dor, vejo que se trata de um bordado lindo que jamais terminará.

Chego perto para dar um abraço, mas ela recua. Seus olhos estão em Cal. Gisa parece ser a única que o nota.

— Quem é ele?

Corando, percebo que quase me esqueci completamente dele.

— Ah, é Cal. Um dos criados que trabalham comigo no Palacete.

— Oi — desembucha Cal, complementando a palavra com um aceno idiota.

Minha mãe ri como noiva em dia de casamento e retribui o aceno, com os olhos fixos nos braços musculosos do príncipe. Meu pai e meus irmãos, por outro lado, não ficam tão encantados.

— Você não é daqui — rosna meu pai, encarando Cal como se ele fosse algum tipo de inseto. — Dá para sentir no seu cheiro.

— É só o cheiro do Palacete, pai… — protesto, mas Cal me interrompe.

— Sou de Harbor Bay — ele diz, fazendo questão de pronunciar o *r* com o sotaque da região. — Comecei a carreira em Ocean Hill, na residência real de lá, e agora vou junto nas viagens.

Em seguida, me encara e conclui:

— Muitos criados fazem isso.

Minha mãe suspira consternada e me agarra pelo braço.

— Você também? Tem que viajar com essas *pessoas* quando elas forem embora?

Quero contar a eles que não fui eu quem decidiu isso, que não vou embora por vontade própria. Mas tenho que mentir pelo bem deles.

— Era a única vaga disponível. Além disso, o salário é bom.

— Acho que já sei o que está acontecendo — resmunga Bree, cara a cara com Cal, que se sai muito bem e não demonstra medo.

— Não está acontecendo nada — ele responde friamente, encarando Bree com a mesma tensão no olhar. — Mare escolheu trabalhar para o palácio. Assinou um contrato de um ano e é isso.

Bree solta um gemido e se afasta.

— Gostava mais daquele Warren — reclama.

— Pare de ser criança, Bree! — grito.

Minha mãe se encolhe com minha rispidez, como se tivesse esquecido o som da minha voz em apenas duas semanas. É estranho, mas seus olhos estão marejados. *Ela está esquecendo você. É por isso que quer que fique. Para não te esquecer.*

— Não chore, mãe — peço.

Chego mais perto e a abraço. Sinto seu corpo tão magro, mais magro do que lembrava. Ou talvez nunca tenha notado quão frágil ficou.

— Não é só você, querida, é…

Ela desvia o olhar para meu pai. Seus olhos estão cheios de dor, uma dor que não compreendo. Os outros não suportam olhar para ela. Até meu pai fixa os olhos nos seus pés inúteis. Um peso sombrio paira na casa.

Então percebo o que está acontecendo, do que querem me proteger.

Com a voz trêmula, faço uma pergunta cuja resposta não quero ouvir:

— Onde está Shade?

Minha mãe se dobra sobre si mesma e quase não chega na cadeira da cozinha antes de desabar em soluços. Bree e Tramy não suportam assistir à cena e viram o rosto. Gisa não se mexe; apenas encara fixamente o chão como se quisesse mergulhar nele. Ninguém fala. Apenas o ruído das lágrimas da minha mãe e a respiração difícil do meu pai preenchem o vazio antes ocupado por meu irmão. *Meu irmão, meu irmão mais próximo.*

Perco o equilíbrio, quase caio para trás, mas Cal me segura. Gostaria que não o tivesse feito. Quero desmoronar, quero uma sensação dura e real para que a dor na minha cabeça não me faça sofrer tanto. Minha mão procura o ouvido e afaga as três joias que guardo com tanto carinho. Minha pele esfria ao toque da terceira, a joia de Shade.

— Não queríamos contar por carta — Gisa balbucia, cutucando sua tala. — Ele morreu antes da dispensa chegar.

O impulso de eletrizar, de despejar toda a minha raiva e tristeza num único raio poderoso e cortante nunca foi tão grande.

Controle-se. Não acredito que me preocupei com a possibilidade de Cal incendiar a casa. *Um raio destrói tanto quanto fogo.*

Gisa luta contra as lágrimas e se esforça para pronunciar as palavras:

— Ele tentou fugir e o executaram. Foi decapitado.

Desta vez minhas pernas vacilam tão rápido que nem Cal consegue me segurar. Não ouço, não vejo, apenas *sinto*. Tristeza, choque, dor, o mundo inteiro girando ao meu redor. As lâmpadas vibram de eletricidade, gritam tão alto que acho que vão partir minha cabeça ao meio. A geladeira estala no canto; sua bateria velha e cansada pulsa como um coração moribundo. Elas me provocam, me insultam, querem que eu ceda. Mas não cederei. *Não.*

— Mare — sussurra Cal em meu ouvido. Seus braços estão ao meu redor, mas é como se sua voz viesse do outro lado do mundo. — Mare!

Solto um gemido doloroso na tentativa de retomar o fôlego. Sinto as bochechas molhadas, mas não lembro de ter chorado. *Executado.* O sangue ferve em minhas veias. É mentira. *Ele não fugiu. Ele era da Guarda. Descobriram e o mataram por isso. Assassinaram meu irmão.*

Nunca experimentei tanto ódio. Nem quando os meninos foram para a guerra, nem quando Kilorn veio me procurar. Nem sequer quando quebraram a mão de Gisa.

Um chiado ensurdecedor ecoa pela casa. A intensidade da geladeira, das lâmpadas e da fiação aumenta. A eletricidade vibra, faz com que me sinta viva, brava e perigosa. Estou gerando energia, projetando minha própria força na casa, como Julian ensinou.

Cal grita, me sacode, tenta me trazer de volta. Mas não consegue. O poder está em mim e não quero parar. A sensação é melhor que a dor.

Uma chuva de vidro cai sobre nós quando as lâmpadas explodem como milho ao fogo: *ploc, ploc, ploc*. Os estouros quase abafam os gritos de minha mãe.

Alguém me põe de pé usando força bruta. Suas mãos seguram meu rosto enquanto fala. Não para me confortar nem consolar, mas para me tirar do transe. *Conheço essa voz de algum lugar.*

— Mare, vamos! Acorda!

Abro os olhos e dou de cara com dois olhos verde-claros e um rosto cheio de preocupação.

— Kilorn.

Suas mãos ásperas arranham minha pele, mas me acalmam. Ele me traz de volta à realidade, ao mundo onde meu irmão está morto. A última lâmpada sobrevivente pende sobre nós, sua luz fraca mal ilumina o ambiente e minha família assustada.

Mas essa não é a única coisa a iluminar a escuridão.

Arcos lilás dançam em minhas mãos, cada vez mais fracos, mas ainda visíveis como a luz do dia. Meus raios. *Não vai dar pra mentir agora.*

Kilorn me senta numa cadeira com uma expressão nublada de confusão. Os outros apenas observam. Dói perceber que estão com medo. Mas não Kilorn; está apenas com raiva.

— O que fizeram com você? — explode, a centímetros de mim.

A eletricidade desaparece completamente. Restam apenas pele e dedos trêmulos.

— Nada.

Como desejo que fosse culpa deles. Como desejo poder culpar alguém.

Lanço um olhar para além de Kilorn, e meus olhos encontram os de Cal. Algo no príncipe se desfaz, e ele dá o menor dos acenos para se comunicar sem abrir a boca. *Não preciso mentir.*

— Eu sou assim.

Kilorn franze ainda mais a testa.

— Você é um deles?

Nunca ouvi tanta raiva, tanto *nojo*, condensados numa frase só. Tenho vontade de morrer.

— É? — ele pressiona.

Minha mãe é a primeira a recobrar os sentidos e, sem um pingo de medo, me toma pela mão.

— Mare é minha filha, Kilorn — ela diz, cravando os olhos sobre ele de um modo assustador que jamais imaginei poder vir dela. — Todo mundo sabe.

Minha família concorda e fica ao meu lado, mas Kilorn permanece descrente. Ele me olha como se eu fosse uma estranha, como se não nos conhecêssemos desde a infância.

— Me dê uma faca e encerro a discussão agora — digo, com um olhar fervente. — Vou mostrar a cor do meu sangue.

As palavras o acalmam um pouco e ele recua.

— É que… Não entendo.

Somos dois.

— Acho que estou como Kilorn neste aspecto. Sabemos quem você é, Mare, mas… — Bree gagueja à procura das palavras certas a dizer. Ele nunca foi bom com elas. — *Como?*

Mal sei o que dizer, mas explico o melhor que posso. Mais uma vez, a consciência dolorosa de que Cal está atrás de mim,

escutando tudo, me censura, de modo que deixo de lado a Guarda Escarlate e as descobertas de Julian. Ainda assim, tento explicar as duas últimas semanas da maneira mais simples possível.

— Não sabemos como ou por quê, só sabemos que sou *assim* — finalizo e dou de ombros, gesto suficiente para fazer Tramy recuar um pouco. — Talvez a gente nunca saiba o que isso significa.

Minha mãe aperta minha mão em sinal de apoio. Esse pequeno conforto faz maravilhas por mim. Ainda tenho raiva, ainda sinto uma tristeza avassaladora, mas a necessidade de destruir desaparece. Recupero um resto de controle, suficiente para me manter na linha.

— Acho que é um milagre — ela balbucia com um sorriso forçado para mim. — Sempre quisemos o melhor para você e agora conseguimos. Bree e Tramy estão a salvo, Gisa não precisa se preocupar, podemos viver *felizes*, e você — seus olhos marejados encontram os meus —, você, minha querida, será alguém especial. O que mais pode pedir uma mãe?

Como desejo que suas palavras fossem verdade. Ainda assim, aceno com a cabeça e sorrio para minha mãe e minha família. Estou mentindo melhor e todos parecem acreditar em mim. Só Kilorn não. Ainda fervilha, ainda tenta conter mais uma explosão.

— Como é o príncipe? — cutuca minha mãe. — Maven?

Terreno perigoso. Posso ver Cal ouvindo, à espera do que tenho a dizer do seu irmão caçula.

O que posso dizer? Gentil? Que estou começando a gostar dele? Que ainda não sei se posso confiar nele? Pior: que jamais poderei confiar em alguém novamente?

— Diferente do que eu esperava — respondo por fim.

Gisa percebe meu desconforto e se volta para Cal.

— Então quem é esse? Seu guarda-costas? — pergunta, mudando de assunto num piscar de olhos.

— Sou — Cal responde por mim. Ele sabe que não quero mentir para minha família, não mais que o necessário. — E sinto muito, mas precisamos ir embora logo.

Suas palavras me ferem como uma lâmina, mas tenho que obedecer.

— Sim.

Minha mãe levanta comigo. Aperta tanto minha mão que fico com medo de que quebre.

— Não contaremos nada, claro — promete.

— Nem uma palavra — meu pai concorda.

Meus irmãos confirmam com a cabeça o juramento de silêncio.

Mas o rosto de Kilorn ainda se contorce numa careta de ódio. Por algum motivo sente raiva, e eu sou totalmente incapaz de dizer qual é. *Além disso, também estou com raiva.* A morte de Shade pesa sobre mim feito uma rocha.

— Kilorn?

— É, não vou contar — dispara.

Antes que o possa deter, ele levanta da cadeira e sai rápido como um furacão a girar pelos ares. Bate a porta com tanta força que as paredes tremem. Já conheço suas emoções, seus raros momentos de desespero… Mas a ira é nova para mim. Não sei como lidar com ela.

O toque da minha irmã me traz de volta à realidade e me recorda de que o momento é de despedida.

— Você tem um dom — ela cochicha no meu ouvido. — Não desperdice.

— Você volta, não volta? — Bree pergunta depois que Gisa se afasta. É a primeira vez que vejo medo em seus olhos desde que ele partiu para a guerra. — Você vai ser princesa. Pode fazer as regras.

Antes fosse.

Cal e eu trocamos olhares. Seus lábios apertados e seu olhar sombrio me fazem perceber qual resposta devo dar.

— Vou tentar — balbucio, com a voz a ponto de falhar.

Uma mentira a mais não dói.

Quando chegamos aos limites de Palafitas, as palavras de despedida de Gisa ainda me assombram. Não havia qualquer vestígio de acusação em seus olhos, apesar de eu ter tirado tudo dela. Sua despedida ecoava no vento, maior que todo o resto. *Não desperdice.*

— Sinto muito pelo seu irmão — Cal fala do nada. — Não sabia que…

— Ele já estava morto?

Executado por deserção. Outra mentira. O ódio cresce novamente, e sequer *quero* controlá-lo. Mas o que posso fazer? O que posso fazer para vingar meu irmão, ou ao menos tentar salvar os outros?

Não desperdice.

— Preciso fazer mais uma parada.

Antes que Cal reclame, abro meu melhor sorriso e emendo:

— Prometo que não vai demorar.

Para minha surpresa, ele inclina a cabeça lentamente na escuridão.

— Um emprego no Palacete. Que prestígio — Will caçoa quando sento em seu trailer.
A mesma vela azul ainda arde, projetando sua luz bruxuleante ao redor. Como suspeitava, Farley partiu há muito.
Quando tenho certeza de que as portas e as janelas estão fechadas, baixo o tom de voz:
— Não trabalho lá, Will. Eles…
Para minha surpresa ele faz um gesto e me interrompe.
— Ah, já sei de tudo. Chá?
— Hã? Não… — minhas palavras vacilam com o choque. — Como você…?
— Os macacos reais escolheram a rainha na semana passada. E, claro, tinham que transmitir o evento nas cidades dos prateados — diz uma voz por trás da cortina.
A figura se revela. Não é Farley. Parece mais um varapau humano. Sua cabeça quase bate no teto, o que o faz andar encurvado de um jeito estranho. Seus cabelos rubros e longos combinam com o manto vermelho que cobre seu corpo dos ombros até a cintura, preso com a mesma insígnia de sol que Farley usou em sua transmissão. Não deixo de reparar em seu cinturão de armas, com pistolas e balas brilhantes. Ele também é da Guarda Escarlate.
— Você passou em todas as telas prateadas, *Lady Titanos*. — Ele pronuncia meu título como se fosse uma maldição. — Você e aquela Samos — continua. — Conte-me: ela é tão chata quanto parece?
— Este é Tristan, um dos tenentes de Farley — intervém Will.
Depois, com um olhar de reprovação ao companheiro, completa:
— Tristan, tenha modos.
— Por quê? — desdenho. — Evangeline Samos é uma babaca sanguinária.
Sorrindo, Tristan lança um olhar presunçoso a Will.
— Mas nem todos são macacos — acrescento discretamente ao lembrar as palavras gentis de Maven mais cedo.
— Você fala do seu noivo ou do príncipe que está à sua espera na floresta? — Will pergunta calmamente, como se falasse do clima ou do preço da farinha.
Já Tristan, num contraste gigante, entra em erupção. Chego mais rápido que ele à porta e abro os braços. Ainda bem que consigo me controlar. A última coisa de que preciso é eletrocutar um membro da Guarda Escarlate.
— Você trouxe um prateado até aqui? — ele silva para mim. — O *príncipe*? Sabe o que poderíamos fazer se o pegássemos? O que poderíamos barganhar?
Embora ele se erga como uma árvore sobre mim, não recuo.
— Não mexa com ele.
— Uma semana de luxo e seu sangue já é tão prateado quanto o deles — rebate, aparentemente querendo me matar. — Vai me eletrocutar também?
Tenho vontade, e ele sabe. Baixo as mãos com medo de que me traiam.
— Não estou protegendo ele. Estou protegendo *vocês*, seu burro ignorante. Cal é um soldado. Pode queimar o vilarejo inteiro se quiser.
Não que ele fosse fazer isso. *Acho.*
Tristan baixa a mão até a arma.
— Quero vê-lo tentar.
Mas Will leva a mão enrugada até o braço dele. O simples toque basta para que o rebelde desfaça a pose.
— Chega — Will sussurra. — Para que veio aqui, Mare? Kilorn está a salvo, e sua família também.
Respiro fundo e mantenho os olhos em Tristan. Ele acabou de ameaçar sequestrar Cal e pedir resgate. E, não sei por quê, isso me abala.
— Meu… — mal pronuncio uma palavra e já sinto dificuldade. — Shade era membro da Guarda.
Não pergunto, afirmo. Will encara o chão, como se pedisse desculpas, e até Tristan baixa a cabeça.
— Foi morto por isso — continuo. — Os prateados mataram meu irmão e tenho que agir como se isso não me incomodasse.
— Você morre se não colaborar — Will responde, falando sobre o que já estou ciente.
— Eu sei disso. Falarei o que eles quiserem quando o momento chegar. Mas… — minha voz vacila antes de eu cruzar essa fronteira. — Estou no palácio, no centro do mundo deles. Sou rápida, discreta e posso ajudar a causa.
Tristan toma um fôlego longo e se apruma. Apesar da raiva de antes, um quê de orgulho agora brilha em seus olhos.
— Quer se juntar a nós?
— Quero.
Will aperta o queixo e lança um olhar penetrante.
— Espero que saiba com o que está se comprometendo. Esta guerra não é só minha ou de Farley. É sua. Até o fim. E não é para vingar seu irmão, mas todos nós. Lutar pelos que vieram antes para salvar os que ainda virão.
Sua mão calosa me toca pela primeira vez, e noto uma tatuagem em volta do seu punho: uma fita vermelha. Como aquelas que nos fazem usar. A diferença é que agora ele a usa para sempre. É parte dele, como o sangue em nossas veias.
— Você está conosco, Mare Barrow? — ele pergunta, fechando sua mão sobre a minha.

Mais guerra, mais mortes, disse Cal. *Mas há uma chance de ele estar errado. Há uma chance de mudarmos.*

Aperto a mão de Will. Consigo sentir o peso da minha ação, a importância por trás dela.

— Estou com vocês.

— E vamos nos levantar — ele começa, fazendo uma só voz com Tristan.

Lembro das outras palavras e os acompanho.

— Vermelhos como a aurora.

À luz bruxuleante da vela, nossas sombras se assemelham a monstros nas paredes.

Quando reencontro Cal na fronteira do vilarejo, estou um pouco mais leve, motivada pela minha decisão e pelo panorama do que virá. Ele caminha ao meu lado. Me encara de vez em quando, mas não diz nada. Em seu lugar, eu cutucaria e provocaria a pessoa até arrancar uma resposta na marra. Cal é o completo oposto. Talvez seja uma tática militar tirada de algum dos seus livros: *espere o inimigo vir até você.*

Porque é isso que eu sou agora: sua inimiga.

Ele me confunde, como seu irmão. Ambos são gentis, embora saibam que sou vermelha e não devessem sequer me ver. Mas Cal me trouxe até minha casa e Maven foi bom comigo, quis ajudar. *Que garotos estranhos.*

Quando adentramos a floresta, Cal muda de atitude e fica mais sério.

— Terei que falar com a rainha para mudar sua agenda.

— Por quê?

— Você quase explodiu o lugar! — ele diz, simpático. — Precisa participar do nosso treinamento para garantir que algo assim não aconteça mais.

Julian está me treinando, diz uma vozinha na minha cabeça. Mas até ele entende que seu treino não está no nível de Cal, Maven e Evangeline. Se aprendesse ao menos *metade* do que eles aprenderam, quem sabe o tipo de ajuda que poderia oferecer à Guarda? À memória de Shade?

— Bom, se isso me tirar das aulas de protocolo, não vou recusar.

De repente, Cal se afasta da moto com um salto. As mãos flamejam com o mesmo fogo que arde em seus olhos.

— Alguém está nos observando.

Nem me incomodo em questionar. Cal tem um apurado faro de soldado. E, além disso, quem poderia representar uma ameaça séria a ele neste lugar? O que temeria no bosque de um vilarejo pobre e sonolento?

Um vilarejo repleto de rebeldes, minha mente lembra.

Mas em vez de Farley ou revolucionários armados, é Kilorn quem sai de trás das folhas. Esqueci como é sorrateiro, como se move com facilidade no escuro.

As mãos de Cal se apagam numa nuvenzinha de fumaça.

— Ah, é você.

Kilorn desvia os olhos dos meus para cravá-los em Cal. Então, inclina a cabeça numa reverência condescendente.

— Com licença, alteza real.

Em vez de tentar negar, Cal endireita o corpo como o rei que nasceu para ser. Não responde e volta a tirar as folhas de cima da moto. Mas sinto que observa cada segundo do que se passa entre Kilorn e mim.

— Você vai mesmo fazer isso? — Kilorn diz parecendo um animal ferido. — Vai mesmo partir? Ser um deles?

As palavras doem mais que um tapa. *Não tenho escolha*, é o que quero responder.

— Você viu o que aconteceu lá. Viu do que sou capaz. Eles podem me *ajudar*. — Até eu me surpreendo com a facilidade com que a mentira sai. Um dia talvez consiga mentir para mim mesma, me enganar com a ideia de que sou feliz. — Estou onde devo estar.

Ele balança a cabeça e me pega pelo braço, como se pudesse me puxar de volta a um passado em que nossas preocupações eram mais simples.

— Seu lugar é aqui.

— Mare — chama Cal. Ele espera pacientemente no assento da moto, mas sua voz é firme, um alerta.

— Preciso ir.

Tento me soltar de Kilorn, deixá-lo para trás, mas ele não deixa. Sempre foi mais forte que eu. E por mais que eu queira continuar presa a ele, não posso.

— Mare, por favor…

Uma onda de calor pulsa entre nós, como um intenso raio de sol.

— Solte-a — troveja Cal, já de pé ao meu lado.

O calor emana dele, quase capaz de fazer o ar vibrar. Noto que o esforço que faz para manter a calma vai se dissipando, ameaçando se desfazer de vez.

Kilorn o encara, desafiador, louco para entrar numa briga. Mas é como eu: somos ladrões, somos *ratos*. Sabemos quando lutar e quando correr. A contragosto, ele recua, deslizando os dedos pelo meu braço. Talvez seja a última vez em que nos

veremos.

O ar esfria, mas Cal não recua. Sou noiva do seu irmão; ele tem obrigação de me proteger.

— Você também pediu por mim, para me liberarem do recrutamento — Kilorn diz com suavidade. Enfim compreendeu o preço que paguei. — Tem o péssimo hábito de tentar me salvar.

Mal tenho condições de confirmar com a cabeça e logo ponho o capacete para esconder as lágrimas que se acumulam nos olhos. Numa espécie de transe, sigo Cal até a moto e sento na garupa.

Kilorn se afasta. A ignição até o assusta um pouco. Ele então abre um sorriso malicioso, e seu rosto se contorce naquela expressão que costumava me dar vontade de socar sua cara.

— Direi a Farley que você mandou um "oi".

A moto ronca como um animal selvagem e me arranca de Kilorn, de Palafitas e da minha antiga vida. O medo percorre meu corpo como um veneno até me fazer temer dos pés à cabeça. Mas não por mim. Não mais. Temo por Kilorn, pela idiotice que está prestes a fazer.

Ele vai encontrar Farley. *E se juntar a ela*.

QUINZE

NA MANHÃ SEGUINTE, abro os olhos e vejo a silhueta de alguém bem na cabeceira da cama.

Acabou. Saí, quebrei as regras e agora vou morrer.

Mas não sem lutar.

Antes de a figura ter qualquer chance, voo para fora da cama, pronta para me defender. Meus músculos enrijecem e aquela vibração agradável revive dentro de mim. Mas, em vez de um assassino, o que vejo é um uniforme vermelho. E reconheço a mulher que o veste.

Walsh parece a mesma de antes, embora eu certamente não pareça. Ela está ao lado de um carrinho de metal repleto de chás, pães e qualquer outra coisa que eu poderia querer no café da manhã. Uma criada sempre zelosa, mantém a boca fechada, mas seus olhos parecem gritar. Ela observa minha mão, as famigeradas centelhas que se formam entre meus dedos. Chacoalho a mão e esfrego os tendões até fazê-las desaparecer.

— Sinto muito — exclamo, afastando-me. Ainda assim, ela não fala. — Walsh…

A criada, porém, continua ocupada com a comida, até que, para minha grande surpresa, seus lábios se movem sem produzir som, formando cinco palavras que começo a decorar como uma oração, ou maldição: *Vermelhos como a aurora*.

Antes que eu possa reagir, antes que possa assimilar o choque, Walsh enfia uma xícara de chá na minha mão.

— Espere…

Tento segurá-la, mas ela desvia e se inclina numa reverência:

— Lady — despede-se secamente para terminar a conversa.

Deixo que vá. Assisto à sua saída até não sobrar nenhum vestígio seu além do eco das palavras não pronunciadas.

Walsh também é da Guarda.

A xícara de chá está fria. Estranhamente fria.

Quando olho, descubro que não contém chá, mas água. E, no fundo da xícara, um pedaço de papel sangra tinta. A tinta se solta num pequeno redemoinho conforme leio. A água a leva, apaga qualquer traço até sobrar apenas um líquido acinzentado e um papelzinho em branco. Não existem provas do meu primeiro ato de rebelião.

É fácil memorizar a mensagem. Tem apenas uma palavra.

Meia-noite.

Saber que tenho um elo aqui tão perto com o grupo deveria ser um alívio, mas, por algum motivo, sinto calafrios. *Talvez as câmeras não sejam as únicas a me vigiar no Palacete.*

Esse não é o único bilhete à minha espera. Meu novo horário repousa sobre o criado-mudo, escrito na caligrafia irritantemente perfeita da rainha.

Seu horário mudou.
6h30 — Café da manhã
7h — Treinamento
10h — Protocolo
11h30 — Almoço
13h — Protocolo
14h — Aulas
18h — Jantar
Lucas a conduzirá para todos os compromissos. O horário não é negociável.
S. M. R., *Rainha Elara*

— Então finalmente botaram você no treinamento? — Lucas provoca, deixando à mostra um raro orgulho enquanto me acompanha para a primeira sessão. — Ou você se saiu muito bem ou muito mal.

— Um pouco dos dois.

Mais pra mal, penso ao lembrar do episódio de ontem. Sei que o novo horário é obra de Cal, mas não esperava que ele agisse tão rápido. Para ser sincera, estou empolgada com o treinamento. Se for um pouco parecido com o que vi Cal e Maven fazerem — especialmente a parte dos poderes —, não tem como eu não ficar pra trás. Mas ao menos vou ter com quem conversar. E, se tiver muita sorte, Evangeline ficará de cama com uma doença grave pelo resto de sua vida miserável.

Lucas balança a cabeça e começa a rir.

— Esteja pronta. Os instrutores são famosos por conseguir dobrar até os soldados mais fortes. Não vão aceitar bem sua insolência.

— E não vou aceitar bem ser dobrada — rebato. — Como foi seu treinamento?

— Bem, fui direto para o Exército aos nove anos, então minha experiência foi diferente — ele responde. Seus olhos

escurecem com a lembrança.

— Aos nove anos?

A ideia me parece impossível. Com poderes ou não, isso não pode ser verdade.

Mas Lucas dá de ombros como se não fosse nada.

— A frente de batalha é o melhor lugar para treinar. Até os príncipes receberam treinamento no front.

— Mas você está aqui agora — digo, com os olhos fixos no uniforme de Lucas, no preto e prata dos agentes de segurança. — Não é mais soldado.

Pela primeira vez, o sorriso seco dele desaparece completamente.

— Você acaba sentindo o peso — ele reconhece, mais para si que para mim. — Os homens não foram feitos para ficar muito tempo na guerra.

— E os vermelhos? — pergunto sem pensar.

Bree, Tramy, Shade, meu pai, o pai de Kilorn. E milhares de outros. Um milhão de outros.

— Eles suportam a guerra melhor que os prateados? — pressiono.

Chegamos no corredor que dá para a sala de treinamento. Lucas finalmente responde, com desconforto perceptível:

— É assim que o mundo funciona. Os vermelhos servem, os vermelhos trabalham, os vermelhos combatem. É nisso que são bons. *Nasceram* para isso.

Tenho que morder a língua para conter um grito.

— Nem todo mundo é especial — ele conclui.

A raiva ferve em mim, mas não digo uma palavra contra Lucas. Perder a calma, mesmo com ele, não vai provocar sorrisos.

— Posso ir sozinha daqui — digo secamente.

Ele nota que estou incomodada e fecha um pouco a cara. Quando volta a falar, sua voz sai baixa e rápida, como se não quisesse ser ouvido.

— Não posso me dar ao luxo de questionar — ele sussurra. Seus olhos pretos, cheios de significado, penetram nos meus. — Nem você.

Sinto o coração apertado, aterrorizado por essas palavras e seu significado oculto. *Lucas sabe que minha história é bem maior do que lhe contaram.*

— Lucas…

— Não cabe a mim fazer perguntas.

Ele franze a testa com a intenção de me fazer compreender, de me deixar mais tranquila.

— Lady Titanos — diz, fazendo o título soar mais firme que nunca, como se agora ele também fosse meu escudo, e não apenas a arma da rainha.

Lucas não fará perguntas. Apesar dos olhos pretos, do sangue prata e do sobrenome Samos, não vai puxar a cortina capaz de acabar com a minha existência.

— Atenha-se ao horário. — Ele se afasta mais formal que nunca. Com a cabeça, sinaliza para a porta onde um criado vermelho espera. — Volto ao fim do treinamento.

— Obrigada, Lucas — é só o que consigo dizer. Ele me deu muito mais do que imagina.

O criado me entrega um traje justo com listras roxas e prata. Ele indica uma saleta onde rapidamente troco minha roupa habitual pelo macacão. Me lembra as roupas velhas que eu usava em Palafitas, já gastas pelo tempo e pelo uso, mas suficientemente justas para não me deixar lenta.

Quando entro no salão de treinamento, tenho de cara a sensação dolorosa de estar sob o olhar de todos. Isso para não falar das dúzias de câmeras. O chão é macio, como um elástico, e amortece cada passo meu. Uma claraboia imensa se abre sobre nós para revelar o céu azul de verão, cheio de nuvens tentadoras. Escadas espiraladas ligam os diversos ambientes fechados, cada um a uma altura diferente e com equipamentos diferentes. Há muitas janelas. Sei que uma delas dá para a sala de aula de Lady Blonos. Não faço ideia de onde dão as outras ou de quem nos observa por trás delas.

Eu deveria estar tensa por adentrar um salão cheio de guerreiros adolescentes, todos mais treinados que eu. Em vez disso, penso no insuportável picolé de ossos e metais conhecido como Evangeline Samos. Sua boca abre para destilar seu veneno antes de eu conseguir chegar no meio do salão.

— Já completou as aulas de protocolo? Finalmente dominou a arte de sentar de pernas cruzadas? — ela zomba ao descer da máquina de levantamento de peso.

Seu cabelo prateado está preso numa trança complicada. Tenho vontade de cortá-la fora, mas as lâminas de metal mortalmente afiado em sua cintura me detêm. Como eu, como todos, ela veste um macacão decorado com as cores da sua Casa. O preto e o prata lhe dão um ar fatal.

Sonya e Elane vão para o lado dela, as duas com o mesmo sorriso malicioso. Agora, em vez de me intimidar, parecem dedicadas a bajular a futura rainha.

Faço um esforço para ignorar as três e, quando dou por mim, já estou à procura de Maven. Ele está sentado no canto, isolado dos outros. *Pelo menos podemos ficar sozinhos juntos.* Sussurros me seguem, mais de uma dúzia de adolescentes

nobres observam meus passos em direção ao príncipe. Alguns me saúdam com a cabeça na tentativa de parecer educados, mas a maioria parece desconfiada. As garotas estão ainda mais tensas; afinal, realmente tirei um dos príncipes delas.

— Demorou, hein? — brinca Maven quando me sento ao seu lado. Não está enturmado com o grupo, e parece querer continuar assim. — Se não conhecesse você, diria que está tentando ficar longe de nós.

— Só de uma pessoa em particular — respondo, lançando um olhar a Evangeline.

Ela está perto da parede onde ficam os alvos, rodeada de gente. Lá, exibe-se para os aduladores com um desempenho impressionante. Suas facas cantam pelo ar e se cravam bem no meio dos alvos.

Pensativo, Maven me encara enquanto a observo.

— Quando voltarmos à capital, você não a verá muito — cochicha. — Ela e Cal vão fazer uma turnê pelo país para cumprir seus deveres. E nós teremos os nossos.

A perspectiva de ficar bem distante de Evangeline me empolga, mas também me lembra de que o relógio corre contra mim. Logo serei forçada a deixar para trás o Palacete, o vale perto do rio e minha família.

— Você sabe quando vocês… — começo a dizer e em seguida me corrijo. — Quer dizer, quando nós vamos voltar para a capital?

— Após o Baile de Despedida. Já falaram sobre isso para você?

— Sim, sua mãe comentou… E Lady Blonos está tentando me ensinar a dançar — falo baixinho, envergonhada. De fato, ela tentou me ensinar uns passos ontem, mas acabei caindo sozinha. — Entenda bem: *tentando*.

— Não se preocupe. Estaremos livres da pior parte.

A ideia de dançar me causa pânico, mas engulo o medo.

— Com quem fica a pior parte?

— Cal — diz Maven sem hesitar. — Meu irmão mais velho vai ter que beijar um monte de anéis e dançar com um monte de meninas chatas. Lembro do ano passado.

Ele faz uma pausa para rir das recordações. Então retoma.

— Sonya Iral passou a noite inteira atrás dele para interromper as danças e arrastá-lo para um programa mais *divertido*. Precisei intervir e suportar duas músicas com ela para dar um descanso a Cal.

A ideia dos irmãos unidos contra uma legião de garotas desesperadas me faz rir. Imagino o que já tiveram de fazer para safar o outro. Conforme meu sorriso aumenta, o de Maven diminui.

— Pelo menos dessa vez ele levará Samos a tiracolo. As outras não ousarão incomodá-los.

Faço uma careta ao lembrar suas unhas afiadas apertando meu braço.

— Pobre Cal.

— E como foi a visita ontem? — pergunta Maven sobre o passeio até minha antiga casa.

Então Cal não contou nada. Mas respondo do único jeito que consigo descrever os acontecimentos:

— Difícil.

Agora minha família sabe o que sou, e Kilorn se jogou na cova dos leões. E, claro, Shade morreu.

— Um dos meus irmãos foi executado um pouco antes da dispensa — completo.

Ele senta um pouco mais perto. Imagino que vá ficar um pouco constrangido, afinal, a culpa é do seu povo. Mas não. Em vez disso, põe sua mão sobre a minha.

— Meus sentimentos, Mare. Ele com certeza não mereceu.

— Não mesmo — a voz sai fraca. Recordo o verdadeiro motivo da morte do meu irmão. Estou no mesmo caminho.

Maven me encara fixamente, como se tentasse ler o segredo em meu rosto. Pela primeira vez, fico feliz por ter aulas com Blonos. Do contrário, pensaria que Maven era capaz de ler mentes como a mãe. Mas não. Ele é só um ardente. Poucos prateados herdam o poder da mãe, e ninguém jamais teve mais que um poder. Assim, meu segredo, minha nova aliança com a Guarda Escarlate, é só meu.

Aceito a mão que ele estende para me ajudar a levantar. Ao nosso redor, os outros se aquecem, a maioria correndo ou se alongando pelo salão. Alguns, no entanto, são mais impressionantes. Elane some e reaparece, manipulando a luz ao seu redor até desaparecer completamente do meu campo de visão. Um dobra-ventos — Oliver, da Casa Laris — cria um redemoinho em miniatura entre as mãos e levanta nuvenzinhas de poeira. Sonya troca golpes com Andros Eagrie, um rapaz baixo, mas forte, de dezoito anos. Sonya é silfo — o que significa rapidez e habilidade — e deveria ser capaz de vencer o oponente sem dificuldade. Andros, porém, defende cada um dos seus golpes numa dança violenta. Os prateados da Casa Eagrie são observadores, capazes de ver o futuro imediato, e Andros no momento usa seu poder ao máximo. Nenhum dos dois parece levar vantagem. Na verdade, estão disputando um jogo em que o equilíbrio conta mais que a força.

Imagine o que são capazes de fazer fora de um treinamento. Tão fortes, tão *poderosos*. E aqui estão apenas os jovens. Com isso minha esperança evapora, dando lugar ao medo.

— Fila — diz uma voz tão baixa que parece um suspiro.

Meu novo instrutor entra sem emitir um som. Cal está ao seu lado, e atrás dos dois vem um telec da Casa Provos. Como um bom soldado, Cal sincroniza seus passos com os do instrutor, que parece minúsculo e nada de mais comparado ao porte físico

do príncipe. Há algumas rugas em sua pele pálida, e seu cabelo é branco como sua roupa, um testemunho de sua verdadeira idade e de sua casa. *Casa Arven, a Casa silenciadora*, me lembro ao repassar de cabeça minhas aulas. Trata-se de uma das principais Casas, cheia de poder, força e tudo aquilo em que os prateados acreditam. Chego mesmo a lembrar dele antes de me tornar Mareena Titanos, quando ainda era criancinha. Ele supervisionava todas as execuções transmitidas a partir da capital. Era senhor dos vermelhos e até dos prateados sentenciados à morte. Agora entendo por que o escolheram para isso.

A garota Haven reaparece num estalo, repentinamente visível mais uma vez, ao passo que o minitornado se desfaz nas mãos de Oliver. As facas de Evangeline despencam e até eu sinto uma bolha de calma me envolver e reduzir minha percepção da eletricidade.

Tudo obra de Rane Arven, o instrutor, o carrasco, o *silenciador*. Ele é capaz de reduzir prateados àquilo que mais odeiam: um vermelho. Pode *desligar* seus poderes. Pode torná-los *normais*.

Admirada, nem me movo, e Maven é quem me puxa para meu lugar atrás dele na fila. Cal encabeça a fileira com Evangeline ao seu lado. Pela primeira vez, não está interessada em mim. Seus olhos permanecem fixos em Cal, que endireita o corpo, aparentemente bem à vontade em seu posto de autoridade.

Arven não perde tempo me apresentando à turma. Na verdade, mal parece notar que ingressei na aula.

— Corrida — ordena com sua voz áspera e baixa.

Legal. Algo que sou capaz de fazer.

Largamos em fila e damos voltas no salão com a maior calma e tranquilidade. Aperto um pouco o passo até ultrapassar Evangeline, desfrutando um pouco do exercício que tanta falta me fazia. Agora só vejo Cal ao meu lado, ditando o ritmo para o resto da turma. Ele me encara e sorri. De fato, consigo correr bem e até gosto.

É estranho pisar no chão amortecido, que faz meus passos quicarem. Por outro lado, o sangue a pulsar no corpo, o suor e o ritmo são bem familiares. Se fecho os olhos, posso fingir que estou de volta ao vilarejo, com Kilorn ou meus irmãos. Ou mesmo sozinha. Simplesmente livre.

Isso até um pedaço da parede se deslocar e me acertar bem no estômago.

O objeto me nocauteia no ato e fico estatelada no chão. O que mais dói, porém, é meu orgulho. A manada de corredores passa ao redor, e Evangeline sorri satisfeita ao me ver caída. Só Maven diminui o passo e espera até que eu o alcance.

— Bem-vinda ao treinamento — ele brinca ao me ver passar pelo obstáculo.

Por todo o salão, outras partes das paredes começam a se deslocar e formar barreiras para os corredores, que vão superando uma atrás da outra. Estão acostumados já. Cal e Evangeline puxam o grupo passando por cima ou por baixo de cada um dos obstáculos que aparecem. Pelo canto do olho, noto que o telec Provos controla as partes da parede e as move. Até ele parece me dirigir um sorriso malicioso.

Tenho que me segurar para não dar um tapa nele e continuar a correr. Maven segue à minha frente, mas nunca mais que um passo, o que por algum motivo me deixa furiosa. Aperto o ritmo até correr e saltar o melhor que posso. Só que Maven não é como os agentes do vilarejo: não é fácil fazê-lo comer poeira.

Terminadas as voltas, Cal é o único que não suou. Até Evangeline está acabada, apesar de fazer de tudo para não aparentar. Estou ofegante, mas orgulhosa de mim mesma. Apesar do mau começo, consegui acompanhar o exercício.

O instrutor Arven nos examina por uns instantes. Seus olhos se detêm sobre mim antes de se voltar para o telec.

— Os alvos, por favor, Theo — pede, mais uma vez quase aos sussurros. Meus poderes voltam como se alguém escancarasse uma janela para deixar entrar o sol.

Com um gesto, o assistente telec faz o chão se abrir para revelar a estranha arma que vi da janela da sala de Blonos. Só então percebo que não se trata de uma arma. É apenas um cilindro, que se move puramente por causa do poder do telec, não graças a uma tecnologia estranha e superior. *Os prateados só têm seus poderes e nada mais.*

— Lady Titanos — murmura Arven me fazendo estremecer. — Parece que você possui um poder interessante.

Ele pensa no raio, nos arcos lilás de destruição, mas penso, na verdade, no que Julian disse ontem. *Não apenas manipulação. Eu crio. Sou especial*.

Todos os olhares se fixam em mim, mas expresso concentração e junto minhas forças.

— Interessante, mas não inédito, instrutor — digo. — Estou muito ansiosa para aprender mais sobre ele.

— Pode começar agora — diz o instrutor.

O telec atrás dele tensiona o corpo e um dos alvos esféricos voa pelo ar, mais veloz do que eu acreditava ser possível.

Controle. Repito as palavras de Julian. *Foco*.

Desta vez, consigo sentir o tranco ao sugar a eletricidade do ar e de algum lugar dentro de mim. Ela se manifesta em minhas mãos na forma de pequenas faíscas. Mas a bola cai no chão antes de eu conseguir projetar o raio, dissipando-se em faíscas. Ouço a risadinha de Evangeline atrás de mim. Quando me viro para encará-la, meus olhos encontram os de Maven. Ele inclina a cabeça bem de leve e me incentiva a tentar de novo. Ao seu lado, Cal cruza os braços. Seu rosto sombrio não demonstra suas emoções.

Outro alvo gira pelos ares. As faíscas aparecem mais rápido agora, vivas e brilhantes quando o alvo atinge o ápice de sua trajetória. Como fiz na aula de Julian, cerro o punho e, sentindo a violência do poder dentro de mim, atiro.

O raio faz uma bela parábola destruidora no ar e atinge o alvo em queda. Diante de tamanho poder, se desfaz em pó e fagulhas ao atingir o chão.

Não consigo evitar um sorriso de satisfação. Atrás de mim, Maven e Cal aplaudem, acompanhados de um punhado de gente. Evangeline e suas amigas com certeza não fazem o mesmo, parecendo até insultadas por minha vitória.

Já o instrutor Arven não diz nada, nem me dá os parabéns. Simplesmente encara o resto da classe e chama:

— Próximo.

*

O instrutor faz de tudo para esgotar a turma. Nos força a uma rodada atrás da outra de exercícios para calibrar nossos poderes. Eu, claro, sou a pior em todos, mas consigo perceber uma melhora. Ao fim da sessão, estou encharcada de suor e com dores em toda parte. A aula com Julian acaba sendo uma bênção, pois posso sentar e recuperar a força. Mas mesmo que o treino da manhã não tivesse acabado comigo, *logo será meia-noite*. Quanto mais rápido o tempo passa, mais próxima do horário fico. Mais próxima de tomar meu destino nas próprias mãos.

Julian não nota minha tensão, provavelmente por estar debruçado numa pilha de livros recém-encapados. Cada um tem a grossura de dois dedos e uma etiqueta elegante indicando um ano. E só. Nem imagino do que tratam.

— O que são estes livros? — pergunto com a mão num deles.

Ao abrir, dou de cara com uma mistura bagunçada de listas: nomes, datas, locais e causas de morte. A maioria menciona apenas hemorragia, mas também há doença, asfixia, afogamento e outros detalhes mais peculiares e sangrentos. Meu sangue gela nas veias quando percebo exatamente o que leio.

— Uma lista de mortos.

Julian confirma.

— Com cada uma das pessoas que morreram em combate na guerra com Lakeland.

Shade. Isso faz meu almoço se revirar no estômago. Algo me diz que seu nome não estará em nenhum livro. Desertores não recebem a honra de uma linha de tinta. Com raiva, me atento ao abajur que ilumina a leitura. A eletricidade dentro dele é um chamado tão familiar para mim quanto minha própria pulsação. Sem nada na cabeça, passo a acender e apagar a luz, que pisca em sincronia com meu coração exausto.

Julian nota a luz oscilante e, com os lábios apertados, pergunta secamente:

— Algo de errado, Mare?

Está tudo errado.

— Não gostei da mudança de horário — respondo, e paro de brincar com o abajur. Não é mentira, mas também não é verdade. — Não vamos mais poder treinar.

Ele apenas dá de ombros, e o gesto faz suas vestes amareladas se agitarem. Parecem estar mais encardidas, como se Julian estivesse se transformando num pergaminho, numa das páginas dos seus livros.

— Pelo que ouvi, você necessita de mais orientação do que posso lhe dar — comenta.

Essas palavras me fazem ranger os dentes, e eu as mastigo bem antes de cuspir de volta.

— Cal contou para você o que aconteceu?

— Sim — Julian responde sem emoção. — E ele tem razão. Não o culpe por isso.

— Posso culpar Cal pelo que quiser — bufo ao me lembrar dos livros e guias de guerra e morte espalhados por seu quarto. — Ele é como todos os outros.

Julian abre a boca para dizer alguma coisa, mas pensa duas vezes e, no último instante, volta aos livros.

— Mare, eu não chamaria o que fazemos de treino. Além disso, você se saiu muito bem nos exercícios de hoje.

— Você viu? Como?

— Pedi para assistir.

— Quê?!

— Não importa — diz Julian com os olhos cravados em mim. Sua voz se torna repentinamente melódica, como acordes profundos e calmantes.

Mais relaxada, concordo com ele.

— Não importa — repito. Embora Julian já não esteja falando, o eco de sua voz ainda paira no ar como uma brisa tranquilizadora. — O que vamos fazer hoje, Julian?

Ele sorri, divertido.

— Mare.

Sua voz volta ao normal, simples e familiar. Desfaz os ecos como se uma nuvem se dissipasse.

— Mas o que… o que foi isso?

— Suponho que Lady Blonos não falou muito da Casa Jacos nas aulas — diz, ainda sorridente. — Surpreende-me você nunca ter perguntado.

Realmente, nunca pensei em qual seria o poder de Julian. Sempre achei irrelevante, pois ele não era tão pomposo como os outros. Ao que parece, eu estava bem longe da verdade. Ele é muito mais forte e perigoso do que jamais imaginei.

— Você pode controlar as pessoas. Você é igual a *ela*.

A possibilidade de Julian, um simpatizante da causa vermelha, uma boa pessoa, ser idêntico à rainha me estremece.

Ele não deixa se abalar com a acusação e volta a se concentrar no livro.

— Não, não sou. Meu poder não chega nem perto do dela. Nem minha brutalidade — explica, entre suspiros. — Nos chamam de cantores. Ou pelo menos chamariam, se existisse mais de nós. Sou o último da minha Casa e, bem, o último do meu tipo. Não consigo ler mentes, nem controlar pensamentos, nem falar dentro da sua cabeça. Mas consigo cantar: desde que a pessoa me escute e eu consiga encará-la nos olhos, posso levá-la a fazer o que quiser.

O horror invade meu corpo. *Até Julian.*

Devagar, recuo para deixar um espaço entre nós. Ele percebe, claro, mas não se irrita.

— Você tem razão em não confiar em mim — fala em tom baixo. — Ninguém confia. Por isso meus únicos amigos são as palavras escritas. Mas não uso meu poder senão quando absolutamente necessário, e nunca o usei para maldades. — Julian pausa um instante, solta uma gargalhada sombria e conclui: — Se quisesse mesmo, poderia chegar ao trono na base da conversa.

— Mas você não fez isso.

— Não. Nem minha irmã, não importa o que os outros digam.

A mãe de Cal.

— Ninguém parece falar muito sobre ela. Não para mim, ao menos.

— As pessoas não gostam de falar de rainhas mortas — dispara, para em seguida desviar o olhar discretamente. — Mas falavam durante a sua vida. Coriane Jacos, a rainha cantora.

Nunca vi Julian assim, nunca. No geral, ele é calmo, tranquilo, um pouco obcecado talvez, mas nunca nervoso. Nunca magoado.

— Ela não foi escolhida pela Prova Real, sabia? — prossegue. — Não como Elara, Evangeline ou mesmo você. Não. Tibe se casou com minha irmã porque a amava. E ela o amava.

Tibe. Chamar Tiberias Calore VI, rei de Norta, Chama do Norte, por qualquer nome com menos de oito sílabas soa absurdo. Mas ele também foi jovem um dia. Era como Cal, um menino nascido para se tornar rei.

— A odiavam por ser de uma Casa inferior, porque não tínhamos força ou autoridade ou qualquer uma das besteiras que essa gente valoriza — Julian não para, ainda com o olhar distante. — Quando minha irmã se tornou rainha, ameaçou mudar tudo isso. Era gentil, compassiva, uma mãe capaz de criar Cal para ser o rei de que este país precisava, para unir a todos nós. Um rei que não temeria mudanças. Mas isso nunca aconteceu.

— Sei como é perder um irmão — comento baixo ao me lembrar de Shade.

Não parece verdade. É como se todos estivessem mentindo e agora ele estivesse em casa, feliz e seguro. Em algum lugar, o corpo decapitado do meu irmão repousa como prova.

— Só descobri ontem à noite. Meu irmão morreu na guerra.

Julian finalmente se volta para mim, com o olhar opaco.

— Sinto muito, Mare. Não percebi.

— Nem ia perceber. O Exército não relata as execuções em seus livrinhos.

— Execução?

— Deserção — a palavra tem gosto amargo, como uma mentira. — Embora eu saiba que ele jamais faria uma coisa dessas.

Após um longo silêncio, Julian põe a mão em meu ombro e diz:

— Parece que temos mais em comum do que você imagina, Mare.

— O que quer dizer?

— Também mataram minha irmã. Ela ficou no caminho deles e foi eliminada. E... — O tom de voz diminui. — Farão de novo, com qualquer um que julguem necessário remover. Mesmo Cal, mesmo Maven e especialmente *você*.

Especialmente eu. A menininha elétrica.

— Pensei que você quisesse mudar as coisas, Julian.

— E de fato quero. Mas isso leva tempo, planejamento e muita sorte.

Ele me encara de alto a baixo, como se soubesse de algum modo que já dei o primeiro passo rumo ao caminho das trevas.

— Não quero que você perca o controle da situação — aconselha.

Tarde demais.

DEZESSEIS

DEPOIS DE TANTO TEMPO CONTANDO OS MINUTOS até a meia-noite, entro em desespero. É claro que Farley não pode chegar até aqui. Nem mesmo ela é tão talentosa. Mas esta noite, quando os ponteiros se juntam no número doze, não sinto nada pela primeira vez desde a Prova Real. Nada de câmeras. Nada de eletricidade. *Nada*. A mais completa queda de energia. Já passei por blecautes antes, tantos que nem posso contar. Mas esse não é acidental. É para mim.

Ligeira, calço as botas — já gastas por semanas de uso — e caminho para a porta. Mal ponho o pé no corredor e Walsh já está ao meu lado. Suas palavras soam rápidas e calmas enquanto ela me conduz através da escuridão proposital.

— Não temos muito tempo — murmura, me dirigindo à escada de serviço.

Está escuro como breu, mas ela sabe aonde vamos e confio nela para chegarmos lá.

— Com sorte, vão levar quinze minutos para religar a força — avisa.

— E se não tivermos sorte? — cochicho na escuridão.

Walsh continua a me puxar escada abaixo até darmos com uma porta, que ela abre com o ombro.

— Nesse caso, espero que você não esteja apegada demais à sua cabeça.

Primeiro vem o cheiro de terra, de pó e água, despertando todas as minhas lembranças de vida no bosque. Mas, ainda que pareça uma floresta, com árvores antigas e retorcidas e diversas plantas tingidas de preto e azul pela lua, estamos recobertos por um teto de vidro. *A estufa*. Sombras deformadas agitam-se no chão, uma pior que a outra. Imagino sentinelas e seguranças em cada canto escuro, à espera para nos capturar e matar, como fizeram com meu irmão. Mas, em vez dos horríveis uniformes pretos ou flamejantes, não há nada aqui além de flores que crescem sob o céu de vidro e as estrelas.

— Perdão por não me curvar — surge uma voz oculta por um canteiro de magnólias brancas.

Os olhos azuis refletem a lua e ardem na escuridão como um fogo frio. *Farley sabe bem como teatralizar as situações*.

Como no vídeo, ela usa um cachecol vermelho em volta do rosto para esconder seus traços. Mas a peça não esconde a feia cicatriz que desce pelo seu pescoço até desaparecer sob a gola da camisa. Parece recente, mal começou a sarar. Ela esteve ocupada desde a última vez que a vi. E eu também.

— Farley — digo, saudando-a com um aceno da cabeça.

Ela não retribui o gesto. Não esperava que o fizesse. Nosso encontro é exclusivamente de negócios.

— E o outro? — ela sussurra.

Outro?

— Holland está com ele. Devem chegar a qualquer momento — Walsh murmura, quase sem ar por conta da ansiedade com a chegada de quem estavam esperando.

Mesmo os olhos de Farley brilham.

— Como assim? Quem mais se juntou? — pergunto.

Em vez de responderem, as duas trocam olhares. Um punhado de nomes me vem à cabeça, criadas e criados que apoiariam a causa.

Mas a pessoa a se juntar a nós está longe de ser da criadagem. Sequer é vermelho.

— Maven.

Não sei se grito ou corro quando vejo meu noivo emergir das sombras. Ele é um príncipe, um prateado, um inimigo e, contudo, aqui está, ao lado de uma das líderes da Guarda Escarlate. Seu acompanhante, Holland, um criado vermelho com anos de serviço à família real, parece inflar de orgulho.

— Disse que você não estava só, Mare — diz Maven, sem sorrir.

Suas mãos tremem: ele está uma pilha de nervos. Farley o *assusta*.

E compreendo o motivo. Ela dá um passo em nossa direção. Carrega uma pistola, mas parece tão nervosa quanto ele. Ainda assim, sua voz não vacila.

— Quero ouvir dos seus lábios, pequeno príncipe. Diga-me o que disse a ele — ordena, balançando a cabeça na direção de Holland.

Maven torce o nariz ao apelido de "pequeno príncipe". Seus lábios se contorcem de desgosto, mas ele não a repreende.

— Quero me juntar à Guarda — afirma, cheio de convicção.

Com um movimento rápido, Farley engatilha a arma e mira ao mesmo tempo. Meu coração quase para quando ela força o cano contra a testa de Maven. O príncipe, porém, não recua.

— Por quê? — ela silva.

— Porque está tudo errado. O que meu pai faz, o que meu irmão vai fazer, é *errado*.

Mesmo com uma arma na cabeça ele é capaz de falar com calma, mas um fio de suor escorre pelo seu pescoço. Farley não se afasta, à espera de uma resposta melhor. Confesso que até eu espero o mesmo.

Seu olhar se desloca para mim, e ele engole em seco.

— Aos doze anos, meu pai me enviou para a frente de batalha, para me tornar mais rijo, mais parecido com meu irmão.

Como vocês veem, Cal é perfeito. Por que eu não poderia ser igual?

As palavras me causam um aperto no coração. Reconheço a dor nelas. *Vivi à sombra de Gisa, e ele à sombra de Cal. Sei como é essa vida.*

Farley funga. Quase ri na cara dele.

— Moleques invejosos não têm serventia para mim.

— Quem dera eu estivesse aqui por inveja — murmura Maven. — Passei três anos nos quartéis, acompanhando Cal, oficiais e generais, vendo soldados lutar e morrer numa guerra em que ninguém acredita. Onde Cal enxergava honra e lealdade, eu enxergava burrice. Desperdício. Sangue dos dois lados da linha de batalha, e muito mais do seu povo.

Lembro dos livros no quarto de Cal: táticas e manobras dispostas como num jogo. A recordação me faz tremer, mas o que Maven diz em seguida faz meu sangue gelar nas veias.

— Havia um menino, de apenas dezessete anos. Um vermelho das terras congeladas do norte. Ao contrário dos outros, ele não me reconheceu de imediato. Mesmo assim, me tratou bem. Me tratou como uma *pessoa*. Acho que foi meu primeiro amigo de verdade.

Não sei se é uma ilusão provocada pela luz da lua, mas lágrimas parecem brilhar nos olhos do príncipe, que continua:

— Seu nome era Thomas, e eu o vi morrer. Poderia tê-lo salvado, mas meus guardas me seguraram. Sua vida não valia como a minha, disseram.

As lágrimas então se desfazem para dar lugar a punhos cerrados e uma vontade de ferro.

— Cal diz que é questão de equilíbrio os prateados dominarem os vermelhos. Ele é uma boa pessoa e será um governante justo, mas não acha que a mudança valha o risco. O que quero dizer é que não sou como os outros. Acho que minha vida vale a de vocês, e a entregaria feliz se isso significar mudança.

Ele é um príncipe e, pior de tudo, é filho da rainha. *Talvez o que ele tanto esconde seja isto… seu próprio coração.*

Embora Maven faça o máximo para parecer ameaçador, para se manter ereto e evitar que seus lábios tremam, consigo ver o menino por trás da máscara. Parte de mim quer lhe dar um abraço, confortá-lo, mas Farley não deixaria. Quando ela baixa a arma, sem pressa, mas com firmeza, solto o ar que nem sabia que estava segurando.

— O garoto fala a verdade — diz o criado Holland.

Ele dá um passo à frente e fica ao lado de Maven, num estranho ato de proteção.

— Há meses ele se sente assim, desde que voltou da guerra — arremata.

— E você contou sobre nós após algumas noites chorosas? — desdenha Farley, lançando um olhar medonho sobre Holland.

Mas o homem aguenta firme.

— Conheço o príncipe desde a infância. Qualquer pessoa próxima vê que ele mudou — Holland explica. Depois, observa Maven com o canto dos olhos, como que lembrando o menino que já foi, e continua: — Pense que aliado pode ser. A diferença que faria.

Maven é diferente. Sei isso em primeira mão, mas algo me diz que minhas palavras não vão amolecer Farley. Apenas Maven é capaz de fazer isso.

— Jure por suas cores — ela urra.

Segundo Lady Blonos, é um juramento antigo. É como jurar pela própria vida, pela família e pelos futuros filhos, tudo de uma vez. E Maven não hesita.

— Pelas minhas cores — diz, baixando a cabeça —, juro fidelidade à Guarda Escarlate.

Soa como um voto de matrimônio, mas muito mais importante e mortal.

— Bem-vindo à Guarda Escarlate — finalmente diz Farley, tirando o cachecol.

Dou alguns passos silenciosos pelo piso de cerâmica até sentir a mão de Maven na minha. Seu calor já me é familiar.

— Obrigada, Maven — sussurro. — Não sabe o que isso significa para nós. — *Para mim*, penso.

Qualquer outro se alegraria com a perspectiva de recrutar um prateado, um prateado da *realeza*. Farley, porém, praticamente não esboça reação.

— O que você pode nos oferecer?

— Informação, inteligência, o que vocês precisarem para continuar com suas operações. Participo do conselho sobre impostos com meu pai…

— Não queremos saber de impostos — dispara Farley, me encarando com ódio, como se fosse culpa minha seu desgosto com o que Maven tem a oferecer. — Precisamos de nomes, locais, *alvos*. O que acertar e quando causar mais prejuízo. Você consegue isso?

Maven estremece, desconfortável.

— Prefiro uma abordagem menos hostil — fala baixo. — Seus métodos violentos não estão rendendo muitos amigos para vocês.

Farley bufa de raiva e o som ecoa pela estufa.

— Seu povo é mil vezes mais violento e cruel que o meu. Passamos os últimos séculos sob a bota dos prateados e não vamos sair sendo *legais*.

— Entendo — Maven balbucia.

Dá para ver que pensa em Thomas, em todos que viu morrer. Seus ombros roçam os meus quando ele dá um passo para trás buscando proteção em mim. Farley não deixa o gesto passar batido e quase cai na gargalhada.

— O pequeno príncipe e a menininha elétrica — ela ri. — Vocês se merecem. Um é covarde, a outra…

Antes de prosseguir ela me encara com seus olhos azuis e ardentes.

— Da última vez que vi você, estava cavando lama à procura de um milagre.

— Pois encontrei — afirmo. E, para provar, deixo a eletricidade fluir até a minha mão e projetar uma luz arroxeada sobre nós.

O cenário escuro se agita e membros da Guarda Escarlate surgem em posição de ataque por trás das árvores e arbustos. Seus rostos estão cobertos por cachecóis e bandanas, mas nem tudo está escondido. O sujeito mais alto deve ser Tristan, com seus braços longos. Percebo pelo modo como os vermelhos se posicionam — tensos e prontos para a ação — que estão com medo. Mas o rosto de Farley permanece igual. Ela sabe que aquela gente que veio para defendê-la não tem muita chance contra Maven ou mesmo contra mim. Contudo, não parece nem um pouco intimidada. Para minha grande surpresa, ela finalmente sorri com sua boca assustadora, voraz e cheia de dentes.

— Podemos bombardear e queimar cada centímetro deste país — ela murmura, nos encarando cheia de orgulho. — Mas isso jamais faria o estrago de que vocês são capazes. Um príncipe prateado contra a coroa, uma vermelha com poderes. O que as pessoas dirão quando virem vocês ao nosso lado?

— Pensei que você quisesse… — Maven começa, mas Farley o faz ficar quieto com um gesto.

— Os atentados são apenas um modo de chamar a atenção. Assim que a tivermos, assim que cada prateado deste país desgraçado vir, vamos precisar de algo para mostrar.

Ela baixa a vista como se fizesse cálculos, comparando-nos com seja lá o que tem em mente.

— Acho que vocês dois vão servir muito bem — conclui.

— Como o quê? — pergunto com a voz trêmula, já lamentando o que ela possa responder.

— Como o rosto para nossa gloriosa revolução — ela diz, orgulhosa, levantando novamente o olhar. Seus cabelos dourados brilham ao luar. Por um segundo, Farley parece usar uma coroa cintilante. — A gota d'água para transbordar o copo.

Maven concorda fervorosamente.

— Por onde começamos?

— Bom, acho que já é hora de tirar algo do saco de maldades de Mare.

— O que isso quer dizer? — pergunto, completamente por fora. Maven, porém, capta facilmente a linha de raciocínio.

— Meu pai tem acobertado os outros ataques da Guarda — explica ele em voz baixa.

Logo me vem à cabeça a coronel Macanthos e seu desabafo no almoço.

— A base aérea, Delphie, Harbor Bay.

Maven confirma.

— Ele diz que foram acidentes, exercícios militares, *mentiras*. Mas quando você literalmente eletrizou a Prova Real, nem minha mãe foi capaz de arrumar um discurso para abafar o caso. Precisamos de algo assim, algo que ninguém possa ocultar. Para mostrar ao mundo que a Guarda Escarlate é muito perigosa e muito real.

— Mas isso não vai ter consequências? — questiono, com o pensamento no tumulto, nos inocentes torturados e mortos por aquela horda de prateados descontrolados. — Os prateados vão se voltar contra nós e as coisas vão *piorar*.

Farley vira para o lado, não aguenta me encarar.

— E mais gente vai se juntar a nós — diz. — Mais gente vai perceber que levamos uma vida *errada* e que podemos fazer alguma coisa para mudar. Passamos tempo demais quietos. É tempo de fazer sacrifícios e seguir adiante.

— Meu irmão foi um dos seus sacrifícios? — disparo, sentindo o ódio acender dentro de mim. — A morte dele valeu a pena para você?

Para seu mérito, Farley não tenta mentir.

— Shade sabia no que estava se metendo.

— E o resto das pessoas? E as crianças, os velhos e quem mais não se alistou na sua "revolução gloriosa"? O que acontece quando os sentinelas começarem a prender e castigar essas pessoas por não encontrarem vocês?

A voz de Maven se levanta, terna e suave.

— Pense na história, Mare. O que Julian lhe ensinou?

Ensinou sobre mortes, sobre o mundo de antes, sobre as guerras. Mas, além disso, num tempo em que as coisas ainda podiam mudar, houve revoluções. O povo se ergueu, os impérios caíram e as coisas mudaram. A liberdade avançou na base de subidas e descidas de acordo com a maré do tempo.

— A revolução precisa de uma faísca para começar — sussurro, repetindo o que Julian diria nas aulas. Até faíscas queimam.

Farley sorri e comenta:

— Você devia saber disso melhor que ninguém.

Mas ainda não estou convencida. A dor de perder Shade, de saber que meus pais perderam um filho, só vai se multiplicar se fizermos isso. Quantos outros Shades morrerão?

Estranhamente, é Maven, não Farley, que tenta me seduzir para a causa.

— Cal acredita que a mudança não vale o custo — diz, com a voz trêmula de nervosismo e convicção. — E um dia será rei. Você vai deixar que esse seja o futuro?

Pela primeira vez minha resposta sai fácil.

— Não.

Farley assente satisfeita e começa:

— Walsh e Holland — diz os encarando — me falaram de uma festinha que vai acontecer aqui.

— O baile — confirma Maven.

— É um alvo impossível — intervenho. — Todos terão seus guardas, a rainha vai *saber* que algo vai mal…

— *Não vai* — Maven me corta com um ar de desdém. — Minha mãe não é onipotente, apesar de querer que acreditem no contrário. Mesmo ela possui limites.

Limites? A rainha? A ideia me faz entrar em parafuso.

— Como você diz isso? Você sabe do que ela é capaz…

— Sei que no meio de um baile, com tantas vozes e pensamentos girando ao seu redor, ela será *inútil*. E, desde que fiquemos longe, não dermos motivo de desconfiança, ela não vai saber de nada. O mesmo vale para os observadores da Casa Eagrie: não imaginam que haverá problemas, logo não os enxergarão.

Maven então se volta para Farley ereto como uma lança e conclui:

— Os prateados são poderosos, mas não são invencíveis. É possível.

Farley concorda tranquila, arreganhando um sorriso.

— Volto a entrar em contato quando as coisas começarem a fluir.

— Posso pedir um favor em troca? — pergunto de última hora agarrando-a pelo braço. — Meu amigo, aquele de que falei quando nos encontramos da primeira vez, quer se juntar à Guarda. Você não pode permitir. Garanta que ele não vai se meter com nada disso.

Delicadamente, ela tira meus dedos do seu braço. Uma nuvem de arrependimento paira em seus olhos.

— Espero que você não esteja se referindo a mim.

Para meu horror, um dos guerrilheiros das sombras dá um passo à frente. O pano vermelho em volta do seu rosto não esconde o par de ombros largos nem a camisa esfarrapada que já vi mil vezes. Mas o olhar de aço e a determinação de um homem feito são inéditos para mim. Kilorn parece anos mais velho. Guarda Escarlate até os ossos, pronto para lutar e morrer pela causa. *Vermelho como a aurora*.

— Não... — balbucio ao me afastar de Farley.

Kilorn corre a toda velocidade ao meu encontro.

— Você sabe o que aconteceu com Shade — argumento. — Não entre nisso.

Ele arranca o pano vermelho e se aproxima para me abraçar, mas recuo. Tocá-lo seria uma traição.

— Mare — ele diz —, você não precisa tentar me salvar o tempo todo.

— Mas é o que vou fazer enquanto você não quiser se salvar.

Como ele é capaz de desejar não ser nada além de um escudo humano? *Como pode querer isso?* Ao longe, algo me faz vibrar por dentro, cada vez mais intenso. Mal noto, porém. Estou mais concentrada em não derramar lágrimas diante de Farley, dos membros da Guarda e de Maven.

— Kilorn, por favor.

Minhas palavras o deixam mais grave, como se fossem mais um insulto do que a súplica.

— Você fez sua escolha. Eu fiz a minha.

— Fiz a escolha por *você*, para proteger você — emendo.

É impressionante a facilidade com que voltamos ao nosso velho ritmo de troca de farpas. Mas há tanto mais em jogo agora. Não posso simplesmente atirar Kilorn na lama e sair andando.

— Tive que negociar por você.

— Você fez o que acha que vai me proteger, Mare — ele murmura numa voz que parece um rugido baixo. — Então me deixe fazer o que posso para salvar você.

Fecho os olhos e deixo meu coração dolorido assumir o controle. Protejo Kilorn desde a morte de sua mãe, desde que quase morreu de fome na porta de casa. E agora não quer mais meu cuidado, não importa quão perigoso tenha se tornado o futuro.

Devagar, reabro os olhos.

— Faça o que quiser, Kilorn — minha voz sai fria e mecânica. — A energia vai voltar. Temos que sair — aviso.

Sem hesitar, os membros da Guarda Escarlate desaparecem na estufa. Walsh me toma pelo braço. Kilorn também se afasta e segue os outros pelas sombras, mas seu olhar permanece sobre mim.

— Mare — ele chama —, pelo menos me diga adeus.

Mas já estou caminhando ao lado de Maven. Walsh nos guia. Não vou olhar para trás, não depois de ele ter traído tudo o que fiz por ele.

O tempo passa devagar quando esperamos alguma coisa boa. Então é natural que os dias passem voando à medida que o maldito baile se aproxima. Uma semana corre sem qualquer notícia, enquanto Maven e eu permanecemos no escuro conforme o tempo avança. Mais treinamento, mais protocolo, mais almoços sem sentido que quase me fazem chorar. Sempre preciso mentir, louvar os prateados e desprezar meu povo. Só a Guarda me mantém forte.

Lady Blonos me dá uma bronca durante a aula de protocolo. Diz que estou distraída. Não tenho coragem de falar que, distraída ou não, jamais conseguirei aprender os passos de dança que ela tenta ensinar para o Baile de Despedida. Enquanto isso, o antes lamentado treinamento se torna um escape para minha raiva e o estresse, uma chance de eletrizar coisas ou correr até esgotar tudo o que guardo no peito.

Contudo, quando finalmente começo a pegar o jeito da coisa, o estilo do treino muda drasticamente. Evangeline e sua trupe param de me marcar. Em vez disso, passam a se dedicar intensamente ao aquecimento. Até Maven faz alongamento com mais cuidado, como se quisesse se preparar para algo.

— O que houve? — pergunto apontando para o resto da turma. Meu olhar se detém em Cal que, no momento, faz uma série de flexões de braço perfeitas.

— Você vai descobrir num minuto — responde meu noivo com um tom estranho e seco na voz.

Arven e Provos chegam, e mesmo eles caminham de um jeito diferente. Em vez de nos mandar correr, Arven se aproxima de nós.

— Tirana — murmura o instrutor.

Uma garota com faixas azuis no macacão — ninfoide da Casa Osanos — endireita a postura. Em seguida, caminha até o centro do salão à espera de algo. Parece ao mesmo tempo empolgada e assustada.

Arven vira para trás e corre os olhos pela turma. Por um segundo, seus olhos pousam sobre mim, mas por sorte param em Maven.

— Príncipe Maven, por favor — pede, indicando o local onde Tirana espera.

Maven assente e ruma na direção da ninfoide. Ambos estão tensos, e suas mãos tremem enquanto esperam seja lá o que for.

De repente, o chão começa a se mover em torno deles. As paredes se afastam para dar lugar a um novo ambiente. De novo, Provos levanta os braços e usa seu poder para transformar o salão de treinamento. Quando a estrutura começa a tomar forma, meu coração dispara. Sei exatamente do que se trata.

Uma arena.

Cal assume o posto de Maven ao meu lado, rápido e silencioso.

— Não vão se machucar — explica. — Arven para a luta antes que haja qualquer ferimento sério. E os curandeiros estão por perto.

— Que reconfortante — é o que consigo comentar.

No centro da arena quase completa, tanto Maven quanto Tirana se preparam para a luta. A pulseira de Maven faísca e fogo arde por mãos e braços. Enquanto isso, gotículas de umidade giram em torno de Tirana fantasmagoricamente. Ambos parecem prontos para o combate.

Meu desconforto deixa Cal alerta.

— Toda essa preocupação é por causa de Maven?

Não mesmo.

— As aulas de protocolo não estão lá muito fáceis agora. — Não é mentira, mas aprender a dançar está em último lugar na minha lista de problemas. — Parece que danço pior do que memorizo a etiqueta da corte.

Para minha surpresa, Cal cai na gargalhada.

— Você deve ser péssima.

— Bom, é difícil aprender sem parceiro — rebato com uma provocação.

— Realmente.

As últimas duas peças da arena se encaixam. Está completa. Maven e sua oponente estão ao centro, isolados do resto de nós por paredes de vidro espesso. Uma miniatura de arena de verdade. *Da última vez que vi um duelo entre dois prateados, um deles quase morreu.*

— De quem é a vantagem? — pergunta Arven para a classe. Todos os braços se levantam, exceto o meu. — Elane?

A garota ergue a cabeça e fala orgulhosa:

— Tirana tem vantagem. É mais velha, mais experiente — responde como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

As bochechas de Maven ficam brancas de vergonha, embora tente esconder. Elane finaliza:

— E a água vence o fogo.

— Muito bem — elogia Arven para em seguida lançar um olhar desafiador ao príncipe mais jovem, como que à espera de uma reação.

Maven, porém, segura a língua e deixa o fogo crescente falar por si.
— Impressionem-me — declara o instrutor.
Os combatentes colidem como nuvens de tempestade que cospem fogo e chuva num combate entre elementos. Tirana usa a água como escudo impenetrável aos ataques flamejantes de Maven. Sempre que ele se aproxima, desferindo golpes com seus punhos em chamas, volta sem nada além de vapor. A luta parece equilibrada, mas Maven parece estar um pouco à frente de Tirana. Ele está na ofensiva e a mantém contra a parede.
Toda a classe grita palavras de incentivo aos dois guerreiros. Eu costumava achar ridículas exibições como esta, mas confesso que agora é difícil me manter calada. Sempre que Maven ataca e fica perto de finalizar a luta, não consigo segurar e torço como os outros.
— É uma armadilha, Mavey — Cal murmura, mais para si do que para o irmão.
— O que é? O que ela vai fazer?
Cal apenas balança a cabeça e comenta:
— Apenas assista. Ela já ganhou.
Tirana, porém, parece tudo menos uma vencedora. Está espremida contra a parede, fazendo de tudo para manter seu escudo aquático e bloquear um soco atrás do outro.
Não deixo de ver o milésimo de segundo em que literalmente faz a maré virar contra Maven. Agarra-o pelo braço e puxa, de maneira que os dois trocam de posição num piscar de olhos: agora o príncipe é quem se defende, prensado entre água e parede. Só que não pode controlar a água que avança contra si. Nem as tentativas de transformá-la em vapor funcionam: água apenas ferve sobre sua pele em chamas.
Tirana recua e o vê sofrer com um sorriso no rosto.
— Desiste? — pergunta.
Maven solta bolhas pela boca. É sua resposta. *Ele desiste*.
A água sai de cima dele e volta ao ar como vapor ao som dos aplausos da turma. Um novo gesto de Provos faz uma das paredes da arena abrir. Tirana faz uma leve reverência com a cabeça enquanto Maven, encharcado e arrasado, caminha a passos arrastados para fora do círculo.
— Eu desafio Elane Haven — anuncia Sonya Iral em alto e bom som, rápida para evitar que o instrutor lhe arrume outro par.
Arven concorda e autoriza o desafio para, em seguida, se voltar para Elane. Para minha surpresa, a sombria sorri e caminha tranquilamente para a arena, com tanta leveza que seus cabelos ruivos esvoaçam.
— Aceito o desafio — responde Elane, assumindo seu posto no centro da arena. — Espero que tenha aprendido uns truques novos.
Sonya a segue com os olhos repletos de alegria. Chega até a rir.
— Acha que eu contaria se tivesse?
As duas chegam a rir juntas e trocar sorrisos até Elane Haven desaparecer completamente e agarrar a garganta de Sonya. Sufocando, a Iral respira com dificuldade até conseguir torcer o braço da garota invisível e escapar. A luta logo se transforma num jogo mortal e violento entre gata e rata invisível.
Maven não quer saber de assistir ao embate, irritado com o próprio desempenho.
— Sim? — diz a Cal, que logo inicia um sermão improvisado. Tenho a impressão de que é usual.
— Não encurrale alguém mais forte que você. Isso só deixa a pessoa mais perigosa — começa, pondo o braço em volta do ombro do irmão. — Se você não consegue vencer usando seu poder, vença usando sua cabeça.
— Vou levar isso em conta — murmura Maven, irritado com o conselho, mas aceitando assim mesmo.
— Por outro lado, você está melhorando — Cal fala baixo, dando uns tapinhas nas costas do irmão.
Dá para ver que suas intenções são boas, mas ele acaba soando meio paizão. Surpreendentemente, Maven não reclama com ele. Está acostumado, como eu estava acostumada com Gisa.
— Obrigada, Cal. Acho que ele entendeu — intervenho, falando por Maven.
O príncipe herdeiro não é burro e compreende a mensagem num piscar de olhos. Ele nos deixa para se juntar a Evangeline, não sem antes me lançar um olhar por cima do ombro. Seria melhor não ter ido, assim eu não precisaria ver aquela garota sorrir e fazer caras e bocas. Isso sem falar da dor de barriga que me vem cada vez que ele olha para ela.
Assim que Cal alcança uma distância segura, cutuco Maven com o ombro.
— Sabe, ele está certo… Você tem que ser mais esperto com gente assim.
Diante de nós, Sonya agarra o que parece ser um pedaço de ar e o joga contra a parede. Um líquido prateado jorra pelos ares, e Elane volta a ser visível. Uma torrente de sangue desce do seu nariz.
— Ele sempre está certo quando se trata da arena — Maven resmunga com uma estranha irritação. — Espere e verá.
Do outro lado da arena, Evangeline acha graça na exibição sanguinária. Não sei como consegue assistir às amigas sangrarem na arena.
Os prateados são diferentes, lembro a mim mesma. *Suas cicatrizes não duram. Eles não guardam lembranças da dor.*

Com curandeiros a postos, a violência tem um sentido diferente para eles. Coluna quebrada, estômago rompido, nada disso importa. Sempre alguém virá curá-los. Não sabem o significado do perigo, do medo e da dor. Só seu orgulho pode ser ferido.

Você é prateada. Você é Mareena Titanos. Você gosta disso.

Os olhos de Cal estão cravados nas garotas, estudando-as como um livro, ou melhor, como uma pintura, não como um conjunto ambulante de sangue e ossos. Sob o preto do seu traje de treinamento, os músculos tensos aguardam sua vez.

E, quando ela chega, entendo o que Maven quer dizer.

O instrutor Arven põe Cal para lutar contra duas pessoas: Oliver, o dobra-ventos, e Cyrine Macanthos, uma jovem que transforma sua pele em pedra. É uma luta só no nome. Apesar da inferioridade numérica, Cal faz ambos de gato e sapato. Derrota um de cada vez: primeiro prende Oliver num furacão de fogo, para depois partir pra cima de Cyrine. Os dois trocam socos. Cyrine parece uma estátua viva, feita de pedra maciça em vez de carne, mas Cal é mais forte. Seus murros racham a pele dela numa série de fendas. Para ele, é só mais um treino, parece até entediado. Para finalizar o combate, Cal produz uma explosão infernal na arena, tão ardente que até Maven recua. Quando o fogo e a fumaça se desfazem, tanto Oliver quanto Cyrine já desistiram. Ambos carregam queimaduras na pele e na carne, mas não gritam de dor.

Cal deixa os dois para trás. Nem se dá ao trabalho de ver a chegada dos curandeiros que vão cuidar deles. Ele me salvou, ele me trouxe para sua casa, quebrou regras por mim. E é um soldado inclemente, herdeiro do trono sangrento.

O sangue dele pode ser prateado, mas seu coração é negro como pele queimada.

Quando seus olhos procuram os meus, faço questão de virar o rosto. Em vez de me deixar enganar por sua ternura, por sua estranha bondade, me apego à lembrança do inferno. *Cal é mais perigoso que todos os outros juntos. Não posso me esquecer disso.*

Arven dá sequência aos combates e chama mais dois:

— Evangeline, Andros.

O incômodo de Andros é visível, desanimado com as perspectiva ao lutar com Evangeline e perder. Ainda assim, ele caminha obediente até a arena. Para minha surpresa, Evangeline sequer se mexe.

— Não — ela recusa sem medo, imóvel.

Arven volta o rosto para ela. Sua voz se ergue além do sussurro habitual, cortante como navalha:

— O que disse, Lady Samos?

Ela crava os olhos pretos em mim feito facas.

— Eu desafio Mareena Titanos.

DEZESSETE

— ABSOLUTAMENTE NÃO! — troveja Maven. — Ela só tem duas semanas de treino. Você vai parti-la ao meio.

Em resposta, Evangeline apenas dá de ombros e abre um sorriso preguiçoso. Seus dedos dançam sobre sua perna, e quase os sinto perfurar minha pele como garras.

— E daí se partir? — Sonya intervém, e acho que vejo um quê da sua avó brilhar em seus olhos. — Os curandeiros estão aqui. Ninguém vai se machucar de verdade. Além disso, se ela quer treinar conosco, pode muito bem fazer direito, não?

Ninguém vai se machucar de verdade. Mas a cor do meu sangue será exposta para todo mundo ver. Estou tão nervosa que ouço as batidas do meu próprio coração, mais rápidas a cada segundo que passa. Os holofotes projetam sua luz intensa sobre o ringue, sobre mim. Será difícil esconder meu sangue, e todos vão me ver como sou: a vermelha, a mentirosa, a ladra.

— Gostaria de poder observar mais algumas lutas antes de entrar no ringue, se não se importam — respondo com o máximo de esforço para parecer prateada. Mas minha voz vacila, e Evangeline percebe.

— Com medo de lutar? — ela provoca, gesticulando com desdém. Uma de suas facas, uma coisinha de nada, um dente de prata, gira ameaçadora em volta do seu punho. — Pobre menininha elétrica.

Sim, quero gritar. *Sim, tenho medo.* Mas prateados não admitem essas coisas. Eles têm seu orgulho, sua força — e só.

— Quando eu lutar, vai ser para ganhar — respondo à altura. — Não sou idiota, Evangeline, e ainda não sou capaz de ganhar.

— O treino fora do ringue só leva você até certo ponto, Mareena — Sonya insinua, vendo por trás da minha mentira. — Não concorda, instrutor? Como espera ganhar um dia se não tenta?

Arven sabe que há algo diferente em mim, um motivo para meu poder e minha força. Mas não faz ideia do que é, e seu rosto revela certa curiosidade. Ele também quer me ver no ringue. Meus únicos aliados, Cal e Maven, trocam olhares preocupados, pensando em como me proteger nesse campo minado. *Será que não esperavam por isso? Será que não sabiam que chegaríamos a este ponto?*

Ou talvez planejavam isso desde o começo. Uma morte acidental em treinamento, uma morte adequada para a menina estranha. Outra mentira para a rainha contar. É uma armadilha em que entrei porque quis.

Será o fim do jogo. E todos que amo terão perdido.

— Lady Titanos é filha de um herói de guerra morto e vocês não param de provocá-la — resmunga Cal dirigindo um olhar firme para as garotas.

Elas mal o notam e quase riem de sua defesa ridícula. Ele pode ser um lutador nato, mas péssimo nas palavras.

Sonya fica ainda mais animada e se deixa levar por sua natureza insinuante. Se Cal é um guerreiro no ringue, ela é um soldado dos discursos, e torce suas palavras com uma facilidade impressionante.

— A filha de um general tem que se sair bem na arena. Na verdade, Evangeline é que deveria temer.

— Ela não foi criada por um general, não seja tola — Maven replica.

Ele é muito melhor que o irmão nesse tipo de coisa. Ainda assim, não posso deixá-lo vencer minhas batalhas. Não contra estas garotas.

— Não vou lutar — repito. — Desafie outra pessoa.

Evangeline abre outro sorriso, deixando seus dentes brancos e afiados à mostra, e meus velhos instintos soam como um alarme. Mal tenho tempo de me jogar no chão quando uma de suas facas corta os ares, passando pelo lugar onde estava minha bochecha segundos antes.

— Eu desafio você — ela insiste.

Mais um faca voa em direção ao meu rosto. Outras flutuam do seu cinto, prontas para me cortar em pedacinhos.

— Evangeline, pare… — Maven grita enquanto Cal se põe ao meu lado com os olhos repletos de preocupação.

Meu sangue lateja de adrenalina. Minha pulsação está tão alta que mal ouço o que o príncipe me sussurra.

— Você é mais rápida. Faça Evangeline correr. *Não tenha medo.*

Outra faca cruza os ares e se enterra no chão, perto dos meus pés.

— Não a deixe ver seu sangue — é o último conselho de Cal.

Por trás dele, vejo Evangeline dar voltas como uma leoa enquanto as facas giram em torno do seu punho. Neste instante, compreendo que nada nem ninguém vai detê-la. Nem mesmo os príncipes. E não posso lhe dar a chance de vencer. *Não posso perder.*

Um raio elétrico escapa de mim e lampeja pelo ar às minhas ordens até acertar minha oponente no peito. Ela voa para trás e bate contra o muro da arena. Contudo, em vez de ficar zangada, Evangeline me olha satisfeita.

— Vai ser rápido, menininha elétrica — caçoa ao limpar umas gotas de sangue prata do rosto.

À nossa volta, os outros alunos recuam olhando ora para mim, ora para ela. Pode ser a última vez que me veem com vida.

Não, penso melhor. *Realmente não posso perder.*

Aumento a concentração e apuro meu sentido elétrico até ele ficar tão forte que mal noto o deslocamento das paredes ao

redor. Num estalar de dedos, Provos realinha a arena e nos prende no ringue. A vermelha contra o monstro prateado e sorridente.

Ainda com o risinho irritante no rosto, Evangeline faz subir do chão pequenas e afiadas lâminas que tomam forma de acordo com sua vontade. Elas giram, vibram e se encaixam num pesadelo vivo. Evangeline pôs de lado as facas habituais para vir com esta nova tática. As peças de metal, inventos dela, se movem pelo chão até pararem a seus pés. Cada uma tem oito pontas afiadas e cruéis, que tremem à espera de serem soltas para me retalhar. *Aranhas*. Só de vê-las já sinto suas patas horríveis encostarem na minha pele.

A eletricidade ganha vida em minhas mãos e dança entre meus dedos. As luzes começam a piscar à medida que sugo a energia do salão como uma esponja. A eletricidade percorre meu ser, mostras do meu poder — e da minha necessidade. *Não vou morrer aqui.*

Do outro lado da parede de vidro Maven sorri, mas seu rosto pálido mostra o medo. Cal o acompanha e não se move. Um soldado não pisca enquanto a batalha não estiver ganha.

— De quem é a vantagem? — pergunta Arven. — De Mareena ou Evangeline?

Ninguém ergue a mão. Nem mesmo as amigas de Evangeline. Em vez disso, elas trocam olhares e apenas observam nosso poder aumentar.

O sorriso de Evangeline se transforma numa careta de irritação. Está acostumada a ser a favorita, a ser temida por todos. E agora está mais irada que nunca.

Mais uma vez, as luzes piscam e meu corpo vibra como um fio sobrecarregado. Sob o lusco-fusco, as aranhas marcham com as patas de metal em terrível sincronia.

No momento, sinto apenas medo, força e picos de energia na veia.

Sombra e luz se alternam, mergulhando ambas numa estranha batalha de cores dançantes. Meus raios estouram na escuridão em branco e lilás; cada explosão destrói uma das aranhas de Evangeline. O conselho de Cal ecoa em minha cabeça e procuro me movimentar sempre; nunca fico parada no mesmo lugar tempo o bastante para receber um ferimento. Evangeline se move entre suas criaturas e desvia dos meus raios o melhor que pode. As pontas metálicas fincam no meu braço, mas o traje de couro aguenta firme. Ela é rápida, mas sou mais, mesmo com as aranhas escalando minhas pernas. Por um segundo, sinto sua trança prateada passar por entre meus dedos antes que eu possa agarrá-la. Mas eu a faço correr. *Estou ganhando.*

Por entre chiados metálicos e gritos dos colegas, ouço Maven pedir aos berros que eu acabe com ela. As luzes continuam a piscar, tornando difícil enxergar onde Evangeline está. Contudo, por um breve instante, sinto como é ser um deles. A força e o poder absolutos, a consciência de que sou capaz de fazer o que milhões não conseguem. Para Evangeline, este é um dia comum, e agora é minha vez. *Vou ensinar a ela o que é medo.*

Um punho me acerta na lombar e provoca ondas de dor pelo meu corpo inteiro. Meus joelhos tremem em agonia e caio. Evangeline sorri com o rosto envolto por um véu de cabelos prateados bagunçados.

— Como eu disse — provoca. — Vai ser rápido.

Minhas pernas se movem sozinhas numa manobra que já usei mais de cem vezes nos becos de Palafitas. Até em Kilorn, uma ou duas vezes. Engancho o pé na perna dela e puxo para a frente, o que a faz despencar. No segundo seguinte já estou em cima dela, apesar da dor excruciante nas costas. Minhas mãos estalam de eletricidade a cada vez que colidem contra seu rosto. Os nós dos meus dedos chegam a doer, mas não paro. Quero ver o doce sangue prata.

— Quem dera para você que fosse rápido — urro, continuando os golpes.

No entanto, através dos lábios já inchando, Evangeline consegue rir. O som da sua gargalhada logo é superado por outro, um chiado metálico. Ao nosso redor, as aranhas caídas e eletrocutadas pulsam de volta à vida. Seus corpos de metal se refazem e se juntam para formar uma terrível fera.

A criatura se move com uma velocidade incrível e logo me arranca de cima de Evangeline. Agora sou eu quem está imobilizada. Aquela pilha ondulante de lâminas de metal sobre mim. Minhas mãos já não faíscam, exaustas e medrosas. *Nem os curandeiros serão capazes de me salvar depois disso.*

Uma ponta afiada roça meu rosto, fazendo brotar sangue vermelho e quente. Ouço meu próprio grito, não de dor, mas de derrota. É o fim.

E então um braço flamejante tira o monstro de cima de mim e o queima até não restar nada além de cinzas. Mãos fortes me põem de pé e puxam meus cabelos para a frente para esconder a mancha vermelha que expõe minha mentira. Eu me viro para Maven, deixando que me acompanhe para fora da sala de treinamento. Tremo dos pés à cabeça, mas as mãos me mantêm firme e me conduzem. Um curandeiro vem em minha direção, mas Cal o dispensa com um gesto e esconde meu rosto do homem.

Antes de as portas se fecharem atrás de nós, ouço os berros de Evangeline e a voz de Cal, geralmente calma, parecendo um trovão.

Quando finalmente sou capaz de falar, minha voz vacila:

— As câmeras. As câmeras podem ver.

— Elas são operadas por sentinelas que juraram fidelidade à minha mãe. Acredite: não é com elas que deveríamos nos

preocupar agora — Maven diz, meio atrapalhado com as palavras.

Ele me segura pelo braço com força, como se temesse que alguém me tirasse dele. Sua mão paira diante do meu rosto, e ele limpa meu sangue com a manga da camisa. *Se alguém vir…*

— Leve-me até Julian.

— Julian é um idiota — ele resmunga.

No fim do corredor, avistamos alguns nobres que passeiam pelo palácio. Maven então me conduz pela passagem de serviço para evitar cruzar com eles.

— Julian sabe quem sou — cochicho novamente e agarro seu braço, com a mesma força com que prendia o meu. — Ele saberá o que fazer.

Maven me lança um olhar estranho, conturbado, mas acaba concordando. Quando chegamos, o sangramento parou, mas meu rosto ainda está péssimo.

Julian abre a porta à primeira batida, distraído como sempre. Para minha surpresa, porém, fecha a cara ao ver Maven.

— Príncipe Maven — saúda, para depois se curvar numa reverência rija, quase ultrajante.

Maven não responde. Apenas me empurra para a sala atrás de Julian.

O professor dispõe de um punhado de pequenos cômodos que a escuridão e a falta de circulação de ar deixam ainda menores. As cortinas fechadas bloqueiam o sol da tarde, e os papéis soltos deixam o chão escorregadio. Uma chaleira assovia sobre um pedaço de metal eletrizado que faz as vezes de fogão. Não é de admirar que eu nunca o tenha visto fora das aulas. Aparentemente, tem aqui tudo de que precisa.

— O que houve? — pergunta enquanto aponta algumas cadeiras empoeiradas para que nos sentemos. Evidentemente, não faz muita sala. Eu me sento, mas Maven se recusa e permanece de pé.

Puxo meu cabelo para o lado como se fosse uma cortina e revelo a bandeira vermelha e viva da minha identidade.

— Evangeline exagerou — explico.

Julian muda de posição, desconfortável. Mas não sou eu o motivo, é Maven. Ambos trocam olhares hostis não sei bem por quê. Por fim, ele volta o rosto para mim novamente.

— Não sou curandeiro, Mare. O máximo que posso fazer é limpar os ferimentos.

— Não disse? — Maven fala. — Ele não pode fazer nada.

Julian aperta os lábios

— Encontre Sara Skonos — ordena com o rosto sério, esperando que Maven se mova.

Nunca vi Maven tão bravo, nem mesmo com Cal. Mas, na verdade, nem ele nem Julian sentem raiva: é ódio. Um despreza o outro completamente.

— Vá, *meu príncipe*. — O título soa como uma ironia vindo da boca de Julian.

Maven finalmente aceita e se retira.

— Por que isso? — pergunto baixo apontando primeiro para Julian e depois para a porta.

— Não é o momento — ele responde.

O cantor então me entrega um paninho branco para limpar o rosto. As manchas vermelho-escuras do meu sangue estragam o tecido completamente.

— Quem é Sara Skonos?

Mais uma vez, Julian hesita ao responder.

— Uma curandeira de peles. Ela vai cuidar de você — suspira. — E é uma amiga. Uma amiga discreta.

Não sabia que Julian tinha outros amigos além de mim e dos livros, mas não questiono.

Quando Maven retorna à sala instantes depois, já consegui limpar meu rosto bem, embora ainda esteja grudento e inchado. Terei que esconder alguns hematomas amanhã e nem quero saber como estão minhas costas. Com cuidado, toco o calombo crescente que o soco de Evangeline produziu.

— Sara não… — Maven pausa, ponderando as palavras. — Sara não seria minha escolha para este serviço.

Antes que eu consiga perguntar por quê, a porta se abre e revela a mulher que, suponho, seja Sara. Ela entra em silêncio e quase não levanta os olhos. Diferente dos Blonos — os curandeiros de sangue —, sua idade está estampada orgulhosamente em seu rosto, nas bochechas murchas e rugas. Parece ter a mesma idade que Julian, mas seus ombros caídos me dizem que já viveu bem mais.

— Prazer em conhecê-la, Lady Skonos — cumprimento tranquilamente, como se perguntasse as horas. Talvez as aulas de protocolo estejam dando resultado afinal.

Mas Sara não responde. Em vez disso, ajoelha diante da minha cadeira e toma meu rosto entre suas mãos ásperas. Seu toque é fresco, como a água que cai sobre uma queimadura de sol, e seus dedos deslizam sobre o inchaço em meu rosto com uma delicadeza surpreendente. Antes que eu possa falar das minhas costas, uma das mãos escorrega até a contusão e algo como gelo atravessa minha dor. Tudo termina em questão de instantes, e me sinto bem novamente. Melhor, na verdade: minhas antigas dores e cicatrizes também desapareceram por completo.

— Obrigada — digo, mas, de novo, não obtenho resposta.

— Obrigado, Sara — Julian sussurra.

Os olhos cinzentos da curandeira penetram nos do cantor. Sua cabeça se inclina num minúsculo aceno. Julian estende o braço e suas mãos se tocam quando ele a ajuda a se levantar. Os dois se movem como parceiros de dança ao som de uma música que ninguém mais pode ouvir.

A voz de Maven quebra o silêncio.

— Isto é tudo, Skonos.

A tranquilidade amena de Sara se converte numa raiva quase transparente. Ela solta a mão de Julian e se arrasta até a porta como um animal ferido. A porta bate à sua saída e chacoalha os mapas emoldurados em suas prisões de vidro. As mãos de Julian continuam a tremer bem depois de ela ter ido embora, como se ainda sentisse sua presença.

Ele tenta esconder, mas não consegue: Julian a amou algum dia, e talvez ainda a ame. Ele olha para a porta como um homem assustado à espera de que ela volte.

— Julian?

— Quanto mais tempo vocês ficarem desaparecidos, mais as pessoas vão começar a comentar — ele murmura, gesticulando para que saiamos.

— Concordo — diz Maven, que vai rumo à porta pronto para abri-la e me empurrar para fora.

— Você tem certeza de que ninguém viu? — pergunto com as mãos sobre minha bochecha limpa e suave.

Maven faz uma pausa para pensar.

— Ninguém que contaria — responde enfim.

— Os segredos não duram muito por aqui — sussurra Julian. Sua voz vibra com uma raiva incomum. — Sua alteza bem sabe.

— *Você* precisa saber a diferença entre segredos — Maven rebate — e mentiras.

Sua mão se fecha em meu braço e me puxa de volta ao corredor antes que eu possa perguntar o que houve. Não vamos muito longe quando uma figura familiar interrompe nossa caminhada.

— Algum problema, querido?

A rainha Elara, uma visão em seda, dirige-se a Maven. Estranhamente, está só, sem sentinelas para protegê-la. Seus olhos se detêm sobre a mão do filho, ainda na minha. Pela primeira vez, não a sinto tentar invadir meus pensamentos. *Ela está na cabeça de Maven, não na minha.*

— Nada que eu não possa resolver — Maven responde, segurando-me com mais força, como se eu fosse uma âncora.

Ela franze a testa. Não acredita numa só palavra do filho, mas não o questiona. Duvido que questione alguém: *ela conhece todas as respostas*.

— Melhor se apressar, Lady Mareena, ou vai se atrasar para o almoço — fala por entre os dentes, finalmente pondo seus olhos fantasmagóricos em mim. Desta vez, sou eu que me agarro em Maven. — E tome mais cuidado nos seus treinamentos. É difícil tirar manchas de sangue vermelho.

— Você sabe bem — disparo ao me lembrar de Shade —, porque, não importa o quanto tente esconder, posso ver o sangue nas suas mãos.

Ela arregala os olhos, surpresa com minha explosão. Acho que ninguém jamais falou com ela assim, o que me dá a sensação de ser uma conquistadora. Mas não por muito tempo.

De repente, meu corpo enrijece e se projeta para trás, se estatelando com tudo contra a parede da passagem de serviço. Ela me faz dançar como se eu fosse uma marionete. Sinto todos os ossos do corpo chacoalharem. Meu pescoço vai para trás até estalar, até eu ver algumas estrelas azuis.

Não, não são estrelas. São olhos. Os olhos dela.

— Mãe! — grita Maven, mas sua voz soa distante. — Mãe, pare!

Uma mão se fecha em volta da minha garganta. É a única coisa que me mantém de pé depois de eu ter perdido o resto de controle que tinha sobre meu corpo. Seu hálito doce — doce demais para suportar — me inebria.

— Você nunca mais vai falar assim comigo — diz Elara, irritada demais para ter o cuidado de cochichar dentro da minha cabeça.

Ela aperta ainda mais meu pescoço, de modo que sou incapaz de concordar, mesmo se quisesse.

Por que ela simplesmente não me mata?, me pergunto enquanto tento recobrar o fôlego. *Se sou um fardo tão pesado, um problema. Por que não me mata?*

— Basta! — urra Maven.

O calor da sua raiva pulsa pelo corredor. Apesar das sombras nebulosas atrapalharem minha visão, consigo enxergar o momento em que Maven a afasta de mim com força e bravura impressionantes.

A influência do poder da rainha sobre mim se desfaz, e me apoio na parede para não cair. Elara também quase vai ao chão, tamanho seu choque. Agora seu olhar furioso se fixa em Maven, o próprio filho que se levanta contra ela.

— Retome seu horário, Mare — rosna Maven, sem tirar os olhos da mãe.

Sem dúvida, Elara grita dentro de sua cabeça, reprovando-o por ter me protegido.

— Vá!

O ambiente tremula com o calor que a pele de Maven irradia. Me vem à cabeça o temperamento reservado de Cal. Aparentemente, o irmão mais novo também esconde um fogo, até mais potente, e não quero estar perto quando explodir.

Saio a passos largos; quero me ver longe da rainha o mais rápido possível. Mas não deixo de lançar um último olhar à cena: um diante do outro, como duas peças no tabuleiro de um jogo que sou incapaz de compreender.

De volta ao quarto, encontro as criadas à minha espera, caladas, com outro vestido brilhante nos braços. Enquanto uma delas me veste com aquele espetáculo de seda e joias lilás, as outras ajeitam meu cabelo e minha maquiagem. Como sempre, não dizem uma palavra, apesar da manhã ter me deixado com cara de louca e estressada.

O almoço é complicado. Geralmente as mulheres fazem as refeições juntas para conversar sobre os próximos casamentos e todas aquelas besteiras de que as ricas gostam. Hoje é diferente. Voltamos ao terraço com vista para o rio, e os uniformes vermelhos circulam entre a multidão. Há, porém, bem mais uniformes militares do que de costume. Até parece que estamos comendo com uma legião inteira de soldados.

Cal e Maven também estão presentes, ambos com suas medalhas reluzentes no peito, conversando e sorrindo com os convidados. Enquanto isso, o rei em pessoa aperta a mão de alguns soldados, todos jovens trajando uniformes cinza com insígnias prateadas. Bem diferentes das fardas vermelhas esfarrapadas que meus irmãos e os outros vermelhos receberam ao ser recrutados. Esses prateados vão para a guerra, mas não para lutar de verdade. São filhos e filhas de gente importante e, para eles, a guerra é só mais um lugar para visitar. Outro passo no seu treinamento. Para nós, para a versão antiga de Mare, é um caminho sem volta. O destino final.

Ainda assim, preciso cumprir minha obrigação: sorrir, apertar suas mãos e agradecer sua coragem. As palavras têm gosto amargo, e chega um momento em que me refugio da multidão num canto meio escondido pelas plantas. O ruído da multidão ecoa sob o sol do meio-dia, mas consigo respirar de novo. Por um segundo, ao menos.

— Está tudo bem?

Cal surge diante de mim com um ar de preocupação, mas, estranhamente, tranquilo ao mesmo tempo. Gosta de estar rodeado de soldados; suponho que seja seu habitat natural.

Apesar do meu desejo de sumir, endireito a postura e respondo:

— Não sou fã de concursos de beleza.

O príncipe franze a testa.

— Mare, eles vão para a frente de batalha. Achei que você, mais que os outros, gostaria de lhes proporcionar uma despedida decente.

A gargalhada me escapa como uma rajada de vento.

— Que época da minha vida faz você pensar que eu me *importo* com esses mimadinhos indo para a guerra como se saíssem de férias?

— O fato de terem *escolhido* ir não faz deles menos corajosos.

— Bom, espero que aproveitem as barracas, os suprimentos, as folgas e o monte de coisas que meus irmãos nunca receberam.

Duvido que os soldados voluntários precisarão se preocupar com um botão sequer.

Embora pareça prestes a gritar comigo, Cal engole essa vontade. Agora que conheço melhor seu gênio, fico surpresa por ele ser capaz de se controlar.

— Esta é a primeira legião inteiramente prateada a ir para as trincheiras — ele diz sem alterar o tom de voz. — Vão lutar ao lado dos vermelhos, vestidos de vermelho, servindo com os vermelhos. Lakeland não vai saber quem são quando chegarem ao Gargalo. E, quando as bombas caírem, quando o inimigo tentar romper a linha, vai receber mais do que esperava. A Legião das Sombras pegará todos.

Não sei se fico empolgada ou assustada.

— Original — é meu comentário.

Cal, porém, não se gaba. Pelo contrário, até parece triste.

— Foi você quem me deu a ideia.

— Quê?

— Quando você caiu no meio da Prova Real, ninguém soube o que fazer. Tenho certeza de que o Exército de Lakeland também vai reagir assim.

Tento falar, mas não consigo emitir um som. Jamais servi de inspiração para nada, quanto mais para manobras de combate. Cal me encara como se quisesse falar mais, mas também se cala. Nenhum de nós sabe o que dizer.

Um garoto do treinamento, o dobra-ventos Oliver, aproxima-se de nós. Põe uma mão no ombro de Cal enquanto a outra segura firme sua bebida. Ele também está de uniforme. *Outro que vai para a guerra*.

— Que negócio é esse de se esconder, Cal? — brinca, apontando para a multidão ao redor. — Perto dos soldados de Lakeland, este batalhão é fácil!

Cal me observa. Seu rosto se tinge de prata.
— Encaro os soldados de Lakeland a qualquer hora — responde, sem tirar os olhos dos meus.
— Você vai com eles?
Oliver responde por Cal, com um sorriso muito escancarado para um garoto prestes a partir para a guerra.
— Se vai? Cal é nosso líder! Vai conduzir a própria legião até o front.
Devagar, o príncipe se desvencilha de Oliver. O dobra-ventos bêbado não parece notar e continua.
— Será o mais jovem general da história, e o primeiro príncipe a lutar no front.
E o primeiro a morrer, sopra a voz em minha cabeça. Contra meus instintos, levo a mão ao braço de Cal, que não desvia. Agora, não parece um príncipe ou um general, não parece nem um prateado, mas o garoto do bar, aquele que tentou me salvar.
Minha voz sai baixa, mas firme.
— Quando?
— Quando vocês partirem para a capital, depois do baile. Vocês vão para o sul — murmura —, e eu para o norte.
Ondas frias de choque descem pelo meu corpo, como quando Kilorn me disse pela primeira vez que ia para a guerra. Mas Kilorn é um pescador, um ladrão, alguém que sabe sobreviver, escapar pela tangente. Não é como Cal. Ele é um soldado. Vai morrer se necessário. Dará o sangue por sua guerra. E por que isso me assusta? Não sei. Por que me importo? Não consigo dizer.
— Com Cal na frente de batalha, a guerra finalmente vai terminar. Com ele, venceremos! — Oliver diz com seu sorriso idiota.
De novo, ele põe a mão sobre o ombro de Cal, mas desta vez o príncipe o puxa de lado e o conduz de volta à festa. Fico só.
Alguém empurra uma bebida gelada na minha mão e seco o copo num único gole.
— Calma — sussurra Maven. — Ainda pensando na manhã de hoje? Conferi com os sentinelas. Ninguém viu seu rosto.
Só que essa é a última das minhas preocupações ao observar Cal cumprimentar o pai. Ele bota no rosto um sorriso maravilhoso, uma máscara que apenas eu consigo transpassar.
Maven segue meu olhar e capta meus pensamentos.
— Ele quis fazer isso. Foi escolha dele.
— Isso não quer dizer que tenho que gostar.
— Meu filho, o general! — troveja o rei Tiberias, e sua voz orgulhosa atravessa o burburinho da festa.
Por um segundo, quando puxa Cal para si e passa um braço sobre o filho, esqueço que ele é o rei. Quase entendo a necessidade de agradá-lo que Cal sente.
O que não daria para minha mãe me olhar assim quando eu não era nada além de uma ladra? O que não daria agora?
O mundo é prateado, mas também cinza. Não existem o preto e o branco.

Quando alguém bate à minha porta durante a noite, bem depois do jantar, espero encontrar Walsh e outra xícara de chá com uma mensagem secreta. Mas não. Quem vem é Cal. Sem uniforme nem armadura, parece o menino que realmente é: *dezenove anos recém-completos, no limiar do destino ou da grandeza. Ou de ambos.*
Me encolho no pijama, sentindo muita falta de um roupão.
— Cal? Do que precisa?
Ele dá de ombros e abre um sorrisinho.
— Evangeline quase matou você no ringue hoje.
— E daí?
— E daí que não quero que ela mate você na pista de dança.
— Que parte perdi? A gente vai ter que lutar no baile também?
Ele ri encostado no batente da porta. Mas seus pés não pisam no meu quarto, como se ele não pudesse. Ou não devesse. *Você é a futura esposa do irmão dele*, diz minha consciência. *E ele vai para a guerra.*
— Se souber dançar direito, acho que não — ele responde.
Lembro de ter comentado que sou incapaz de dançar, ainda mais com as aulas terríveis de Blonos, mas no que Cal poderia ajudar? E por que ajudaria?
— Acontece que sou um excelente professor — ele acrescenta com um sorriso malicioso.
Meu corpo treme quando me estende a mão.
Sei que não devo. Sei que devo fechar a porta e não seguir por esse caminho.
Mas ele vai partir para a guerra, para a morte, talvez.
Trêmula, ponho a mão na sua e o deixo me conduzir para fora do quarto.

DEZOITO

O LUAR SE DERRAMA PELO CHÃO, brilhante o suficiente para enxergarmos o caminho. Sob a luz prata, o rubor da minha pele é quase imperceptível: fico idêntica a uma prateada. Cal arrasta as cadeiras sobre o chão de madeira e abre espaço para nosso treino numa das salas de visitas. Trata-se de um cômodo isolado, mas o ruído das câmeras está sempre por perto. Os homens de Elara assistem a tudo, mas ninguém vem nos interromper. Ou melhor, interromper Cal.

Ele saca um dispositivo estranho do casaco e o posiciona no meio da sala. Parece uma caixinha. Cal a observa com certa ansiedade, à espera de alguma coisa.

— Essa coisa vai me ensinar a dançar?

Ele balança a cabeça, ainda sorrindo, e responde:

— Não, mas ajuda.

De repente, um ritmo pulsante jorra da caixa, e então me dou conta de que aquilo é um alto-falante, como os da arena em Palafitas. Só que este é para música, não para lutas. Vida, não morte.

A melodia é suave e rápida como batimentos cardíacos. Diante de mim, o sorriso de Cal aumenta; seu pé se move ao ritmo da música. Não consigo resistir, meus pés acompanham a batida. É um som tão animado, tão alegre, bem diferente da música metálica e fria da aula de Blonos e das canções tristes do vilarejo. Meus pés deslizam sob o chão e começo a tentar recordar os passos ensinados pela professora.

— Não se preocupe. Continue! — Cal ri.

A bateria acelera e o príncipe se agita, começa a cantarolar a melodia. Pela primeira vez parece não ter o peso do trono sobre os ombros.

Também fico com a sensação de que meus medos e preocupações voaram para longe, pelo menos por alguns minutos. É um tipo diferente de liberdade, como um passeio de moto com Cal.

Ele, aliás, é bem melhor que eu, mas ainda assim parece tolo. Nem consigo imaginar quão idiota pareço. Apesar disso, fico triste quando a música termina. À medida que as notas se desmancham no ar, chega a sensação de volta à realidade, a fria consciência de que *não deveria estar aqui*.

— Acho que não é uma boa ideia, Cal.

Ele joga a cabeça para o lado, numa confusão divertida.

— Por quê?

Ele vai mesmo me fazer falar? Então digo:

— Não posso sequer ficar a sós com Maven — gaguejo, sentindo meu rosto corar. — Não sei se posso dançar com você numa sala escura.

Em vez de argumentar, Cal apenas ri e dá de ombros. Outra música, mais lenta e com tons mais graves, preenche o lugar.

— Na minha opinião, é um favor para o meu irmão — ele explica. — A não ser que você queira pisar no pé dele a noite toda — acrescenta, com um sorriso maldoso.

— Eu sei *muito bem* onde piso, obrigada — digo, cruzando os braços.

Devagar e com delicadeza, ele me toma pela mão.

— Talvez na arena — diz. — Mas não na pista de dança.

Baixo a cabeça e observo seus pés moverem ao ritmo da música. Ele me conduz e me faz seguir seus passos. Apesar de todo o esforço, acabo tropeçando nele.

Cal sorri, feliz por provar que eu estava errada. Ele tem alma de soldado, e soldados gostam de vencer.

— Esta música tem o mesmo ritmo que a maioria das que você ouvirá no baile. É uma dança simples, fácil de aprender.

— Vou dar um jeito de estragar — resmungo, deixando que ele me conduza pela sala.

Nossos passos desenham um quadrado no chão e me esforço para não pensar na proximidade de Cal, nos calos de suas mãos. Para minha surpresa, são como as minhas: ásperas de tantos anos de trabalho.

— É provável — ele sussurra, já sem sorrir.

Estou acostumada com o fato de Cal ser mais alto que eu. Nesta noite, porém, ele parece menor. Talvez por causa da escuridão ou da dança. Ele está como nos encontramos pela primeira vez: uma pessoa, não um príncipe.

Seus olhos se detêm em meu rosto, bem onde antes estava a ferida.

— Maven fez um bom trabalho — sua voz soa estranhamente amarga.

— Foi Julian. Julian e Sara Skonos.

Embora a reação de Cal não seja tão forte quanto a do irmão, ele também fecha a cara.

— Por que vocês dois não gostam dela?

— Maven tem seus motivos. Bons motivos — balbucia. — Mas não compete a mim contar. E eu não *desgosto* de Sara. Só não… não gosto de pensar nela.

— Por quê? O que ela fez para você?

— Para mim nada — suspira. — Ela cresceu com Julian e minha mãe.
Sua voz vacila à menção da mãe, mas ele prossegue.
— Era sua melhor amiga. E, quando minha mãe morreu, lamentou até não poder mais. Julian estava arrasado, mas Sara…
Ele hesita, pensando em como continuar. Nossos passos ficam mais lentos, até pararem. A música, porém, ainda ecoa ao redor.
— Não me lembro da minha mãe — ele retoma bruscamente, tentando se explicar. — Não tinha nem um ano quando morreu. Só sei o que meu pai conta. E Julian. E nenhum dos dois gosta de falar dela.
— Tenho certeza de que Sara poderia falar dela, já que era a melhor amiga.
— Sara Skonos não pode falar, Mare.
— Não mesmo?
Cal explica devagar, no mesmo tom de voz calmo do pai.
— Ela disse o que não devia, mentiras terríveis, e foi castigada.
Me encho de horror. Ela *não pode* falar.
— O que ela disse?
Num piscar de olhos, sinto as mãos de Cal esfriarem. Ele se afasta e sai dos meus braços. A música enfim termina. Com movimentos rápidos, enfia o alto-falante no bolso. Restam apenas as batidas dos nossos corações para preencher o silêncio.
— Não quero mais falar dela — ele bufa. Seus olhos carregam um brilho estranho e se alternam entre mim e as janelas atravessadas pelo luar.
Sinto uma pontada no coração; a dor em sua voz me fere.
— Tudo bem.
Com passos ágeis e calculados, ele segue na direção da porta como se fizesse um esforço para não correr. Mas, ao se virar para mim mais uma vez, sua aparência é a mesma de sempre: calma, discreta, distante.
— Pratique os passos — ele diz, soando como Lady Blonos. — Amanhã, na mesma hora.
E então sai, me deixando sozinha numa sala cheia de ecos.
— O que estou fazendo? — pergunto a mim mesma.

Já estou a meio caminho da cama quando noto algo muito errado em meu quarto: as câmeras estão desligadas. Nenhuma sequer vibra sobre mim com seus olhos elétricos e vigilantes que registram tudo o que faço. Mas, diferentemente do blecaute anterior, tudo o mais ao meu redor lateja. A eletricidade ainda pulsa pelas paredes, por todos os quartos, exceto o meu.
Farley.
Mas, em vez da revolucionaria, é Maven que emerge da escuridão. Ele abre as cortinas para a luz do luar.
— Passeio da madrugada? — pergunta com um sorriso amargo.
De queixo caído, luto para encontrar as palavras.
— Você sabe que não pode estar aqui — digo com um sorriso forçado para tentar me acalmar. — Lady Blonos vai se escandalizar. Vai castigar nós dois.
— Os homens de minha mãe me devem um ou dois favores — ele diz, apontando para o local onde as câmeras se escondem. — Blonos não terá provas.
Não sei por quê, mas isso não me consola. Na verdade, sinto calafrios pelo corpo. Não de medo, mas de ansiedade. Os calafrios aumentam, fazem a eletricidade aflorar em meus nervos como um raio à medida que Maven caminha em minha direção.
Ele me observa corar com aparente satisfação.
— Às vezes esqueço — sussurra levando a mão à minha bochecha, sem pressa, como se pudesse sentir a cor do sangue que pulsa em minhas veias. — Gostaria que não precisassem pintar você todos os dias.
Minha pele vibra ao toque de seus dedos, mas tento ignorar.
— Somos dois.
Seus lábios se contorcem na tentativa fracassada de sorrir.
— O que houve? — pergunto.
— Farley entrou em contato novamente — ele diz, recuando e enfiando as mãos no bolso para esconder os dedos trêmulos. — Você não estava aqui.
Que sorte.
— E o que disse?
Maven dá de ombros e caminha até a janela para observar o céu noturno.
— Passou a maior parte do tempo fazendo perguntas.
Alvos. Deve ter pressionado Maven mais uma vez à caça das informações que ele não quis dar. Posso ver em seus ombros caídos e em sua voz vacilante que disse mais do que queria. *Muito mais.*
— Quem?

Minha mente repassa os diversos prateados que conheci aqui, aqueles que foram, à sua maneira, gentis comigo. E se algum deles for sacrificado em nome da revolução de Farley? Quem seria o alvo?

— Maven, quem você entregou?

Ele se vira para mim com uma ferocidade que jamais vi brilhar em seus olhos. Por um segundo, temo que exploda em chamas.

— Eu não queria, mas ela tem razão. Não podemos ficar parados, precisamos *agir*. E se isso significa entregar pessoas, é o que farei. A contragosto, mas farei. É necessário.

Como Cal, respira fundo na tentativa de se acalmar.

— Participo das reuniões dos conselhos com meu pai: o de impostos, segurança e defesa. Sei quem fará falta ao meu… aos prateados. Dei a ela quatro nomes.

— *Quem?*

— Reynald Iral, Ptolemus Samos, Ellyn Macanthos e Belicos Lerolan.

Expiro antes de acenar com a cabeça. Essas mortes não poderão ser escondidas. O irmão de Evangeline e a coronel farão *muita falta mesmo*.

— A coronel Macanthos sabe que sua mãe mente. Sabe dos outros ataques…

— Ela controla meia legião e é chefe do conselho de guerra. Sem ela, a frente de batalha ficará um caos por meses.

— Frente de batalha? — *Cal. Sua legião.*

Maven assente.

— Meu pai não enviará seu herdeiro à guerra depois disso. Com um ataque tão perto de casa, duvido que o mandará para longe da capital.

Então a morte dela salvará Cal. E ajudará a Guarda.

Shade morreu por isso. Sua causa agora é minha.

— Dois coelhos com uma cajadada só — suspiro, com os olhos cheios de lágrimas. Por mais difícil que seja, trocaria a vida dela pela de Cal. Mil vezes.

— Seu amigo também faz parte do plano.

Meus joelhos tremem por Kilorn, mas consigo manter a postura enquanto Maven explica friamente os detalhes.

— E se falharmos? — pergunto quando ele termina, enfim pronunciando as palavras que o príncipe tenta contornar.

Ele balança a cabeça devagar e responde:

— Isso não vai acontecer.

— Mas e se acontecer?

Não sou o príncipe, minha vida não foi um mar de rosas. Sei esperar o pior de tudo e de todos.

— O que acontece se *falharmos*, Maven? — insisto.

Sua respiração entrecortada revela sua dificuldade em permanecer calmo.

— Então seremos considerados traidores. Nós dois. Seremos julgados por traição, condenados e… mortos.

*

Não consigo me concentrar na aula seguinte de Julian. Não consigo focar em nada além daquilo que está por vir. Tanta coisa pode sair errado e há tanto em jogo. Minha vida, a de Kilorn, a de Maven: estamos todos arriscando nosso pescoço por isso.

— Não é mesmo da minha conta, mas — começa Julian, interrompendo meus pensamentos — você parece, digamos, bem *ligada* ao príncipe Maven.

Quase rio aliviada, mas também não deixo de me chatear. Maven é a última pessoa com quem devo me preocupar neste ninho de cobras. Só a sugestão já me faz bufar.

— Sou a noiva dele — respondo com o máximo esforço para não explodir.

Mas, em vez de encerrar o assunto, Julian insiste. Sua serenidade geralmente me acalma, mas hoje só me provoca frustração.

— Só quero ajudar você. Maven se parece com a mãe.

Maven é meu amigo. Maven se arrisca mais do que eu. Logo a verdade explode de mim.

— Você não sabe nada sobre ele. Julgá-lo por seus pais é como me julgar por meu sangue. Não é porque você odeia o rei e a rainha que deve odiar o filho deles também.

Os olhos de Julian se cravam em mim, moderados e cheios de fogo. Quando fala, sua voz soa como um rugido.

— Odeio o rei porque ele foi incapaz de salvar minha irmã, porque ele a substituiu por aquela víbora. Odeio a rainha porque ela destruiu Sara Skonos, porque ela pegou a mulher que eu amava e deixou em frangalhos. Porque ela cortou a *língua* de Sara fora. — Julian faz uma breve pausa e, em voz baixa, lamenta. — Sua voz era linda.

Sou tomada por uma náusea profunda. De repente o silêncio doloroso de Sara e suas bochechas murchas começam a fazer sentido. Não é à toa que Julian a chamou para me curar. Ela não poderia contar a verdade a ninguém.

— Mas… — minhas palavras saem fracas e roucas, como se alguém me arrancasse a voz. — … ela é uma curandeira.

— Curandeiros de pele não podem curar a si próprios. E ninguém reverteria o castigo da rainha. Assim, Sara está condenada a carregar esse infortúnio para sempre.

Diversas lembranças ecoam em sua voz, uma pior que a outra.

— Os prateados não ligam para dor, mas somos orgulhosos — retoma. — Orgulho, dignidade, honra: são coisas que nenhum poder substitui.

Por pior que me sinta por Sara, temo também por mim mesma. *Cortaram a língua dela por conta de alguma coisa que disse. O que não farão comigo?*

— Você está esquecendo, menininha elétrica.

O apelido é como um tapa na cara que me traz de volta à realidade.

— Este não é seu mundo. Aprender a fazer reverências não mudou isso. Você não *compreende* nosso jogo.

— Porque isto não é um jogo, Julian — emendo, empurrando o livro com os registros de baixas na direção dele. — É questão de vida ou morte. Não jogo em busca de um trono, uma coroa ou um príncipe. Não jogo nada. Sou *diferente*.

— É mesmo — ele murmura ao correr os dedos sobres as páginas. — E é por isso que corre perigo, por todos os lados. Até Maven. Até mim. *Todo mundo trai todo mundo.*

Seus olhos ficam nublados e sua mente voa. Sob essa luz, ele parece velho e grisalho, um homem amargo assombrado pela irmã morta, apaixonado por uma mulher arruinada, condenado a ensinar uma garota que só mente. Atrás dele, vejo um pedaço do mapa do que já foi o reino um dia, do que veio antes. *Este mundo inteiro é assombrado.*

Então surge o pior pensamento à cabeça. *Shade já é meu fantasma. Quem mais se juntará a ele?*

— Não se engane, minha menina — ele diz finalmente. — Você também está no jogo, mas como peão de alguém.

Não tenho paciência para discutir.

Pense o que quiser, Julian. Ninguém me controla.

Ptolemus Samos. Coronel Macanthos. Os rostos pairam em minha mente enquanto Cal e eu rodopiamos pela sala de espera. Nesta noite a lua começa a minguar, a desaparecer, mas minha esperança nunca foi tão forte. O baile é amanhã, e depois — bom, não sei ao certo onde o caminho vai desembocar. Mas será diferente. Uma nova estrada para nos conduzir em direção a um futuro melhor. Haverá efeitos colaterais — pessoas mortas, aleijadas — que não podemos evitar, como disse Maven. Mas ele sabe dos riscos. Se tudo sair conforme o planejado, a Guarda Escarlate terá hasteado sua bandeira onde todos podem ver. Farley fará outra transmissão após o atentado para discorrer sobre nossas exigências. *Igualdade, liberdade e direitos.* Perto de uma rebelião escancarada, parece um bom acordo.

Meu corpo se solta em direção ao chão num arco vagaroso que me faz soltar um gritinho. Os braços fortes de Cal se fecham ao meu redor e me puxam para cima num segundo sem dificuldades.

— Perdão — ele diz, meio envergonhado. — Pensei que você estivesse pronta para isso.

Não estou pronta. Estou com medo. No entanto, forço uma risada na tentativa de esconder o que não posso lhe contar.

— Não. Foi culpa minha. Me distraí de novo.

Tento despistá-lo. Ele aproxima sua cabeça um pouco e me encara nos olhos.

— Ainda preocupada com o baile?

— Mais do que você imagina.

— Um passo de cada vez. É o melhor jeito.

Então ele ri de si mesmo e retomamos os passos mais simples.

— Sei que é difícil de acreditar — brinca —, mas nem sempre fui o melhor dançarino.

— Que chocante! — replico, também sorrindo. — Pensei que os príncipes nascessem com o poder de dançar e jogar conversa fora.

Ele ri mais uma vez e acelera o ritmo dos movimentos.

— Eu não. Se dependesse de mim, permaneceria na garagem ou no quartel, inventando coisas e treinando. Diferente de Maven. Ele é um príncipe duas vezes melhor que eu.

Penso em Maven, em suas palavras gentis, seus modos perfeitos, seu conhecimento impecável da corte — e em todas as coisas que finge ser para ocultar seu verdadeiro coração. *De fato, duas vezes melhor.*

— Mas ele nunca passará de príncipe — comento, quase em tom de lamentação —, e você será rei.

O tom de sua voz desce ao nível do meu e uma nuvem sombria embaça seu olhar. Cal arrasta uma tristeza mais forte a cada dia. *Talvez ele não goste da guerra tanto quanto imagino.*

— Às vezes, desejo que as coisas não fossem assim — desabafa.

Ele fala com suavidade, e suas palavras preenchem minha cabeça. Embora o baile se anuncie no horizonte do amanhã, me vejo mais concentrada nele, em suas mãos e no leve aroma de brasas de madeira que parece seguir Cal aonde quer que vá. Isso me lembra calor, outono, lar.

Culpo a melodia por meu coração acelerado, aquela música que palpita com tanta vida. Por algum motivo, esta noite me faz lembrar as aulas de Julian, as suas histórias do mundo de antes. Um mundo de impérios, corrupção, guerra e mais liberdade

que jamais experimentei. Mas as pessoas daquela época já se foram, seus sonhos são ruínas existentes apenas sob a forma de fumaça e cinzas.

"É da nossa natureza", diria Julian. "Destruímos. É a constante da nossa espécie. Não importa a cor do sangue, os homens sempre cairão."

Não entendi a aula uns dias atrás. Agora, com as mãos de Cal nas minhas, me guiando delicadamente, começo a compreender o que ele quis dizer.

Consigo perceber minha própria queda.

— Você vai mesmo partir com a legião?

Só as palavras bastam para me amedrontar.

Ele inclina levemente a cabeça.

— O lugar de um general é com seus homens.

— O lugar de um príncipe é com sua princesa. Com Evangeline — complemento às pressas.

Boa, Mare, meu cérebro grita.

O ar ao nosso redor se adensa com o calor, apesar de Cal sequer se mover.

— Ela ficará bem, acho. Evangeline não é lá muito apegada a mim. E tampouco sentirei falta dela.

Incapaz de encarar seus olhos, foco naquilo que está diante de mim. Infelizmente, me deparo com seu peito e sua camisa fina demais. Acima de mim, ele suspira fundo.

Seus dedos levantam meu queixo com cuidado para que nossos olhos se encontrem. Uma chama dourada arde em seu olhar, refletindo o calor de seu peito.

— Sentirei sua falta, Mare.

Por mais que queira permanecer ali, parar o tempo e deixar o momento durar para sempre, sei que não é possível. Apesar de tudo o que sinto e penso, Cal não é o príncipe a quem fui prometida. Mais importante ainda: ele está do lado errado. É meu inimigo. Cal é proibido.

Assim, com passos hesitantes e relutantes, recuo para longe do seu alcance e do círculo de calor a que fiquei tão acostumada.

— Não posso — é só o que consigo dizer, embora meus olhos me traiam. Sinto as lágrimas de raiva e remorso, lágrimas que jurei não derramar.

Contudo, talvez a perspectiva da guerra tenha deixado Cal mais ousado e imprudente, coisas que jamais foi. Ele trai seu único irmão. Eu traio minha causa, Maven e eu mesma. Mas não quero parar.

Todos podem trair todos.

Seus lábios pressionam os meus, rijos e ternos. O toque é eletrizante, mas não como de costume. Não se trata de uma centelha de destruição, mas de vida.

Por mais que queira me desvencilhar, simplesmente não consigo. Cal é um penhasco do qual me jogo alegremente. Um dia ele saberá que sou sua inimiga e tudo isto não passará de uma lembrança do passado distante. Mas ainda não.

DEZENOVE

SÃO NECESSÁRIAS HORAS DE PINTURA E ACABAMENTO para fazer de mim a garota que devo ser, mas a sensação é de que tudo demora poucos minutos. Quando as criadas me deixam diante do espelho, solicitando silenciosamente minha aprovação, consigo apenas acenar com a cabeça para a moça que encara meu reflexo. Ele parece lindo e aterrorizado com o que está por vir, aprisionado por correntes brilhantes de seda. Preciso esconder a menina assustada. Tenho que sorrir, dançar e parecer um deles. Com bastante esforço, boto o medo de lado. *O medo vai me levar à morte.*

Maven me espera ao fim do corredor em seu sombrio uniforme de gala. O preto brilhante destaca seus olhos azuis contra sua pele pálida. Ele não parece nem um pouco assustado. Mas é um príncipe, um prateado. Não vai se abalar.

Ele me estende o braço, que recebo com alegria. Espero que me passe segurança, força ou ambos, mas ao tocá-lo recordo de Cal e da nossa traição. A noite anterior surge nítida, cada um dos suspiros ressoa em minha cabeça. Pela primeira vez Maven não nota meu desconforto. Pensa em coisas mais importantes.

— Você está linda — comenta, examinando meu vestido.

Não concordo com ele. É um traje tolo, exagerado, uma maçaroca de tecido lilás e joias que reluz a cada movimento. Pareço um inseto fluorescente. Contudo, devo agir como uma dama esta noite, como a futura princesa. Por isso, sorrio e inclino a cabeça em agradecimento. Não consigo esquecer que os lábios que agora sorriem para Maven beijaram seu irmão ontem à noite.

— Só quero que acabe.

— Não vai acabar hoje, Mare. Vai demorar muito para acabar. Você sabe disso, não?

Ele fala como alguém bem mais velho, bem mais sábio, não como um garoto de dezessete anos. Quando hesito em responder, sem saber direito o que sinto, ele franze a testa e insiste.

— Mare?

Posso notar o tremor em sua voz.

— Está com medo, Maven? — minhas palavras saem fracas, quase num sussurro. — Porque eu estou.

Sua expressão se torna dura como o aço.

— Estou com medo de falhar. Medo de perder esta oportunidade. E medo do que pode acontecer se nada neste mundo mudar. — A determinação faz sua mão esquentar contra a minha. Ele finaliza: — Tudo isso me assusta mais que a morte.

É difícil não se sentir entusiasmada com suas palavras. Ambos inclinamos a cabeça aceitando o que vai acontecer. Como posso dar para trás? *Não vou vacilar.*

— Vamos nos levantar — ele murmura tão baixo que mal consigo ouvir. *Vermelhos como a aurora.*

Ele segura minha mão com mais força ao chegarmos no corredor que dá para os elevadores. Uma tropa de sentinelas guarda o rei e a rainha, ambos à nossa espera. Cal e Evangeline não estão em parte alguma, e quero distância deles. Quanto menos tiver que olhar para os dois juntos, melhor.

Elara veste uma monstruosidade chocante em tons de vermelho, preto, branco e azul, as cores da sua Casa e da Casa do marido. Ela abre um sorriso forçado com os olhos cravados em mim, depois no filho.

— Aqui vamos nós — diz Maven soltando minha mão para se posicionar ao lado da mãe. Fico com uma estranha sensação de frio sem ele.

— Então, quanto tempo preciso ficar aqui? — ele finge reclamar, interpretando muito bem seu papel.

Quanto mais distraída mantivermos a rainha, maiores serão nossas chances. Uma espiada na mente errada e tudo vira fumaça. *E nós morremos por tabela.*

— Maven, você não pode simplesmente ir e vir ao seu bel-prazer. Você tem responsabilidades e vai ficar o tempo que for necessário.

Ela então se detém sobre o filho. Acerta seu colarinho, suas medalhas, suas mangas e, por um instante, me faz baixar a guarda. Esta é a mulher que invadiu meus pensamentos, que me arrancou da minha vida: a mulher que *odeio*. Ainda assim, tem algo de bom: ama o filho. E, apesar de todos os defeitos, Maven a ama.

O rei Tiberias, por outro lado, não demonstra o menor cuidado com Maven. Mal o observa.

— O garoto só está entediado. Seus dias não têm emoção, não como se estivesse no front — afirma, acariciando a barba bem aparada. — Você precisa de uma causa, Mavey.

Naquele breve instante, a máscara de enfado se desprende do rosto de Maven. *Eu tenho uma causa*, gritam seus olhos. A boca, porém, permanece fechada.

— Cal tem a legião, sabe o que faz, o que *quer*. Você precisa descobrir o que vai fazer da vida, hein!

— Sim, pai — responde o filho. Embora tente esconder, uma sombra passa por seu rosto.

Conheço bem a expressão. Eu mesma a fazia quando meus pais me diziam por meio de indiretas para ser mais como Gisa, apesar de isso ser impossível. Ia para cama com ódio de mim mesma, desejando ser capaz de mudar, ser talentosa, calma e linda como ela. Nada me magoa mais que esse sentimento. Mas o rei não nota a dor de Maven, assim como meus pais nunca

notaram a minha.

— Espero que ajudar a me misturar aos convidados seja uma boa causa para Maven — intervenho, na esperança de desviar o olhar de censura do rei.

Quando Tiberias se volta para mim, Maven deixa escapar um suspiro e um sorriso grato.

— E que bom trabalho ele está fazendo — responde o rei, me encarando. Sei que lhe vem à mente a pobre vermelha que não quis se curvar diante dele. — Pelo que ouço, você é quase uma autêntica dama.

Mas seu sorriso forçado não chega aos olhos. Não há como ocultar sua desconfiança. Ele quis me matar aquele dia na sala do trono, para proteger sua coroa e o equilíbrio do seu país, e acho que esse desejo jamais desaparecerá. Vai me usar como quiser e me matar quando necessário.

— Tive bons ajudantes, meu rei — digo ao fazer uma reverência para demonstrar gratidão pelos elogios. Só que no fundo não me importo com o que ele diz. Sua opinião não vale uma ferrugem da cadeira de rodas do meu pai.

— Estamos todos prontos? — pergunta a voz de Cal, desmanchando meus pensamentos.

Meu corpo reage e se vira no ato para vê-lo chegar. Meu estômago dá voltas, mas não por entusiasmo, nervosismo ou qualquer outra besteira sobre a qual as garotas conversam. Sinto nojo de mim mesma, do que deixei acontecer… do que *quis* que acontecesse. Os olhos de Cal procuram os meus, mas me volto para Evangeline, agarrada em seu braço. Mais uma vez ela veste trajes metálicos e sorri sem mexer os lábios.

— Majestade — Evangeline murmura, curvando-se numa reverência perfeita.

Tiberias sorri para a noiva do seu filho para em seguida dar uma palmadinha no ombro de Cal e dizer brincalhão:

— Só estávamos à sua espera, filho.

Quando os dois estão lado a lado, é impossível negar a semelhança: mesmo cabelo, mesmos olhos dourados e avermelhados, até a mesma postura. Maven observa com seus olhos azuis e pensativos. Sua mãe ainda o segura pelo braço. Com Evangeline de um lado e o pai de outro, Cal não pode fazer mais do que me encarar. Ele inclina levemente a cabeça. É o único cumprimento que mereço.

Apesar da decoração, o salão de festas tem a mesma aparência de mais de um mês atrás, quando a rainha me meteu neste mundo estranho, descartando oficialmente meu nome e minha identidade. Eles me acertaram, e agora é minha vez de atacar.

Sangue jorrará esta noite.

Mas não posso pensar nisso agora. Preciso permanecer com os outros, conversar com as centenas de membros da corte enfileirados para trocar palavras com a família real e com uma vermelha mentirosa disfarçada. Corro os olhos pela fila à procura dos marcados para morrer, os alvos que Maven passou à Guarda. *Reynald*, *a coronel*, *Belicos* e *Ptolemus*, o irmão de cabelos prateados e olhos escuros de Evangeline.

Ele é um dos primeiros a nos cumprimentar, de pé bem atrás de seu severo pai que se apressa a saudar a filha. Quando Ptolemus se aproxima de mim, seguro a vontade de vomitar. Nunca fiz nada mais difícil que olhar nos olhos de um homem prestes a morrer.

— Meus parabéns — ele diz com a voz dura como uma rocha. A mão que me estende é quase tão dura quanto.

Ptolemus não veste uniforme militar, mas um traje de metal preto composto por escamas lisas e brilhantes. É um guerreiro, não um soldado. Assim como seu pai, comanda a guarda da cidade de Archeon, protegendo a capital com seu próprio exército. *A cabeça da cobra*, foi como Maven o descreveu certa vez. *Corte-a e todo o corpo morre.* Seus olhos de rapina focam a irmã mesmo enquanto me cumprimenta. Ele me dispensa apressadamente para logo passar por Maven e Cal antes de abraçar Evangeline, em rara demonstração de afeto. Me surpreende que as roupas idiotas dos dois não fiquem presas uma na outra.

Se tudo correr conforme o plano, ele jamais abraçará a irmã. Evangeline perderá um irmão, assim como eu. Embora conheça essa dor, sou incapaz de ter pena dela. Especialmente pela maneira como está agarrada a Cal. Parecem opostos perfeitos: ele com seu simples uniforme enquanto ela cintila como uma estrela em seu vestido de pontas afiadas. Quero matar Evangeline, quero *ser* Evangeline. Mas não posso fazer nada quanto a isso. Ela e Cal não são problema meu esta noite.

Assim que Ptolemus desaparece e mais pessoas passam diante de nós com sorrisos frios e palavras afiadas, fica mais fácil relaxar. A Casa Iral é a próxima a nos cumprimentar, conduzida pelos movimentos ágeis e indiferentes de Ara, a Pantera. Para minha surpresa, ela se curva diante de mim com um sorriso nos lábios. Mas há algo estranho em seu gesto. Alguma coisa me diz que ela sabe mais do que deixa transparecer. Se retira sem nenhuma palavra e me poupa de outro interrogatório.

Sonya segue sua avó de braços dados com outro alvo: Reynald Iral, seu primo. Maven me disse que ele é o conselheiro financeiro, um gênio que sustenta o Exército graças aos impostos e a acordos de comércio. Se ele morrer, o dinheiro e a guerra também morrem. Troco de bom grado um coletor de impostos por isso. Ao segurar sua mão, não deixo de notar seu olhar gélido e suas mãos suaves. Essas mãos jamais vão me tocar de novo.

Não é fácil não notar a aproximação da coronel Macanthos. A cicatriz em seu rosto se destaca com nitidez, especialmente esta noite em que todos estão tão produzidos. Talvez ela não se importe com a Guarda, mas também não acredita na rainha. Não está disposta a engolir as mentiras que a soberana empurra goela abaixo.

Seu aperto de mão é forte. Pela primeira vez alguém não tem receio de que eu vá quebrar como vidro.

— Toda a felicidade a você, Lady Mareena. Vejo que seu par lhe cai bem — diz, apontando com o queixo para Maven. —

Não é como a pomposa da Samos — acrescenta, cochichando brincalhona. — Ela dará uma triste rainha, e você uma princesa feliz, grave minhas palavras.

— Gravadas — replico baixinho. Consigo até forçar um sorriso, muito embora a vida da coronel esteja perto do fim. Não importa quantas palavras gentis ela diga, seus minutos estão contados.

Quando a coronel passa para Maven — apertando sua mão e o convidando para inspecionar as tropas com ela daqui a uma semana mais ou menos —, reparo que ele fica tão abalado quanto eu. Depois que a coronel se afasta, Maven aperta minha mão para me tranquilizar. Sei que ele se arrepende de ter entregue o nome dela, mas como as mortes de Reynald e Ptolemus, a dela também terá um propósito. Valerá a pena no final.

O próximo alvo vem quase do fim da fila, de uma das Casas menores. Belicos Lerolan tem um sorriso alegre, cabelo castanho e roupas com as cores do poente, que são as da sua Casa. Diferente dos outros que cumprimentei esta noite, dá a impressão de ser gentil e amigável. A alegria em seus olhos é tão real quanto seu aperto de mão.

— É um prazer, Lady Mareena — ele inclina a cabeça para me cumprimentar, educado ao extremo. — Espero passar muitos anos ao seu serviço.

Retribuo seu sorriso, fingindo que existem muitos anos à frente, mas é difícil sustentar essa fachada à medida que os segundos passam. Quando sua mulher chega com os gêmeos do casal, tenho vontade de gritar. Os meninos — que não parecem ter sequer quatro anos e ainda gemem feito cachorrinhos — se agarram às pernas do pai. Ele abre um sorriso carinhoso, usado só para eles.

Um diplomata, foi o que disse Maven. Embaixador junto aos nossos aliados de Piedmont, ao sul. Sem ele, nossos laços com esse país e seu Exército serão rompidos, deixando Norta sozinho para lidar com nossa aurora vermelha. Ele é outro sacrifício que devemos fazer, outro nome para jogar fora. E é pai. *Um pai que vamos matar.*

— Obrigado, Belicos — diz Maven ao apertar sua mão, na tentativa de dispensar os Lerolan antes de eu perder o controle.

Tento falar, mas só consigo pensar no pai que estou prestes a roubar dessas criancinhas. Surge a lembrança de Kilorn chorando a morte do pai. *Ele também era pequeno.*

— Com licença um segundo, por favor — pede Maven com a voz distante. — Mareena ainda está se acostumando à agitação da corte.

Antes de eu lançar um último olhar ao pai condenado, Maven me leva às pressas para fora. Algumas pessoas arregalam os olhos para nós. Consigo perceber até o olhar de Cal em nosso encalço. Quase tropeço, mas Maven me mantém em pé, e chegamos enfim à sacada. Geralmente, o ar fresco me anima, mas duvido que qualquer coisa terá esse efeito agora.

— Filhos — desabafo. — Ele é *pai*.

Maven me solta e bato contra o parapeito, mas meu noivo não recua. Seus olhos azuis refletem o luar sobre mim, como se fossem feitos de gelo. Ele me agarra pelos ombros e me força a escutar.

— Reynald também é pai. A coronel tem filhos. Ptolemus é noivo da filha dos Haven. Todos têm alguém, todos têm entes queridos para lamentar sua morte.

Dá para notar o esforço que faz para pronunciar as palavras. Está tão arrasado quanto eu.

— Não podemos escolher demais como ajudaremos a causa, Mare. Temos que fazer o que pudermos, não importa o custo.

— Não posso fazer isso a eles.

— E você acha que eu quero fazer? — sussurra com o rosto a milímetros do meu. — Conheço cada um deles. Dói em mim traí-los, mas é necessário. Pense no que a vida deles comprará, o que suas mortes conquistarão. Quantos do seu povo não serão salvos? Achei que compreendesse!

Ele faz uma pausa e cerra os olhos por uns instantes. Quando recupera o controle, leva a mão ao meu rosto e acaricia minha bochecha com os dedos trêmulos.

— Desculpe, é que… — sua voz vacila. — Talvez você não veja no que dará esta noite, mas eu vejo. E sei que vai mudar as coisas.

— Acredito em você — digo, com a voz tênue, pondo a mão sobre a dele. — Só queria que não precisasse ser assim.

Atrás dele, no salão de baile, a fila de recepção chega ao fim. Acabaram-se os apertos de mão e cortejos. A noite realmente começou.

— Mas precisa, Mare. Prometo a você: é *necessário*.

Por mais que machuque, por mais que faça meu coração sangrar, concordo.

— Certo.

— Vocês dois estão bem aqui fora?

Por um segundo, a voz de Cal soa aguda e estranha, mas ele limpa a garganta e vem se juntar a nós. Seus olhos se detêm sobre meu rosto.

— Você está pronta, Mare?

Maven responde por mim:

— Ela está.

Juntos, deixamos para trás o terraço, a noite e talvez os últimos instantes de paz da nossa vida. Ao cruzarmos as arcadas,

sinto o fantasma de um toque no braço: *Cal*. Olho para trás e o encontro ainda me observando. Seus olhos estão mais sombrios que nunca, fervilhando com alguma emoção que não consigo identificar. Mas, antes que ele possa dizer algo, Evangeline aparece ao seu lado. Sou forçada a desviar o rosto quando ele a toma pela mão.

Maven nos conduz para a área livre no centro do salão.

— Esta é a parte difícil — diz na tentativa de me acalmar.

Funciona um pouco e os calafrios diminuem.

Os primeiros a dançar diante de todos somos nós: os dois príncipes e suas noivas. Outra demonstração de força e poder, a ostentação das duas vencedoras diante de todas as famílias perdedoras. É a última coisa que quero fazer, mas é pela causa. Quando os alto-falantes soltam as primeiras notas da música que tanto odeio, logo percebo que, ao menos, se trata de uma dança já conhecida.

Maven fica chocado ao me ver acertar a posição dos pés.

— Andou ensaiando?

Com o seu irmão.

— Um pouco.

— Você é cheia de surpresas — ele brinca, ainda capaz de sorrir.

Perto de nós, Cal e Evangeline assumem seus postos. Ambos têm a aparência que um rei e uma rainha devem ter: nobres, frios e belos. Quando os olhos de Cal encontram os meus, no exato momento em que seus dedos se enlaçam nos dela, sinto mil coisas ao mesmo tempo, nenhuma delas agradável. Mas, em vez de afogar no ressentimento, chego mais perto de Maven. Ele me olha de alto a baixo com seus olhos azuis. Começamos a dançar. A poucos metros de nós, Cal executa os passos como me ensinou e conduz Evangeline. Ela é bem melhor que eu, toda graciosidade e beleza. Mais uma vez, sinto como se caísse.

Rodopiamos pela pista em sincronia com a música, cercados por espectadores frios. Já consigo identificar os rostos. Conheço as Casas, as cores, os poderes e as histórias. A quem temer, de quem ter pena. Observam com olhos vorazes, e sei por quê. Pensam que somos o futuro, Cal, Maven, Evangeline e mesmo eu. Pensam assistir a um rei e uma rainha, a um príncipe e a uma princesa. Mas se trata de um futuro que pretendo não deixar acontecer.

Em meu mundo perfeito, Maven não precisaria esconder seus sentimentos, e eu não precisaria esconder quem sou de verdade. Cal não teria coroa para usar, nem trono para proteger. Essas pessoas não teriam paredes atrás das quais se esconder.

A aurora chega para todos vocês.

Dançamos ao som de duas outras canções, e então outros casais entram na pista. O turbilhão de cores impede qualquer visão de Cal e Evangeline, e chego a ter a impressão de que Maven e eu estamos a sós. Por um instante, o rosto de Cal paira diante de mim, substitui o do irmão, e penso ter voltado à sala de ontem.

Mas Maven não é Cal, não importa o quanto seu pai deseje isso. Não é soldado, não será rei, mas é mais corajoso. E quer fazer o que é certo.

— Obrigada, Maven — meu sussurro é quase inaudível ao som daquela música horrível.

Ele não precisa perguntar para saber do que falo.

— Não precisa me agradecer.

Sua voz carrega uma estranha gravidade e quase vacila. Seus olhos estão melancólicos.

— Nunca — finaliza.

Este é o momento em que estamos mais próximos; meu nariz está a centímetros do seu. “Maven saiu como a mãe”, Julian disse uma vez. Não poderia estar mais errado.

Ele nos conduz para a beira da pista de dança, agora apinhada de lordes e suas senhoras. Ninguém notará nossa saída.

— Bebida? — oferece um criado, estendendo-nos uma bandeja com copos cheios de um líquido dourado espumante.

Dispenso-o antes de reconhecer seus olhos verdes. E então preciso morder a língua para não pronunciar seu nome em voz alta. *Kilorn.*

É estranho, mas o uniforme vermelho lhe cai bem, e pela primeira vez ele deu um jeito de limpar a sujeira do rosto. Parece que o aprendiz de pescador que conheci desapareceu completamente.

— Esta roupa pinica — ele resmunga bem baixo.

Talvez não completamente.

— Bom, você não passará muito mais tempo com ela — comenta Maven. — Está tudo certo?

Kilorn assente, com um olhar que atravessa a multidão.

— Estão todos prontos lá em cima.

Acima de nós, os sentinelas preenchem um patamar que circunda as paredes. Mas acima deles, nos nichos das janelas e nas pequenas sacadas próximas ao teto, há sombras que estão longe de serem sentinelas.

— Você só precisa dar o sinal — complementa Kilorn, ainda com a bandeja de cálices na mão.

Maven emproa o corpo e me toca com o ombro.

— Mare?

É minha vez.

— Estou pronta — confirmo baixo, recordando o plano que Maven me confidenciou umas noites atrás.

Tremendo, deixo a vibração familiar da eletricidade fluir em meu corpo, até sentir cada luz e cada câmera sobre nós. Ergo a taça e bebo com intensidade.

Kilorn rapidamente pega o cálice de volta.

— Um minuto. — Sua voz soa tão definitiva.

Ele e sua bandeja desaparecem num estalar de dedos, se esgueirando pela multidão até que o perco de vista. *Corra*, rezo, na esperança de que ele seja rápido o bastante. Maven também se retira, encarregado de cumprir sua tarefa ao lado da mãe.

Caminho até o centro da multidão. A sensação da eletricidade está a ponto de explodir. Mas não posso liberá-la ainda. Não até começarem. *Trinta segundos.*

A figura do rei Tiberias surge diante de mim, sorridente na companhia do filho predileto. Parece estar na terceira taça de vinho e suas bochechas se tingem de prata, ao passo que Cal beberica comedidamente um copo d'água. À minha esquerda, em algum lugar, soa a risada cortante de Evangeline, que provavelmente está com o irmão. Por todo o salão, as pessoas respiram, algumas pela última vez.

Deixo as batidas do meu coração contarem os últimos segundos. Cal me descobre em meio à multidão, abre o sorriso que amo e começa a vir em minha direção. Mas não chegará até mim, não até o ataque acontecer. O mundo desacelera. Sinto apenas a força dentro das paredes. Como no treinamento, como nas aulas de Julian, estou aprendendo a controlá-la.

Quatro disparos ecoam pelo ar ao mesmo tempo que se vê o clarão produzido pelas armas lá no alto.

Os gritos vêm em seguida.

VINTE

MEU GRITO SE JUNTA AOS DELES. As luzes brilham, piscam e por fim se apagam.

Um minuto de escuridão. É o que preciso dar. Os gritos, berros, o barulho de pés quase me desconcentram, mas faço um esforço. As luzes apagadas impossibilitam qualquer movimento. *Possibilitam a fuga dos meus amigos.*

— Nos vãos! — ruge uma voz sobre o caos. — Estão correndo!

Outras vozes se juntam ao chamado, nenhuma delas é familiar. Mas nesta loucura todos soam diferentes.

— Encontrem-nos!

— Detenham-nos!

— Matem-nos!

Os sentinelas do patamar superior apontam suas armas para as sombras. Outros vultos passam correndo. Lembro-me de que Walsh está com eles. Se ela e outros criados conseguiram fazem Farley e Kilorn entrar, também vão conseguir fazê-los sair. Eles podem se esconder. Podem escapar. Ficarão bem.

Minha escuridão vai salvá-los.

Um pilar de fogo irrompe da multidão, agitando no ar feito uma serpente flamejante. As chamas projetam-se para o alto e iluminam o salão escuro. Sombras dançantes tingem as paredes e iluminam os rostos conturbados, transformando o lugar num pesadelo de luzes vermelhas e pólvora. Sonya grita perto de mim, curvada sobre o corpo de Reynald. A ágil matriarca Ara tenta tirá-la do caos e de cima do cadáver. Os olhos sem vida de Reynald encaram o teto e refletem a luz vermelha.

Ainda assim, aguento firme. Cada um dos meus músculos está tenso.

Em algum lugar próximo ao fogo, distingo os guardas do rei arrastando-o para fora do salão. Ele tenta resistir, grita para que não o levem, mas desta vez suas ordens não são obedecidas. Elara e Maven estão logo atrás e correm para longe do perigo. Muitos outros fazem o mesmo, ansiosos para sair do lugar.

Os agentes de segurança correm contra o fluxo, enchendo o salão com gritos e batidas de botas. Os prateados passam por mim aos empurrões na tentativa de escapar, mas tenho que manter meu posto e aguentar o máximo que puder. Ninguém tenta me levar consigo, ninguém sequer me nota. *Estão com medo.* Apesar da força, do poder, ainda sabem o significado do medo. Umas poucas balas no ar são o bastante para trazer à tona o terror que guardam dentro de si.

Uma mulher chorosa esbarra em mim e me derruba. Caio face a face com um cadáver, com a cicatriz da coronel Macanthos. O sangue prata escorre de sua testa. O buraco da bala é estranho, rodeado de uma carne cinzenta, rochosa. *Ela era uma pétrea.* Foi sagaz o bastante para tentar deter a bala, para se proteger. Mas foi impossível. Morreu mesmo assim.

Me afasto da mulher assassinada e acabo com as mãos sobre uma mistura de vinho e sangue prata. Deixo escapar um grito com uma combinação aterrorizante de dor e frustação. O sangue gruda em minhas mãos, como se soubesse o que fiz. É pegajoso, frio. Está por todos os lados, tentando me afogar.

— MARE!

Braços fortes me arrastam pelo chão para longe da mulher que deixei morrer.

— Mare, por favor… — suplica uma voz, mas não sei por quê.

Perco a batalha com um gemido de frustração. As luzes voltam para revelar um campo de guerra com pedaços de seda e morte. Quando tento levantar para verificar se o trabalho realmente chegou ao fim, uma mão me força para baixo.

Digo as palavras necessárias, desempenhando meu papel.

— Sinto muito… As luzes… Não consigo…

Acima de nós, as luzes piscam novamente.

Cal quase não me ouve e se ajoelha diante de mim.

— Onde você foi atingida? — ele pergunta aos berros enquanto examina meu corpo como foi treinado a fazer. Seus dedos correm pelos meus braços e pernas à procura de uma ferida, de uma fonte para tanto sangue.

Minha voz soa estranha. Fraca. Arrasada.

— Estou bem.

Ele não me dá ouvidos de novo.

— Cal, estou bem.

Seu rosto é invadido pelo alívio, e por um instante penso que vai me beijar outra vez. Mas ele recobra os sentidos mais rápido que eu.

— Tem certeza?

Devagar, ergo a manga do meu vestido, manchada de sangue prata.

— Como isto pode ser meu?

Meu sangue não é desta cor. Você sabe.

Ele assente.

— Claro — sussurra. — É que… Vi você no chão e pensei que…

Suas palavras se perdem, dão lugar a uma tristeza terrível em seus olhos. Mas ela também logo se esvai e se transforma em determinação.

— Lucas! Tire-a daqui!

Meu guarda-costas avança por entre o tumulto com a arma em punho. Embora pareça o mesmo, com o uniforme e as botas de todos os dias, aquele não é o Lucas que conheço. Seus olhos pretos — *olhos de Samos* — estão escuros como a noite.

— Vou levá-la até os outros — rosna ao me puxar para si.

Embora eu saiba melhor que ninguém que o perigo já passou, não deixo de estender a mão para Cal.

— E você?

Ele se solta de mim com surpreendente facilidade.

— Não vou fugir.

Cal então se volta para mim, ombro a ombro com um grupo de sentinelas. Ele passa sobre os cadáveres, encarando o teto. Um sentinela joga uma arma para o príncipe, que apanha com destreza, colocando o dedo no gatilho. Sua outra mão se acende e arde em chamas escuras e mortais. Ao lado dos sentinelas e dos corpos no chão, parece ser completamente outra pessoa.

— Vamos à caça — ele urra, para em seguida correr escada acima.

Os sentinelas e os agentes de segurança o acompanham, como uma nuvem negra e vermelha fumegando entre as chamas. Eles deixam atrás de si um salão de festas salpicado de sangue, pó e gritos.

No centro de tudo está Belicos Lerolan, atravessado não por uma bala, mas por uma lança prateada. *Vinda de um atirador de lanças, como os usados para pescar.* Uma faixa vermelha e gasta pende da haste, quase sem balançar com o vento. Um símbolo está estampado nela: o sol despedaçado.

O salão de festas ficou no passado, agora sou engolida pelas paredes escuras de uma passagem de serviço. O chão estremece sob nossos pés e Lucas me empurra contra a parede, me protegendo com o corpo. Um som de trovão reverbera. O teto treme e derruba pedaços de pedra sobre nós. A porta pela qual fugimos é sugada para fora, destruída pelo fogo. Atrás dela, o salão de festas está preto de fumaça. *Uma explosão.*

— Cal…

Tento me desvencilhar de Lucas, refazer o caminho pelo qual viemos, mas ele me puxa.

— Lucas, precisamos ajudar!

— Acredite em mim, uma bomba não é nada para o príncipe — ele esbraveja enquanto me empurra para a frente.

— Uma bomba?

Isso não fazia parte do plano.

— Isso foi uma bomba? — repito a pergunta.

Lucas se afasta de mim, trêmulo de raiva.

— Você viu aquela faixa vermelha como sangue? É a Guarda Escarlate, e *isso* — diz, apontando para o salão de festas, ainda dominado por sombras e chamas —, isso é o que realmente são.

— Não faz sentido… — murmuro para mim mesma enquanto tento recordar cada detalhe do plano. Maven nunca falou sobre uma bomba. *Nunca.* E Kilorn não me deixaria fazer isso, não se soubesse que eu estaria em perigo. *Eles não fariam isso comigo.*

Lucas guarda a arma e fala com a voz grave mais uma vez:

— Assassinos não fazem sentido.

Uma dúvida entala em minha garganta: quantos ainda estavam lá? Quantas crianças, quantas mortes desnecessárias aconteceram?

Lucas toma meu silêncio por choque, mas está errado. O que sinto agora é raiva.

Todo mundo pode trair todo mundo.

Lucas me guia pelo subterrâneo e atravessamos três portas, cada uma com trinta centímetros de espessura, feitas de metal. Estão trancadas sem fechaduras, mas ele as abre com apenas um gesto. Isso me lembra da primeira vez que o encontrei, quando entortou as barras da minha cela.

Escuto os outros antes de vê-los. Suas vozes ecoam através das paredes de metal. O rei vocifera palavras que me provocam calafrios. Ainda vestido com seu manto, caminha de um lado para o outro, e sua presença preenche o abrigo.

— Quero que os encontrem. Quero todos com uma espada atravessada pelas costelas. E quero que confessem o que sabem, como os ratos covardes que são!

Ele se dirige a uma sentinela, mas a mulher mascarada não esboça qualquer expressão.

— Quero saber o que está *acontecendo*!

Elara está sentada com uma mão sobre o peito e a outra agarrada a Maven. Meu noivo se aproxima de mim assim que me vê.

— Você está bem? — pergunta baixo durante um abraço rápido.

— Apenas abalada — é o que consigo dizer, tentando comunicar o que posso. Mas, com Elara tão perto, mal posso me dar

ao luxo de pensar, quanto mais falar. — Houve uma explosão depois dos tiros. Uma bomba.

Maven franze a testa, confuso. Mas rapidamente oculta a confusão com raiva.

— Malditos.

— Selvagens — bufa o rei Tiberias através dos dentes cerrados. — E meu filho?

Meu olhar se dirige para Maven antes de me dar conta de que o rei não se refere a ele. Maven não se incomoda, está acostumado a ser esquecido.

— Cal foi atrás dos atiradores. Levou um bando de sentinelas com ele.

A lembrança do príncipe sombrio e furioso como uma chama me assusta.

— Quando o salão explodiu — acrescento —, não sei quantos ainda… ainda estavam lá.

— Algo mais, querida?

Vindo de Elara, o "querida" me choca. Ela parece mais pálida que nunca, respirando rápido. *Está com medo.*

— Algo mais que você se lembre? — insiste.

— Havia uma bandeira presa a uma lança. A Guarda Escarlate fez isso.

— A Guarda Escarlate — ela diz, erguendo uma das sobrancelhas.

Contenho a vontade de fugir, de correr dela e dos seus sussurros. A qualquer momento ela se infiltrará na minha cabeça para arrancar a verdade.

Mas, em vez disso, desvia o olhar de mim para o rei.

— Viu o que você fez? — ela desafia, mostrando os dentes, que refletem a luz como presas brilhantes.

— Eu? *Você* chamou a Guarda de pequena e fraca, mentiu para o povo — Tiberias rebate. — Foram suas ações que nos enfraqueceram diante do perigo, não as minhas.

— Se você tivesse cuidado disso quando teve a chance, quando *eram* pequenos e fracos, isto nunca teria acontecido!

Eles vociferam um contra o outro como cães famintos disputando comida.

— Elara, eles não eram terroristas naquela época. Não podia desperdiçar meus soldados e oficiais em caçadas a um punhado de vermelhos que escrevia panfletos. Não causavam estragos.

Elara aponta para o teto devagar.

— E isso não parece um estrago para você?

O rei fica sem resposta e a rainha sorri, satisfeita por vencer a discussão.

— Um dia, seus homens aprenderão a ficar sempre atentos, e o mundo todo tremerá. A Guarda é uma doença, uma doença que você permitiu se espalhar. É hora de eliminá-la pela raiz.

Ela levanta da cadeira e endireita o corpo.

— São demônios vermelhos e devem ter aliados dentro de nossas próprias paredes.

A essas palavras, faço o máximo para manter os olhos fixos no chão.

— Acho que terei uma *palavra* com os criados. Soldado Samos, por favor? — conclui.

Lucas arregala os olhos e abre a porta do abrigo. A rainha sai furiosa como um furacão, acompanhada por dois sentinelas. Lucas vai atrás dela para destravar as sucessivas portas de aço, que estalam cada vez mais distantes. Não sei o que a rainha fará aos criados, mas sei que será doloroso e sei o que descobrirá: nada. Walsh e Holland fugiram com Farley, conforme o planejado. Sabiam que seria perigoso demais ficar depois do baile. E tinham razão.

A porta de metal espesso permanece fechada apenas por uns instantes e se abre novamente, com o poder de outro magnetron: *Evangeline*. Ela parece o diabo com um vestido de gala: as joias destroçadas e os dentes à mostra. O pior são os olhos: selvagens e úmidos, borrados de maquiagem preta. *Ptolemus. Ela chora pelo irmão morto.* Embora diga a mim mesma que não me importo, preciso segurar o impulso de a confortar com um abraço. Mas a vontade passa logo que seu noivo adentra o abrigo depois dela.

Sua pele está coberta de lixo e fuligem, assim como seu uniforme. Geralmente, ficaria preocupada com a expressão de ódio e dureza nos olhos de Cal, mas algo me faz tremer até os ossos. Há manchas de sangue em seu uniforme preto, e não é prateado. *Vermelho. O sangue é vermelho.*

— Mare — ele me chama, mas sem qualquer ternura na voz —, venha comigo. Agora.

As palavras foram dirigidas a mim, mas todos nos acompanham pelas passagens que conduzem às celas. Meu coração salta no peito, a ponto de parecer pular para fora. *Não Kilorn. Qualquer um menos ele.* Maven mantém a mão firme em meu ombro. No começo penso que se trata de um gesto de conforto, mas então ele me puxa para trás. Quer evitar que eu corra na frente dos outros.

— Você devia tê-lo matado na hora — Evangeline diz a Cal, apontando a mancha de sangue vermelho no uniforme do príncipe. — Eu não deixaria esse demônio vermelho viver.

Esse. Mordo os lábios para manter a boca fechada e não dizer alguma idiotice. Maven aperta a mão em meu ombro como uma garra, posso até sentir seu pulso acelerar. Tudo indica que este será o fim do nosso jogo. Elara voltará para revirar os cérebros destroçados dos meus amigos e descobrir até onde vai o plano.

Os degraus até as celas são os mesmos, mas parecem maiores, descendo até as partes mais profundas do Palácio. O

calabouço finalmente surge aos nossos olhos, e nada menos que seis sentinelas montam guarda. Uma onda de frio percorre meu corpo, mas não tremo. Mal sou capaz de me mover.

Quatro figuras aguardam na cela, todas feridas e sujas de sangue. Apesar da pouca luz, reconheço todas. Os olhos de Walsh estão fechados de tão inchados, mas ela parece bem. Tristan, por sua vez, escora-se contra a parede e pressiona a perna encharcada de sangue. Bandagens improvisadas — provavelmente feitas com um pedaço da camisa de Kilorn — envolvem a ferida. Já meu amigo parece ileso, para meu grande alívio. Com um braço, ele mantém Farley de pé. A clavícula da líder está deslocada e um dos seus braços pende de forma estranha. Mas isso não a impede de desdenhar de nós e até mesmo cuspir por entre as barras um misto de sangue e saliva que acerta o pé de Evangeline.

— Arranquem a língua dela por isso — resmunga Evangeline, avançando em direção às barras.

Ela para a milímetros da cela e bate a mão contra o metal. Embora seja capaz de partir a cela e seus detentos em dois só com um pensamento, a vencedora da Prova Real se controla.

Farley sustenta o olhar e mal pisca. Se este é seu fim, certamente partirá de cabeça erguida.

— Um pouco violenta para uma princesa.

Antes de Evangeline perder a calma, Cal a puxa das barras. Devagar, ergue a mão e aponta.

— Você.

Um medo horrível se espalha pelo meu corpo quando percebo que ele aponta para Kilorn. Um músculo da bochecha do meu amigo repuxa, mas ele mantém os olhos fixos no chão.

Cal se lembra dele. Da noite em que me levou para a casa.

— Mare, explique isto.

Abro a boca, à espera de que uma mentira fantástica saia, mas não digo nada.

O olhar de Cal escurece.

— Ele é seu amigo. *Explique isto.*

Evangeline arregala os olhos e direciona sua ira contra mim.

— Você o trouxe aqui! — grita. — Você fez isto!

— Não fiz nada — gaguejo sob o peso de todos os olhares. — Quer dizer, eu arrumei um emprego para ele aqui. Ele trabalhava na madeireira, um trabalho duro, mortal… — minha boca derrama mentiras, uma mais rápida que a outra. — Ele… ele era meu amigo lá no vilarejo. Só queria ter certeza de que ficaria bem. Arranjei o emprego de criado, como… — Faço uma pausa e olho para Cal. Nós dois recordamos a noite em que nos conhecemos e o dia seguinte a ela. — Pensei que estivesse ajudando.

Maven dá um passo em direção à cela e observa nossos amigos como se esta fosse a primeira vez que os vê.

— Parecem meros criados — comenta, apontando para seus uniformes vermelhos.

— Eu diria o mesmo, exceto que os encontramos tentando escapar por um cano de drenagem — emenda Cal. — Demoramos para arrancá-los de lá.

— Estão todos aqui? — pergunta o rei Tiberias enquanto espreita através das barras.

Cal nega com a cabeça.

— Havia mais na frente, mas conseguiram chegar até o rio. Não sei quantos.

— Bom, vamos descobrir — diz Evangeline com as sobrancelhas arqueadas. — Chamem a rainha. Enquanto isso…

Ela então olha para o rei, que abre um pequeno sorriso por baixo da barba e concorda.

Não preciso perguntar para saber o que têm em mente. *Tortura.*

Os quatro prisioneiros se mantêm firmes, sem um tremor sequer. O rosto de Maven revela o turbilhão em sua cabeça, enquanto tenta descobrir um jeito de nos proteger, mas não há. É bem mais do que poderíamos esperar. Se eles conseguirem mentir… *Mas como podemos exigir isso? Como assistir aos quatro gritando e permanecer impassível?*

Kilorn parece ter uma resposta para mim. Mesmo neste lugar horrível, seus olhos verdes conseguem brilhar. *Mentiremos por você.*

— Cal, faça as honras — diz o rei, levando a mão ao ombro do filho.

A única coisa que posso fazer é observar, rezando para que Cal não atenda ao pedido do pai. O príncipe herdeiro me lança um olhar, como um pedido de desculpas. Em seguida, encara uma sentinela menor que os outros. Seus olhos cinza acendem por trás da máscara.

— Sentinela Gliacon, preciso de um pouco de gelo.

Não faço ideia do que isso significa, mas Evangeline comemora.

— Boa escolha.

— Você não precisa ver isto — sussurra Maven, tentando me tirar daqui.

Não posso abandonar Kilorn. Não agora. Escapo de suas mãos com raiva e mantenho os olhos sobre meu amigo.

— Deixe-a ficar — grasna Evangeline, contente com meu desconforto. — Isto vai ensiná-la a não tratar vermelhos como amigos.

Ela então se volta para a cela, abre as barras com um gesto e estica o dedo.

— Comece por ela. Precisa de uma lição.

A sentinela assente e arranca Farley da cela pelo punho. As barras voltam à posição original e mantêm os demais presos. Walsh e Kilorn acorrem às barras, ambos transparecendo medo.

A sentinela força Farley a se ajoelhar e espera a próxima ordem.

— Alteza?

Cal vai para o lado dela, respirando forte. Hesita antes de falar, mas a voz soa firme.

— Quantos mais existem de vocês?

Farley aperta o maxilar e cerra os dentes. Prefere morrer a falar.

— Comece pelo braço.

A sentinela não faz questão de ser delicada e imobiliza o braço ferido de Farley. A líder bufa de dor, mas não diz nada. Preciso reunir todas as minhas forças para não atacar a sentinela.

— E vocês *nos* chamam de selvagens — dispara Kilorn com a testa contra as grades.

Devagar, a sentinela dobra a manga encharcada de sangue de Farley e põe as mãos pálidas e cruéis sobre sua pele. Farley grita ao toque, mas não sei o motivo.

— Onde estão os outros? — indaga Cal, ajoelhando para encarar a vítima nos olhos.

Farley fica em silêncio por uns instantes e respira fundo. O príncipe espera pacientemente que ceda.

Em vez disso, Farley salta para a frente e lhe acerta uma cabeçada com toda a força.

— Estamos por toda parte — ela ri, mas grita quando a sentinela retoma a tortura.

Cal se recupera bem, com uma das mãos sobre o nariz, agora quebrado. Outra pessoa revidaria, mas ele não.

Manchas vermelhas surgem no braço de Farley onde a sentinela toca. Elas crescem a cada segundo, pontos vermelhos nítidos e lívidos contra a pele agora azulada. *Sentinela Gliacon. Casa Gliacon*. Minha mente volta às aulas de protocolo, às lições sobre as Casas. *Calafrios*.

Arrepiada, compreendo o que se passa e desvio o olhar.

— É o sangue — murmuro, incapaz de continuar a ver. — Está congelando o sangue dela.

Maven apenas confirma com a cabeça. Seus olhos estão sérios e cheios de tristeza.

Atrás de nós, a sentinela continua o trabalho, subindo a mão pelo braço de Farley. Pequenos cristais de gelo vermelho atravessam sua pele e cortam cada nervo, provocando uma dor inimaginável para mim. Farley solta o ar entre os dentes cerrados. Ainda assim, não diz nada. Meu coração bate mais rápido com o passar do tempo, perguntando quando a rainha vai chegar, quando nosso teatro acabará.

Por fim, Cal se põe de pé.

— Basta.

Outro sentinela, um Skonos curandeiro de pele, se inclina diante de Farley. Por pouco a líder não desmaia. Agora, tem o olhar perdido no braço perfurado por lâminas de sangue congelado. O novo sentinela a cura rapidamente com suas mãos bem treinadas.

Farley solta uma gargalhada sombria à medida que o calor retorna ao braço.

— Tudo isso só para poderem repetir, hein?

Cal põe as mãos atrás das costas. Troca um olhar com o pai, que assente.

— De fato — diz Cal, com os olhos novamente voltados para a calafrio.

Gliacon, porém, não tem chance de continuar.

— ONDE ESTÁ ELA? — brada uma voz terrível escada abaixo.

O barulho faz Evangeline correr até o pé das escadas.

— Estou aqui! — ela grita de volta.

Quando Ptolemus Samos desce pelos degraus e abraça a irmã, preciso enterrar minhas unhas na palma da mão para me segurar. Ali está ele: vivo, respirando e terrivelmente irado. No chão, Farley solta palavrões.

O Samos se detém apenas uns instantes ao lado da irmã e logo avança rumo à cela, com uma fúria aterrorizante nos olhos. Sua armadura está danificada no ombro, pulverizada por uma bala. Mas a pele sob ela está perfeita. *Curada*. Ele fecha as mãos e as barras tremem, chiando contra o concreto.

— Ptolemus, ainda não… — grita Cal, e o agarra pelo braço.

Ptolemus, porém, afasta o príncipe com um empurrão. Apesar do tamanho e da força, Cal quase cai pra trás.

Evangeline corre até o irmão e puxa sua mão.

— Não, precisamos que eles falem!

Com apenas um movimento do braço, ele se desvencilha. Nem mesmo Evangeline consegue pará-lo.

As barras estalam, guinchando sob seu poder à medida que a cela abre. Nem mesmo os sentinelas são capazes de deter seu avanço com seus movimentos ágeis e treinados. Kilorn e Walsh se agitam e saltam para trás contra as paredes de pedra, mas Ptolemus é um predador, e predadores atacam os fracos. Com sua perna quebrada, incapaz sequer de se mover, Tristan não tem a menor chance.

— Você não vai ameaçar minha irmã de novo — ruge Ptolemus enquanto controla as barras de metal da cela.

Uma delas se crava diretamente no coração de Tristan. O rebelde engasga com o próprio sangue e *morre*. Ptolemus sorri.

Quando ele se volta para Kilorn, com o desejo de morte no coração, ataco.

As centelhas ganham vida em minha pele. Quando minha mão fecha ao redor do pescoço dele, libero a eletricidade. Ela penetra seu corpo, eletrificando suas veias, e Ptolemus convulsiona sob meu toque. O metal do uniforme vibra e fumega, quase o cozinha vivo. E então ele cai sobre o chão de concreto, com o corpo ainda tremendo do choque.

— Ptolemus!

Evangeline se apressa para o lado do irmão e segura seu rosto. Uma faísca salta em seus dedos e a eletricidade a faz recuar com uma careta. Ela avança contra mim num acesso de raiva.

— Como você *ousa*…?

— Ele vai ficar bem.

De fato, não lhe dei uma carga capaz de causar danos sérios.

— Como você disse — acrescento —, precisamos que eles falem. E não poderão fazer isso mortos.

Os olhos arregalados dos outros pousam sobre mim revelando uma mistura de emoções. Principalmente medo. Cal, o garoto que beijei, o soldado, o bruto, não consegue me encarar. Reconheço a expressão em seu rosto: vergonha. Não sei se por ter machucado Farley ou se por não a ter feito falar. Pelo menos Maven tem o bom senso de aparentar tristeza, com olhos fixos no corpo de Tristan, ainda sangrando.

— Mamãe pode cuidar dos prisioneiros mais tarde — ele diz ao rei. — Mas as pessoas lá em cima vão querer ver o rei e saber que ele está seguro. Muitos morreram. Você devia consolá-los, pai. E você também, Cal.

Ele está tentando ganhar tempo. Maven, brilhantemente, tenta nos comprar uma chance.

Embora me cause arrepios, levo a mão ao ombro de Cal. Ele já me beijou uma vez. Talvez ainda dê ouvidos ao que eu disser.

— Ele tem razão, Cal. Isto pode esperar.

Ainda no chão, Evangeline mostra os dentes.

— A corte quer respostas, não abraços! Isto precisa ser feito agora! Majestade, arranque a verdade deles…

Mas mesmo Tiberias vê a sabedoria das palavras de Maven.

— Vamos esperar — concorda. — Amanhã saberemos a verdade.

Aperto a mão no braço de Cal e sinto os músculos tensos sob a roupa. Ele relaxa ao meu toque, como se um grande fardo fosse retirado dos ombros.

A essas palavras, os sentinelas jogam Farley de volta à cela destruída. Seus olhos se fixam nos meus, querendo saber o que tenho em mente. *Quem dera eu soubesse*.

Evangeline carrega Ptolemus para fora aos puxões e depois endireita as barras.

— Você é fraco, meu príncipe — ela sussurra no ouvido de Cal.

Resisto à vontade de dirigir o olhar a Kilorn ao me lembrar de suas palavras: *Pare de tentar me proteger*.

Não vou parar.

Marchamos todos para a sala do trono. O sangue goteja da manga do meu vestido, deixando um rastro de pontos prateados atrás de mim. Sentinelas e agentes de segurança guardam a imensa porta com as armas apontadas para as saídas de serviço. Sequer se mexem quando passamos, como que congelados em sua posição. Têm ordens para matar caso seja necessário. Atrás da porta, o grande cômodo reverbera gritos de raiva e tristeza. Quero sentir um quê de vitória, mas a imagem de Kilorn atrás das grades refreia qualquer alegria que eu possa ter. Os olhos sem vida da coronel também me assombram.

Chego perto de Cal. Ele mal nota, caminhando com os olhos ardentes no chão.

— Quantos mortos? — pergunto.

— Dez até agora. Três a bala e oito na explosão. Mais quinze feridos — ele diz, impassível, como se estivesse listando mercadorias, não pessoas. — Mas todos serão curados.

Ele aponta o polegar na direção dos curandeiros que correm por entre os feridos. Vejo duas crianças entre eles. Depois dos feridos, estão os cadáveres, estendidos diante do trono do rei. Os dois filhos de Belicos Lerolan jazem ao lado do pai, enquanto a mãe chorosa permanece em vigília sobre o corpo.

Preciso levar a mão à boca para conter a surpresa. *Nunca desejei isto*.

A mão quente de Maven toma a minha e me conduz através do cenário sangrento até nosso lugar ao lado do trono. Cal permanece de pé, tentando em vão limpar o sangue vermelho das mãos.

— Acabou o tempo das lágrimas — troveja Tiberias cerrando os punhos. — Agora é tempo de honrar nossos mortos, curar os feridos e *vingar nossos caídos*. Sou o rei. Não esqueço. Não perdoo. Fui calmo no passado, permitindo aos nossos irmãos vermelhos uma vida boa, próspera e digna. Mas eles cospem em nós, rejeitam nossa misericórdia e trazem consigo o pior tipo de destino.

Com o rosto fechado, ele derruba a lança prateada e o pano vermelho. A arma bate no chão e ressoa como um sino de

funeral. O sol despedaçado se mostra diante de nossos olhos.
— Esses tolos, terroristas, *assassinos* serão capturados. E morrerão. Juro por minha coroa, por meu trono, por meus filhos: *morrerão*.
Um rumor ensurdecedor se ergue da multidão à medida que cada prateado se endireita. Todos — feridos ou não — levantam, unidos. O cheiro metálico de sangue é quase estarrecedor.
— Força! — brada a corte. — Poder! *Morte!*
Os olhos de Maven, grandes e temerosos, encontram os meus. Sei o que ele está pensando, porque é o mesmo que eu.
O que foi que fizemos?

VINTE E UM

De volta ao meu quarto, arranco o vestido arruinado e jogo a seda no chão. As palavras do rei ecoam em minha cabeça, salpicadas de imagens desta noite terrível. Os olhos de Kilorn se destacam entre as memórias, me queimando como uma chama alta. *Preciso protegê-lo, mas como?* Se pudesse mais uma vez trocar de lugar com ele, trocar minha liberdade pela dele. Se as coisas ainda fossem simples assim. As lições de Julian nunca me vieram à mente com tanta nitidez: *o passado é tão mais grandioso que este futuro.*

Julian. *Julian.*

Os corredores da parte residencial fervilham de sentinelas e agentes, todos com os nervos à flor da pele. Mas já dominei a arte de passar despercebida, e a porta de Julian não é longe. Apesar do horário, ele está acordado, debruçado sobre os livros. Tudo parece igual, como se nada tivesse acontecido. Talvez ele não saiba. Mas então noto a garrafa de licor marrom sobre a mesa, no lugar habitualmente ocupado por uma chaleira. *É claro que ele sabe.*

— À luz dos recentes acontecimentos, suponho que nossas aulas estejam canceladas por ora — ele diz, tirando os olhos da página.

Contudo, ele fecha o livro de supetão e concentra a atenção em mim.

— Isso sem falar que é tarde.

— Preciso de você, Julian.

— Tem a ver com o Atentado Rubro? Sim, já inventaram um bom nome — ele diz, apontando para o monitor escurecido no canto da sala. — Há horas está no noticiário. O rei fará um pronunciamento ao país pela manhã.

Lembro da âncora de cabelo loiro que noticiou o atentado na capital mais de um mês atrás. Houve poucos feridos, e ainda assim o mercado virou um caos. O que farão agora? Quantos vermelhos inocentes pagarão por isso?

— Ou tem a ver com os quatro terroristas trancafiados no calabouço deste edifício? — pressiona Julian, à espera da minha reação. — Perdão, são três. Ptolemus Samos com certeza merece sua reputação.

— Não são terroristas — respondo com calma, tentando me controlar.

— Preciso mostrar a definição de terrorista, Mare?

O tom de sua voz me fere.

— A causa deles pode ser justa, mas os métodos… Além disso, o que *você* diz não importa — prossegue, mais uma vez apontando para o monitor. — Já existe uma versão oficial da verdade, e é a única que as pessoas vão ouvir.

Meus dentes rangem até doerem, a mandíbula tensionada.

— Você vai me ajudar ou não?

— Sou apenas um professor. E meio rejeitado, caso não tenha notado. O que posso fazer?

— Julian, por favor — posso sentir minha última chance escapar por entre os dedos. — Você é um cantor, pode falar com os guardas… pode *forçá-los* a fazer o que quiser. Pode libertar os presos.

Mas ele permanece imóvel, bebericando calmamente sua bebida. Não faz a careta que espero. O álcool é rotina em sua vida.

— Amanhã eles serão interrogados — continuo. — E não importa quão forte sejam, quanto tempo aguentem, a verdade será descoberta.

Devagar tomo a mão de Julian e aperto os dedos gastos pelo papel.

— O plano foi meu — digo enfim. — Sou uma deles.

Ele não precisa saber de Maven. Só o deixaria mais zangado com o príncipe.

A meia verdade funciona bem. Consigo ver o efeito nos olhos de Julian.

— *Você?* Você fez *isto*? — ele gagueja. — Os tiros, a bomba…?

— A bomba foi… inesperada.

A bomba foi um horror.

Ele aperta os olhos e imagino as engrenagens mexendo em sua cabeça. Então ele desaba a falar:

— Eu avisei, avisei para não deixar isso sair do controle!

Ele soca a mesa, irado como nunca o vi antes.

— E agora — perde o fôlego, me encarando com tanta tristeza que meu coração dói — tenho que assistir a você se afogar?

— Se eles escaparem…

Ele mata o resto da bebida com um só gole. Depois, numa explosão, despedaça o copo contra o chão, o que me faz pular.

— E eu? Mesmo se eliminar as câmeras, a memória dos guardas, qualquer coisa que pode nos incriminar, a rainha saberá — ele diz, para então concluir balançando a cabeça. — Ela arrancará meus olhos por isto.

E Julian jamais lerá novamente. Como posso pedir uma coisa dessas?

— E depois me matará — as palavras finalmente saem da minha garganta. — Mereço tanto quanto eles.

Ele não vai me deixar morrer. Não vai. Sou a menininha elétrica, e vou tornar o mundo um lugar melhor.

Quando Julian retoma a palavra, sua voz soa vazia.

— Disseram que a morte da minha irmã foi suicídio — ele começa, correndo os dedos ao redor do punho, detendo-se numa lembrança de muito tempo atrás. — Era mentira, e eu sabia. Ela era triste, mas jamais faria tal coisa. Não quando tinha Cal e Tibe. Foi assassinada, e eu não disse nada. Tive medo e a deixei morrer coberta de vergonha. Desde aquele dia trabalho para corrigir isso, esperando nas sombras deste mundo monstruoso, esperando minha vez de vingá-la.

Ele ergue os olhos com lágrimas para mim.

— Suponho que seja um bom modo de começar.

Não leva muito tempo para Julian elaborar um plano. Precisamos apenas de um magnetron e de algumas câmeras desligadas. Por sorte, posso fornecer ambos.

Lucas bate à minha porta menos de dois minutos depois de eu o chamar.

— O que posso fazer por você, Mare? — diz mais tenso que o habitual. Sei que o tempo que passou acompanhando a rainha no interrogatório dos criados não foi fácil. Mas ao menos deve estar distraído demais para notar que tremo.

— Estou com fome — as palavras ensaiadas saem com mais facilidade do que deveriam. — Não jantamos, então estava me perguntando se…

— Tenho cara de chef? Você deveria ter chamado alguém da cozinha. É o trabalho deles.

— É só que, bem, não acho agora um bom momento para os criados circularem pelo Palacete. As pessoas ainda estão ouriçadas, e não quero ninguém ferido só porque tive fome. Queria apenas que você me acompanhasse. Talvez sobre até um biscoito para você.

Suspirando como um adolescente irritado, Lucas me dá o braço. Antes de sairmos, lanço um olhar para as câmeras do corredor e as desligo. *Aqui vamos nós.*

Deveria me sentir mal por usar Lucas, sei por experiência própria o que é ter a mente feita de brinquedo. Mas se trata da vida de Kilorn. Lucas ainda fala quando dobramos a esquina do corredor e topamos com Julian.

— Lord Jacos… — Lucas cumprimenta, inclinando a cabeça em reverência.

Então Julian, mais rápido do que jamais imaginei, o segura pelo queixo. Antes que Lucas possa reagir, Julian o encara nos olhos. A luta acaba antes de começar.

Suas palavras doces, leves como pluma e fortes como ferro, caem nos ouvidos abertos.

— Leve-nos às celas. Use os corredores de serviço. Mantenha-nos longe das patrulhas. Não se lembre disto.

Lucas, geralmente todo piada e sorrisos, cai num estado estranho, meio hipnótico. Olha para o nada e sequer nota quando Julian retira sua arma do coldre. Mas marcha mesmo assim, nos conduzindo pelos labirintos do Palacete. A cada curva, sinto os olhos elétricos das câmeras e desativo uma por uma. Julian faz o mesmo com os guardas e os força a esquecer nossa passagem. Juntos, somos uma dupla imbatível, e não demora muito para chegarmos ao fim da escadaria do calabouço. Lá embaixo haverá muitos sentinelas, Julian não vai conseguir se virar sozinho.

— Não diga nenhuma palavra — Julian sussurra para Lucas, que concorda com a cabeça.

Agora é a minha vez de liderar. Espero sentir medo, mas a pouca luz e o tardar da hora são familiares. Este é o meu mundo: me esgueirar, mentir e roubar.

— Quem vem lá? Declare seu nome e o que veio fazer aqui! — grita um dos sentinelas.

Reconheço a voz: Gliacon, a calafrio que torturou Farley. *Talvez possa convencer Julian a mandá-la se jogar de um penhasco.*

Estico o corpo e me preparo para falar. A voz e o tom são o mais importante.

— Meu nome é Lady Mareena Titanos, sou noiva do príncipe Maven — respondo enquanto desço os degraus com toda a graciosidade possível. Minha voz é fria e aguda, uma imitação de Elara e Evangeline. *Também tenho força e poder.* — E não dou satisfações a sentinelas.

Ao me ver, os quatro sentinelas trocam olhares de dúvida. Um deles — um homem grande com olhos de porco — chega mesmo a me examinar de um jeito rude. Atrás das grades, Kilorn e Walsh ficam atentos. Farley não se mexe, abraçada aos joelhos. Por um segundo, acho que está dormindo, mas ela se move e seus olhos azuis refletem a luz.

— Preciso saber, Lady Titanos — diz Gliacon em tom de desculpa. Em seguida, olha para Julian e Lucas, que surgem atrás de mim. — O mesmo vale para os dois.

— Gostaria de ter uma conversa particular com essas… — forço o máximo de nojo possível na voz. Não é difícil com o sentinela de olhos de porco tão perto. — … criaturas. Temos perguntas que devem ser respondidas e ofensas a punir. Não temos, Julian?

Julian desdenha, numa boa representação.

— Será fácil fazê-los falar.

— Não será possível, senhorita — guincha Olho de Porco com seu forte sotaque de Harbor Bay. — Nossas ordens são de permanecer a noite toda aqui. Não saímos para ninguém.

Uma vez fui xingada por um garoto de Palafitas porque usei meu charme para convencê-lo a me dar seu belo par de botas.

— Você compreende meu status, não? Em breve serei princesa, e um favor a uma princesa é algo *muito* valioso. Além

disso, estes ratos vermelhos precisam de uma lição. E de uma lição dolorosa.

Olho de Porco pisca devagar, ruminando a questão. Julian avulta por trás de mim, pronto para usar suas palavras doces caso precise. Em menos de dois segundos, o sentinela assente e gesticula para os outros.

— Podemos dar cinco minutos.

O sorriso de orelha a orelha que abro chega a fazer meu rosto doer, mas não me importo.

— Muito obrigada. Estou em dívida com vocês.

Eles marcham em fila única arrastando as botas. Assim que atingem o patamar da escada, começo a ter esperanças. *Cinco minutos é mais do que o suficiente.*

Kilorn praticamente pula nas barras, ansioso por sua liberdade, ao passo que Walsh ajuda Farley a se levantar. Mas eu não esboço qualquer movimento. Não pretendo libertá-los, não ainda.

— Mare… — cochicha Kilorn, estranhando minha hesitação, mas o faço se calar com apenas um olhar.

— A bomba.

Fumaça e fogo assombram minha mente e me levam de volta ao momento em que o salão de festas explodiu.

— Me falem da bomba — ordeno.

Espero que se desfaçam em pedidos de desculpa, que supliquem meu perdão, mas, em vez disso, os três se entreolham com o rosto inexpressivo. Farley se apoia contra as barras, seus olhos ardem.

— Não sei nada sobre a bomba — ela murmura, quase inaudível. — Nunca autorizei isso. A ideia era sermos organizados, com alvos específicos. Não matarmos aleatoriamente, sem propósito.

— E a capital, as outras bombas…?

— Você sabe que os prédios estavam vazios. Ninguém ali morreu, não por nossa causa — ela diz em tom de voz equilibrado. — Juro, Mare, não foi coisa nossa.

— Você acha de verdade que a gente tentaria explodir nossa maior esperança? — acrescenta Kilorn. Não preciso perguntar para saber que se refere a mim.

Por fim, olho para Julian e aceno com a cabeça.

— Abra a cela, discretamente — sussurra Julian com as mãos no rosto de Lucas.

O magnetron obedece. As barras desenham um *o* largo o bastante para os prisioneiros passarem. Walsh sai primeiro, com os olhos arregalados de admiração. Kilorn vai em seguida, ajudando Farley a passar por entre as barras. O braço da líder ainda pende contundido. O curandeiro não cuidou de tudo.

Indico a parede e os três caminham sem fazer barulho, como ratos. Os olhos de Walsh se despedem do corpo sem vida de Tristan, ainda na cela, mas ela mantém o controle e segue ao lado de Farley. Julian empurra Lucas para perto dos prisioneiros antes de assumir seu posto ao pé da escada, no outro extremo do cômodo.

Eu fico do outro lado, espremida ao lado de Kilorn. Embora ele tenha passado a noite acompanhado por um cadáver, ainda tem o cheiro do vilarejo.

— Eu sabia que você viria — ele cochicha em meu ouvido. — Eu sabia.

Mas não há tempo para comemoração e elogios. Não até estarmos longe e seguros.

Perto das escadas, Julian acena com a cabeça. Está pronto.

— Sentinela Gliacon, posso falar com você? — grito para o alto da escadaria. É a isca da nossa próxima armadilha. E o ruído de passos me diz que ela mordeu.

— Pois não, Lady Titanos?

Quando chega ao calabouço, seus olhos vão direto para a cela aberta e ela arfa de susto por trás da máscara. Mas Julian é rápido demais, mesmo para uma sentinela.

— Você foi andar um pouco. Voltou e encontrou isto. Não se lembra de nós. Chame *um* dos outros — ele murmura na melodia terrível da sua voz.

— Sentinela Tyros, sua ajuda é necessária — as palavras soam sem vida.

— Agora durma.

Gliacon cai antes mesmo de as últimas palavras saírem dos lábios de Julian, que a apanha pela cintura e a coloca cuidadosamente atrás de si. Kilorn suspira de admiração por Julian, que dá um sorrisinho, satisfeito.

Tyros é o próximo a descer, confuso, mas ansioso por ser útil. Julian repete a operação e canta suas ordens em poucos segundos. Eu não imaginava que os sentinelas fossem tão burros, mas faz sentido. São treinados desde a infância na arte do combate; lógica e inteligência não são suas prioridades.

Os últimos dois, porém, Olho de Porco e o curandeiro, não são idiotas completos. Quando Tyros chama o curandeiro, os dois lá de cima conversam algo.

— Terminou, Lady Titanos? — questiona Olho de Porco, atento.

Pensando rápido, grito de volta:

— Sim, terminamos. Seus companheiros retornaram aos seus postos, quero ter certeza de que vocês também vão voltar.

— Ah, sim. É isso mesmo, Tyros?

Com uma velocidade impressionante, Julian se ajoelha diante do desmaiado Tyros, abre seus olhos à força e segura as pálpebras:

— Diga que retornou ao posto. Diga que Lady Titanos terminou.

— Estou em meu posto — ele diz com uma voz monótona que espero que a longa escadaria e as paredes de pedras disfarcem. — Lady Titanos terminou.

Olho de Porco resmunga consigo mesmo.

— Muito bem.

Suas botas batem contra os degraus. Os dois sentinelas descem juntos. *Dois. Julian não pode lidar com dois sozinho.* Sinto atrás de mim a tensão de Kilorn, que cerra o punho, preparado para qualquer imprevisto. Com uma mão o empurro de volta para a parede, enquanto a outra se ilumina com a eletricidade.

Os passos param um pouco antes do portal. Nem Julian nem eu conseguimos ver os sentinelas, mas Olho de Porco arfa como um cachorro. O curandeiro também está lá, à espreita, longe do nosso alcance. Em meio ao silêncio total, não é difícil escutar o engatilhar de uma pistola.

Julian arregala os olhos, mas permanece firme e leva uma das mãos à sua arma roubada. Não ouso sequer respirar, ciente do nervosismo que domina todos nós. As paredes parecem encolher e nos fechar num caixão de pedra sem escapatória.

Sinto uma grande calma ao avançar até o pé da escada com a mão eletrificada nas costas. Espero as balas virem contra mim a qualquer minuto, mas a dor não chega. Ninguém vai atirar em mim se eu não der um bom motivo.

— Algum problema, sentinelas? — pergunto com ar de superioridade e uma sobrancelha arqueada, como vi Evangeline fazer centenas de vezes.

Lentamente, subo um degrau, atraindo ambos até nosso campo de visão. Eles estão lado a lado, com o dedo roçando no gatilho.

— Acharia melhor que não apontassem suas armas para mim.

Olho de Porco me encara, mas isso não me abala. *Sou uma nobre. Preciso agir como uma. Agir por minha vida.*

— Onde está seu amigo? — ele pergunta.

— Ah, já está vindo. Uma das prisioneiras fala demais. Precisa de uma atenção *extra*.

A mentira sai fácil. A prática realmente leva à perfeição.

Com um sorriso maldoso, Olho de Porco baixa um pouco a pistola.

— A vadia cheia de cicatrizes? Também precisei apresentá-la à minha mão — ele ri.

Rimos juntos, enquanto imagino o que a eletricidade faria aos seus olhos gordos e pálidos.

À medida que me aproximo, o curandeiro segura o corrimão de metal e me impede de avançar. *Calma*, digo a mim mesma, carregando a mão com a energia suficiente. O bastante para não queimar, não ferir, mas derrubar os dois. É como passar linha por uma agulha e, desta vez, a costureira experiente sou eu.

À minha frente, o curandeiro já não ri com seu amigo. Seus olhos estão brilhantes e prateados. Com a máscara e o traje flamejante, ele parece um demônio saído de um pesadelo.

— O que você tem atrás das costas? — sibila através da máscara.

Dou de ombros e me permito um passo a mais.

— Nada, sentinela Skonos.

A próxima palavra é severa.

— Mentirosa.

Reagimos ao mesmo tempo e partimos para a ação. A bala me acerta na barriga, mas minha eletricidade flui pelo corrimão, e chega pela pele do curandeiro até seu cérebro. Olho de Porco grita e dispara. A bala perfura a parede e por pouco não me acerta. Mas eu, sim, o acerto com a bola faiscante que tinha atrás das costas. Os dois caem ao meu lado com os músculos se contraindo do choque.

E então chega minha vez de cair.

Por um segundo, passa pela minha mente uma dúvida: será que minha cabeça vai se espatifar contra o chão de pedra? Acho que deve ser melhor do que sangrar até a morte. Antes de descobrir a resposta, sou salva por dois braços longos.

— Mare, você vai ficar bem — sussurra Kilorn, levando a mão à minha barriga na tentativa de estancar o sangramento. Seus olhos estão verdes como grama e se destacam num mundo que desfaz em escuridão. — Não é nada.

— Vistam isto! — Julian ordena aos outros.

Farley e Walsh passam com pressa ao meu lado para botar os mantos e as máscaras vermelhos como o fogo.

— Você também! — ele grita apressado para Kilorn, com um puxão que quase lança meu amigo para o outro lado do calabouço.

— Julian… — me esforço para chamar, tentando agarrá-lo. *Preciso agradecer a ele.*

Mas Julian está fora do meu alcance, já abaixado diante do curandeiro. Ele abre as pálpebras do sentinela e canta para que desperte. Quando me dou conta, o curandeiro coloca as mãos sobre minha ferida. Um segundo depois, o mundo já está de volta ao normal. No canto, Kilorn respira aliviado e veste o manto.

— Ela também — digo, apontando para Farley.
Julian concorda com a cabeça e dirige o curandeiro até ela. Com um estalo bem sonoro, seu ombro volta ao lugar.
— Muitíssimo obrigada — ela diz e, em seguida, coloca a máscara.
Walsh permanece atônita, esquecida da máscara em sua mão. Observa boquiaberta os sentinelas caídos.
— Estão mortos? — pergunta baixinho, como uma criança assustada.
Julian observa por cima de Olho de Porco depois que terminou de cantar para ele.
— Longe disso. Vão acordar em algumas horas. Se vocês tiverem sorte, ninguém vai perceber que partiram até lá.
— Posso me virar com algumas horas — Farley comenta. Em seguida, fala com Walsh para trazer a companheira de volta à realidade: — Cabeça erguida, garota! Temos muito o que correr esta noite.
Não demoramos muito para nos esgueirar entre as últimas passagens de serviço. Ainda assim, meu medo aumenta a cada segundo, até dar com a garagem de Cal. O hipnotizado Lucas abre um buraco na porta de metal como se rasgasse um papel e revela a noite lá fora.
Walsh me surpreende com um abraço.
— Não sei como — ela sussurra —, mas tomara que um dia você seja rainha. Imagine o que poderia fazer. A rainha vermelha.
A ideia impossível me arranca um sorriso.
— Vá antes que sua bobeira passe para mim.
Farley não é de abraços, mas me dá até uma palmadinha no ombro.
— Vamos nos encontrar de novo. Em breve.
— Não assim, espero.
Seu rosto se abre num raro e amplo sorriso. Apesar da cicatriz, percebo que é muito bonita.
— Não assim — repete antes de se esgueirar pela noite com Walsh.
— Sei que não posso pedir para você vir comigo — murmura Kilorn, já pronto para seguir as duas.
Ele olha para as próprias mãos, para as cicatrizes que conheço melhor que minha cabeça. *Olhe para mim, seu idiota.* E, suspirando, me esforço para empurrá-lo em direção à liberdade.
— A causa precisa de mim aqui. Você também precisa de mim aqui.
— O que preciso e o que quero são coisas bem diferentes.
Quero rir, mas não encontro forças.
— Não é nosso fim, Mare — ele garante ao me abraçar, fazendo seu peito vibrar ao rir. — A rainha vermelha. Até que soa bem.
— Vá embora, seu bobo.
Nunca abri um sorriso tão luminoso e estive tão triste ao mesmo tempo.
Ele me encara pela última vez e acena para Julian antes de sair para a escuridão. A chapa de metal volta ao que era antes e me impede de ver meus amigos. Para onde vão, não quero nem saber.
Julian precisa me puxar de lá, mas não reclama da minha longa despedida. Acho que está mais preocupado com Lucas, que começa a babar em seu estado de transe.

VINTE E DOIS

À NOITE, SONHO COM MEU IRMÃO SHADE vindo me visitar na escuridão. Ele tem cheiro de pólvora. Mas, quando pisco, minha mente grita aquilo que já sei: *Shade está morto*.

Quando a manhã chega, uma série de ruídos e batidas de porta me acorda e me faz sentar na cama. Espero encontrar sentinelas, Cal ou um Ptolemus assassino pronto para me partir ao meio pelo que fiz. Contudo, são apenas as criadas revirando meu armário. Parecem mais apressadas que o normal e juntam minhas roupas desleixadas.

— O que houve?

As garotas ficam imóveis. Fazem uma reverência com as mãos repletas de vestidos de linho e seda. Ao me aproximar, percebo um conjunto de malas de couro.

— Vamos a algum lugar? — pergunto.

— Ordens, minha senhora — uma delas responde. — Só sabemos o que nos disseram.

— Claro. Bom, vou me vestir então.

Procuro a roupa mais próxima, na esperança de ao menos uma vez escolher por mim mesma. Ainda assim, as criadas agem mais rápido.

Cinco minutos depois, já me pintaram e me vestiram com uma calça de couro estranha e uma camisa listrada. Realmente gosto mais dos trajes de treino do que das outras roupas, mas não me parece “adequado” usá-los fora das aulas.

— Lucas? — chamo no corredor vazio, com a vaga expectativa de o ver sair de um dos esconderijos.

Mas ele não se encontra em parte alguma, e vou para a aula de protocolo à espera de que cruze meu caminho. Quando isso não acontece, meu corpo treme de alto a baixo. Julian o fez esquecer a noite passada, mas talvez algo tenha vazado. Talvez ele esteja sendo interrogado ou castigado pela noite de que não se lembra e pelo que o forçamos a fazer.

Todavia, não passo muito tempo só. Maven surge com um sorriso de admiração nos lábios.

— É cedo, principalmente para quem foi dormir tão tarde.

— Não sei o que você quer dizer — replico inocente.

— Os prisioneiros fugiram. Todos os três desapareceram do nada.

Levo a mão ao peito para aparentar às câmeras que estou chocada.

— Por minhas cores! Um punhado de vermelhos escapou de nós? Parece impossível.

— De fato, parece — comenta, embora o sorriso e o olhar sombrio permaneçam. — Claro, isso desperta desconfiança: as faltas de energia, a falha no sistema de segurança, isso sem falar da tropa de sentinelas com parte da memória em branco.

O príncipe me dirige um olhar duro, e deixo que veja minha inquietação.

— Sua mãe… os interrogou?

— Sim.

— E ela ainda vai conversar — escolho as palavras cautelosamente — com mais alguém a respeito da fuga? Oficiais, guardas…?

Maven balança a cabeça e diz:

— Quem fez isso, fez muito bem. Ajudei-a com os interrogatórios e *apontei* qualquer pessoa suspeita.

Apontou. Apontou para longe de mim. Solto um curto suspiro de alívio e aperto seu braço em agradecimento.

— Além disso, talvez jamais encontremos o responsável. Muitas pessoas foram embora desde a noite passada. Acham que o Palacete não é mais seguro.

— Depois da noite de ontem, provavelmente estão certos.

Passo meu braço pelo seu e o puxo para mim antes de perguntar:

— O que sua mãe descobriu sobre a bomba?

A voz de Maven baixa a um sussurro.

— Não houve bomba.

O quê?

— Houve uma explosão, mas acidental. Um dos tiros perfurou um cano de gás no chão e quando o fogo de Cal acendeu… — Neste momento, ele para de falar e deixa suas mãos demonstrarem o resto. — Minha mãe teve a ideia de usar isso a, hum, nosso favor.

Não matamos sem propósito.

— Sua mãe está pintando a Guarda como um monstro.

Ele confirma com a cabeça, sério.

— Ninguém vai querer ficar ao lado deles. Nem mesmo os vermelhos.

Meu sangue ferve. *Mais mentiras.* Ela está vencendo sem disparar um tiro ou puxar uma espada. Só precisa de palavras. E agora vou me embrenhar ainda mais em seu mundo, em Archeon.

Não vou mais ver minha família. Gisa vai crescer e não vou reconhecê-la. Bree e Tramy vão se casar, ter filhos e me

esquecer. Meu pai vai morrer aos poucos, sufocado por suas feridas e, quando partir, minha mãe vai junto.

Maven me deixa divagar. Seus olhos pensativos observam as emoções que se manifestam no meu rosto. Ele sempre me deixa com meus pensamentos. Às vezes, seu silêncio é melhor que as palavras de qualquer pessoa.

— Quanto tempo ainda temos aqui?

— Partimos à tarde. A maior parte da corte vai embora antes, mas temos que tomar o navio e manter alguma tradição no meio desta loucura toda.

Quando era criança, costumava me sentar à varanda para assistir aos lindos navios flutuarem rio abaixo, rumo à capital. Shade ria da minha vontade de ver o rei, nem que de relance. Na época, não sabia que se tratava de uma demonstração de força, como as lutas nas arenas, para nos ensinar quão insignificantes somos na grande ordem do mundo. Agora tomarei parte nisso mais uma vez, só que do outro lado.

— Pelo menos você vai poder ver sua casa de novo, nem que seja por uns instantes — ele acrescenta, querendo ser gentil.

Claro, Maven. O que eu mais quero é ver meu velho lar e minha família ficarem para trás.

Mas é o preço que tenho que pagar. Libertar Kilorn e os outros significa perder meus últimos dias no vale. É uma troca que faço sem hesitar.

Somos interrompidos por um estrondo vindo de um corredor próximo que dá para o quarto de Cal. Maven reage primeiro e chega lá antes de mim, como se tentasse me proteger de algo.

— Pesadelos, meu irmão? — pergunta, preocupado com o que vê.

Em resposta, Cal sai do quarto com os punhos cerrados, talvez para manter as mãos sob controle. Já não está com o uniforme manchado de sangue, usa um outro, parecido com a armadura de Ptolemus, mas com um tom avermelhado.

Sinto vontade de dar um tapa na cara dele, de arranhá-lo e gritar por causa do que fez com Farley, Tristan, Kilorn e Walsh. A energia dança dentro de mim, suplicando para ser liberada. Mas, afinal, o que podia esperar? Sei quem ele é e no que acredita: não vale a pena salvar vermelhos. Assim, falo com a maior educação possível:

— Vai partir com a sua legião?

A julgar pela raiva lívida em seus olhos, sei que não vai. Antes temia que ele partisse, mas agora desejo isso. *Nem acredito que me preocupei em salvar Cal. Nem acredito que esse pensamento me passou pela cabeça.*

Cal responde bufando:

— A Legião das Sombras não vai a lugar nenhum. Meu pai não permite. É perigoso demais e sou *valioso* demais.

— Você sabe que ele tem razão — comenta Maven ao pôr a mão no ombro do irmão para acalmá-lo.

Lembro de ver Cal fazer o mesmo com Maven, mas agora parece que a coroa trocou de cabeça.

— Você é o herdeiro — meu noivo acrescenta. — Ele não pode arriscar perder você também.

— Sou um soldado — rebate Cal, desvencilhando-se do toque do irmão. — Não posso ficar sentado enquanto os outros lutam por mim. Não vou fazer isso.

Ele soa como uma criança que chora por um brinquedo. Deve gostar de matar, o que me dá nojo. Permaneço calada e deixo Maven falar por mim. Ele sempre sabe o que dizer.

— Encontre outra causa. Construa outra moto, dobre o treinamento, faça exercícios com seus homens, *prepare-se* para quando o perigo passar. Cal, você pode fazer milhares de outras coisas, e nenhuma delas termina com você morrendo em alguma trincheira! — ele diz com os olhos fixos no irmão.

Depois de uma pausa, Maven abre um sorriso e tenta deixar o ambiente mais leve antes de concluir.

— Você não muda nunca, Cal. Não consegue ficar parado.

Depois de um instante de silêncio, Cal abre um sorriso tênue e declara:

— Nunca.

Seus olhos se voltam para mim, mas não vou ser pega por seu olhar de bronze, de novo não.

Olho para o lado, fingindo observar um quadro na parede.

— Bonita armadura — provoco. — Vai ficar bem na sua coleção.

Ele parece ofendido, confuso até, mas rapidamente se recupera. Seu sorriso desaparece e é substituído por uma cara fechada. Dá um tapa na própria armadura e o som lembra garras arranhando pedras.

— Foi presente de Ptolemus. Parece que eu e o irmão da minha noiva compartilhamos a mesma causa.

Minha noiva. Como se isso fosse me causar ciúmes ou algo assim.

Maven se concentra na armadura.

— O que você quer dizer?

— Ptolemus comanda a guarda da capital. Se eu e minha legião nos unirmos a ele, podemos fazer algo útil, mesmo na cidade.

Um medo gélido se apossa mais uma vez do meu coração e apaga qualquer esperança e felicidade que o sucesso da noite passada me proporcionou.

— O que exatamente? — pergunto.

— Sou um bom caçador. Ele é um bom matador.

Depois dessas palavras, Cal dá um passo para trás, caminhando para longe de nós.

Posso vê-lo se esgueirar não só até o fim do corredor, mas por um caminho sombrio e sinuoso. Temo pelo garoto que me ensinou a dançar. *Não, não posso ter medo por ele.* Ou *dele*. E isto é pior que todos os meus horrores e pesadelos.

— Nós dois cortaremos a Guarda Escarlate pela raiz. Acabaremos com a rebelião de uma vez por todas.

Não há programação para o dia de hoje. Todos estão ocupados demais com a viagem para lecionar ou treinar. *Fuga* talvez seja uma expressão melhor, pois com certeza é o que parece do meu ponto de vista privilegiado na entrada. Eu costumava imaginar os prateados como deuses intocáveis que nunca se sentiam ameaçados ou amedrontados. Agora sei que é o contrário. Passaram tanto tempo no topo, protegidos e isolados, que se esqueceram de que podem cair. Sua força se converteu em fraqueza.

Uma vez temi estas muralhas, assustada com tamanha beleza. Mas agora vejo as rachaduras. É como o dia da bomba na capital, quando percebi que os prateados não eram intocáveis. Daquela vez foi uma explosão; agora algumas balas quebraram as muralhas de diamante e revelaram o medo e a paranoia que escondiam. Prateados fugindo de vermelhos: leões fugindo de ratos. O rei e a rainha discordam, a corte tem suas próprias alianças e Cal, o príncipe perfeito, o bom soldado, é um inimigo terrível e torturador. *Todo mundo pode trair todo mundo.*

Cal e Maven cumprem seu dever de se despedir de todos, apesar do caos organizado. Os aviões não estão longe, e mesmo de dentro do Palacete é possível ouvir o ronco de seus motores. Gostaria de ver essas máquinas grandiosas de perto, mas isso significa encarar a multidão, e não tenho estômago para os olhares doloridos dos que perderam seus entes queridos. No fim das contas, doze morreram ontem à noite, mas me recuso a gravar seus nomes. Eles não podem pesar sobre mim, não quando mais preciso da minha cabeça.

Quando canso de observar, meus pés me levam para onde querem e me fazem circular por corredores já familiares. As câmaras se fecham à minha passagem, e assim ficarão até o retorno da corte no próximo verão. *Sei que não voltarei*. Os criados cobrem os móveis, as pinturas e as estátuas com lençóis brancos, até todo o Palacete parecer assombrado por fantasmas.

Em pouco tempo me vejo diante da porta da velha sala de aula de Julian. A visão me deixa chocada. As pilhas de livros, a escrivaninha e até os mapas não estão mais lá. O ambiente parece mais amplo, mas dá a sensação de ser menor. Antes continha mundos inteiros, mas agora abriga apenas pó e papéis amassados. Meus olhos se detêm na parede em que o mapa enorme costumava ficar. No começo, eu não era capaz de compreender, mas agora me lembro dele como um velho amigo:

Norta, Lakeland, Piedmont, Prairie, Tiraxes, Montfort, Ciron e todas as terras disputadas no meio. Outros países, outros povos, todos divididos entre linhas de sangue como nós. *Se mudarmos, eles mudarão também? Ou tentarão nos destruir?*

— Espero que você se lembre das aulas — a voz de Julian me tira dos meus pensamentos de volta ao espaço vazio. Ele está atrás de mim, e segue meu olhar até a parede do mapa. — Perdão por não ter podido ensinar mais.

— Teremos muito tempo para as aulas em Archeon.

Ele abre um sorriso triste, tão cheio de dor que mal posso aguentar. De repente, sinto pela primeira vez que as câmeras nos observam.

— Julian?

— Os arquivistas de Delphie me ofereceram trabalho para restaurar alguns textos antigos.

A mentira é tão perceptível quanto o nariz em seu rosto.

— Parece que fizeram umas escavações em Wash — ele prossegue — e encontraram alguns abrigos de armazenamento. Montanhas de documentos, ao que parece.

Minha voz quase não sai.

— Você vai gostar de ter tantos textos assim.

Você sabia que ele teria de partir, censura minha consciência. *Você o forçou a isso na noite passada ao botar a vida dele em risco por causa de Kilorn.*

— Você vai visitar a capital quando puder?

— Sim, claro.

Outra mentira. Elara logo vai descobrir o papel dele nisso tudo, e então Julian será um fugitivo. Faz sentido sair na frente.

— Tenho um presente para você — ele anuncia.

Preferiria Julian a qualquer presente, mas tento parecer grata mesmo assim.

— Um bom conselho?

Ele balança a cabeça e sorri.

— Você verá quando chegar à capital — diz, para em seguida abrir os braços e me chamar. — Preciso partir e quero uma despedida apropriada.

Abraçar Julian é como abraçar meu pai ou meus irmãos que nunca mais verei. Não quero que ele vá, mas é muito perigoso que fique, e nós dois sabemos disso.

— Obrigado, Mare — ele sussurra em meu ouvido. — Você me lembra muito ela.

Nem preciso perguntar para saber que ele se refere a Coriane, a irmã que perdeu há tanto tempo.
— Sentirei saudades, menininha elétrica.
Agora o apelido não soa tão ruim.

Não tenho forças para me maravilhar com o navio nem com os motores elétricos que o impulsionam. Bandeiras pretas, prateadas e vermelhas tremulam em cada mastro para indicar que aqui está o rei. Quando criança, costumava me perguntar por que o rei usava nossa cor, tão baixa para ele. Agora percebo que as bandeiras são vermelhas como seu fogo, como a destruição e o povo que controla.
— Os sentinelas da noite passada foram *realocados* — conta Maven enquanto caminhamos pelo deque.
Realocados é apenas uma palavra bonita para “castigados”. Lembro de Olho de Porco e do jeito que me encarou. Não sinto pena.
— Para onde foram?
— Para a frente de batalha, claro. Vão ser postos em algum grupo medíocre, para comandar soldados feridos, incapazes ou de mau temperamento. São geralmente os primeiros a ser enviados para as trincheiras durante um ataque.
Pelas sombras que surgem nos olhos de Maven, percebo que ele soube disso em primeira mão.
— São os primeiros a morrer?
Ele inclina a cabeça, sério.
— E Lucas? Não o vejo desde ontem…
— Está bem. Vai viajar com a Casa Samos, sua família. O atentado deixou todos abalados, mesmo as Grandes Casas.
Uma onda de alívio e tristeza passa por mim. Sinto falta de Lucas, mas é bom saber que está seguro e longe das garras de Elara.
Maven morde o lábio, cabisbaixo.
— Mas não por muito tempo. Logo aparecerão respostas.
— O que você quer dizer?
— Encontraram sangue nas celas. Sangue vermelho.
Meu ferimento à bala sumiu, mas não a lembrança da dor.
— E?
— Qualquer um dos seus amigos que tenha tido a infelicidade de se ferir não permanecerá muito tempo oculto se a base sanguínea funcionar.
— Base sanguínea?
— Um banco de dados de sangue. Qualquer vermelho a um raio de duzentos quilômetros da civilização tem seu sangue coletado ao nascer. Começou como um projeto para compreender qual é exatamente a diferença entre nós, mas acabou mais como um jeito de aprisionar seu povo. Nas cidades grandes, os vermelhos não usam cartões de identidade, mas cartões de sangue. São examinados em todos os portões, na entrada e na saída. Marcados como gado.
Logo me vêm à cabeça os velhos documentos que o rei atirou em mim aquele dia na sala do trono. Ali estava meu nome, minha fotografia e uma mancha de sangue.
Meu sangue. Eles têm meu sangue.
— E eles… eles podem descobrir de quem é o sangue? Simples assim?
— Leva um tempo, uma semana mais ou menos, mas é assim que funciona.
Seus olhos repousam sobre minhas mãos trêmulas. Ele as toma entre as suas a fim de que seu calor passe para meu corpo frio.
— Mare?
— Levei um tiro — sussurro. — O sentinela me deu um tiro. É o meu sangue que encontraram.
E então suas mãos se tornam tão frias quanto as minhas.
Apesar de todas as ideias sagazes, Maven não tem o que dizer desta vez. Apenas observa e respira com rapidez e medo. Reconheço a expressão em seu rosto. Sempre a uso quando sou obrigada a me despedir de alguém.
— Pena que não ficamos mais — lamento em voz baixa, olhando para o rio. — Queria morrer perto de casa.
Uma brisa joga uma mecha do meu cabelo sobre meu rosto, mas Maven a afasta e me puxa para si com uma ferocidade impressionante.
Ah.
Seu beijo não é nada parecido com o do irmão. Maven é mais desesperado, e fica tão surpreso com o ato quanto eu. Ele sabe que estou afundando rápido, como uma pedra atirada num rio. *E quer afundar comigo.*
— Vou dar um jeito nisso — murmura com os lábios nos meus. Nunca vi seus olhos tão luminosos e penetrantes. — Não vou deixar machucarem você. Dou minha palavra.
Parte de mim quer acreditar.
— Maven, você não pode dar um jeito em tudo.

— Você tem razão: *eu* não posso — ele replica, com um tom de voz diferente. — Mas posso convencer alguém com mais poder que eu.

— Quem?

Quando a temperatura aumenta à nossa volta, Maven recua com o rosto tenso e os dentes cerrados. A luz em seus olhos me dá a impressão de que vai atacar quem quer que nos tenha interrompido. Não viro para trás, principalmente porque mal sinto meus membros. Meu corpo formiga, embora meus lábios ainda latejem com a lembrança. Não sei o que isso significa. E não faço a menor ideia do que sinto.

— A rainha solicita sua presença no deque panorâmico — Cal diz, a voz áspera como uma lixa. Ele soa quase zangado, mas seus olhos de bronze parecem tristes, derrotados até. — Estamos passando por Palafitas, Mare.

Sim, as margens já são familiares. Conheço aquela árvore machucada, aquele banco de areia, o eco das serras e o barulho da queda das árvores. *Este é meu lar.* Apesar da dor, faço um esforço para me afastar do parapeito e encarar Cal, que parece travar uma conversa silenciosa com o irmão.

— Obrigada, Cal — murmuro, ainda tentando processar o beijo de Maven e, claro, meu futuro iminente.

Cal vai embora. Suas costas geralmente retas estão curvadas. Cada passo seu é um golpe de culpa em mim, me lembrando da nossa dança e do nosso beijo. *Eu machuco todo mundo, especialmente a mim mesma.*

Maven observa o irmão se afastar.

— Ele não gosta de perder — comenta.

Antes de prosseguir, baixa a voz e chega tão perto que posso ver os raios prateados em seus olhos.

— E eu também não. Não vou perder você, Mare. *Não vou.*

— Você nunca vai me perder.

Outra mentira, ambos sabemos.

O deque panorâmico domina a parte dianteira do navio e é fechado com vidro de uma ponta a outra. Formas marrons surgem perto das margens do rio, e a velha montanha com sua arena aparece entre as árvores. Estamos longe demais da terra para ver qualquer pessoa direito, mas reconheço minha casa de imediato. A velha bandeira ainda está hasteada na varanda, ainda com as três estrelas bordadas. Uma delas agora é atravessada por uma listra negra, em memória a Shade. *Ele foi executado. Quando isso acontece, a ordem é arrancar a estrela.* Mas a minha família não o fez. Preferiram um pequeno ato de rebelião.

Quero apontar minha casa para Maven, contar do vilarejo. Vi sua vida e agora quero lhe mostrar a minha. Mas o deque panorâmico está em silêncio. Todos apenas observamos o vilarejo à medida que nos aproximamos. *O povo não se importa com vocês*, tenho vontade de gritar. *Só os idiotas vão parar para ver. Só os idiotas vão perder tempo com vocês.*

O navio continua e começo a pensar que o vilarejo inteiro é composto por idiotas. Todos os seus dois mil habitantes se amontoam na margem do rio, alguns com água até os joelhos. Desta distância, todos parecem iguais. Cabelo desbotado e roupas gastas, pele manchada, cansados, famintos: tudo que eu costumava ser.

E *irritados*. Mesmo do navio dá para notar sua raiva. Não comemoram nem gritam nossos nomes. Ninguém acena. Ninguém sequer sorri.

— O que é isso? — penso em voz alta, sem esperar resposta.

Mas a rainha responde com todo o prazer:

— É um desperdício desfilar rio abaixo sem que ninguém pare para ver. Parece que demos um jeito nisso.

Algo me diz que se trata de outro evento obrigatório, como as lutas e os pronunciamentos. Guardas arrancaram idosos doentes da cama e trabalhadores exaustos do chão e os forçaram a nos assistir.

Um chicote estala em algum lugar da margem, seguido por um grito de mulher.

— Em fila! — um grito ecoa entre a multidão.

Os rostos não viram para trás sequer por um segundo, de modo que não posso ver onde foi o problema. *O que aconteceu para deixar as pessoas tão submissas? O que já foi feito?*

Lágrimas brotam dos meus olhos diante da cena. Há mais estalos e alguns bebês choram, mas ninguém nas margens protesta. De repente, já estou na beirada do deque, desejando poder atravessar o vidro com cada centímetro do corpo.

— Vai a algum lugar, Mareena? — sibila Elara do seu assento ao lado do rei. Ela beberica calmamente um coquetel e me lança um olhar por cima do copo.

— Por que vocês estão fazendo isso?

Com um vestido esplendoroso e os braços cruzados, Evangeline me encara com desdém.

— Por que você se importa?

Mas suas palavras caem em ouvidos surdos.

— Eles sabem o que aconteceu no Palacete. Talvez até concordem. Então precisam saber que não estamos derrotados — explica Cal com os olhos na margem do rio. O covarde é incapaz de me encarar. — Sequer sangramos.

Outro estalar de chicote e contraio os músculos, como se o golpe fosse na minha pele.

— Vocês também mandaram que fossem espancados?

Cal não aceita o desafio e permanece com o rosto e a boca fechados. Quando outro habitante grita em protesto, seus olhos também fecham.

— Para trás, Lady Titanos.

A voz do rei troveja como uma tempestade longínqua, uma ordem definitiva. Quase consigo ver o orgulho em seu sorriso ao me observar retroceder até Maven.

— Este é um vilarejo vermelho — explica. — Você sabe disto melhor que nós. A população abriga, alimenta e protege esses terroristas. Se torna como eles. São como crianças que agiram mal. E precisam aprender.

Abro a boca para argumentar, mas a rainha mostra os dentes.

— Talvez você conheça alguns que precisem ser transformados em exemplos — ela sugere com calma enquanto aponta para a terra.

As palavras morrem em minha boca, desfeitas pelas ameaças.

— Não, majestade, não conheço.

— Então fique para trás e em silêncio — ela diz com um sorriso e acrescenta: — Pois chegará sua hora de falar.

É pra isso que precisam de mim: para um momento como esse, quando a balança pender contra eles. Mas não posso reclamar. Só posso obedecer e observar minha casa se perder de vista. Para sempre.

Quanto mais perto chegamos da capital, maiores são os vilarejos. Logo a paisagem de árvores e plantações dá lugar a cidades propriamente ditas. Elas se concentram ao redor de usinas enormes, com casas de tijolo e dormitórios para abrigar os operários vermelhos. Como nos vilarejos, a população sai às ruas para nos ver passar. Soldados berram, chicotes estalam, e nunca me acostumo. Meu corpo sempre estremece.

Em seguida as cidades são substituídas por propriedades gigantes e mansões, como o Palacete. Feitas de pedra, vidro e mármore recurvado, uma é mais luxuosa que a outra. Os quintais descem até o rio, com jardins decorados por verdes e belas fontes. As casas em si parecem obra dos deuses, cada uma com um tipo de beleza diferente. Mas as janelas estão escuras, as portas fechadas. Enquanto os vilarejos e as cidades estão abarrotados de gente, estes lugares parecem desprovidos de vida. Apenas as bandeiras hasteadas no alto permitem saber que alguém de fato mora ali. Azul para a Casa Osanos, prateado para Samos, marrom para Rhambos, e assim por diante. Agora sei as cores e posso atribuir rostos a cada uma das moradias silenciosas. *Cheguei até a matar os proprietários de algumas.*

— Beira Rio — explica Maven. — Casas de campo para quando os lordes desejam escapar da cidade.

Meu olhar se detém sobre a mansão dos Iral, uma maravilha em colunas de mármore preto. Panteras de pedra sobre duas patas guardam a varanda. Até as estátuas me fazem tremer ao me lembrar de Ara Iral e suas perguntas insistentes.

— Não há ninguém nas casas.

— Passam a maior parte do ano vazias. Ninguém se arriscaria a deixar a cidade agora com essa história da Guarda.

Ele abre um sorriso pequeno e amargo antes de continuar.

— Preferem se esconder atrás dos muros de diamante e deixar meu irmão lutar em seu lugar.

— Se ninguém precisasse lutar…

Maven balança a cabeça.

— Não adianta sonhar.

Observamos calados Beira Rio ficar para trás. Outra floresta se ergue nas margens. As árvores são estranhas: altíssimas, com casca negra e folhas vermelhas e escuras. Um silêncio mortal, que nenhuma floresta deveria ter, predomina. Não há canto de pássaros, e o céu escurece adiante, mas não por causa do pôr do sol. Nuvens negras se amontoam sobre as árvores e pairam como um cobertor grosso.

— O que é isso?

Até minha voz sai abafada e fico subitamente feliz pela proteção de vidro ao redor do deque. Para minha surpresa, os outros saíram e nos deixaram sozinhos para observar a triste paisagem.

Maven corre os olhos pela floresta com o rosto contorcido de desgosto.

— Árvores de barreira. Evitam que a poluição suba o rio. Os verdes da família Welle as criaram anos atrás.

Pequenas ondas de espuma marrom resvalam no navio e deixam uma película de lodo preto no casco brilhante. O mundo assume cores estranhas, como se eu o observasse através de um vidro sujo. As nuvens baixas não são nuvens de verdade, e sim a fumaça que jorra de mil chaminés e tapa o céu. Longe estão as árvores e a grama: esta é a terra das cinzas e da decadência.

— A Cidade Cinzenta — murmura Maven.

As fábricas cobrem até onde a vista alcança. São sujas, enormes e vibram de eletricidade. Aquilo me atinge como um soco, quase me derruba. Meu coração tenta acompanhar o pulso extraordinário. Meu sangue acelera nas veias. Preciso sentar.

Pensei que meu mundo era errado, que minha vida era injusta. Mas nunca pude sequer sonhar com um lugar como a Cidade Cinzenta.

As usinas de força brilham na escuridão, bombeando eletricidade azul e verde no emaranhado doentio de fios pelo ar.

Veículos lotados de carga rodam sobre as pontes e levam bens de uma fábrica a outra, fluindo como sangue negro e letárgico em veias cinzentas. O pior de tudo são as casinhas ao redor de cada fábrica, formando um quadrado perfeito. Uma se ergue sobre a outra, com vielas entre si. *Favelas*.

Sob um céu tão cheio de fumaça, duvido que os trabalhadores consigam ver a luz do dia. Caminham da fábrica para casa e enchem as ruas durante as mudanças de turno. Não há soldados, não há estalar de chicote, não há olhares perdidos. Ninguém os força a nos ver passar. *O rei não precisa se exibir aqui. Eles já nascem acabados.*

— Esses são os técnicos — falo em voz baixa e rouca ao me lembrar dos nomes que os prateados atiram em nossa cara despreocupadamente. — Fazem as luzes, as câmeras, os monitores…

— As armas, as balas, as bombas, os navios, os veículos… — acrescenta Maven. — Cuidam da energia elétrica, da água potável. Fazem tudo para nós.

E não ganham nada em troca além de fumaça.

— Por que não saem daqui?

O príncipe apenas dá de ombros e responde:

— É a única vida que conhecem. A maioria dos técnicos nunca sairá da própria viela. Nem participam do recrutamento.

Nem participam do recrutamento. A vida deles é tão péssima que a guerra seria uma alternativa melhor, mas nem isso lhes permitem.

Como todas as paisagens vistas do rio, as fábricas desaparecem, mas sua imagem permanece em mim. *Não posso me esquecer disto. Não posso me esquecer deles*.

As estrelas nos aguardam depois de outra floresta de árvores de barreira. Sob elas está Archeon. No começo não vejo a capital. Penso que suas luzes ardentes são estrelas. À medida que nos aproximamos, meu queixo cai.

Uma ponte de três andares atravessa o largo rio e liga as duas cidades das margens. Ela se estende por milhares de metros e explode em luzes, eletricidade e vida. Há lojas e praças de comércio, tudo construído na própria ponte, apenas trinta metros acima do rio. Consigo até imaginar os prateados lá em cima, bebendo, comendo e olhando com desprezo o mundo abaixo. Os veículos correm pelo andar mais baixo da ponte, seus faróis vermelhos e brancos rasgam a noite feito cometas.

Ambos os acessos à ponte têm portões, e os distritos da cidade nos dois lados são murados. Na margem leste, grandes torres de metal se erguem do chão como lanças que furam o céu, todas coroadas com aves de rapina gigantes e reluzentes. Mais veículos e pessoas povoam as ruas pavimentadas que sobem as inclinadas margens do rio e ligam os prédios à ponte e aos portões exteriores.

As muralhas são de diamante, como no Palacete, mas intercaladas por torres de metal iluminado e outras estruturas. Há patrulhas por elas, mas o uniforme dos guardas não é flamejante como o dos sentinelas nem preto e fosco como o dos agentes de segurança. *São soldados, e não do tipo que dança com moças. Isto é uma fortaleza.*

Archeon foi feita para a guerra, não a paz.

Na margem oeste, reconheço a Corte Real e a Casa do Tesouro das imagens do atentado. Ambos são construídos de mármore branco e brilhante. Estão completamente restaurados, embora tenham sido atacados há pouco mais de um mês. *Parece que foi há uma vida atrás.* Os edifícios se situam um de cada lado do Palácio de Whitefire, uma construção que até eu reconheço no primeiro olhar. Minha antiga professora costumava dizer que ele foi escavado na pedra da própria montanha, que é parte viva da rocha branca. Chamas feitas de ouro e pérola reluzem do alto da muralha que o cerca.

Tento absorver toda a visão. Corro os olhos de um lado da ponte para o outro, mas minha mente é incapaz de abarcar este lugar. Sobre nós, aviões se movem devagar pelo céu noturno, enquanto jatos voam ainda mais alto, velozes como estrelas cadentes. Pensei que o Palacete do Sol fosse uma maravilha. Aparentemente nunca soube o significado da palavra.

Mas não consigo achar nada aqui bonito, não quando as fábricas fumegantes e escuras estão apenas a alguns quilômetros atrás de nós. O contraste entre a cidade prateada e a favela vermelha me faz cerrar os dentes. Este é o mundo que estou tentando derrubar, o mundo que está tentando me matar e matar tudo o que amo. Agora percebo realmente contra o que estou lutando e como é difícil, como é impossível vencer. Nunca me senti menor do que agora, sob o vulto crescente da ponte grandiosa. Ela parece pronta para me engolir inteira.

Mas preciso tentar. Pela Cidade Cinzenta, por aqueles que nunca viram o sol.

VINTE E TRÊS

QUANDO O NAVIO APORTA NAS DOCAS DA MARGEM OESTE e pisamos em terra firme, já é noite. Em casa, isso significa desligar a força e ir para a cama, mas em Archeon é diferente. A cidade parece brilhar ainda mais quando o resto do mundo escurece. Fogos de artifício estouram sobre nós fazendo chover luz sobre a ponte. No topo de Whitefire, uma bandeira vermelha e negra é hasteada. *O rei voltou ao trono.*

Felizmente não há mais nenhum evento para sofrer. Somos recepcionados por veículos blindados que nos levam das docas. Para minha alegria, Maven e eu temos um veículo só para nós, acompanhados apenas por dois sentinelas. O príncipe indica os pontos turísticos à medida que avançamos e explica praticamente cada estátua e esquina. Chega até a mencionar sua padaria favorita, embora fique do outro lado do rio.

— A ponte e Archeon Leste são para civis, os prateados comuns, embora muitos sejam mais ricos que alguns nobres.

— Prateados *comuns*? — pergunto quase aos risos. — Existe isso?

Maven apenas dá de ombros.

— Claro. São comerciantes, executivos, soldados, oficiais, donos de lojas, políticos, proprietários de terras, artistas e intelectuais. Alguns chegam às Grandes Casas por meio do casamento, outros chegam a crescer em status, mas nenhum tem sangue nobre, e seus poderes não são, digamos, tão *interessantes*.

Nem todo mundo é especial, Lucas me falou certa vez. Não sabia que ele se referia também aos prateados.

— Já o resto de Archeon está destinado à corte e ao rei — prossegue Maven enquanto passamos por uma rua cheia de adoráveis casas de pedra, árvores bem podadas e flores. — Todas as Grandes Casas possuem casas aqui, para ficar perto do rei e do governo. Na verdade, o país inteiro pode ser controlado deste monte em caso de necessidade.

Ele explica o local. A margem oeste é extremamente íngreme, de modo que o palácio e os outros prédios governamentais ficam no topo do monte, com vista para a ponte. Outra muralha cerca o pico, isolando o coração do país. Tento não babar quando passamos pelo portão e nos deparamos com uma praça de lajotas, do tamanho de uma arena. Maven a chama de Praça de César, em memória ao primeiro rei de sua dinastia. Julian já tinha mencionado brevemente o rei César. Nossas aulas nunca foram muito além do Primeiro Cisma, quando vermelho e prateado se tornaram muito mais do que cores.

O Palácio de Whitefire ocupa o lado sul da praça, ao passo que as cortes, o tesouro e os centros administrativos ficam com o resto. Há um conjunto de quartéis militares, a julgar pelas tropas se exercitando no pavilhão. É a Legião das Sombras de Cal, que viajou até a cidade antes de nós. *Um conforto para a nobreza*, foi como Maven os chamou. Soldados dentro dos muros, para nos proteger caso ocorra outro ataque.

Apesar da hora, a praça pulsa em atividade: as pessoas correm em direção a uma construção rigorosa perto dos quartéis. Bandeiras rubro-negras decoradas com a espada símbolo do Exército pendem de suas colunas. Avisto apenas um pequeno palanque armado diante do prédio com um pódio cercado de holofotes brilhantes e uma multidão crescente.

De repente, as câmeras recaem sobre nosso veículo de modo mais pesado que o habitual para mim. Elas nos acompanham ao longo da fila de carros que passa perto do palco. Por sorte continuamos a avançar e passamos através de um arco para um pequeno pátio. Então paramos.

— O está acontecendo? — pergunto em voz baixa, agarrando o braço de Maven.

Até agora tinha conseguido controlar o medo, mas entre as luzes, as câmeras e a multidão, minha tranquilidade começa a ruir.

Maven suspira pesadamente, mais entediado do que outra coisa.

— Meu pai vai fazer um pronunciamento. Apenas tomar a espada em punho para manter as massas felizes. O que o povo mais ama é um líder que promete vitórias.

Maven desce do carro de braços dados comigo. Apesar da maquiagem e das roupas, me sinto nua. *Estamos aqui para uma transmissão. Milhares, milhões verão isto.*

— Não se preocupe. Só precisamos ficar de pé com a cara fechada — ele cochicha em meu ouvido.

— Acho que Cal já fez essa parte — digo, indicando com a cabeça o local onde o príncipe remói a sua raiva ainda agarrado à cintura de Evangeline.

Maven ri consigo mesmo.

— Ele acha pronunciamentos uma perda de tempo. Cal gosta de ações, não de palavras.

Somos dois, penso, mas não quero admitir nenhum ponto em comum com o príncipe mais velho. Talvez um dia tenha pensado nisso, mas agora não. Nunca mais.

Um secretário gesticula enfaticamente para nós. Sua roupa é azul e cinza, as cores da Casa Macanthos. Talvez ele tenha conhecido a coronel, talvez seja seu irmão, seu primo.

Não, Mare, censuro a mim mesma. *Este é o último lugar para você perder o controle.*

O secretário sequer nos olha quando assumimos nossos lugares atrás de Cal e Evangeline, com o rei e a rainha na ponta. É estranho, mas Evangeline não exibe a postura fria de sempre. Dá para ver que suas mãos tremem. *Está com medo. Queria os*

holofotes, queria ser noiva de Cal, mas está com medo. Por quê?

E logo estamos caminhando para um edifício com sentinelas e espectadores demais para contar. O interior tem uma estrutura funcional: mapas, escritórios e salas de reunião em vez de quadros ou salões. Pessoas com uniformes cinza se agitam pelos corredores, embora parem para nos deixar passar. A maioria das portas está fechada, mas consigo ver de relance o interior de algumas salas. Oficiais e soldados analisam mapas da frente de batalha e discutem a distribuição das tropas. Outra sala me faz sentir uma eletricidade tremenda e parece conter cem monitores, cada um deles operado por um soldado em uniforme de batalha. Eles falam em microfones acoplados a fones de ouvido e berram ordens para lugares distantes. As palavras são diferentes, mas o sentido é o mesmo.

— *Defendam a linha.*

Cal se detém à entrada da sala de vídeo e estica o pescoço para enxergar melhor. De repente, a porta se fecha em sua cara. Ele bufa, mas não reclama e volta à fila com Evangeline. Ela lhe diz algo em voz baixa, mas ele a repele, para minha satisfação.

Meu sorriso, porém, desaparece quando voltamos ao centro dos holofotes, aos degraus externos do edifício. Uma placa de bronze na porta diz "Comando de Guerra". Aqui é o coração das forças armadas: cada soldado, cada exército, cada arma é controlada daqui de dentro. Meu estômago dá voltas com a quantidade de energia, mas não posso me descontrolar, não diante de tanta gente. O brilho do flash das câmeras fotográficas ofusca minha visão. Quando abro os olhos, ouço uma voz em minha cabeça.

O secretário bota um papel em minhas mãos. Uma lida rápida basta para me dar vontade de gritar. Agora sei por que me salvaram.

— Faça por merecer sua permanência — sussurra a voz de Elara em minha mente. Ela me encara do outro lado, se esforçando para não abrir um sorriso maldoso.

Maven segue o olhar diabólico da mãe e percebe o papel em minha mão trêmula. Devagar, ele enlaça os dedos nos meus, como se pudesse me passar sua força. Meu único desejo é rasgar o papel no meio, mas o príncipe me mantém firme.

— Você precisa — é tudo que diz, tão baixo que mal o escuto. — Precisa.

— Meu coração está de luto pelas vidas perdidas, mas sei que não foram perdidas em vão. Seu sangue alimentará nossa determinação e nos estimulará a superar as dificuldades à frente. Somos uma nação em guerra há um século, e estamos acostumados com obstáculos no caminho da vitória. Os responsáveis serão encontrados, e esta doença que chamam de rebelião jamais ganhará corpo em meu país.

O monitor em meu novo quarto é tão útil quanto um barco sem casco: só repete o nauseante discurso do rei da noite passada. Agora já consigo recitar o texto inteiro, palavra por palavra, mas sou incapaz de parar de assistir. Porque sei o que vem depois.

Meu rosto parece estranho na tela, frio e pálido demais. Não consigo acreditar que mantive o rosto sério ao ler as palavras. Quando piso no pódio e assumo o lugar do rei, sequer tremo.

— Fui criada por vermelhos. Acreditava ser uma deles. E experimentei diretamente a bondade de nossa majestade, o rei, o comportamento justo dos nobres prateados e o grande privilégio que nos concedem. O direito de trabalhar, de servir nosso país, de viver e viver bem.

No vídeo, Maven põe a mão em meu braço e concorda com a cabeça durante meu discurso.

— Agora sei que nasci prateada, uma integrante da Casa Titanos e, um dia, princesa de Norta. Meus olhos se abriram. Um mundo com que nunca sonhei existe, e é invencível. É misericordioso. Esses terroristas, esses assassinos da pior espécie, tentam destruir o pilar da nossa nação. Não podemos permitir.

Na segurança do meu quarto, suspiro profundamente. O pior está por vir.

— Em sua sabedoria, o rei Tiberias escreveu as Medidas, para eliminar a doença dessa rebelião e proteger os bons cidadãos de nossa pátria. A partir de hoje, um toque de recolher ao pôr do sol entra em vigor para todos os vermelhos. A segurança será dobrada em cada vilarejo e cidade vermelha. Novos postos de vigilância serão construídos nas estradas e guarnecidos com o máximo de homens. Todos os crimes cometidos por vermelhos, inclusive desrespeito ao toque de recolher, serão punidos com a morte. E — minha voz vacila pela primeira vez com estas palavras — a idade de recrutamento será *rebaixada* para quinze anos. Qualquer pessoa que fornecer informações que levem à captura de membros da Guarda Escarlate ou à prevenção de suas atividades será recompensada com dispensa do serviço militar para até cinco membros da família.

É uma manobra terrível e brilhante. Os vermelhos vão se matar pelas dispensas.

— As Medidas serão mantidas até a doença conhecida como Guarda Escarlate ser destruída.

Encaro meus próprios olhos na tela, observando o momento em que evito engasgar durante o discurso. Meus olhos crescem na esperança de que meu povo entenda o que tento dizer. *Palavras podem mentir.*

— Vida longa ao rei — é minha última frase.

A raiva se expande em ondas pelo meu corpo, ocasionando um curto-circuito no monitor, substituindo meu rosto por uma tela negra. Mas ainda vejo cada uma das novas ordens em minha mente. Mais soldados em patrulha, mais pessoas executadas,

mais mães chorando filhos que lhes foram roubados. *Matamos dozes deles e eles matam mil de nós.* Parte de mim sabe que esses golpes vão atrair alguns para o lado da Guarda, mas muitos vão se aliar ao rei. Por sua vida, pela dos *filhos*, vão abrir mão da pequena liberdade que ainda tinham.

Pensei que ser marionete deles seria fácil comparado ao resto. Estava muito enganada. Mas não posso deixar essa gente me abater, não agora. Não agora que meu próprio destino se desdobra no horizonte. Tenho que fazer tudo o que posso até identificarem meu sangue e o jogo terminar para mim. Até me tirarem da frente das câmeras e me matarem.

Pelo menos minha janela tem vista para o rio, para a parte sul que deságua no mar. Ao olhar para a água, não consigo ignorar meu futuro desaparecendo. Meus olhos acompanham suavemente a corrente que termina na mancha negra no horizonte. Enquanto o resto do céu está claro, nuvens escuras pairam ao sul sem nunca se afastar da terra proibida na costa. *As Ruínas*. Fogo e radiação consumiram a cidade uma vez e nunca a deixaram. Agora não passa de um fantasma negro fora de alcance, uma relíquia do antigo mundo.

Parte de mim deseja que Lucas bata à porta e me apresse para iniciar o novo horário, mas ele ainda não voltou. Deve estar mais seguro sem mim.

O presente de Julian está encostado contra a parede, uma dura lembrança de outro amigo perdido. É um pedaço do mapa gigante emoldurado em vidro. Quando o levanto, algo cai da parte de trás da moldura.

Eu sabia.

Meu coração dispara loucamente. Agacho na esperança de encontrar algum bilhete secreto de Julian. Mas não encontro nada além de um livro.

Apesar da frustração, não contenho o sorriso. É óbvio que Julian me deixaria outra história, outro conjunto de palavras para me confortar, já que ele não pode mais fazer isso.

Abro a capa do livro na esperança de encontrar novas histórias, mas o que vejo são palavras escritas à mão no topo da página de rosto. *Vermelho e prateado*. São os garranchos inconfundíveis de Julian.

O olhar das câmeras em meu quarto bate em minhas costas, lembrando-me de que não estou sozinha. Julian sabia disso. *Gênio.*

O livro parece normal, um estudo chato sobre relíquias descobertas em Delphie, mas escondido entre as palavras, no mesmo tipo de letra, há um segredo que vale a pena ser contado. Levo muito tempo para encontrar todas as linhas acrescentadas, de modo que fico muito feliz por ter acordado tão cedo. Por fim, junto todas. E o que leio me faz até esquecer de respirar.

> *Dane Davidson, soldado vermelho, Legião da Tempestade, morto em patrulha de rotina, corpo nunca recuperado, 1o de agosto de 296 NE. Jane Barbaro, soldado vermelho, Legião da Tempestade, morta por fogo amigo, corpo cremado, 19 de novembro de 297 NE. Pace Gardner, soldado vermelho, Legião da Tempestade, executado por insubordinação, corpo extraviado, 4 de junho de 300 NE.*

A lista tem mais nomes e abrange os últimos vinte anos. Todos os soldados nela foram cremados, tiveram o corpo perdido ou “extraviado”. Como alguém pode extraviar o cadáver de um executado não faço ideia. O nome ao fim da lista faz meus olhos se encherem de lágrimas.

> *Shade Barrow, soldado vermelho, Legião da Tempestade, executado por deserção, corpo cremado, 27 de julho de 320 NE.*

O texto de Julian vem depois do nome do meu irmão. É como se ele estivesse próximo de novo, dando sua aula lenta e calmamente.

> *De acordo com a lei militar, todos os soldados vermelhos devem ser enterrados em cemitérios no Gargalo. Soldados executados não têm funeral e jazem em valas comuns. A cremação não é usual. Corpos extraviados são inexistentes. E, no entanto, encontrei vinte e sete nomes, inclusive o do seu irmão, que sofreram esse destino.*
>
> *Todos morreram em patrulha, mortos pelo inimigo ou por suas próprias unidades, quando não foram executados por acusações sem fundamento. Todos foram transferidos para a Legião da Tempestade semanas antes de morrer. E todos os corpos foram destruídos ou perdidos de algum modo. Por quê? A Legião da Tempestade não é um esquadrão da morte: centenas de vermelhos servem sob o comando do general Eagrie sem mortes estranhas. Então por que matar esses vinte e sete?*
>
> *Pela primeira vez fiquei feliz pela existência da base sanguínea. Embora estejam “mortos” há tempos, suas amostras de sangue são mantidas. E agora devo me desculpar, Mare, por não ter sido inteiramente honesto com você. Confiou em mim para treiná-la e ajudá-la. Foi o que fiz, mas também ajudei a mim mesmo. Sou um homem curioso, e você foi a coisa mais curiosa que já vi na vida. Não pude me controlar. Comparei sua amostra de sangue com a deles e descobri um marcador idêntico em todos que os diferencia das pessoas.*
>
> *Não me surpreende ninguém ter percebido, pois não estavam procurando por isso. Mas agora que descobri, foi fácil encontrar. Seu sangue é vermelho, mas não é o mesmo. Há algo novo em você, algo que ninguém jamais viu. E que os outros vinte e sete também tinham. Uma mutação que pode ser a chave do mistério.*

Você não é a única, Mare. Não está sozinha. É simplesmente a primeira protegida pelos olhos de milhares de pessoas, a primeira que não puderam matar e esconder. Como os outros, você é vermelha e prateada, e mais forte que ambos.

Você é o futuro. Você é a nova aurora.

E se esses vinte e sete existiram, deve haver outros. Deve haver mais.

Me sinto gelada, dormente. Sinto tudo e nada. *Outros como eu.*

Usando a mutação em seu sangue, pesquisei o resto da base sanguínea e descobri o mesmo marcador em outras amostras. Inclui todos aqui para que você saiba.

Sei que não preciso lhe dizer a importância desta lista, do que pode significar para você e para o resto do mundo. Repasse a alguém da sua confiança, encontre os outros, treine-os, pois é apenas uma questão de tempo até que alguém menos simpático descubra o que tenho... e os cace.

Suas palavras terminam aqui, seguidas por uma lista que faz minhas mãos tremerem. Há muitos nomes e endereços, todos à espera de serem descobertos. Todos querendo lutar.

Minha mente parece em chamas. *Outros. Mais.* As palavras de Julian flutuam diante dos meus olhos, queimam minha alma.

Mais forte que ambos.

Aconchego o livrinho no bolso interno do meu casaco, perto do coração. Mas, antes que consiga chegar a Maven para mostrar a descoberta de Julian, Cal me encontra. Ele me encurrala numa sala parecida com aquela em que dançamos, embora a lua e a música já estejam há tempos no passado. Um dia desejei tudo o que ele podia me dar, e agora meu estômago se embrulha só de encará-lo. Cal pode ver o desconforto em meu rosto, não importa o quanto eu tente esconder.

— Você está brava comigo — ele diz. Não é uma pergunta.

— Não estou.

— Não minta — ele rosna com os olhos subitamente em chamas.

Minto desde que conheci você.

— Dois dias atrás você me beijou — ele continua. — Agora não consegue sequer me olhar.

— Sou noiva do seu irmão — digo, me afastando.

Ele desfaz meu argumento com um gesto.

— Isso não impediu você antes. O que mudou?

Vi quem você é de verdade, quero gritar. *Você não é o guerreiro bondoso, o príncipe perfeito, nem mesmo o garoto confuso que finge ser. Por mais que se esforce para esconder, é igualzinho a todos eles.*

— Tem a ver com os terroristas?

Aperto os dentes com força para corrigi-lo.

— Rebeldes.

— Eles assassinaram pessoas, crianças, *inocentes*. O que fiz, o que mandei a sentinela fazer, foi por eles, por justiça.

— E o que a tortura trouxe? Você tem nomes? Sabe quantos são? Sabe ao menos o que *querem*? Você se deu ao trabalho de escutar?

Ele respira fundo e tenta manter a conversa.

— Sei que você tem seus próprios motivos para... *simpatizar* com eles, mas os métodos deles não podem ser...

— Os métodos são culpa de vocês. Vocês fazem a gente trabalhar, sangrar, morrer em suas guerras e fábricas para terem pequenos confortos que nem notam. Tudo porque somos *diferentes*. Como esperam que deixemos a situação continuar assim?

Cal hesita contraindo um músculo do rosto. Não tem resposta.

— O único motivo para não estar morta numa trincheira em algum lugar é porque teve pena de mim. O único motivo para você ao menos me escutar é que, por um milagre insano, sou ainda mais diferente.

Sem esforço, a eletricidade se mostra em minhas mãos. Não consigo me imaginar de volta à vida antes de meu corpo vibrar com energia, mas com certeza me lembro dela.

— Você pode acabar com isso, Cal. Você será rei e poderá parar esta guerra. Pode salvar milhares, *milhões* de gerações da escravidão glorificada, se disser que basta.

Cal cede um pouco. O fogo que ele tenta ao máximo esconder se apaga. Avança até a janela com as mãos nas costas. Diante dele, o sol nascente; atrás, as sombras. Parece dividido entre dois mundos. Sinto em meu coração que está. O pedacinho de mim que ainda se importa com ele quer chegar mais perto, mas não sou tão boba. Não sou uma menininha apaixonada.

— Já pensei nisso uma vez — ele murmura. — Mas causaria revolta dos dois lados, e não serei eu o rei a arruinar este país. Este é meu legado, o legado de meu pai, e tenho um dever com ele.

Um calor lento emana de seu corpo, fazendo o vidro da parede embaçar.

— Você trocaria um milhão de mortes pelo que eles querem? — Cal me pergunta.

Um milhão de mortes. Vêm à minha cabeça o cadáver de Belicos Lerolan com os filhos mortos ao lado. E então outros

rostos se juntam a eles: Shade, o pai de Kilorn, todos os soldados vermelhos que morreram na guerra dos prateados.

— A Guarda não vai parar — digo com suavidade, mas sei que ele praticamente não me ouve. — E, embora tenham culpa, vocês também têm. Também há sangue em suas mãos, príncipe.

E nas de Maven. E nas minhas.

Caminho rumo à saída com ele ainda diante da janela. Quero ter a esperança de que mudou, mas sei que as chances são mínimas no melhor dos casos. Cal é como o pai.

— Julian desapareceu, não? — ele pergunta, me fazendo parar.

Dou meia-volta devagar, ruminando o que suas palavras querem dizer.

— Desapareceu? — decido bancar a sonsa.

— A fuga deixou buracos nas memórias de muitos sentinelas, bem como nos registros de vídeo. Meu tio não usa muito seu poder, mas conheço os sinais.

— Você acha que ele os ajudou a fugir?

— Acho — ele diz pesaroso, olhando para as próprias mãos. — Por isso dei tempo para que escapasse.

— Você fez o quê?

Não acredito em meus ouvidos. Cal, o soldado, aquele que sempre cumpre ordens, quebrou as regras por causa de Julian.

— É meu tio, fiz o que pude por ele. Você acha que não tenho coração?

Ele abre um sorriso triste, sem esperar resposta, que me dói na alma.

— Adiei a prisão o máximo que pude, mas todos deixam pistas, e a rainha vai encontrá-lo — ele suspira, apertando a mão contra o vidro. — Ele será executado.

— Você faria isso com seu tio?

Não faço questão de esconder meu nojo. *Se Cal vai matar Julian, mesmo depois de deixá-lo fugir, o que fará comigo quando eu for descoberta?*

Ele endireita os ombros e assume novamente o ar de soldado. Não quer mais saber de Julian ou da Guarda Escarlate.

— Maven fez uma sugestão interessante.

Por essa eu não esperava.

— Sim?

Ele confirma, estranhamente aborrecido ao pensar no irmão.

— Meu irmão sempre pensou rápido. Herdou isso da mãe.

— Isso é para me assustar?

Sei melhor que ninguém que Maven não é nada parecido com a mãe ou com qualquer outro maldito prateado.

— O que você quer dizer, Cal?

— Você é uma pessoa pública agora — ele desembucha. — Depois do seu discurso, o país inteiro conhece seu nome e seu rosto. E muitos se perguntarão quem e o que você é.

Só posso desprezar a informação e dar de ombros.

— Talvez vocês devessem ter pensado nisso antes de me fazer ler aquele discurso nojento.

— Sou um soldado, não um político. Você sabe que não tive nada a ver com as Medidas.

— Mas vai seguir uma por uma. Sem questionar.

Cal não discute. Com todos os seus defeitos, ele não mentiria para mim. Não agora.

— Todos os seus registros foram removidos. Oficiais, arquivistas, *ninguém* vai descobrir qualquer prova de que você nasceu vermelha — ele explica de cabeça baixa. — Essa foi a sugestão de Maven.

Apesar da minha raiva, não consigo conter um suspiro de espanto. *A base sanguínea. Os registros.*

— O que isso quer dizer? — pergunto, juntando todas as forças para não deixar minha voz falhar.

— Seu registro escolar, sua certidão de nascimento, sua impressão sanguínea, até seu cartão de identidade foram destruídos.

Mal consigo ouvir suas palavras com meu coração batendo tão forte. Antes eu o abraçaria no ato. Mas devo permanecer parada. Não posso deixar Cal saber que me salvou novamente. *Não, Cal não.* Isso é obra de Maven. Foi a sombra que controlou o fogo.

— Parece a coisa certa a fazer — afirmo, fingindo um ar desinteressado.

Mas minha interpretação termina aí. Depois de uma reverência rígida na direção dele, saio às pressas da sala escondendo meu sorriso enorme.

VINTE E QUATRO

PASSO A MAIOR PARTE DO DIA SEGUINTE EXPLORANDO, ainda que minha cabeça esteja em outro lugar, Whitefire é mais antigo que o Palacete e suas paredes são feitas de pedra e madeira entalhada em vez de diamante. Duvido que algum dia vou decorar a planta do lugar. Aqui não fica apenas a residência real, mas muitos escritórios da administração, salas de controle, salões de festa, um ginásio de treinamento completo e outras coisas que não compreendo. Acho que é por isso que o secretário leva quase meia hora para me encontrar, circulando pela galeria de estátuas. Mas não tenho mais tempo para explorar. Tenho deveres a cumprir.

Deveres, de acordo com o falante secretário do rei, que se aplicam a uma vasta gama de males além da leitura das Medidas. Como futura princesa, preciso encontrar pessoas em passeios programados, fazer discursos, apertar mãos e ficar ao lado de Maven. A última parte não me incomoda nem um pouco, mas ser posta para desfilar como um bode num leilão não é nada emocionante.

Maven e eu entramos num veículo destinado para nossa primeira aparição. Estou louca para lhe contar sobre a lista e agradecer pela base sanguínea, mas há muitos olhos e ouvidos ao redor.

A maior parte do dia passa num borrão de ruídos e cores à medida que visitamos diferentes partes da capital. O Mercado da Ponte me lembra o Grande Jardim, embora três vezes maior. Em apenas uma hora saudando apressadamente crianças e comerciantes, vejo prateados agredirem ou humilharem dúzias de criados vermelhos que apenas queriam fazer seu trabalho. Os seguranças evitam que a coisa vire um ataque generalizado, mas as palavras lançadas contra os infelizes doem quase como golpes. *Assassinos de crianças, animais, malditos.* Maven aperta minha mão cada vez que um vermelho é jogado no chão. Quando chegamos à nossa próxima parada, uma galeria de arte, fico feliz de estar longe dos olhares do público, até ver as pinturas. O artista prateado usa duas cores — prata e vermelho — numa série de quadros horríveis que me deixa enjoada. As pinturas são umas piores que as outras e representam a força prateada e a fraqueza vermelha em cada pincelada. O último quadro mostra uma figura cinza e prata, bem similar a um fantasma, e a coroa sobre sua cabeça sangra em vermelho. Tenho vontade de bater a cabeça na parede.

A praça do lado de fora da galeria é barulhenta, pulsando vida urbana. Muitos param, atônitos, para nos ver entrar no veículo. Maven acena com um sorriso ensaiado, o que faz a multidão gritar seu nome. Ele é bom nisso, afinal, esta gente é sua herança. Quando se inclina para conversar com um punhado de crianças, seu sorriso se ilumina. *Cal pode ter nascido para governar, mas Maven é quem possui a vocação. E ele deseja mudar o mundo para nós, para os vermelhos, nos quais foi ensinado a pisar.*

Toco discretamente a lista em meu bolso, com o pensamento naqueles que podem nos ajudar a mudar o mundo. São como eu ou tão diversificados como os prateados?

Shade era como você. Eles descobriram e tiveram que matá-lo, mas não puderam matar você. Meu coração dói por meu irmão, pelas conversas que poderíamos ter tido. *Pelo futuro que poderíamos ter criado.*

Mas Shade está morto, e há outros que precisam da minha ajuda.

— Precisamos encontrar Farley — sussurro no ouvido de Maven, tão baixinho que eu mesma mal consigo escutar.

Ele arqueia a sobrancelha fazendo uma pergunta silenciosa.

— Preciso entregar algo para ela — explico no mesmo tom de voz.

— Tenho certeza de que vai nos encontrar — ele responde, também aos sussurros. — Se já não estiver nos observando.

— Como…?

Farley *nos* espiando? Dentro de uma cidade que a quer em pedaços? Parece impossível. Mas então noto a compacta multidão prateada e, mais adiante, os criados vermelhos. Alguns param para nos ver, com fitas vermelhas nos braços. Qualquer um deles poderia trabalhar para Farley. *Todos poderiam.* Mesmo com os sentinelas e os agentes por todos os lados, ela ainda está conosco.

Esta multidão não é como as do vilarejo, pelas quais eu podia me mover com facilidade. Agora estou em evidência: sou a futura princesa rodeada de guardas, com uma rebelião sobre os ombros. *E talvez algo ainda mais importante*, penso ao me lembrar da lista de nomes em meu casaco.

Quando a multidão avança, todos com o pescoço esticado para nos ver, aproveito a chance para sair de cena. Os sentinelas se amontoam ao redor de Maven, ainda desacostumados ao trabalho de me proteger também. Com umas poucas curvas, estou fora do círculo de guardas e admiradores. Eles continuam a caminhar pela praça sem mim, e se Maven deu por minha falta não os fez parar.

Os criados vermelhos não percebem minha chegada, pois mantêm a cabeça baixa enquanto passam de uma loja para outra. Eles se limitam aos becos e às sombras na tentativa de ficar longe de vista. Estou tão concentrada na tarefa de examinar os rostos que não percebo um garotinho ao meu lado.

— A senhora deixou isto cair — diz ele, que tem talvez uns dez anos e uma fita vermelha no braço. — Senhora?

Então reparo no que tem na mão. Apenas um papelzinho amassado que não me lembro de carregar. Mesmo assim, sorrio e

pego o papel.

— Muito obrigada.

Ele sorri para mim do jeito que só as crianças são capazes, e em seguida se enfia por um dos becos. Seus passos saltitantes mostram que a vida ainda não o derrubou.

— Por aqui, Lady Titanos.

Um sentinela se ergue diante de mim, me observando com olhos impassíveis. *Meu plano já era.* Acompanho o guarda de volta ao veículo, sentindo uma tristeza súbita. Não consigo sequer fugir como antes. *Estou ficando mole.*

— O que foi isso? — pergunta Maven quando entro no veículo.

— Nada — suspiro, enquanto lanço um olhar pela janela e vamos embora da praça. — Pensei ter visto alguém.

Só quando dobramos a esquina é que me lembro do papelzinho. Eu o desdobro em meu colo e o escondo na manga. Há algumas palavras escritas no papel, tão pequenas que mal consigo ler.

Teatro Hexaprin. Peça da tarde. Melhores assentos.

Levo um segundo para me dar conta de que só sei o significado de metade das palavras, mas não importa nem um pouco. Com um sorriso, aperto a mensagem contra a mão de Maven.

O pedido dele basta para que nos levem ao teatro. É um lugar pequeno, mas luxuoso, com uma cúpula verde coroada com um cisne negro. Um espaço de entretenimento que exibe peças, concertos e até alguns filmes históricos em datas especiais. Uma peça — ensina Maven — é quando pessoas, *atores*, representam uma história sobre o palco. No vilarejo mal tínhamos tempo para um conto de fadas antes de dormir, quem dirá para palcos, atores e fantasias.

Num piscar de olhos, já estamos sentados num camarote fechado acima do palco. Os assentos de baixo transbordam de pessoas, muitas crianças, todos prateados. Uns poucos vermelhos passam por entre as fileiras e corredores para servir bebidas ou pegar as entradas, mas nenhum senta. Trata-se de um luxo que não podem ter. Enquanto isso, sentamos em cadeiras de veludo com a melhor vista, separados do secretário e dos sentinelas por belas cortinas.

Quando o teatro escurece, Maven passa o braço pelo meu ombro e me puxa para si, tão perto que consigo escutar seu coração. Ele sorri para o secretário, que espia por entre as cortinas.

— Não nos perturbe — ordena o príncipe devagar, e aproxima o rosto do meu.

A porta se fecha, mas nenhum de nós recua. Depois de um minuto ou uma hora — não sei dizer — as vozes soam no palco e volto à realidade.

— Desculpe — digo a Maven, me endireitando no assento para ficar mais distante.

Não há tempo para beijos agora, por mais que eu queira. Ele apenas sorri e continua com os olhos em mim, não no palco. Faço o máximo para desviar o olhar, mas algo sempre me atrai para ele.

— O que fazemos agora?

Ele ri sozinho, com um brilho malicioso no olhar.

— Não foi isso que quis dizer — emendo, mas não consigo conter um sorriso.

— Cal veio falar comigo hoje cedo.

Maven aperta os lábios com minhas palavras.

— E?

— Parece que estou salva.

O sorriso em seu rosto seria capaz de iluminar o mundo, e sou tomada pela necessidade de beijá-lo novamente.

— Eu disse que salvaria você — ele diz com um tom áspero estranho na voz. Quando sua mão vem ao encontro da minha, nem penso em recusar.

Antes de continuarmos a conversa, o painel no teto desliza para o lado. Maven levanta na hora, mais impressionado que eu, e inspeciona o espaço escuro sobre nós. Nem um mísero ruído chega aos nossos ouvidos, mas não importa: sei o que fazer. O treinamento me deixou mais forte, então subo pelo buraco com facilidade e desapareço naquele lugar escuro e frio. Não consigo ver nada nem ninguém, mas não tenho medo. A emoção me guia e, sorrindo, estendo a mão para ajudar Maven. Ele também se arrasta pela escuridão, tentando entender o que se passa. Antes de nossos olhos se acostumarem com a falta de luz, o painel no teto fecha, nos separando dos refletores, da peça e do público.

— Rápido e em silêncio. Eu guio a partir daqui.

Não reconheço pela voz, mas pelo cheiro: uma mistura de chá, especiarias e cera azul.

— Will? — pergunto quase com uma risada. — Will Whistle?

Aos poucos, fica cada vez mais fácil lidar com a escuridão. Consigo ver sua barba branca, embaraçada como sempre, apesar da pouca luz. Tem que ser ele.

— Não temos tempo para cumprimentos, pequena Barrow — ele diz. — Temos trabalho a fazer.

Nem imagino como Will veio parar aqui, como atravessou toda a distância desde Palafitas. Seu conhecimento detalhado do teatro é ainda mais peculiar. Ele nos conduz pelo telhado, por escadas, degraus e pequenos alçapões, tudo isso sob o som abafado da peça. Não demora muito e estamos no subterrâneo, com arrimos de alvenaria e vigas de metal por toda parte.

— Vocês realmente gostam de um drama — comenta Maven diante da escuridão que nos cerca.

O lugar parece uma cripta úmida e sombria, onde o horror espreita a cada canto.

Will ri baixo enquanto força uma porta de metal com os ombros.

— Esperem só para ver.

Cruzamos uma passagem estreita e íngreme que nos leva ainda mais para baixo. O ar tem um leve cheiro de esgoto. Para minha surpresa, a trilha termina numa pequena plataforma iluminada apenas por uma tocha. Ela projeta sombras estranhas sobre uma parede de azulejos rachados. Há sinais pretos na parede, letras, mas não em algum idioma que eu saiba ler.

Antes que possa perguntar sobre isso, um grande rangido faz as paredes tremerem. O barulho vem de um buraco redondo na parede ainda mais escuro. Maven segura minha mão, sobressaltado, e eu fico com tanto medo quanto ele. O metal continua a chiar a uma altura capaz de estourar os tímpanos. Luzes brilhantes jorram do túnel e consigo sentir a aproximação de alguma coisa grande, elétrica e poderosa.

Uma cobra metálica aparece e para na nossa frente. As laterais de metal cru estão unidas por soldas e parafusos e possuem janelas minúsculas. Uma porta enferrujada abre e revela uma luminosidade cálida.

Farley sorri para nós de um dos assentos e indica com a mão que nos juntemos a ela.

— Todos a bordo! Os técnicos chamam isso de subtrem — ela diz em voz tremida enquanto nos sentamos. — É incrivelmente rápido e passa sobre trilhos antigos que os prateados não querem saber de procurar.

Will entra por último e fecha a porta. Ficamos trancados nesta coisa que mais parece uma lata gigante. Se não estivesse com tanto medo do subtroço bater, ficaria até impressionada. Em vez disso, agarro firme em meu assento.

— Onde vocês construíram isto? — Maven pergunta gritando enquanto corre os olhos pela lamentável caixa de metal. — A Cidade Cinzenta é controlada, os técnicos trabalham para…

— Também temos nossos técnicos e cidades para eles, pequeno príncipe — diz Farley, orgulhosa de si mesma. — O que vocês prateados sabem sobre a Guarda não dá para encher uma xícara de chá.

O trem dá um pulo que quase me joga do assento, mas os outros nem se impressionam. A máquina avança aos solavancos até atingir uma velocidade que faz meu estômago grudar nas costas. Os outros continuam a conversar. Maven é o mais animado e faz uma série de perguntas sobre o subtrem e a Guarda. Fico contente de ninguém me pedir para falar. Com certeza vomitaria ou desmaiaria se tivesse que fazer alguma coisa além de segurar firme. Mas Maven não se abala e não deixa escapar nenhum detalhe.

Ele olha pela janela, percebendo alguma coisa na rocha que passa pelo caminho.

— Vamos para o sul.

Farley recosta no assento e confirma:

— Sim.

— O sul é radiativo — Maven replica enfático, encarando a líder.

Ela dá de ombros.

— Para onde está nos levando? — pergunto, finalmente capaz de falar.

Maven não perde tempo e parte em direção à porta. Ninguém o impede porque não há para onde ir. *Não há escapatória.*

— Você sabe o que a radiação faz? — ele pergunta, realmente assustado.

Farley começa a contar os sintomas no dedo com um sorriso insolente.

— Náusea, vômito, enxaqueca, convulsões, câncer e, claro, morte. Uma morte bem desagradável.

De repente começo a passar mal.

— Por que está fazendo isso? Estamos aqui para ajudar.

— Mare, pare o trem. Você consegue parar! — pede Maven, saltando à minha frente e me segurando pelos ombros. — Pare o trem!

Para minha surpresa, a lata gigante começa a guinchar por todos os lados e faz uma parada brusca e repentina. Maven e eu caímos num emaranhado de pernas e braços que termina com uma cabeçada dolorosa contra o piso duro de metal. Luzes se acendem sobre nós e revelam outra plataforma iluminada por tochas. É muito maior que a primeira e se estende até onde a vista alcança.

Farley passa sobre nós sem sequer olhar e salta para a plataforma.

— Vocês não vêm?

— Não se mexa, Mare. Este lugar vai nos matar!

Algo geme em meus ouvidos, quase sufocando as gargalhadas frias de Farley. Consigo sentar no chão e vejo que ela nos espera pacientemente.

— Como vocês sabem que o sul, que as Ruínas ainda são radiativas? — ela pergunta com um sorriso louco.

Maven gagueja ao responder.

— Temos aparelhos, detectores, eles dizem…

Farley balança a cabeça e continua.

— E quem *construiu* os aparelhos?

— Técnicos — Maven resmunga. — Vermelhos.
Finalmente ele chega à conclusão correta.
— Os detectores mentem.
Ainda sorrindo, Farley confirma a conclusão e estende a mão para levantá-lo. Maven mantém os olhos nela, ainda cauteloso, mas permite que nos guie através da plataforma até uma escadaria de ferro. A luz do sol penetra do alto e uma brisa de ar fresco desce para se misturar com os vapores do subsolo.
Logo estamos ao ar livre, cobertos pela neblina baixa. Paredes se erguem para sustentar um teto que já não existe. Restam apenas pedaços dele, fragmentos de água-marinha e ouro. À medida que meus olhos se adaptam à luz, consigo avistar sombras enormes no céu, tão altas que desaparecem no nevoeiro. As ruas, rios largos de asfalto, estão repletas de rachaduras por onde brota um mato cinzento e velho. Árvores e arbustos crescem sobre o concreto, ocupando os cantos, mas muitos já foram cortados. Pedaços de vidro estilhaçam sobre meus pés e nuvens de poeira se agitam com o vento. Apesar de tudo, este lugar, imagem do descaso, não parece abandonado. Conheço-o das histórias, dos livros e mapas antigos.
Farley passa o braço sobre meus ombros e abre um sorriso largo e luminoso.
— Bem-vindos às Ruínas. Bem-vindos a Naercey — anuncia, usando o velho nome há muito esquecido.

A cidade arrasada tem marcadores especiais nas fronteiras para enganar os detectores de radiação usados pelos prateados para examinar os antigos campos de batalha. É assim que a protegem, o lar da Guarda Escarlate. *Em Norta, ao menos*. Foi o que Farley disse, sugerindo a existência de mais bases pelo país. E, em breve, será um santuário para todos os refugiados vermelhos que escaparem dos novos castigos do rei.
Passamos por vários prédios, todos devastados, cobertos de cinzas e mato, mas ao olhar bem, é possível ver algo mais. Pegadas na poeira, uma janela acesa, o aroma da comida saindo pelas coifas. Pessoas, *vermelhos*, têm sua própria cidade, escondida à vista de todos. Há pouca eletricidade, mas muitos sorrisos.
O prédio meio destruído a que Farley nos conduz deve ter sido uma espécie de café algum dia — tem mesas e assentos enferrujados. As janelas já se foram faz tempo, mas o chão está limpo. Uma mulher varre a poeira porta afora, juntando pequenos montinhos dela na calçada esburacada. Eu não teria coragem de fazer o mesmo — ainda tem muita sujeira do lado de dentro —, mas ela trabalha com um sorriso e até cantarolando.
Farley acena para a mulher com a vassoura, que sai às pressas para nos deixar a sós. Para minha alegria, o banco mais próximo de nós está ocupado por um rosto familiar.
Kilorn, são e salvo. Ele tem até a ousadia de piscar.
— Há quanto tempo!
— Não temos tempo para brincadeirinhas — Farley protesta ao sentar do lado dele.
A líder nos convida a fazer o mesmo. Obedecemos, e o banco range.
— Suponho que viram os vilarejos durante seu cruzeiro rio abaixo? — ela começa.
Meu sorriso se desfaz rapidamente, como o de Kilorn.
— Sim.
— E as últimas notícias? Sei que *vocês* já sabem — ela pressiona, com um olhar duro, como se fosse minha culpa ter sido forçada a ler as Medidas.
— É isso que acontece quando você provoca uma fera — afirma Maven em minha defesa.
— Mas agora eles sabem nosso nome.
— Agora eles estão *caçando* vocês — dispara Maven com um soco na mesa que agita a fina camada de pó. — Vocês sacudiram uma bandeira vermelha na frente de um touro, porém não fizeram mais do que o cutucar.
— Mas agora eles estão com medo — intervenho. — Aprenderam a temer vocês. Isso tem que servir para alguma coisa.
— Não serve para nada se vocês se recolherem em sua cidade escondida e os deixarem se reorganizar. Vocês estão dando tempo ao rei e ao *Exército*. Meu irmão já está atrás de vocês e não vai demorar para encontrá-los. — Maven então fixa os olhos nas mãos com uma raiva estranha antes de continuar. — Logo não vai adiantar ficar um passo à frente. Não vai ser sequer possível.
Os olhos de Farley escurecem enquanto ela nos examina pensativa. Kilorn se limita a desenhar círculos no pó, aparentemente despreocupado. Preciso me esforçar para não lhe acertar um chute por baixo da mesa para que preste atenção.
— Minha segurança não me importa nem um pouco, príncipe — diz Farley. — O que me preocupa é o povo dos vilarejos, os trabalhadores e os soldados. São eles que estão recebendo a punição agora, e uma punição dura.
Meus pensamentos voam até minha família e Palafitas e me lembram do olhar moribundo nos milhares de rostos durante nossa passagem.
— O que você ouviu dizer?
— Nada de bom.
Kilorn ergue a cabeça, mas continua a correr os dedos pelo pó.
— Jornada dupla de trabalho, enforcamentos aos domingos, valas comuns — descreve. — Não está fácil para quem não

consegue acompanhar o ritmo.
Ele está pensando em nosso vilarejo como eu.
— Nossa gente na guerra diz que as coisas não estão muito diferentes por lá — prossegue. — Criaram uma legião só para jovens de quinze e dezesseis anos. Não vão durar muito.
Seus dedos traçam um X na mesa, um sinal do ódio em seu coração.
— Talvez eu consiga atrasar isso um pouco — Maven pensa em voz alta. — Se conseguir convencer o conselho de guerra a segurá-los, a oferecer mais tempo de treinamento.
— Isso não basta — digo com a voz baixa, mas firme.
A lista queima contra minha pele, implorando para ser liberada. Volto o rosto para Farley.
— Você tem gente por toda parte, certo?
Não deixo de notar o ar de satisfação em seu rosto ao responder.
— Tenho.
— Então entregue esta lista a eles — digo, sacando o livro de Julian do casaco e abrindo na página com a lista. — E encontre estas pessoas.
Maven apanha o livro com cuidado e corre os olhos pela página.
— Deve haver centenas de nomes aqui — comenta sem desviar o olhar. — O que é?
— São como eu: vermelhos e prateados, mas mais fortes que ambos.
É minha vez de ostentar. Até o queixo de Maven cai. Farley estala os dedos e o príncipe passa a lista sem pestanejar, ainda contemplando o livrinho que contém um segredo tão poderoso.
— Não vai demorar muito para a pessoa errada descobrir isto — acrescento. — Farley, você *precisa* chegar primeiro até eles.
Kilorn fecha a cara para os nomes, como se os tomasse como uma ofensa.
— Isso pode levar meses, *anos*.
Maven balança a cabeça.
— Não temos todo esse tempo.
— Exatamente — concorda Kilorn. — Precisamos agir *agora*.
Agora sou eu quem balanço a cabeça. Revoluções não podem ser feitas às pressas.
— Mas se vocês esperarem, se reunirem a maior quantidade possível dessas pessoas, podem formar um exército.
De repente, Maven dá um tapa na mesa que nos faz pular de susto.
— Mas temos um exército — afirma.
— Tenho muita gente sob meu comando, mas não *tanta* — argumenta Farley, encarando Maven como se ele estivesse louco.
Ele sorri, animado por um fogo escondido.
— Se eu arranjar um exército, uma legião em Archeon, o que você conseguiria fazer?
A líder simplesmente dá de ombros.
— Muito pouco na verdade. Seria esmagada pelas outras legiões numa batalha.
Ao compreender a ideia, me sinto atingida por um relâmpago. Finalmente percebo aonde Maven quer chegar.
— Mas eles não vão combater no campo de batalha — digo quase sem ar. Meu noivo me encara sorrindo como um doido.
— Você está falando de um golpe — digo enfim.
Farley franze a testa.
— Como assim?
— Um golpe de Estado. É coisa do passado, de antes — explico na tentativa de desfazer a confusão. — É quando um pequeno grupo derruba um governo enorme. Soa familiar?
Farley e Kilorn se entreolham concentrados.
— Prossiga — ela diz.
— Você sabe como Archeon foi construída, com a ponte, margem leste e oeste. — Vou fazendo o desenho do mapa da cidade passando o dedo no pó da mesa. — O palácio está a oeste, junto com o comando de guerra, o tesouro, as cortes, o *governo inteiro*. Se conseguirmos chegar lá de algum jeito, chegar ao rei e *forçá-lo* a concordar com nossos termos, acabou. Você mesmo disse, Maven, dá para controlar o país inteiro da Praça de César. Só precisamos tomá-la.
Sob a mesa, Maven me dá um tapinha no joelho. Ele está radiante de orgulho. O habitual ar desconfiado de Farley abre espaço para uma esperança real. Ela leva a mão à boca e murmura consigo mesma enquanto contempla o plano desenhado no pó.
— Posso até topar — começa Kilorn em seu tom de voz depreciativo —, mas não tenho muita certeza de como vocês planejam botar vermelhos o suficiente para lutar contra prateados. São necessários dez de nós para derrubar um deles. Isso sem falar nos cinco mil soldados *prateados* leais ao seu *irmão* — ele prossegue olhando para Maven —, todos treinando para nos caçar e matar enquanto estamos aqui conversando.
Volto a encostar no assento.

— É difícil — comento desanimada. *É impossível.*

Maven passa a mão sobre meu mapa de pó e apaga o oeste de Archeon.

— As legiões obedecem a seus generais. E eu conheço uma garota que conhece muito bem um dos generais.

Seus olhos encontram os meus. Todo seu fogo foi substituído por um olhar gelado. Ele abre um sorriso tenso.

— Você está falando de Cal.

O soldado. O general. O príncipe. O que é *igual ao pai.* De novo penso em Julian, o tio que Cal mataria em nome de sua versão torta de justiça. *Cal nunca trairia seu país, por nada.*

Maven replica como se fosse óbvio.

— Vamos fazê-lo escolher.

Posso sentir os olhos de Kilorn sobre mim, examinando minha reação. A pressão é quase insuportável.

— Cal nunca vai dar as costas à coroa e ao *pai* de vocês.

— Conheço meu irmão. Se chegar a esse ponto, se tiver que escolher entre sua vida e a coroa, sabemos o que ele vai escolher — Maven rebate.

— Ele *nunca* me escolheria.

Minha pele queima sob o olhar de Maven com a lembrança do beijo roubado. Foi Cal quem me salvou de Evangeline. Foi ele quem me salvou de fugir e causar mais dor para mim mesma. Foi Cal quem me salvou do recrutamento. Passei muito tempo tentando salvar outros para notar o quanto Cal me salva. O quanto ele me *ama*.

De repente, sinto um nó na garganta.

Maven balança a cabeça e conclui:

— Ele sempre vai escolher você.

Farley desdenha.

— Você quer que eu apoie toda a minha operação, toda a *revolução*, numa historinha de amor adolescente? Não consigo acreditar nisso!

Do outro lado da mesa, Kilorn assume uma expressão estranha. Farley se volta para ele em busca de apoio. Em vão.

— Eu consigo — ele murmura sem tirar os olhos de mim.

VINTE E CINCO

O VEÍCULO ATRAVESSA A PONTE LEVANDO MAVEN e eu de volta ao palácio após nosso longo dia de apertos de mão e planos secretos. Durante o trajeto, desejo que a aurora comece esta noite em vez de amanhã de manhã. Percebo a agitação intensa ao redor ao cruzarmos a cidade. Tudo é eletricidade, dos veículos nas ruas às luzes envolvidas em aço e concreto. Isso me lembra aquele momento no Grande Jardim que parece ter acontecido há tanto tempo, quando ninfoides brincavam na fonte e verdes cultivavam suas flores. Naquele instante, achei o mundo deles bonito. Compreendo por que querem preservá-lo, manter o domínio sobre os outros, mas isso não significa que vou deixar.

Geralmente fazem uma festa para comemorar o retorno do rei à cidade, mas com os acontecimentos recentes, a Praça de César está mais tranquila do que deveria. Maven finge lamentar a ausência de espetáculo, pelo menos para preencher o silêncio.

— A sala de jantar para o banquete é duas vezes maior que a do Palacete do Sol — ele diz ao cruzarmos os portões grandiosos.

Vejo uma parte da legião de Cal se exercitando nos quartéis, mil soldados marchando em sincronia. Seus passos são como batidas de tambor.

— Costumávamos dançar até o amanhecer — continua Maven. — Pelo menos Cal costumava. As meninas não pediam muito para dançar comigo, a não ser que Cal as obrigasse.

— Eu pediria para dançar com você — comento baixo, com os olhos ainda nos quartéis. *Será que um dia serão nossos?*

Maven não responde, apenas se ajeita no banco conforme o veículo encosta para descermos. *Ele sempre vai escolher você.*

— Não sinto nada por Cal — sussurro em seu ouvido enquanto saímos.

Ele sorri e aperta minha mão, e digo a mim mesma que não é mentira.

Quando as portas do palácio se abrem para nós, um grito arrepiante se espalha pelos corredores de mármore. Maven e eu trocamos olhares, assustados. Nossos guardas assumem suas posições e levam a mão à pistola, mas não conseguem me impedir de correr. Maven corre o mais rápido que pode, tentando acompanhar meu ritmo. O grito ressoa de novo, acompanhado de uma dúzia de pés em marcha e do familiar ruído de armaduras.

Acelero o passo e Maven vem logo atrás. Desembocamos numa câmara redonda, uma sala de reuniões de mármore polido e madeira escura. Já há uma multidão presente, e quase esbarro em Lord Samos, mas meus pés param bem a tempo. Maven bate nas minhas costas e nós dois quase vamos ao chão.

Samos se vira para nós com desprezo, olhos frios e duros.

— Senhorita, príncipe Maven — cumprimenta com a menor das reverências. — Vieram assistir ao espetáculo?

Espetáculo. Há outros prateados ao redor, assim como o rei e a rainha, todos com os olhos fixos na parte da frente do salão. Abro caminho entre eles sem saber o que vou encontrar do outro lado, mas tenho certeza de que não será nada bom. Maven me segue, sempre com a mão em meu braço. Quando chegamos na frente da multidão, estou feliz por ter seu toque cálido para me confortar e… segurar.

Nada menos que dezesseis soldados estão no centro da câmara, suas botas imundas sujam o enorme selo da coroa. A armadura de todos é idêntica, todas feitas de escamas de metal preto. Há apenas uma exceção, com tons vermelhos: *Cal*.

Evangeline está ao lado dele, com os cabelos presos numa trança. Ela respira rápido para recuperar o fôlego, mas parece orgulhosa de si mesma. *E se Evangeline está aqui, seu irmão não pode estar muito longe.*

Ptolemus surge atrás da tropa, arrastando pelos cabelos um corpo que esperneia. Cal vira o rosto. Nossos olhos se encontram no momento em que reconheço a vítima. Vejo arrependimento em seu olhar, mas ele não faz nada para salvá-la.

Ptolemus atira Walsh no chão encerado, e o rosto da vermelha bate com tudo contra a pedra. Ela mal me olha antes de se voltar para o rei. Lembro da criada brincalhona e sorridente que me apresentou a este mundo. Essa pessoa não existe mais.

— Os ratos rastejam nos túneis antigos — vocifera Ptolemus, fazendo-a virar para cima com o pé. Ela sai de seu alcance se arrastando com uma velocidade surpreendente para uma pessoa tão machucada. — Encontramos esta aqui *nos seguindo* perto dos túneis nas margens do rio.

Seguindo? Como ela pode ser tão burra? Mas Walsh não é burra. *Não, foi uma ordem*, percebo com um horror crescente. Ela vigiava os túneis dos trens para garantir que o caminho da volta estaria limpo para nossa volta de Naercey. E, embora tenhamos voltado sãos e salvos, ela não teve a mesma sorte.

Maven aperta ainda mais meu ombro e me puxa para si até seu peito tocar minhas costas. Ele sabe que quero correr até lá para ajudar, salvar Walsh. *E sei que não posso fazer absolutamente nada.*

— Fomos até onde os detectores de radiação permitiram — complementa Cal, se esforçando para ignorar Walsh cuspindo sangue. — O sistema de túneis é gigante, bem maior que pensávamos no começo. Deve ter dezenas de quilômetros, e a Guarda Escarlate o conhece melhor que nós.

Debaixo da barba, o rei Tiberias contorce os lábios. Ele aponta para Walsh, indicando para que a tragam mais perto. Cal a pega pelo braço e a arrasta até o rei. Mil tipos de tortura diferentes me vêm à cabeça, um pior que o outro. Fogo, metal, água,

até minha própria eletricidade pode ser usada para fazê-la falar.

— Não cometerei o mesmo erro duas vezes! — brada o rei na cara da vermelha. — Elara, faça-a falar. Agora.

— Com prazer — concorda a rainha, arregaçando as mangas.

Isto é pior. Walsh vai falar, vai denunciar todos nós, vai ser nossa ruína. *E depois vai ser morta lentamente. Nós todos vamos ser mortos lentamente.*

Um Eagrie entre a multidão de soldados, um observador com o poder de ver o futuro imediato, vem à frente com um salto repentino.

— Detenham-na! Segurem seus braços! — grita.

Mas Walsh é mais rápida que sua visão.

— Por Tristan! — grita antes de enfiar a mão na boca. Ela morde alguma coisa, engole e cai.

— Um curandeiro! — pede Cal com a mão na garganta da rebelde na tentativa de impedi-la.

Mas a boca de Walsh já espuma e seus membros se contorcem: ela está entrando em colapso.

— Um curandeiro, agora! — repete Cal.

As convulsões ficam mais violentas. Ela se desvencilha de Cal com suas últimas forças. Quando vai ao chão, seus olhos estão arregalados, encarando o nada. *Está morta.*

Por Tristan.

Não posso nem lamentar sua morte.

— Uma pílula de suicídio.

A voz de Cal soa doce, como se ele explicasse o ocorrido a uma criança. Imagino, porém, que sou mesmo uma criança no que diz respeito a guerras e mortes.

— Damos essas pílulas para nossos oficiais na frente de batalha e também para os espiões. Se forem capturados…

— Não vão falar — completo secamente.

Cuidado, aviso a mim mesma. Por mais que sua presença me provoque arrepios, preciso aguentar. Afinal, deixei que me encontrasse aqui na sacada. *Preciso lhe dar esperanças. Preciso que pense ter uma chance comigo*. É parte do plano de Maven, por mais que lhe doa dizer isso. Quanto a mim, é difícil me equilibrar na linha que separa a mentira da verdade, especialmente com Cal. Eu o odeio, mas algo em seu olhar e em sua voz me lembra de que meus sentimentos não são tão simples.

Ele mantém a distância de um braço entre nós.

— Foi uma morte melhor do que teria pelas nossas mãos.

— Ela seria congelada? Ou queimada, para variar?

— Não. Iria para o Ossário.

Antes de continuar, ele tira os olhos dos quartéis e os dirige para o outro lado do rio. Lá, aninhada entre os arranha-céus está uma arena oval com uma coroa sangrenta de estacas. *O Ossário.*

— Ela seria executada ao vivo para servir de aviso a todos os outros.

— Pensei que vocês não faziam mais isso. Faz mais de uma década que não vejo uma execução dessas.

De fato, mal me lembro das transmissões de quando era criança, anos atrás.

— Podemos abrir exceções. Os combates de arena não impediram a Guarda de crescer. Talvez outra coisa faça o serviço.

— Você a conhecia — sussurro com intuito de encontrar ao menos uma gota de arrependimento nele. — Você a mandou atrás de mim depois de nos conhecermos.

Ele cruza os braços como se o gesto fosse capaz de protegê-lo da lembrança.

— Sabia que ela era do mesmo vilarejo que você. Pensei que ajudaria na sua adaptação.

— Ainda não sei por que você se preocupou. Nem sabia que eu era diferente.

Um instante de silêncio se passa entre nós, rompido somente pelos gritos dos tenentes em treinamento lá embaixo, que continuam apesar do pôr do sol.

— Você era diferente para mim — ele diz finalmente.

— Imagino o que poderia ter existido entre nós se isto — falo, apontando para o palácio e a praça à nossa frente — não estivesse no meio.

Deixe-o ruminar a ideia.

Ele põe a mão no meu braço. Seus dedos esquentam minha pele através do vestido.

— Mas não pode ser, Cal. Nunca.

Finjo o máximo de desejo na voz, apoiada na lembrança da minha família, de Maven, Kilorn, e de todas as coisas que tentamos realizar. Talvez Cal confunda esses sentimentos.

Dar esperança quando não há nenhuma: é a coisa mais cruel que poderia fazer, mas faço pela causa, pelos meus amigos, pela minha vida.

— Mare — ele suspira, inclinando a cabeça em minha direção.

Viro o rosto para lhe dar tempo de pensar em minhas palavras e, se tudo der certo, ceder a elas.

— Queria que as coisas fossem diferentes — sussurra, mas consigo ouvir.

As palavras me levam de volta à minha casa e ao meu pai, quando ele disse o mesmo há tanto tempo. Me choco só de pensar que Cal e meu pai, um vermelho destroçado pela guerra, compartilham a mesma ideia. Não consigo conter o impulso de olhar para ele, para sua silhueta recortando o poente. Ele observa os exercícios militares abaixo antes de se voltar para mim de novo. Está dividido entre o dever e seus sentimentos pela menininha elétrica.

— Julian diz que você é como ela — ele diz pausadamente, pensativo. — Como ela costumava ser.

Coriane. Sua mãe. A menção à rainha morta, uma pessoa que jamais conheci, me deixa triste por algum motivo. Ela foi tirada tão cedo daqueles que amava, e deixou uma lacuna que querem me fazer preencher.

Por mais que odeie admitir, não posso culpar Cal por se sentir preso entre dois mundos. Afinal, também estou.

Estava ansiosa antes do Baile de Despedida, com praticamente todos os meus nervos temendo a noite por vir. Agora, porém, espero ansiosa pelo amanhecer. Se sairmos vencedores, o sol vai se pôr num mundo novo. O rei abrirá mão da coroa e passará seu poder para mim, Maven, e Farley. A mudança virá sem derramamento de sangue, uma transição pacífica de um governo para outro. Se falharmos, o Ossário me espera. Mas não vamos falhar. Cal não vai me deixar morrer, nem Maven. São meus escudos.

Ao deitar na cama, encaro o mapa de Julian. Um troço antigo, quase inútil, mas reconfortante mesmo assim. *É uma prova de que o mundo pode mudar.*

Com esse pensamento na cabeça, caio num sono leve e inquieto. Meu irmão visita meus sonhos. Ele surge perto da janela, observando a cidade com uma tristeza estranha antes de olhar para mim e dizer:

— Há outros. Você precisa encontrá-los.

— Eu vou — balbucio em resposta, com a voz pesada de sono.

Logo são quatro da manhã e já não tenho mais tempo de sonhar.

As câmeras caem como árvores diante do machado: esses pequenos olhos se fecham um por um ao longo do meu trajeto até o quarto de Maven. Cada sombra me faz tremer com a expectativa de dar de cara com um sentinela no corredor, mas ninguém aparece. Eles protegem Cal e o rei, não servem a mim ou ao segundo príncipe. Não somos importantes. *Mas seremos.*

Maven abre a porta um segundo após eu tocar na maçaneta. Seu rosto brilha pálido na escuridão. Há círculos escuros ao redor dos seus olhos, como se ele não tivesse dormido nada. Contudo, está atento como sempre. Espero que me tome pelo braço, que me envolva em seu calor, mas apenas frio emana dele. *Está com medo*, percebo.

Passamos uns poucos e agonizantes minutos do lado de fora, caminhando sob as sombras atrás do Comando de Guerra para aguardar em nossos postos entre o edifício e o muro do lado de fora. Nosso lugar é perfeito, com vista para a ponte e para a Praça de César. A massa do Comando de Guerra nos esconde das patrulhas. Nem preciso de relógio para saber que chegamos na hora certa.

A noite se desfaz sobre nós e dá lugar a um céu azul-escuro. *A aurora está chegando.*

A esta hora, a cidade está mais quieta que o habitual. Mesmo os guardas de patrulha estão sonolentos e se movem devagar. Meu corpo transborda de entusiasmo, minhas pernas tremem. Maven, porém, é capaz de se manter impassível e mal pisca. Ele olha além do muro de diamante, sempre observando a ponte. Sua concentração começa a ruir.

— Estão atrasados — ele comenta baixo, sem se mover.

— Não estou.

Se não fosse impossível, pensaria que Farley é uma sombria, capaz de ficar visível e invisível quando quer. Ela parece surgir do nada na semiescuridão ao sair da tubulação de drenagem.

Ofereço a mão, mas ela levanta sozinha.

— Onde estão os outros? — pergunto.

— À espera — ela diz, apontando para o subsolo.

Se eu forçar a vista, consigo ver: se apertam no encanamento, aguardando para vir à superfície. Quero descer pelo túnel e me juntar a eles, ficar ao lado de Kilorn e do meu povo, mas meu lugar é aqui, com Maven.

— Estão armados? — pergunta Maven, quase sem mexer os lábios. — Prontos para lutar?

Farley assente.

— Sempre. Mas não vou chamá-los para fora até ter certeza de que a praça é nossa. Não confio muito no charme de Lady Barrow.

Nem eu, mas não posso dizer isso em voz alta. *Ele sempre vai escolher você.* Nunca quis que algo fosse verdade e mentira ao mesmo tempo.

— Kilorn pediu que eu entregasse isso — ela acrescenta estendendo a mão com uma pequena pedra verde, da cor dos olhos dele. *Um brinco.* — Ele disse que você entenderia o significado.

Fico sem palavras, tomada por muitas emoções. Pego o brinco da mão dela e o ergo até os outros. *Bree, Tramy, Shade*: conheço cada pedra e seu significado. *Kilorn é um guerreiro agora. E quer que me recorde dele como era.* Rindo, me

provocando, fungando como um cãozinho perdido. Nunca vou me esquecer disso.

A ponta de metal pica e arranca sangue. Quando tiro a mão da orelha, posso ver a mancha rubra em meus dedos. *É isto que sou.*

Olho de novo para o túnel na esperança de ver seus olhos verdes, mas a escuridão parece engolir o buraco e ocultar Kilorn e os outros.

— Vocês estão prontos para isso? — Farley arfa olhando para nós dois.

Maven responde por mim com a voz firme:

— Estamos.

Mas Farley não fica satisfeita.

— Mare?

— Estou pronta.

A revolucionária inspira tranquila antes de bater o pé contra a tubulação. Uma, duas, três vezes. Juntos, nós nos voltamos para a ponte, à espera de que o mundo mude.

Não há trânsito a esta hora, nem mesmo um ruído de veículo. As lojas estão fechadas, as praças estão vazias. Com sorte, apenas concreto e metal serão perdidos esta noite. A última seção da ponte que conecta o oeste de Archeon ao resto da cidade parece calma.

E então ela explode em nuvens brilhantes de laranja e vermelho, um sol para romper as trevas prateadas. O calor sobe, mas não por causa das bombas: é *Maven*. A explosão acende algo nele e liberta seu fogo.

O estrondo faz o chão tremer e quase me leva ao chão. O rio se agita com os destroços da ponte. A estrutura geme e se contorce como uma fera moribunda e despenca em farelos ao se soltar das outras seções. As pilastras de concreto e os fios de aço se partem e batem contra a água ou contra a margem. Uma nuvem de pó e fumaça bloqueia a visão do resto de Archeon. Antes mesmo de a ponte atingir a água, os alarmes soam por toda a Praça de César.

Acima de nós, as patrulhas correm pela muralha, ansiosas para examinar a destruição. Eles gritam uns com os outros, sem saber o que fazer. A maioria só consegue olhar. Nos quartéis, as luzes acendem e todos os soldados se põem em movimento, todos os cinco mil saltam da cama. *Os soldados de Cal. A legião de Cal.* E, com sorte, a nossa.

Não consigo tirar os olhos do fogo e da fumaça, mas Maven faz isso por mim.

— Ali está ele — diz por entre os dentes, apontando algumas formas escuras que correm do palácio.

Ele tem seus próprios guardas, mas Cal ultrapassa todos saindo do quartel como um raio. Ainda está de pijama, mas nunca pareceu tão assustador. À medida que os soldados e os oficiais chegam, ele grita ordens, conseguindo se fazer ouvir em meio à multidão crescente.

— Artilharia nos portões! Ninfoides do outro lado! Não queremos que o fogo se espalhe!

Seus homens obedecem com rapidez e voam a cada palavra. *As legiões obedecem a seus generais.*

Atrás de nós, Farley pressiona as costas contra o muro, mais perto da tubulação. Ela está preparada para dar meia-volta e fugir ao primeiro sinal de problema, desaparecer para lutar outro dia. *Isso não vai acontecer. Vai dar tudo certo.*

Maven dá o primeiro passo. Quer chamar a atenção do irmão, mas eu o detenho.

— Sou eu quem deve fazer isso — sussurro, sentindo uma calma estranha se apoderar de mim. *Ele sempre vai escolher você.*

Cruzo a fronteira sem volta ao pisar na praça e ficar à vista da legião, das patrulhas e de Cal. Os holofotes ganham vida no topo da muralha, alguns direcionados à ponte; outros focam nas pessoas. Um está apontado para mim, e preciso levantar as mãos para proteger os olhos.

— Cal! — grito acima do som ensurdecedor de cinco mil soldados.

Ele consegue me ouvir de algum jeito, e sua cabeça gira em minha direção. Nossos olhares se encontram entre a massa de soldados que assumem os postos em seus regimentos bem treinados.

Quando ele vem em minha direção, abrindo espaço por entre o mar de pessoas, acho que vou desmaiar. De repente, só escuto os batimentos do meu coração, que sufocam o som dos alarmes e dos gritos. Tenho medo. Muito medo. *É apenas Cal*, digo a mim mesma. *O garoto que adora música e motos. Não o soldado, não o general, não o príncipe. O garoto. Ele sempre vai escolher você.*

— Volte para dentro agora!

Cal se agiganta diante de mim, usando sua voz severa, real, capaz de fazer uma montanha se curvar.

— Mare, não é seguro…!

Com uma força que não sabia que tinha, agarro o colarinho de sua camisa. O gesto o detém.

— E se este for o preço? — começo, olhando para a ponte destroçada, agora oculta sob fumaça e cinzas. — Nada além de umas toneladas de concreto. E se eu dissesse que, aqui e agora, você pode corrigir tudo? Que você pode *nos salvar*?

Pelo brilho em seus olhos, noto que consegui sua atenção.

— Não — ele protesta, agarrando minha mão.

Seus olhos estão cheios de medo, mais medo do que jamais imaginei.

— Você disse uma vez que acreditava em nós. Acreditava em igualdade. *Você* pode torná-la real com uma palavra. Não haverá guerra. Ninguém vai morrer.

Minhas palavras o deixam paralisado, sem sequer respirar. Não sou capaz de dizer o que se passa em sua cabeça. Mas tenho que insistir. *Preciso fazer com que entenda.*

— Você detém o poder neste instante. O exército é seu, este lugar todo é seu. Você pode tomá-lo e… *libertá-lo*. Marche palácio adentro, ponha seu pai de joelhos e faça o que você sabe que é certo. *Por favor*, Cal!

Posso sentir em minhas mãos. Sua respiração falha e nada nunca me pareceu tão real ou importante quanto este momento. Sei no que ele pensa: seu reino, seu dever, seu pai. E eu, a garota elétrica, que lhe pede para jogar tudo isso fora. Algo bem dentro de mim diz que Cal o fará.

Trêmula, beijo seus lábios. *Ele vai me escolher.* Sua pele está fria como um cadáver.

— Me escolha — suspiro contra seu peito. — Escolha um novo mundo. *Crie* um novo mundo. Os soldados vão obedecer às suas ordens. Seu *pai* vai obedecer às suas ordens.

Meu coração se aperta. Cada um dos meus músculos endurece à espera da resposta. Minha força faz o refletor piscar em compasso com meu coração.

— O sangue no calabouço era meu. Eu ajudei a Guarda a fugir. Logo todos saberão, e vou morrer. Não deixe isso acontecer. *Me salve.*

As palavras o comovem e ele aperta ainda mais meu pulso.

— Sempre foi você.

Ele sempre vai escolher você.

— Dê boas-vindas à nova aurora, Cal. Comigo. *Com a gente.*

Seus olhos agora encaram Maven, que caminha até nós. Os irmãos se entreolham e conversam de maneira que não compreendo. *Ele vai nos escolher.*

— Sempre foi você — ele diz, com a voz irada e arrasada. Suas palavras carregam a dor de mil mortes, mil traições.

Todo mundo pode trair todo mundo.

— A fuga, os tiros, os blecautes. Tudo começou com você.

Tento explicar, tento me desvencilhar, mas ele não pretende me deixar escapar.

— Quantas pessoas matou com sua aurora? Quantas crianças, quantos inocentes?

Suas mãos esquentam a ponto de queimar.

— Quantas pessoas vocês traíram? — pergunta.

Meus joelhos se dobram e não consigo ficar em pé, mas Cal não me solta. Vagamente, ouço a voz de Maven gritar de algum lugar. É o príncipe que vem em socorro de sua princesa. *Mas não sou uma princesa. Não sou a garota que é salva.* À medida que o fogo cresce em Cal, ardendo por trás de seus olhos, a eletricidade percorre meu corpo, alimentada pela raiva. Ela estoura entre nós e me projeta para longe dele. Minha cabeça chia, obscurecida pela dor, pela raiva e pela eletricidade.

Atrás de mim, Maven grita. Viro a tempo de vê-lo gritar para Farley e fazer gestos dramáticos.

— Corra! *Corra!*

Cal levanta mais rápido do que eu, gritando alguma coisa para os soldados. Seus olhos apontam na direção do chamado de Maven e ligam os pontos que só um general vê.

— A tubulação! — ruge, ainda com os olhos em mim. — Eles estão na tubulação!

A sombra de Farley desaparece, tentando escapar dos tiros. Os soldados correm pela praça e arrancam grades e canos, deixando a tubulação exposta. Eles entram pelos túneis como uma enchente infernal. Sinto vontade de tapar os ouvidos, de bloquear os gritos, os tiros e o sangue.

Kilorn. Seu nome surge vagamente em meus pensamentos, nada além de um suspiro. Não posso pensar muito nele agora. Cal ainda está sobre mim. Seu corpo todo treme, mas não me assusta. Não acho que nada pode me assustar agora. *O pior já aconteceu. Perdemos.*

— Quantos? — grito em resposta, reunindo forças para encará-lo. — Quantos morreram de fome? Quantos foram assassinados? Quantas crianças foram levadas para a morte? Quantos, *meu príncipe*?

Pensei que o odiava antes de hoje. *Estava errada. Sobre mim, sobre Cal, sobre tudo.* A dor faz minha cabeça girar, mas dou um jeito de ficar de pé. *Ele nunca vai me escolher.*

— Meu irmão, o pai de Kilorn, Tristan, Walsh!

É como se centenas de nomes explodissem em minha cabeça, receitando todos os que perdi. Não significam nada para Cal, mas tudo para mim. E sei que ainda há milhares, milhões. Um milhão de crimes esquecidos.

Cal não responde. Espero encontrar a ira que sinto refletida em seus olhos. Em vez disso, não vejo nada além de tristeza. Ele sussurra de novo e as palavras me fazem cair para não levantar mais.

— Queria que as coisas fossem diferentes.

Espero as faíscas, espero os raios, mas eles não vêm. Quando sinto as mãos frias em meu pescoço e algemas em meus pulsos, sei o motivo. O instrutor Arven, o silenciador, aquele capaz de nos tornar humanos, está atrás de mim, sugando toda a

minha força até eu voltar a ser apenas uma garotinha chorona. Levou tudo, todo o poder que pensei ter. *Perdi.* Não há ninguém para me segurar quando meus joelhos vacilam desta vez. Ouço vagamente o grito de Maven, que também é lançado ao chão.

— Irmão! — ele berra, na tentativa de fazer Cal compreender o que está fazendo. — Eles vão matar Mare! Vão *me* matar!

Mas Cal não escuta. Fala com um dos seus capitães, e não tento ouvir as palavras. Não poderia, mesmo se quisesse.

O chão parece tremer sob mim a cada disparo no subsolo. Quanto sangue não vai manchar os túneis esta noite?

Minha cabeça está pesada demais, meu corpo está fraco demais, e me deixo tombar contra o piso. O frio no meu rosto me acalma. Maven se arrasta e põe a cabeça ao lado da minha. *Lembro de um momento como este*. O grito de Gisa e seus ossos esmagados aparecem distantes, como um fantasma.

— Leve-os para dentro, para o rei. Ele julgará os dois.

Não reconheço mais a voz de Cal. Eu o tornei um monstro. Forcei sua mão, eu o fiz escolher. Fui ansiosa, burra. Criei esperanças.

Sou uma idiota.

O sol começa a nascer por trás da cabeça de Cal, envolvendo-o com a aurora. Ele chega brilhante demais, intenso demais e cedo demais. Tenho que fechar os olhos.

VINTE E SEIS

Mal consigo caminhar, mas o soldado atrás de mim não para de empurrar enquanto mantém as mãos em meus braços algemados. Ao meu lado, outro faz o mesmo com Maven. Arven nos segue para garantir que não vamos fugir. Sua presença é um peso maligno que cega meus sentidos. Ainda posso ver o corredor ao redor, vazio e distante dos olhos curiosos da corte, mas não tenho forças para me importar. Cal vai à frente. Seus ombros tensos revelam sua dificuldade em não olhar para trás.

O som dos tiros, dos gritos e do sangue nos túneis ecoa em minha mente. *Estão mortos. Nós estamos mortos. Acabou.*

Espero que nos levem para baixo, para a cela mais sombria do mundo. Em vez disso, Cal sobe as escadas até um cômodo sem janelas nem sentinelas. Nossos passos sequer ressoam ao entrarmos. É um ambiente à prova de som, ninguém pode nos ouvir. E isso me assusta mais que as armas ou o fogo ou o ódio puro que emana do rei.

Ele está no centro da sala, coberto com sua armadura dourada e a coroa em sua cabeça. Sua espada cerimonial está ao seu lado, bem como uma pistola que provavelmente nunca usou. *Tudo parte de um espetáculo. Pelo menos ele veste o figurino.*

A rainha também está presente. Nos aguarda usando apenas um vestido branco e fino. Assim que entramos, seus olhos se cravam nos meus e ela penetra meus pensamentos como uma faca. Gemo, tentando recuar, mas as correntes aguentam firme.

Tudo passa novamente diante dos meus olhos, do começo ao fim: o trailer de Will, a Guarda, Kilorn, a rebelião, os encontros, as mensagens secretas. O rosto de Maven surge no meio das lembranças, mas Elara o afasta. *Não quer ver o que me lembro dele.* Meu cérebro grita diante do massacre, saltando de um pensamento a outro até minha vida inteira, cada beijo e cada segredo, ser revelado diante dela.

Quando ela termina, me sinto morta. Desejo *estar* morta. *Pelo menos não vou ter que esperar muito.*

— Deixem-nos! — diz Elara em tom agudo e cortante. Os soldados esperam com os olhos em Cal. Quando ele assente, fazem uma reverência e se retiram com passos abafados. Arven, porém, permanece, e sua influência ainda pesa sobre mim. Quando o ruído das botas desaparece, o rei se permite um suspiro.

— Filho?

Ele olha para Cal e posso notar um leve tremor em seus dedos. Mas não faço ideia por que ele treme.

— Quero ouvir da sua boca — o rei pede.

— Fazem parte disso há muito tempo — murmura Cal, quase incapaz de pronunciar as palavras. — Desde que ela chegou.

— Os dois? — Tiberias desvia o olhar de Cal para fixá-lo no filho esquecido.

Parece quase triste, com o rosto dominado pela dor. Seus olhos vacilam, mal podem encará-lo, mas Maven o observa com firmeza. *Ele não vai baixar a cabeça.*

— Você sabia disso, meu garoto? — o rei pergunta.

Maven confirma.

— Ajudei a planejar.

Tiberias estremece, como se as palavras fossem um soco.

— E o atentado?

— Escolhi os alvos.

Cal fecha os olhos como se pudesse se isolar de tudo.

O olhar de Maven chega em Elara, que está ao lado do rei. Os dois se encaram por um instante. Acho que ela vai espiar os pensamentos dele. Então tenho um estalo: ela não vai fazer isso. *Não é capaz de ver.*

— Você me disse para encontrar uma causa, pai. Foi o que fiz. Está orgulhoso de mim?

Mas Tiberias se concentra em mim, urrando feito um urso.

— Você fez isto! Você o envenenou, envenenou meu filho!

Quando as lágrimas brotam em seus olhos, sei que seu coração, por menor ou mais frio que seja, se partiu. *Ele ama Maven a seu modo. Mas é tarde demais para isso.*

— Você tirou meu filho de mim!

— Você mesmo fez isso — digo por entre os dentes. — Maven tem seu próprio coração e acredita num mundo novo tanto quanto eu. Quando muito, foi seu filho que me mudou.

— Não acredito em você. Você o enganou de algum jeito.

— Ela não está mentindo.

Ouvir Elara concordar comigo me faz perder o fôlego.

— Nosso filho sempre desejou mudanças — diz com o olhar pousado em Maven. Parece ter *medo*. — Ele é apenas um garoto, Tiberias.

Salve Maven, grito em minha cabeça. Ela precisa ouvir. *Precisa*.

Perto de mim, Maven respira fundo à espera do que pode ser nosso fim.

Tiberias encara os próprios pés. Ele conhece as leis melhor que ninguém, mas é Cal quem tem força o bastante para encarar o irmão nos olhos. Deve imaginar toda uma vida juntos. *Fogo e sombra: um não existe sem o outro.*

Após um longo momento de silêncio quente e sufocante, o rei põe a mão no ombro de Cal. Ele balança a cabeça loucamente, e as lágrimas escorrem por suas bochechas até a barba.

— Garoto ou não, Maven matou. Ao lado dessa víbora — ele aponta um dedo trêmulo para mim —, cometeu crimes graves contra os seus. Contra *mim* e contra você. Contra nosso trono.

— Pai… — Cal se move rapidamente, se colocando entre o rei e nós. — Ele é seu filho. Deve haver outra maneira.

Tiberias endireita o corpo e põe de lado o papel de pai para ser novamente o rei. Enxuga as lágrimas do rosto e diz:

— Você vai entender quando usar a coroa.

A rainha aperta os olhos, que parecem agora duas lâminas azuis. *São idênticos aos de Maven.*

— Felizmente, isso jamais vai acontecer — ela diz calmamente.

— Como?

Tiberias se volta na direção dela, mas para no meio do movimento. Seu corpo está congelado.

Já vi isso antes. Na arena, há muito tempo, quando o murmurador derrotou o forçador. Elara chegou a fazer o mesmo comigo e me transformou numa marionete. Mais uma vez, é ela quem controla as cordas.

— Elara, o que está fazendo? — ele pergunta entre os dentes.

Ela responde dentro da cabeça do rei, não consigo ouvir. Ele não gosta nem um pouco da resposta.

— Não! — grita enquanto ela o põe de joelhos com seus sussurros.

Enfurecido, Cal faz seus punhos explodirem em chamas, mas Elara estende a mão e o faz parar. *Ela controla os dois.*

Ele luta, seu rosto se contorce, mas não consegue se mover um centímetro. Mal consegue falar.

— Elara… Arven…

Meu ex-instrutor permanece imóvel. Se limita a observar calmamente, satisfeito. Parece que sua lealdade não é ao rei, mas à rainha.

Ela está nos salvando. Pela vida do filho, vai nos salvar. Achamos que Cal me amaria o suficiente para mudar o mundo. Teria sido melhor procurar a rainha. Tento rir, mas algo no rosto de Cal inibe meu alívio.

— Julian me avisou — Cal rosna, ainda tentando escapar de seu controle. — Pensei que ele estava mentindo sobre você, sobre minha mãe, sobre o que você fez com ela.

De joelhos, o rei uiva. É um som terrível que jamais quero ouvir de novo.

— Coriane — ele geme, com os olhos no chão. — Julian sabia. Sara sabia. Você a castigou pela verdade.

O suor começa a brotar na testa de Elara. Ela não pode manter o rei e o príncipe presos por muito tempo.

— Elara, você precisa tirar Maven daqui — digo. — Não se preocupe comigo, apenas o salve.

— Ah, não tema, menininha elétrica — ela desdenha. — Nem penso em você. Embora sua lealdade ao meu filho seja bastante inspiradora. Não é, Maven?

Ela lança um olhar para o filho, ainda algemado.

A reação dele é partir as correntes ao meio com uma facilidade impressionante. Elas se derretem em seu pulso e escorrem como uma pasta de metal quente que abre um buraco no chão. Quando ele levanta, espero que venha me defender, me salvar como tento salvá-lo. Então me dou conta de que Arven ainda me domina, e a sensação familiar das centelhas, da eletricidade, ainda não voltou. Ele ainda me detém, apesar de ter liberado Maven.

Quando os olhos de Cal encontram os meus, sei que ele compreende a situação tão bem quanto eu. A frase *todo mundo pode trair todo mundo* ressoa cada vez mais forte, até zunir em meus ouvidos como os ventos de um furacão.

— Maven?

Preciso erguer a cabeça para ver seu rosto e, por um instante, não o reconheço. Ele ainda é o mesmo garoto, aquele que me consolou, que me beijou, que me manteve forte. Meu amigo. *Mais que meu amigo.* Mas há algo de errado com ele. Algo mudou.

— Maven, me ajude.

Ele relaxa os ombros e um estalo indica o fim de algum incômodo. Seus movimentos são presunçosos, estranhos. Quando ele ajeita o corpo pretensioso e leva as mãos à cintura, é como se eu o visse pela primeira vez. *Seus olhos estão frios.*

— Não, acho que não.

— O quê? — ouço minha voz como se ela tivesse saído de outra pessoa. Falo como uma garotinha. *Sou apenas uma garotinha.*

Maven não responde, mas mantém os olhos nos meus. O garoto que conheço ainda está lá, escondido, se insinuando por trás da expressão fechada. *Se eu conseguir chegar até ele…* Só que Maven é mais rápido que eu e me repele quando chego perto.

— CAPITÃO TYROS! — ruge Cal, ainda capaz de falar. Elara não tirou essa capacidade. Mas ninguém aparece. Ninguém nos escuta. — CAPITÃO TYROS! — ele suplica novamente. — EVANGELINE! PTOLEMUS! ALGUÉM AJUDE!

Elara fica contente ao vê-lo gritar, mas Maven se irrita.

— Temos mesmo que ouvir isso? — pergunta.

— Não, acho que não — ela diz, suspirando e inclinando a cabeça.

O corpo de Cal se move aos pensamentos dela e se volta na direção do pai.

O príncipe entra em pânico, seus olhos se arregalam.
— O que você está fazendo?
O rosto do rei se enche de sombras.
— Não é óbvio?
Não entendo nada. Não pertenço a este mundo. Julian estava certo: é um jogo que não entendo, um jogo que não sei jogar. Queria que Julian estivesse aqui agora para explicar, para ajudar, para me salvar. Mas ninguém virá.
— Maven, por favor — imploro na tentativa de fazê-lo olhar para mim. Mas ele me dá as costas e se concentra na mãe e na família que traiu. *Ele é como a mãe.*
A rainha não se importa com a presença dele na minha memória. Não se importa por ele fazer parte disto. Não pareceu sequer surpresa. A resposta é assustadoramente simples: *porque já sabia*. *Porque é seu filho. Porque tudo foi um plano dela desde o começo.* A ideia me atravessa como uma faca, mas a dor só a torna mais real.
— Você me usou.
Finalmente, Maven se vira para me encarar.
— Ah, percebeu?
— Você escolheu os alvos. A coronel, Reynald, Belicos, mesmo Ptolemus: não eram inimigos da Guarda, mas seus.
Sinto vontade de despedaçá-lo, com ou sem meus poderes. Quero que sofra.
Finalmente entendo a lição: *todo mundo pode trair todo mundo*.
— E esta foi outra trapaça. Você me meteu nisso, mesmo sabendo que era impossível, mesmo sabendo que Cal não trairia o pai! Você me fez acreditar. Você nos fez acreditar!
— Não é culpa minha você ter sido burra o bastante para cair — ele replica. — Agora a Guarda acabou.
É como se eu levasse um soco no rosto.
— Eles eram seus amigos. *Confiaram* em você.
— Eram uma ameaça a meu reino e eram idiotas — ele rebate, para em seguida se inclinar na minha direção com um sorriso perverso nos lábios. — *Eram.*
Elara ri da piada cruel.
— Foi fácil infiltrá-lo. Só precisamos de um criado sentimental. Não sei como gente tão burra pode se tornar um risco.
— Você me fez acreditar — repito ao lembrar cada uma das suas mentiras. — Pensei que quisesse nos ajudar.
Por uma fração de segundo, minhas lamúrias o penetram. Mas isso não dura muito.
— Menina burra! — diz Elara. — Suas idiotices quase foram nossa ruína. Usar seu guarda pessoal na fuga, provocar os blecautes: acha mesmo que eu seria tão idiota para não ver suas pistas?
Entorpecida, nego com a cabeça.
— Você deixou. Você sabia de tudo.
— Claro que sim. Como acha que chegou até *aqui*? *Eu* tive que apagar suas pegadas, *eu* tive que protegê-la de qualquer um com um mínimo de inteligência que pudesse seguir seus rastros — ela vocifera com seu tom de desprezo. — Você não imagina o que precisei fazer para protegê-la.
Elara se enche de prazer e desfruta cada instante.
— Mas você é vermelha. E, como tal, está fadada ao fracasso — conclui.
Tudo desaba sobre mim e as lembranças se encaixam. Devia ter percebido, lá no fundo, que não podia confiar em Maven. *Ele era perfeito demais, corajoso demais, gentil demais. Deu as costas para sua própria gente para se juntar à Guarda. Ele me empurrou para Cal, deu exatamente o que eu queria e me cegou.*
Com vontade de gritar, de chorar, dirijo o olhar para Elara.
— Você disse a Maven o que ele precisava falar — murmuro. Ela não precisa confirmar, sei que estou certa. — Você sabe quem sou aqui dentro — minha cabeça dói ao me lembrar como brincou com minha mente — e sabia exatamente como me vencer.
Nada dói mais que a expressão vazia de Maven.
— Alguma coisa era verdade? — pergunto.
Ele nega, mas sei que também mente.
— Até Thomas?
O garoto na frente de batalha, que morreu lutando pelos outros. *Seu nome era Thomas, e eu o vi morrer.*
O nome atravessa a máscara e racha a fachada de indiferença, mas não é o bastante. Maven afasta de si o nome e a dor causada por ele e responde:
— Só mais um garoto que morreu. Não faz diferença.
— Faz toda a diferença — sussurro para mim mesma.
— Acho que é hora das despedidas, Maven — Elara interrompe, pondo a mão pálida sobre o ombro do filho. Minhas palavras atingiram o ponto fraco dele, e ela não vai me deixar continuar.
— Não há necessidade — ele responde baixo.

O filho da rainha se volta para o pai. Seus olhos azuis tremulam. Passam pela coroa, pela espada, pela armadura, por tudo, menos pelo rosto do rei.

— Você nunca olhou pra mim. Nunca me viu. Não quando tinha a *ele*. — Maven aponta com a cabeça para Cal.

— Você sabe que não é verdade, Maven. Você é meu *filho*. Nada vai mudar isso. Nem mesmo ela — diz Tiberias lançando um olhar a Elara. — Nem mesmo o que ela está a ponto de fazer.

— Meu querido, não farei coisa alguma — ela grasna em resposta. — Quem fará é seu filho amado — ela desfere um tapa na cara de Cal —, o herdeiro perfeito — um novo tapa, mais forte —, o filho de Coriane — mais um tapa, que lhe corta o lábio e arranca sangue. — Não posso responder por ele.

O sangue prateado e grosso goteja da boca de Cal. Os olhos de Maven se detêm sobre o sangue, e sua testa franze brevemente.

— Nós também tivemos um filho, Tibe — sussurra Elara com a voz carregada de ódio antes de se voltar para o rei. — Não importa o que você sentia por mim, você tinha que amar Maven.

— Eu *amei* — ele grita, lutando contra a influência mental. — Eu amo.

Sei o que é ser posta de lado, ficar à sombra de alguém. Mas esse tipo de ressentimento, essa cena assassina, destrutiva, terrível, está além da minha compreensão. Maven ama o pai, o irmão… Como pode deixar a mãe fazer isto? Como pode *querer* isto?

Mas ele permanece imóvel, assistindo, e não encontro palavras que o façam se mexer.

Nada me preparou para o que vai acontecer, para o que Elara força suas marionetes a fazer. As mãos de Cal tremem, se estendem dominadas pela vontade dela. Ele tenta resistir, combate com toda a força que possui, mas em vão. É uma batalha que não pode vencer. Quando sua mão se fecha em volta da espada dourada e a puxa da bainha na cintura do pai, a última peça do quebra-cabeça se encaixa. Lágrimas descem pelo seu rosto como um rio e evaporam sobre a pele quente.

— Não é você — diz Tiberias encarando o rosto despedaçado de Cal. Nem tenta implorar pela própria vida. — Sei que não é você, filho. Não é sua culpa.

Ninguém merece isso. *Ninguém.* Na minha imaginação, invoco a eletricidade e ela vem. Explodo Elara e Maven, salvo o príncipe e o rei. Mas até a fantasia vem manchada. Farley está morta. Kilorn está morto. A revolução acabou. Nem na minha mente consigo consertar tudo.

A espada se levanta trêmula nas mãos de Cal. É uma arma cerimonial, quando muito, mas a lâmina brilha afiada como uma navalha. O aço se avermelha, cada vez mais quente ao toque flamejante do príncipe. Pedaços do punho da espada começam a derreter por entre seus dedos, e gotas de ouro, prata e ferro escorrem por suas mãos.

Maven observa a espada com atenção e minúcia, assustado demais para olhar para o pai durante os últimos momentos.

Pensei que você fosse corajoso. Estava tão errada.

— Por favor — é tudo o que Cal consegue dizer, se esforçando para pronunciar cada palavra. — Por favor.

Não há qualquer arrependimento ou remorso nos olhos de Elara. Este plano foi arquitetado há muito tempo. Quando a lâmina brilha, cortando o ar, a carne e o osso, a rainha sequer pisca.

O corpo do rei bate secamente contra o chão, enquanto a cabeça rola até parar uns metros à frente. Sangue prata esguicha pelo chão, formando uma poça que cerca os pés de Cal. Ele solta a espada incandescente que atinge ruidosamente o chão de pedra e cai de joelhos. A coroa de pontas afiadas e brilhantes rola, contorna a poça de sangue e para aos pés de Maven.

Quando Elara grita, gemendo e chorando sobre o corpo do rei, quase dou risada do absurdo da cena. *Ela mudou de ideia? Perdeu completamente o juízo?* Então ouço o ruído das câmeras que voltam à vida. Elas se movem pela parede e focam o cadáver do rei ao lado da rainha que lamenta a morte do marido. Maven grita ao seu lado, com o braço sobre os ombros da mãe.

— Você o matou! Você matou o rei! Você matou nosso pai! — ele berra para Cal.

Um minúsculo sorriso se insinua no rosto do príncipe mais novo e Cal resiste ao impulso de arrancar a cabeça do irmão. Está em choque, sem compreender, sem *querer* compreender. Mas, pela primeira vez, eu compreendo.

A verdade não importa. Só importa aquilo em que as pessoas acreditam. Julian tentou me ensinar essa lição antes, e só agora aprendi. *Vão acreditar nesta cena, neste belo drama de atores e mentiras. E nenhum Exército, nenhum país, vai apoiar um homem que assassinou o pai pela coroa.*

— Corra, Cal! — grito, para trazê-lo de volta à realidade. — Você tem que correr!

Arven me solta e o pulso elétrico retorna, avançando em minhas veias como fogo sobre gelo. Sem esforço, eletrifico o metal até derreter as algemas, que caem dos meus pulsos. Conheço essa sensação. Conheço o instinto que toma conta de mim agora: *correr, correr, correr*.

Agarro Cal pelos ombros, tento puxá-lo, mas o grande idiota não se move. Aplico um pequeno choque, o bastante para chamar sua atenção, antes de gritar novamente:

— CORRA!

Funciona, e ele levanta, quase escorregando na piscina de sangue.

Espero um ataque de Elara, que ela force a mim ou Cal ao suicídio, mas a rainha continua a gritar, atuando para as câmeras.

Maven está de pé ao lado dela com os braços em chamas, pronto para defender a mãe. Ele nem tenta nos deter.

— Vocês não têm para onde ir! — berra, mas já estou correndo e arrastando Cal. — São assassinos traidores e enfrentarão a justiça!

Sua voz, que eu costumava conhecer tão bem, parece nos perseguir através das portas e dos corredores. As vozes em minha cabeça gritam ao mesmo tempo que ele.

Idiota! Burra! Veja o que sua esperança causou!

E então Cal é quem me arrasta e me força a manter o ritmo. Lágrimas quentes de raiva, ódio e dor enchem meus olhos até que consigo apenas enxergar a mão dele na minha. Não sei para onde vamos. Apenas o sigo.

Passos ressoam atrás de nós, o familiar ruído das botas. Oficiais, sentinelas, soldados: todos nos perseguem, nos caçam.

O piso sob nós muda da madeira maciça para o mármore. Estamos na sala de banquetes. Longas mesas repletas da mais fina porcelana bloqueiam o caminho, mas Cal as joga para o lado com explosões de fogo. A fumaça dispara o alarme de incêndio. Água chove sobre nós e vira vapor na pele de Cal, envolvendo seu corpo numa crescente nuvem branca. Ele parece um fantasma assombrado por uma vida subitamente despedaçada, e não sei como consolá-lo.

O mundo parece mais devagar para mim no momento em que a outra ponta do salão escurece com uniformes cinza e armas negras. Não há mais para onde correr. Preciso lutar.

A eletricidade acende em minha pele, suplicando para ser solta.

— Não — a voz de Cal sai sem emoção, sem vida. Ele baixa as mãos e desfaz as chamas. — Não vamos vencer.

Ele tem razão.

Eles chegam pelas muitas portas e arcos, e até mesmo as janelas já estão bloqueadas por montes de uniformes. Centenas de prateados, armados até os dentes, prontos para matar. *Estamos encurralados.*

Cal examina seus rostos detalhadamente. *Seus próprios homens.* Pelo modo como retribuem o olhar, furiosos, sei que já viram o horror criado por Elara. Sua lealdade se quebrou, como seu general. Um deles, um capitão, treme ao ver Cal. Para minha surpresa, ele avança com a pistola abaixada.

— Rendam-se — ordena. Suas mãos tremem.

Cal troca olhares com o velho amigo e cede.

— Nós nos rendemos, capitão Tyros.

Corra, cada pedaço meu grita. Mas desta vez não dá. Perto de mim, Cal demonstra o mesmo desânimo e uma dor que não sou capaz nem de imaginar. Está ferido no fundo da alma.

Ele também aprendeu a lição.

VINTE E SETE

MAVEN ME TRAIU. *Não. Ele nunca esteve do meu lado.*

Aperto os olhos para enxergar as barras sob a pouca luz. O teto é baixo e pesado como o ar do subsolo. Nunca estive aqui antes, mas logo compreendo.

— O Ossário — penso em voz alta, imaginando que ninguém me ouve.

Contudo, alguém ri.

As trevas cedem aos poucos e revelam mais da cela. Uma sombra volumosa senta encostada nas barras perto de mim, tremendo em suas gargalhadas entrecortadas.

— Eu tinha apenas quatro anos na primeira vez que estive aqui, e Maven mal tinha feito dois. Ele se escondeu atrás das saias da mãe, com medo do escuro e das celas vazias — Cal conta, sorrindo, o olhar afiado como facas. — Acho que ele perdeu o medo do escuro.

— É, perdeu.

E eu sou sua sombra. A sombra da chama. Acreditei em Maven quando ele disse essas palavras, quando me contou o quanto odiava este mundo. Agora sei que foi tudo um truque de mestre. Cada palavra, cada toque, cada *olhar* foi mentira. *E eu pensava que a mentirosa fosse eu.*

Por instinto, tento ativar meu poder, tentando captar qualquer pulso elétrico, algo para me dar uma centelha de energia. Mas não há nada. Nada além de uma ausência absoluta e oca que me dá calafrios.

— Arven está por perto? — pergunto, lembrando-me de como ele bloqueou meu poder para me forçar a assistir a Maven e sua mãe destruírem a própria família. — Não sinto nada.

— São as celas — Cal diz entediado, enquanto desenha formas, *chamas*, no chão sujo. — São feitas de Pedra Silenciosa. Não me peça para explicar, porque não entendo como funciona e não estou com vontade de tentar entender.

Ele levanta os olhos furiosos na direção das trevas que preenchem a linha infinita de celas. Eu deveria estar com medo, mas já não tenho nada a temer. O pior aconteceu.

— Antes dos combates na arena, quando ainda executávamos prateados, o Ossário abrigava todo tipo de pesadelo. O Grande Greco, que costumava abrir homens ao meio para comer seu fígado. A Noiva Venenosa, uma animos da Casa Viper que atraiu cobras para a cama do meu tio-bisavô na noite de núpcias dos dois. Dizem que o sangue dele virou veneno depois de tantas picadas — Cal faz uma lista com os criminosos do seu mundo. Parecem histórias inventadas para assustar as crianças. — Agora nós. O Príncipe Traidor é como me chamarão: "Ele matou o pai pela coroa. Não conseguiu esperar".

Não consigo deixar de complementar a história.

— "Aquela vadia o forçou a isso" é o que vão fofocar.

Posso ver na minha cabeça meu nome exposto em cada esquina, em cada monitor.

— Vão me culpar, a menininha elétrica. Envenenei seus pensamentos, corrompi sua alma. Fiz você fazer aquilo.

— Quase fez — ele responde baixo. — Quase escolhi você hoje de manhã.

Foi hoje de manhã?, me pergunto. *Não pode ser verdade.* Pressiono o corpo contra as barras e fico a apenas alguns centímetros de Cal.

— Vão nos matar — digo secamente.

Cal confirma, rindo mais uma vez. Já o ouvi rir antes — de mim, sempre que tentava me ensinar a dançar —, mas o som não é o mesmo. Sua ternura foi embora e não deixou nada para trás.

— O rei vai cuidar disso. Seremos executados.

Execução. Não estou nem um pouco surpresa.

— Como vai ser?

Mal posso me lembrar da última vez que assisti a uma execução. Apenas algumas imagens ficaram: o sangue prata na areia, os gritos da multidão. E lembro da forca perto de casa, das cordas balançando contra o vento forte.

Os ombros de Cal estão tensos.

— Há muitas formas. Juntos, um de cada vez, com espadas, armas, poderes ou tudo junto — ele diz com o suspiro pesado de quem já se rendeu ao destino. — Vão nos fazer sofrer. Não vai ser rápido.

— Talvez meu sangue jorre por todo lado. Isso daria ao resto do mundo algo em que pensar.

O pensamento medonho me faz sorrir. Ao morrer, estaria fincando minha própria bandeira vermelha, espalhando-a pela areia da arena.

— Ele não vai conseguir me esconder. Todos vão saber quem eu sou — acrescento.

— Você acha que isso vai mudar alguma coisa?

Tem que mudar. Farley está com a lista. Ela vai encontrar os outros … Mas Farley morreu. Minha única esperança é de que tenha passado os nomes adiante, para alguém que ainda esteja vivo. Os outros estão por aí e precisam ser encontrados. Precisam seguir em frente, porque já não posso.

— Eu não acho que vai — Cal prossegue preenchendo o silêncio com sua voz. — Acho que ele vai usar isso como desculpa. Haverá mais recrutamentos, mais campos de trabalho. A mãe dele vai inventar outra mentira maravilhosa e o mundo vai continuar a girar como antes.

Não. Nunca mais.

— Ele vai procurar outros como eu — concluo em voz alta.

Já me derrubaram. Já perdi. Já estou morta. E este é o último prego no caixão. Apoio a cabeça nas mãos e meus dedos ágeis enroscam maquinalmente nos meus cabelos.

Cal se agita contra suas barras e seus movimentos fazem o metal vibrar.

— O quê?

— Há outros. Julian descobriu. Ele me disse para encontrar e… — minha voz vacila, não quer continuar — e eu contei para Maven.

Sinto vontade de gritar.

— Ele me usou perfeitamente — lamento enfim.

Por entre as barras, Cal me encara. Embora sem seu poder, suprimido pelas paredes malditas, um inferno arde em seus olhos.

— Qual é a sensação? — ele brada, nossos narizes quase se tocando. — Qual é a sensação, Mare Barrow?

Antes, daria qualquer coisa para ouvir meu nome verdadeiro sair da sua boca, mas agora dói como uma queimadura. *E cheguei a pensar que estava usando os dois: Maven e Cal. Como fui burra.*

— Desculpe — falo com dificuldade. Desprezo essas palavras, mas são tudo o que tenho a oferecer. — Não sou Maven, Cal. Não fiz isso para magoar você. Nunca quis machucar você. — Em seguida, num tom quase inaudível, acrescento: — E não era tudo mentira.

Sua cabeça bate contra as barras. O barulho é tão alto que deve ter doído. Mas Cal nem parece notar. Como eu, perdeu a capacidade de sentir dor ou medo. Muita coisa já aconteceu.

— Você acha que ele vai matar meus pais?

Minha irmã, meus irmãos, completo em minha cabeça. Pela primeira vez, fico feliz por Shade estar morto e fora do alcance de Maven.

Sinto um calor surpreendente próximo de mim, penetrando meus ossos. Cal se move de novo, se apoia contra as barras bem atrás de mim. Sua temperatura é amena, natural… Não é provocada por raiva ou poder. Ele é *humano*. Posso sentir sua respiração, seu coração pulsar. Bate forte enquanto Cal reúne forças para mentir para mim.

— Acho que ele tem coisas mais importantes com que se preocupar.

Sei que percebe que estou chorando. Meus ombros sacodem a cada soluço, mas Cal não diz nada. Não há palavras para este momento. Ainda assim, ele não se afasta; é minha última fonte de calor neste mundo que se transforma em pó. Choro por todos: Farley, Tristan, Walsh, Will. Shade, Bree, Tramy, Gisa, minha mãe, meu pai. *Todos guerreiros.* E Kilorn. Não consegui salvá-lo. Não consigo nem salvar a mim mesma.

Pelo menos tenho meus brincos. As pedrinhas, brilhantes em minha pele, ficarão comigo até o fim. *Morrerei com elas, e elas morrerão comigo.*

Tenho a impressão de que passamos horas assim, embora nada marque a passagem do tempo. Chego até a cochilar a certa altura. É então que uma voz familiar me faz acordar sobressaltada.

— Em outra vida, eu teria ciúmes.

As palavras de Maven me arrepiam, e não por um motivo bom.

Cal levanta mais rápido do que pensei ser possível e se lança contra as barras, fazendo barulho. Mas as barras aguentam firme, e Maven — o maquiavélico, nojento, odioso Maven — fica fora do seu alcance por pouco. Pelo menos toma um susto, para minha alegria.

— Poupe sua força, irmão — ele diz, pronunciando muito bem cada palavra. — Vai precisar dela em breve.

Embora não use a coroa, Maven já carrega o ar de um rei terrível. Seu uniforme de gala está lotado de novas medalhas que eram do pai. Fico surpresa por elas não estarem cobertas de sangue. Ele parece mais pálido que antes, embora os círculos escuros ao redor dos olhos tenham desaparecido. Matar o ajuda a dormir.

— Será contra você na arena? — provoca Cal por trás das barras, as mãos apertando firme. — Vai fazer isso pessoalmente? Tem coragem?

Não consigo reunir forças para levantar, embora eu queira saltar contra as barras, arrancá-las com minhas próprias mãos e não parar até sentir o pescoço de Maven. Mas consigo apenas assistir.

Ele ri das palavras do irmão como um retardado.

— Ambos sabemos que nunca venceria você com meu poder — ele diz, atirando na cara de Cal o conselho dado há tanto tempo. — Então venço com a cabeça, querido irmão.

Maven me disse uma vez que Cal odiava perder. Agora percebo que o único jogando para vencer era ele próprio. Cada suspiro, cada palavra era para construir sua vitória sangrenta.

Cal resmunga em voz alta.
— Mavey — ele começa, mas o apelido sai sem qualquer afeto —, como pôde fazer isso com nosso pai? Comigo? Com ela?
— Um rei assassinado, um príncipe traidor. Tanto sangue… — ele provoca, dançando perto de Cal. — As pessoas choram nas ruas por nosso pai. Ou pelo menos fingem chorar — acrescenta, dando de ombros, desinteressado. — Os lobos idiotas já esperam por um tropeço meu, e os espertos sabem que isso não vai acontecer. A Casa Samos, a Casa Iral… Há anos afiam as garras à espera de um rei fraco, de um rei compassivo. Você sabe que babavam ao ver você, não é? Pense nisso, Cal. Dentro de algumas décadas, nosso pai morreria devagar, em paz, e você seria o rei. Casado com Evangeline, filha do aço e da faca, com o irmão dela ao seu lado. Você não sobreviveria à coroação. Ela faria como minha mãe e substituiria você pelo próprio filho.
— Não diga que fez isso para proteger a dinastia — Cal rebate, balançando a cabeça. — Você fez isso por si próprio.
De novo, Maven dá de ombros e sorri para si mesmo, um sorriso cruel.
— Você está mesmo tão surpreso? Pobre Maven, o segundo príncipe. A sombra da chama do irmão. Uma coisinha fraca, destinado a ficar de lado e se ajoelhar.
O novo rei se afasta da cela de Cal para se pôr diante da minha. Apenas o observo do chão. Não estou certa se posso me mover. *Até seu perfume* é *gelado.*
— Noivo de uma garota com os olhos em outro, no irmão, no príncipe que ninguém é capaz de ignorar.
Suas palavras assumem um tom selvagem, carregadas de rancor desumano. Mas há verdade nelas, a verdade dura que eu tanto tentei esquecer. E que faz minha pele arrepiar.
— Você tomou tudo o que deveria ser meu, Cal. *Tudo.*
Levanto de repente. Tremo violentamente, mas consigo me manter de pé. Ele mentiu para nós por tanto tempo que não posso deixá-lo mentir agora.
— Nunca fui sua, e você *nunca* foi meu, Maven — disparo. — E não por causa *dele*. Pensei que você fosse perfeito, pensei que era forte, corajoso. *Bom.* Pensei que você fosse *melhor* que ele.
Melhor que Cal. Essas são as palavras que Maven pensou que ninguém jamais diria. Ele vacila por um segundo e consigo ver o garoto que conheci. Um garoto que não existe.
Ele estende a mão e me agarra por entre as barras. Quando seus dedos se fecham ao redor do meu punho, só sinto repulsa. Ele me aperta forte, como se sua vida dependesse disso. Algo o despertou, algo revelou uma criança desesperada, um patético, um rejeitado que tenta se apegar ao brinquedo favorito.
— Posso salvar você.
As palavras fazem minha pele retorcer.
— Seu pai amava você, Maven. Você não percebia, mas ele amava.
— Mentira.
— Ele amava e você o matou! — As palavras escorrem depressa, como sangue a jorrar de uma veia. — Seu irmão amava você e você fez dele um assassino. Eu… eu amava você. Confiava em você. Precisava de você. E agora vou morrer por isso.
— Eu sou o *rei*. Você vai viver se eu quiser. E assim farei.
— Você quis dizer "se eu mentir"? Um dia suas mentiras enforcarão você, rei Maven. Meu único arrependimento é não ter sido capaz de enxergá-las.
Chega então minha vez de agarrá-lo com toda a força e puxá-lo contra as barras. Minha mão se choca contra seu rosto e ele gane como um cachorro ferido.
— Jamais cometerei o erro de amar você outra vez.
Para minha decepção, ele se recupera rápido e ajeita os cabelos.
— Então você escolhe Cal?
Sempre foi isso: inveja, rivalidade. Tudo para que a sombra pudesse derrotar o fogo.
Solto uma gargalhada que quase me faz cair para trás. Sinto os olhos dos irmãos sobre mim.
— Cal me traiu e eu o traí. E você traiu nós dois, de mil maneiras diferentes. — As palavras são duras como uma rocha, mas certas. *Certíssimas.* — Não escolho ninguém.
Pela primeira vez, tenho a sensação de controlar o fogo e de que consegui queimar Maven. Ele recua cambaleando da minha cela, derrotado pela menininha sem eletricidade, a prisioneira acorrentada, a humana diante de um deus.
— O que você vai dizer quando eu sangrar? — sussurro em sua direção. — A verdade?
Ele ri a plenos pulmões. O garotinho desaparece, para mais uma vez dar lugar ao regicida.
— Verdade é o que eu digo ser verdade. Posso incendiar o mundo e chamar de chuva.
E alguns vão acreditar. Os tolos. Mas outros não. Vermelhos e prateados, nobres ou não, alguns verão a verdade.
Ele range os dentes e diz:
— Lidaremos com qualquer um que saiba que escondemos você, *qualquer um* que ao menos suspeite.
Minha mente fervilha com o nome de todos aqueles que notaram algo estranho em mim. Maven é mais rápido, porém, e dá a

entender que gosta de listar as muitas mortes.
— Lady Blonos teve que partir, claro. Decapitação funciona bem com os curandeiros de pele.
Era uma gralha velha, um incômodo… mas não merecia isso.
— As criadas foram mais fáceis. Belas garotas, irmãs vindas de Oldshire. Minha mãe fez isso pessoalmente.
Jamais cheguei a saber o nome delas.
Meus joelhos batem secamente contra o chão, mas nem sinto.
— Elas não sabiam de nada — imploro, mas já não adianta.
— Lucas também dará adeus — ele continua, seus dentes brancos e sorridentes brilhando na escuridão. — Vocês verão com seus próprios olhos.
Sinto ânsia de vômito.
— Você me disse que ele estava seguro, com a família…!
Sua risada é alta e demorada.
— Quando você vai perceber que cada palavra que saiu da minha boca era *mentira*?
Implorar é horrível, mas é só o que me vem à cabeça.
— Ele foi forçado por mim e por Julian. Não fez nada de errado. É da Casa Samos. Você não pode matar um deles.
— Mare, você não presta atenção? Posso fazer *qualquer coisa*! — Maven troveja. — É uma pena não termos conseguido trazer Julian até aqui a tempo. Eu gostaria de forçá-lo a assistir à sua morte.
Faço o máximo para engolir o soluço e tapo minha boca. Perto de mim, Cal pergunta com um grito gutural, preocupado com o tio:
— Você o encontrou?
— Claro que sim. Capturamos Julian e Sara — ri Maven. — Decidi matar Skonos primeiro, para acabar o trabalho que minha mãe começou. Você conhece a história, não conhece, Cal? Sabe o que minha mãe fez. Invadiu com seus sussurros a cabeça de Coriane, fazendo seu cérebro rastejar.
Antes de continuar, o novo rei se aproxima do irmão, o olhar selvagem e assustador.
— Sara sabia. Mas seu pai, e até você, se recusaram a acreditar nela. Deixaram minha mãe ganhar. E fizeram o mesmo agora.
Cal não responde. Apenas encosta a cabeça nas barras. Satisfeito com a destruição do irmão, Maven vira para mim e caminha de um lado para o outro bem diante da minha cela, mas longe do meu alcance.
— Vou fazer os outros gritarem por você, Mare. Até o último deles. Não só seus pais. Não só seus irmãos. Mas todos que forem como você. Vou encontrá-los, e eles morrerão com você no pensamento, sabendo que sofrem o destino que você lhes comprou. Sou o rei e você poderia ser minha rainha. Agora, você não é *nada*.
Nem trato de secar as lágrimas que escorrem pelas minhas bochechas. Já não adianta. Maven se alegra em me ver destroçada e estala a língua, como se quisesse sentir meu gosto.
— Adeus, Maven.
Gostaria de ter mais a dizer, mas não existem palavras para descrever sua maldade. Ele sabe que é assim e, pior, gosta disso.
Maven abaixa a cabeça, quase em reverência a nós. Cal não liga para o irmão. Em vez disso, agarra as barras, pressionando o metal como se fosse o pescoço de Maven.
— Adeus, Mare.
O sorriso não está mais em seu rosto. Para minha surpresa, seus olhos parecem úmidos. Ele hesita, não quer sair. É como se finalmente compreendesse o que fez e o que vai acontecer com todos nós.
— Uma vez eu lhe disse para esconder seu coração. Você devia ter escutado.
Como ousa?
Tenho três irmãos mais velhos, de modo que minha mira para cuspe é perfeita. Acerto bem no olho de Maven.
Ele dá meia-volta rápido, quase fugindo de nós. Cal o observa por um longo tempo, incapaz de falar. Sento e espero minha raiva diminuir. Quando Cal volta a sentar atrás de mim, já não há palavras a serem ditas.
Muitos fatores levaram a este dia, para todos nós. Um filho esquecido, uma mãe vingativa, um irmão com uma longa sombra, uma mutação estranha. Juntos escreveram uma tragédia.

Nas histórias, nos antigos contos de fadas, um herói sempre aparece. Mas todos os meus heróis estão longe ou mortos. Ninguém vai aparecer pra mim.
Já deve ser o dia seguinte quando os sentinelas chegam, liderados por Arven em pessoa. Com as paredes sufocantes e sua presença, é difícil levantar. Mas sou puxada para cima à força.
— Sentinela Provos, sentinela Viper — Cal saúda os sentinelas que abrem sua cela. Eles o põem de pé bruscamente. Mesmo agora, diante da morte, Cal permanece calmo.
Ele cumprimenta cada um dos guardas pelo caminho, dirigindo-se a eles pelo nome. Eles retribuem com um olhar de raiva,

confusão ou ambas. Um regicida não seria tão gentil. Com os soldados é ainda pior. Cal quer parar e se despedir adequadamente, mas seus próprios homens reagem com rispidez e frieza à sua chegada. Acho que isso lhe dói tanto quanto o resto. Depois de um tempo, ele se cala, perdendo o último bocado de força que ainda tinha. Ao subirmos a escada para fora da escuridão, o ruído da multidão se aproxima cada vez mais. Fraco no começo, mas logo um rugido contínuo sobre nossas cabeças. A arena está cheia e todos estão prontos para o espetáculo.

Isto começou quando caí no Jardim Espiral, um corpo feito de centelhas, e agora termina no Ossário. Sairei daqui um cadáver.

Os funcionários da arena — todos prateados com olhar sem vida — descem sobre nós como um bando de pombos. Eles me empurram para trás de uma cortina e me preparam para o que vem pela frente com movimentos bruscos e mãos rígidas. Mal os sinto puxar e empurrar para me vestir com uma imitação barata do traje de treino. O objetivo é humilhar me fazendo usar algo tão simples para morrer, mas prefiro minha pele arranhada por esse tecido grosso do que por seda. Penso vagamente em minhas criadas. Me pintavam todos os dias, sabiam que eu tinha algo a esconder. E morreram por isso. Agora ninguém me pinta ou cuida de limpar a sujeira de uma noite dormida na cela. *Mais exibições.* Uma vez ostentei seda, joias e um belo sorriso, mas nada disso condiz com a mentira de Maven. Uma garota vermelha em trapos é mais fácil de entender e matar.

Quando me empurram para fora, noto que fizeram o mesmo com Cal. Nada de medalhas ou armadura para ele. Mas lhe devolveram a pulseira que cria as chamas. O fogo ainda queima lentamente no soldado destruído. Ele está resignado com a morte, mas não sem antes levar alguém com ele.

Encaramos um ao outro, simplesmente porque não há mais para onde olhar.

— No que vamos nos meter? — Cal diz finalmente, passando a encarar Arven.

O ancião, branco como papel, observa seus ex-alunos sem qualquer vestígio de remorso. *O que lhe prometeram por sua ajuda?* Mas já posso ver. A insígnia em seu peito, a coroa feita de âmbar preto, diamante e rubi já pertenceu a Cal. Não duvido que tenha recebido muito mais.

— Você foi príncipe e general. Em sua sabedoria, o misericordioso rei decidiu que pelo menos morrerá com glória. Uma morte que traidores não merecem.

Arven sorri ao falar, mostrando seus dentes pequenos e afiados. *Dentes de rato.*

— Quanto à vermelha, a farsante — ele dirige seu olhar medonho a mim com mais intensidade, e o peso do seu poder parece prestes a me afogar. — Ela não terá armas, e morrerá como o demônio que é.

Abro a boca para protestar, mas Arven me fulmina com os olhos. Seu hálito fede a veneno.

— Ordens do rei.

Sem armas. Sinto vontade de gritar. *Sem eletricidade.* Arven não me solta, nem na hora da morte. As palavras de Maven soam nítidas em minha mente: *Agora, você não é nada*. Morrerei como nada. Não precisam esconder meu sangue se puderem afirmar que fingi meus poderes de alguma maneira.

Lá embaixo, no calabouço, estava quase ansiosa para lutar, para mandar meus raios pelos ares e meu sangue para a terra. Agora tremo arrepiada, com vontade de fugir, mas meu maldito orgulho, a única coisa que me resta, não permitirá isso.

Cal toma minha mão. Treme como eu, com medo de morrer. *Pelo menos terá a chance de lutar*.

— Vou protegê-la o quanto puder — sussurra. Quase não o ouço em meio aos passos estrondosos e os patéticos batimentos do meu coração.

— Não mereço — respondo também em voz baixa, mas aperto sua mão em agradecimento mesmo assim. *Eu o traí, arruinei sua vida, e é assim que ele retribui.*

A próxima sala é a última. É uma espécie de rampa que dá para um portão de aço. O sol dança por suas frestas e nos tinge com sua luz, enquanto o ruído da arena lotada é cada vez mais alto. A parede distorce o som, transforma os gritos e brados nos uivos de um pesadelo. Acho que a verdade não está muito diferente disso.

Ao entrarmos, vemos que não somos os únicos à espera da morte.

— Lucas!

Um guarda segura seu braço, mas ele consegue me olhar por cima do ombro. Seu rosto está cheio de feridas e ele parece mais pálido que antes, como se há dias não visse o sol. *O que provavelmente é verdade.*

— Mare.

Só o jeito de pronunciar meu nome me faz contrair o corpo. Ele é outro que traí, que usei como Cal, Julian, a coronel, Kilorn, como tentei usar Maven.

— Me perguntava quando veria você de novo — ele acrescenta.

— Sinto muito.

Vou para a cova pedindo perdão e ainda não será suficiente.

— Eles me disseram que você estava com sua família, que estava seguro, ou…

— Ou o quê? — ele pergunta devagar. — Não sou nada pra você. Apenas um objeto para ser usado e descartado.

A acusação corta como faca.

— Desculpe, mas foi necessário.

— A rainha me fez lembrar disso.

Fez. Sua voz está repleta de dor. Ele continua:

— Não peça desculpas, porque sei que não são sinceras.

Quero lhe dar um abraço, mostrar que não era isso que queria.

— São. Eu juro, Lucas.

— Sua majestade, Maven das Casas Calore e Merandus, rei de Norta, Chama do Norte — ressoa o grito na arena que chega até nós através do portão.

A vibração da multidão me faz tremer, e Lucas tensiona os músculos. Seu fim está próximo.

— Você faria de novo? — Suas palavras me ferem como espinhos. — Você me arriscaria de novo por causa dos seus amigos terroristas?

Sim. Não respondo em voz alta, mas Lucas vê em meus olhos.

— Eu guardei seu segredo.

Isso é pior que qualquer insulto. A consciência de que protegeu meu segredo, embora eu não merecesse, corrói o fundo da minha alma.

— Mas sei que você não é diferente, não mais — ele prossegue, quase cuspindo. — Você é igual ao resto. Sem coração, egoísta, fria: igual a nós. Ensinaram você muito bem.

Então ele vira o rosto para o portão novamente. Não quer mais palavras vindas de mim. Quero ir até ele, tentar explicar, mas um guarda me contém. Não tenho nada a fazer senão endireitar o corpo e esperar meu destino.

— Meus cidadãos!

A voz de Maven vaza pelo portão junto com os raios de sol. Ele soa como o pai, como Cal, mas há um tom mais agudo em sua voz. *Com apenas dezessete anos, ele já é um monstro.*

— Meu povo, meus filhos.

Cal assume uma expressão de desprezo ao meu lado. Por outro lado, lá fora, na arena, o silêncio é total. Maven tem todos na palma da mão.

— Alguns considerariam isto uma crueldade — Maven continua. Não duvido que tenha decorado um discurso comovente, escrito provavelmente pela bruxa que é sua mãe. — O corpo de meu pai mal esfriou, seu sangue ainda mancha o assoalho, e fui forçado a assumir seu lugar, a começar meu reino sob uma sombra tão violenta. Há dez anos não executamos alguém entre nós, e sofro por retomar uma tradição horrível. Mas por meu pai, por minha coroa, por *vocês*, preciso fazer isso. Sou jovem, mas não sou fraco. Tamanho crime, tamanho *mal* será punido.

Nas arquibancadas, gritos delirantes se levantam. As pessoas desejam morte.

— Lucas da Casa Samos, por crimes contra a Coroa, aliança com a organização terrorista conhecida como Guarda Escarlate, o declaro culpado. Sua sentença é a morte. Apresente-se para a execução.

E então Lucas sobe a rampa rumo à própria morte. Ele não me dedica um olhar sequer. Não que eu mereça. Vai morrer não apenas pelo que nós o forçamos a fazer, mas também pelo que sou. Como os outros, sabia que tinha algo estranho em mim. E, como os outros, vai morrer. Quando ele desaparece pelo portão, preciso virar o rosto para a parede. Os disparos são difíceis de ignorar. A multidão vibra feliz com a demonstração de violência.

Lucas foi só o começo, o show de abertura. Nós somos a atração principal.

— Andem — diz Arven nos cutucando. Ele nos acompanha em nossa lenta subida pela rampa.

Não consigo soltar a mão de Cal por medo de cair. Cada um dos seus músculos está rijo, pronto para lutar por sua vida. Faço uma última tentativa de encontrar minha eletricidade em vão. Não resta uma única vibração em mim. Arven — e Maven — levaram tudo.

Pela brecha no portão, vejo o corpo de Lucas ser arrastado para fora, deixando atrás de si um rastro de sangue prata sobre a areia. Enjoada, preciso morder o lábio.

Com um grande rangido, o portão de aço se ergue aos solavancos. O sol me cega por um segundo e me impede de avançar, mas Cal me puxa para a arena.

Meus pés deslizam sobre a areia branca fina como talco. Quando meus olhos se adaptam, quase perco o fôlego. A arena é enorme, um círculo cinza de metal e alvenaria, repleto de milhares de rostos raivosos. Eles nos olham de cima a baixo num silêncio ensurdecedor, despejando seu ódio sobre minha pele. Não vejo um vermelho sequer, mas não tinha essa expectativa. Isto é o que os prateados chamam de entretenimento, mais uma peça para fazê-los rir, e não vão compartilhar o momento.

Monitores estão espalhados pela arena e exibem meu rosto para mim mesma. Claro que vão gravar tudo para mostrar pelo país inteiro. Para mostrar ao mundo outro vermelho sendo humilhado. A visão me faz parar. Me encaro de novo. Maltrapilha, cabelos embaraçados, roupas simples, tufos de poeira se desprendem do corpo. Minha pele cora com o sangue que por tanto tempo tentei ocultar. Se a morte não estivesse à minha espera, provavelmente eu abriria um sorriso.

Para minha surpresa, o monitor pisca e substitui o rosto de Cal e o meu por imagens chuviscadas: o vídeo de segurança, das câmeras, dos olhos elétricos. Perco o fôlego e percebo exatamente quão longe o plano de Maven vai de fato.

O monitor exibe tudo, cada momento roubado. As saídas às escondidas com Cal, as danças, nossos cochichos, nosso *beijo*.

E então o assassinato do rei em toda a sua terrível glória. Desse jeito não é difícil acreditar na história de Maven e da rainha. Tudo se encaixa, o conto do demônio vermelho que seduz o príncipe, que o faz matar o rei. A multidão murmura admirada, engolindo a mentira perfeita. Nem meus pais conseguiriam negar isso.

— Mare Molly Barrow.

A voz de Maven explode atrás de mim, e nos deparamos com o idiota real nos encarando com desprezo. Seu camarote está coberto de bandeiras pretas e brancas e de prateados conhecidos. Sonya, Elane e todos os herdeiros das Grandes Casas me observam com desdém. Lord Samos está à esquerda de Maven, e a rainha à direita. Elara se esconde atrás de um véu de luto, provavelmente para ocultar o sorriso maligno. Espero encontrar Evangeline pelo grupo, feliz por se casar com o próximo rei. Afinal, só queria a coroa. Contudo, não a vejo em parte alguma. O próprio Maven parece um fantasma das trevas e sua palidez contrasta com o brilho preto da armadura de gala. Ele chega mesmo a portar a espada que usaram para matar o rei. E a coroa de seu pai assenta sobre seu cabelo, reluzindo ao sol.

— Antes acreditávamos que você fosse a desaparecida Lady Mareena Titanos, outra cidadã do reino assassinada. Com a ajuda de seus companheiros vermelhos, você nos enganou com truques e ardis tecnológicos para se infiltrar em nossa família.

Truques tecnológicos. O monitor mostra a cena do Jardim Espiral em que transbordo de eletricidade. Na filmagem, não parece natural.

— Nós lhe demos educação, status, poder e força. Nosso amor até. A tudo isso, você retribuiu com traição. Seduzindo meu próprio irmão a se voltar contra seu sangue. Hoje sabemos que é agente da derrotada Guarda Escarlate e diretamente responsável pelo fim de incontáveis vidas.

As imagens mudam para a noite do Atentado Rubro, para o salão de festas cheio de sangue e morte. A bandeira tremulante de Farley, o trapo vermelho e o sol despedaçado se destaca no meio do caos.

— Junto com meu irmão, o príncipe Tiberias VII, das Casas Calore e Jacos, você é acusada de muitas ofensas violentas e deploráveis contra a Coroa, incluindo falsidade ideológica, traição, terrorismo e assassinato.

Suas mãos não estão mais limpas que as minhas, Maven.

— Você matou o rei, meu pai, enfeitiçando seu próprio filho para cometer o crime. Você é um demônio vermelho.

Às próximas palavras, seus olhos se voltam para Cal, que agora quase se queima de raiva.

— E você é um homem fraco. Um traidor da Coroa, do seu sangue e das suas cores.

A morte do rei é exibida novamente para confirmar as acusações de Maven.

— Declaro ambos culpados. Apresentem-se para a execução.

Um grande urro se levanta da arena. Parece o som de porcos guinchando por sangue.

Os monitores voltam a exibir nosso rosto, à espera de registrar um choro ou pedido de clemência. Tanto Cal como eu permanecemos impassíveis. *Não vão conseguir isso de nós.*

Maven nos encara, malicioso, esperando que um de nós surte.

Em vez disso, Cal faz uma saudação militar e leva os dois dedos à testa. O efeito sobre Maven é melhor que um soco na cara, e o rei volta frustrado ao assento. Ele desvia os olhos de nós e os aponta para o outro extremo da arena. Quando me volto para trás, espero ver os atiradores que mataram Lucas, mas tenho uma visão bem diferente.

Não sei de onde surgiram, mas cinco figuras caminham pela poeira.

— Não é tão ruim assim — murmuro, apertando a mão de Cal.

Ele é um guerreiro, um soldado. Cinco contra um pode até ser justo para ele.

Mas Cal franze a testa e se concentra nos executores. À medida que se tornam mais nítidos, o medo se apodera de mim. Conheço seus nomes e poderes, alguns muito melhores que outros. Todos exalam força e vestem uniformes e armaduras feitos para a guerra.

Um forçador Rhambos para me partir ao meio. O garoto Haven que logo vai desaparecer e me estrangular como um fantasma sombrio. Lord Osanos em pessoa para apagar o fogo de Cal. Arven também. Ele está perto do portão e seus olhos nunca deixam meu corpo.

Não se esqueça dos outros dois. Os magnetrons.

É quase poético, na verdade. Com a mesma armadura e carranca, Evangeline e Ptolemus nos olham com desprezo. Em seus punhos, longas e cruéis facas reluzem.

Em algum lugar na minha cabeça, um cronômetro começa a contagem regressiva: *não resta muito tempo.*

Sobre nós, Maven grasna.

— Deixem que morram.

VINTE E OITO

O ESCUDO SURGE COM UMA EXPLOSÃO, uma cúpula gigante de vidro pulsante e lilás como o do Jardim Espiral. Não para nos proteger, mas para proteger o público. A eletricidade lateja provocante pela cobertura monstruosa. Sem Arven, eu teria meus raios e poderia lutar. Poderia mostrar ao mundo quem sou. Mas isso não vai acontecer.

Cal assume sua posição e abre os braços. O ar se ondula ao seu redor, distorcido pelas ondas de calor emanando de seu corpo. Ele se põe entre mim e os outros para me proteger.

— Fique atrás de mim o máximo que puder — orienta. Seu próprio calor me faz recuar.

A pulseira emite uma faísca e o fogo estala entre seus dedos até o braço. Algo em seu uniforme evita que ele queime e que o tecido se desfaça em fumaça.

— Quando eles atravessarem a parede, você vai ter que correr — continua. — Evangeline é a mais fraca, e o forçador é lento. Você pode correr mais rápido que ele. Vão arrastar a luta em nome do espetáculo.

Por fim, simplesmente acrescenta:

— Não vão nos dar uma morte rápida.

— E você? Osanos vai…

— Deixe que eu me preocupo com Osanos.

Os carrascos avançam firmes, como lobos rondando a presa. Se espalham pelo centro da arena, todos prontos para atacar. Um chiado de metal soa em algum lugar e uma parte do chão da arena se abre para revelar um tanque transbordando de água aos pés de Lord Osanos. Ele sorri e traz a água para si a fim de formar um escudo ameaçador. Lembro da luta entre Maven e sua filha Tirana no treinamento. Ela o destruiu.

Ao redor, a multidão delira. Ptolemus acompanha seus gritos e deixa seu famigerado temperamento tomar conta de si. Dá um golpe na própria armadura, que tine como um sino. Do seu lado, Evangeline gira suas facas e as passa por entre os dedos, sorrindo.

— Não vai ser como da outra vez, vermelha — ela grasna. — Nenhum truque vai salvar você.

Truques. Evangeline conhece meu poder melhor que a maioria das pessoas, sabe que não era um truque. *Mas acredita. Ignora a verdade por algo mais fácil de entender…*

O garoto Haven, Stralian, ri sozinho. Como a irmã Elane, é um sombrio. Quando parece deixar de existir num piscar de olhos, invisível em plena luz do sol, Cal se move mais rápido do que pensei ser possível e traça um arco com o braço como se desferisse um cruzado de direita.

Uma nuvem de fogo segue seu braço, queimando a areia e nos separando deles. Mas o fogo é surpreendentemente fraco. *A areia mal vai queimar.*

Não consigo deixar de me voltar para Maven para gritar com ele. Seus olhos ainda estão cravados em mim e seu rosto ainda ostenta o sorriso perverso. Ele não apenas retirou meu poder, mas limitou Cal o máximo que pode.

— Maldito! — xingo. — A areia…

— Eu sei — Cal dispara, fazendo arder mais trechos do chão.

Traçada bem diante de nós, a parede de fogo vacila por um segundo e ouvimos um gemido amargo de dor. Do outro lado do fogo quase morto, Stralian volta a aparecer e tenta apagar as chamas em seus braços. Osanos o salva com um movimento preguiçoso, apagando o fogo com uma onda. Depois direciona seus olhos azuis para nós, para a parede de Cal, e com outro gesto faz a água passar sobre o fogo fraco. Entre chiados e bolhas, a água ferve. Preso pela cúpula de vidro, o vapor baixa sobre a arena e nos envolve numa neblina branca, fantasmagórica e agitada. Cada sombra deste novo mundo branco pode ser nosso fim.

— Prepare-se! — grita Cal, me procurando com a mão, mas Ptolemus ataca em meio ao vapor num ímpeto de músculos e aço.

Cal é atingido no quadril e vai ao chão, mas não fica caído tempo o bastante para ser pego pelas facas do Samos. As lâminas fincam na areia segundos depois de Cal saltar e se agarrar à armadura de Ptolemus. O aço derrete ao seu toque, fazendo o bárbaro gritar. Enquanto corro de um lado para o outro — é só o que posso fazer — quase sem conseguir respirar, Cal tenta cozinhar o homem dentro da própria armadura.

— Não quero matar você, Ptolemus — diz Cal em meio a gritos de dor. Toda faca, todo pedaço de metal que Ptolemus ergue para furar Cal derrete sob o calor intenso. — Não quero fazer isso.

Três lâminas reluzentes cortam o vapor, *rápidas demais para derreter em pleno ar*. Elas perfuram a camisa de Cal e se cravam em suas costas antes de derreter. Ele grita de dor e perde a concentração por um segundo enquanto três manchas de sangue prata encharcam a camisa. As facas eram curtas demais para abrir um corte profundo, mas mesmo assim o enfraquecem. Ptolemus aproveita a oportunidade e, num piscar de olhos, funde suas facas numa espada monstruosa. Ele a agita com a intenção de fatiar Cal, que esquiva a tempo, mas não consegue evitar um arranhão na barriga.

Ele ainda está vivo. *Mas não por muito tempo.*

Evangeline aparece em meio à nuvem de vapor. Suas facas giram pelo ar reluzindo ao sol. Cal abaixa e desvia das lâminas para logo em seguida afastá-la com rajadas de fogo. Luta contra os irmãos ao mesmo tempo, chegando a um ritmo insano que o permite conter os dois magnetrons, apesar da força e do poder deles. Suas roupas estão manchadas de sangue e novas feridas surgem a cada segundo. A arma de Ptolemus assume outras formas — passa de espada a machado e logo para um fino chicote de metal —, enquanto as estrelas pontiagudas de Evangeline continuam a picá-lo. *Eles estão cansando Cal. Aos poucos, mas sem parar.*

Meus raios, lamento mentalmente, olhando mais uma vez para Arven no portão. Ele ainda está lá, uma presença negra que me atormenta. Uma pistola pende de sua cintura. Não posso sequer pensar em atacá-lo. *Não posso fazer nada.*

Quando um pedaço gigante de concreto cruza o vapor bem na minha direção, quase não tenho tempo para desviar. O bloco se despedaça contra a areia onde estive há segundos, mas antes que eu consiga pensar, outro pedaço de concreto voa em minha direção. Como Cal, encontro meu ritmo e corro pela areia como um rato até ser interrompida do nada.

Uma mão. Uma mão invisível.

Os dedos de Stralian se fecham em minha garganta e me sufocam. Posso ouvir sua respiração em meu ouvido, apesar de não o ver.

— Vermelha e morta — ele rosna, apertando a mão.

Agito os braços e acerto uma cotovelada onde devem estar suas costelas, mas ele aguenta firme. Não consigo respirar. Pontos pretos turvam minha visão e ameaçam se espalhar, mas continuo a lutar. Avisto a figura embaçada do forçador Rhambos à espreita. *Ele vai me desmembrar.*

Cal ainda luta contra os irmãos Samos, fazendo o máximo para não levar uma facada. Não posso gritar por ajuda, nem se eu quisesse, mas ele dá um jeito de lançar uma bola de fogo em minha direção mesmo assim. Rhambos precisa pular para trás e perde o equilíbrio, e ganho segundos preciosos. Tossindo e arfando, lanço as mãos para trás contra uma cabeça que não consigo ver. Por milagre, sinto seu rosto e logo seus olhos. Com um grito sufocado, enfio os polegares nos olhos de Stralian e o deixo cego. Ele uiva de dor e me solta para logo cair de joelhos, novamente visível. Sangue prata escorre por seu rosto como lágrimas espelhadas.

— Era para você ser meu! — uma voz grita.

Olho para trás e vejo Evangeline sobre Cal erguendo suas lâminas. Ptolemus conseguiu derrubá-lo no chão, e os dois rolam na areia enquanto Evangeline vai atrás. O chão está pontilhado por suas facas.

— *Meu!* — ela grita a cada golpe.

Não chego a pensar que avançar com tudo contra uma magnetron pode ser uma má ideia, só me dou conta quando colidimos. Caímos juntas. Raspo o rosto em toda a sua armadura, que me arranha, pinica e me faz *sangrar*. O sangue vermelho goteja aos olhos de todos e, embora não possa ver os monitores, sei que a imagem está sendo transmitida para o país inteiro.

Evangeline solta um grito estridente e dispara suas lâminas dançantes. Atrás de nós, Cal tenta ficar de pé enquanto afasta Ptolemus com uma rajada de fogo. O magnetron colide com a irmã e a derruba segundos antes de suas facas me fatiarem.

— Abaixe! — grita Cal, me empurrando para a areia quando outro pedaço de concreto cruza os ares para explodir contra a parede.

Não podemos continuar assim.

— Tenho uma ideia.

Cal cospe na areia uma mistura de sangue e alguns dentes.

— Que bom, porque faz cinco minutos que não tenho nenhuma.

Outro bloco vem em nossa direção, e cada um pula para um lado. Ao mesmo tempo, Evangeline e Ptolemus estão de volta para se vingar. Os irmãos prendem Cal numa dança caótica de facas e lascas de metal. Seus poderes fazem a arena tremer ao redor, atraindo o metal no subsolo e forçando Cal a ter ainda mais cuidado com os pés e todo o resto do corpo. Pedaços de canos e fios brotam da areia para criar uma pista de obstáculos mortais.

Um deles perfura Stralian, que ainda gritava de joelhos por causa dos olhos. O cano atravessa seu corpo e sai pela boca, silenciando os gritos para sempre. Além de todo o barulho, ouço as interjeições e os gritos da plateia diante da visão. Apesar de toda a violência, de todo o poder, os prateados ainda são covardes.

Com passos decididos e ligeiros sobre a areia, dou uma volta em Rhambos para provocá-lo. Cal tem razão: *sou mais rápida*. E, embora Rhambos seja um monstro musculoso, ele tropeça pelo caminho tentando me pegar. Arranca os canos expostos e os lança contra mim, mas desvio com facilidade, o que o faz urrar de frustração.

Sou vermelha, não sou nada, mas ainda posso derrubar você.

O som de água corrente me tira desse pensamento e me recorda do quarto carrasco: *o ninfoide*.

Viro bem a tempo de assistir a Lord Osanos abrir as nuvens de vapor como se fossem cortinas e clarear a arena. Três metros à sua frente, ainda pelejando, está Cal. Fogo e fumaça saem de suas mãos para repelir os magnetrons. Mas à medida que Osanos avança — envolto num turbilhão de águas — as chamas de Cal recuam. Aqui está o verdadeiro carrasco. Aqui está o fim do espetáculo.

— Cal! — grito, mas não posso fazer nada por ele. *Nada.*

Outro cano passa ao lado de minha bochecha, tão perto que sinto sua frieza, giro e vou ao chão. O portão está a apenas uns metros e Arven ainda está lá, com a boca semioculta pelas sombras.

Cal lança uma bola de fogo contra Osanos, que a apaga com facilidade. O vapor grita no embate entre água e fogo, mas a água está ganhando.

Rhambos avança e preciso recuar até o portão. *Estou encurralada. Eu o deixei me encurralar.* Rochas e pedaços de metal se partem contra a parede atrás de mim, com força mais que suficiente para quebrar meus ossos. *Eletricidade*, minha mente grita. *ELETRICIDADE!*

Mas nada vem. Apenas a repulsa dos sentidos mortos a me sufocar.

Ao nosso redor, a multidão levanta, pressentindo o fim. Posso ouvir Maven acima de mim, berrando como os outros:

— Acabem com eles!

Ainda me surpreendo ao ouvir tanta malícia em sua voz. Mas, quando olho para cima e nossos olhos se encontram através do escudo e do vapor, não vejo nada além de ódio, ira e maldade.

Rhambos mira com um cano longo e pontudo. *A morte chegou.*

Em meio à neblina, ouço um brado de triunfo: Ptolemus. Ele e Evangeline se afastam do globo de água turbulenta que aprisiona uma figura tênue dentro de si: *Cal*. A água ferve, seu corpo se agita tentando escapar, mas em vão. *Ele vai se afogar.*

Atrás de mim, quase no meu ouvido, Arven ri sozinho.

— De quem é a vantagem? — ele se vangloria, repetindo a pergunta do treinamento.

Meus músculos doem e repuxam, implorando pelo final. Quero apenas me deitar, reconhecer a derrota, morrer. Disseram que era uma mentirosa, que usava truques. *Tinham razão.*

Ainda tenho um truque na manga.

Rhambos mira, com os pés firmes na areia, e sei o que devo fazer. Ele atira a lança improvisada com tanta força que ela parece queimar o ar. E eu caio, me jogando na areia.

Um grunhido doentio indica que meu plano funcionou, e a sensação da eletricidade de volta à vida indica que posso vencer.

Atrás de mim, Arven tomba com o cano atravessado na barriga.

— *Eu* tenho a vantagem.

Ao levantar, meu corpo transborda de trovões, relâmpagos, centelhas e choques, tudo o que posso controlar. O público grita, Maven principalmente.

— Matem-na! MATEM-NA! — ele ruge, apontando para mim além da cúpula. — ATIREM NELA!

As balas batem na cúpula, faiscando e explodindo contra o escudo elétrico que aguenta firme. Servia para proteger os de fora, mas é elétrico, é feito de raios, é *meu* e agora *me* protege.

A multidão se cala, incapaz de acreditar nos próprios olhos. Sangue vermelho goteja das minhas feridas e o raio vibra em minha pele declarando para todos o que sou. No alto, os monitores se apagam. Mas já fui vista. Eles não podem deter o que já aconteceu.

Rhambos dá um passo inseguro à frente. Sua respiração vacila e não dou chance de voltar ao normal.

Prateada e vermelha, e mais forte que ambos.

Meu raio o atravessa, fervendo seu sangue e seus nervos até ele desabar feito uma pilha de carne retorcida.

Osanos é o próximo a cair sob o poder da minha eletricidade. O globo líquido se desmancha e Cal cai na areia cuspindo água e tossindo.

Apesar das pontas de metal que se erguem da areia para me perfurar, corro por entre todas elas, me esquivando de cada obstáculo. *Eles me treinaram para isso. É culpa deles. Ajudaram a criar seu próprio fim.*

Evangeline acena com a mão e envia uma viga de metal direto para minha cabeça. Deslizo pela areia, ralando os joelhos, e apareço do lado de minha rival com as mãos cheias de raios.

Ela invoca todas as suas lâminas para forjar uma espada. Os raios estouram contra ela e eletrizam o metal, mas Evangeline não desiste. O metal agita e se espalha ao nosso redor na tentativa de me vencer. Até suas aranhas retornam para me despedaçar, mas não bastam. *Ela* não basta.

Outra explosão de raios manda as lâminas para longe e faz Evangeline se atirar no chão para tentar fugir de mim. *Mas ela não vai conseguir.*

— Não é truque — Evangeline ofega, pega de surpresa. Seu olhar salta para minhas mãos enquanto recua. Pedaços de metal se levantam entre nós para formar um escudo improvisado. — Não é mentira.

Sinto o gosto do sangue vermelho na boca, picante e metálico e estranhamente maravilhoso. Cuspo para todos verem. Sobre nós, noto o céu azul escurecer do outro lado da cúpula. Nuvens negras se juntam, pesadas e carregadas de chuva.

— Você disse que ia me matar se um dia eu ficasse em seu caminho.

É tão bom atirar de volta as próprias palavras dela.

— Aqui está sua chance! — acrescento.

Seu peito sobe e desce, como se cada respiração exigisse muito esforço. Ela está ferida. O aço em seus olhos já está quase no fim e começa a dar lugar ao medo.

Evangeline investe e me preparo para defender seu ataque, mas ele nunca chega. *Ela está correndo.* Foge de *mim*, disparando rumo ao portão mais próximo que consegue encontrar. Eu avanço na direção dela, correndo para alcançá-la, mas os urros de frustação de Cal me fazem parar.

Osanos está em pé mais uma vez, duelando com força renovada, ao passo que Ptolemus dança entre eles, à procura de uma abertura. *Cal não é bom contra ninfoides, não com seu fogo.* Lembro da facilidade com que Maven foi derrotado no treinamento há tanto tempo.

Minha mão se fecha no punho do ninfoide e aplico um choque diretamente nele, forçando-o a dirigir sua raiva contra mim. A água me atinge como uma marreta e me lança para trás. As marteladas não param, e fica impossível respirar. Pela primeira vez, a mão fria do medo se fecha sobre mim. Agora que temos chance de ganhar, de viver, tenho muito medo de perder. Meus pulmões clamam por ar e minha boca se abre por conta própria. A água desce goela abaixo, sufocante. Dói como o fogo, como a morte.

Uma minúscula centelha se desprende de mim e é o bastante: ela atravessa a água até desembocar em Osanos. O lorde salta para trás com um gemido, o que me dá tempo de escapar me arrastando pela areia molhada. O ar invade meus pulmões e inspiro longamente, mas não há tempo para desfrutar. Osanos já está sobre mim, desta vez com as mãos no meu pescoço enquanto prende meus pés com turbilhão de água sob seu controle.

Mas estou pronta para ele. É burro o bastante para me tocar, para colocar sua pele em contato com a minha. Quando libero a eletricidade que consome sua carne e sua água, uiva como um bule de chá e cai para trás. A água escoa pela areia, e então tenho a certeza de que está morto.

Quando me levanto, encharcada, tremendo de adrenalina, medo e *força*, meus olhos voam para Cal. Cheio de cortes e arranhões, sangrando por todos os lados, mas com os braços ardendo em chamas vermelhas. Ptolemus se encolhe a seus pés, com as mãos erguidas, derrotado, suplicando por clemência.

— Mata ele, Cal! — vocifero, querendo ver o Samos sangrar.

Acima de nós, o escudo de raios pulsa novamente com minha ira. Se fosse Evangeline. Se eu pudesse fazer isso com as próprias mãos.

— Ele tentou *nos* matar. Mata ele! — grito novamente.

Cal não se move, ofegando pelos dentes. Ele parece dividido, sôfrego por vingança, consumido pela emoção da batalha. Contudo, ao mesmo tempo, parece voltar a ser o homem calmo e reflexivo que costumava ser. O homem que já *não pode* ser.

Mas a natureza de um homem não se transforma facilmente. Ele recua e desfaz as chamas.

— Não.

O silêncio nos oprime, uma mudança fantástica na multidão que momentos antes gritava e urrava desejando nossa morte. Mas, quando levanto o olhar, percebo que eles não estão vendo. Percebo que não veem a misericórdia de Cal nem meu poder. Aliás, não estão nem presentes. A grandiosa arena foi esvaziada, não há ninguém para testemunhar nossa vitória. O rei os mandou embora para esconder o que fizemos e substituir pelas mentiras dele.

Do seu camarote, Maven aplaude.

— Muito bem! — grita, se aproximando da beirada da arena. Ele nos encara através do escudo com a mãe logo ao lado.

Suas palmas doem mais que qualquer corte e contorcem meus músculos. Ecoam pela construção vazia até serem superadas pelo som de pés em marcha, de botas sobre areia e rocha.

Agentes de segurança, sentinelas e soldados invadem a arena por todos os portões. São centenas, milhares, muitos para enfrentar. Muitos para fugir. Ganhamos a batalha, mas perdemos a guerra.

Ptolemus se arrasta e desaparece na multidão de soldados. Agora estamos sós no meio de um círculo cada vez mais fechado, sem nada nem ninguém.

Não é justo. Vencemos. Mostramos a eles. Não é justo, quero gritar, eletrificar, lutar furiosamente. Só que as balas vão me pegar primeiro. Lágrimas quentes se acumulam em meus olhos, mas não vou chorar. Não nestes últimos momentos.

— Desculpe por ter feito isto com você — sussurro para Cal.

Não importa o que eu pense de suas crenças, ele é o único perdedor aqui. Eu conhecia os riscos, mas ele era apenas um fantoche nas mãos dos muitos jogadores ao redor de um tabuleiro invisível.

Ele franze a testa e contorce o rosto, tentando encontrar um modo de escaparmos. Não há. Não espero seu perdão, nem o mereço. Mas sua mão se fecha em torno da minha. Ele se apega à última pessoa ao seu lado.

Devagar, ele começa a cantarolar. Reconheço a melodia: é a canção triste. Foi ao som dela que nos beijamos na sala banhada pelo luar.

Trovões ressoam nas nuvens, prestes a explodir. Gotas de chuva furam a cúpula sobre nós. A eletricidade chia ao toque da chuva, mas a água desaba sobre nós mesmo assim. *Até o céu chora nossa perda.*

Da beira do camarote, Maven nos observa com desprezo. O escudo elétrico distorce seu rosto e o faz parecer o monstro que verdadeiramente é. A água pinga de seu nariz, mas ele não nota. Sua mãe sussurra algo em seu ouvido e ele volta à realidade com um pulo.

— Adeus, menininha elétrica.

Quando ele levanta a mão, acho que está tremendo.
Como a menininha que sou, fecho os olhos bem apertado à espera de sentir a dor ofuscante de cem balas despedaçando meu corpo. Meus pensamentos se voltam para dentro, para dias distantes no passado. Kilorn, meus pais, meus irmãos, minha irmã. *Será que os verei em breve?* Meu coração diz que sim. Estão à minha espera, em algum lugar, de algum jeito. E como naquele dia no Jardim Espiral, quando pensei estar caindo para a morte, sinto uma resignação fria. *Vou morrer.* Sinto a vida me deixar e não a impeço.
A tempestade no céu explode com um estrondo ensurdecedor de trovão, tão forte que faz o ar vibrar. O chão se abre sob meus pés e, mesmo com as pálpebras fechadas, percebo o clarão ofuscante. Branco e lilás, forte, a coisa mais forte que já senti. Fraca, pergunto o que vai acontecer se me acertar. Vou morrer ou sobreviver? Será que vou ser forjada como uma espada, transformada em algo terrível, afiado e novo?
Nunca vou saber.
Cal me agarra pelos ombros e nós dois pulamos para longe de um relâmpago gigante. Ele destrói o escudo e espalha estilhaços lilás por toda a parte como flocos de neve. O raio roça minha pele e produz uma sensação maravilhosa, um pulso vigoroso de poder para me reavivar.
Ao nosso redor, os atiradores se abaixam ou fogem na tentativa de escapar da tempestade elétrica. Cal tenta me puxar, mas mal o noto. Em vez disso, meus sentidos vibram com a tempestade que se agita sobre mim. *Ela é minha.*
Outro raio cai sobre a arena. Os agentes de segurança debandam e fogem para os portões. Mas os sentinelas e os soldados não são tão fáceis de assustar e voltam a si rapidamente. Embora Cal me arraste para salvar a nós dois, eles nos perseguem até formar um círculo de armas ao nosso redor.
Por melhor que seja a sensação, a tempestade suga toda a minha energia. Controlar uma tempestade elétrica é simplesmente demais para mim. Meus joelhos se dobram e meu coração acelera como um tambor, tão rápido que acho que vai explodir.
Só mais um raio. Um só, e teremos uma chance.
Contudo, sei que acabou quando caio para trás ao tropeçar na borda do espaço vazio que antes continha a água de Osanos. Não há mais para onde fugir.
Cal me segura firme e me puxa para evitar minha queda. Não há nada lá embaixo a não ser trevas e o eco da água correndo nas profundezas. Nada além de canos e vazio.
O escudo está quebrado, a tempestade morre aos poucos, e nós perdemos. Maven sente o cheiro da minha derrota e abre um sorriso terrível do camarote. Apesar da distância, avisto as pontas reluzentes de sua coroa. A água da chuva passa por cima dos seus olhos, mas ele não pisca. Não quer perder minha morte.
As armas se erguem e agora não vão esperar pelas ordens de Maven.
Os tiros trovejam como minha tempestade e ecoam pela arena vazia. Só que não sinto nada. Os atiradores da primeira fileira caem com o peito crivado de balas, e eu não compreendo.
Olho para meus pés e dou com uma linha de armas estranhas bem na borda do abismo. Elas fumegam e saltam, ainda atirando, ceifando todos os soldados diante de nós.
Antes que eu possa compreender o que se passa, alguém agarra a parte de trás da minha camisa e me puxa para trás, para uma queda pelo ar sombrio. Aterrissamos na água das profundezas, mas os braços não me soltam.
A correnteza me conduz escuridão abaixo.

EPÍLOGO

O VAZIO ESCURO DO SONO SE DESFAZ e dá lugar mais uma vez à vida. Meu corpo balança com o movimento e sinto um motor em alguma parte. Metal range contra metal, deslizando em alta velocidade com um ruído que reconheço vagamente: *o subtrem*.

O lugar onde apoio minha bochecha é estranhamente suave, mas também tenso. Não é feito de couro, tecido ou concreto, mas de *carne*. Ele se desloca sob mim para se ajustar aos meus movimentos, e então abro os olhos. O que vejo é o bastante para me convencer de que ainda estou sonhando.

Cal está sentado de frente para mim, mas do outro lado do vagão. Está tenso, com os punhos cerrados sobre o colo. Olha para a frente, para a pessoa em que me aconchego, e seu olhar carrega o fogo que conheço tão bem. O trem o fascina, de vez em quando vira o rosto para observar as luzes, as janelas e os cabos. Quer muito examinar tudo de perto, mas a pessoa ao seu lado o impede de se mover.

Farley.

A revolucionária, toda cicatriz e tensão, está de pé. Deu um jeito de sobreviver ao massacre. Quero sorrir, quero chamá-la, mas minha fraqueza não permite e fico quieta. Lembro da tempestade, da batalha no Ossário e de todos os horrores que vieram antes. *Maven*. Seu nome faz meu coração se contorcer de angústia e vergonha. *Todo mundo pode trair todo mundo.*

A arma de Farley pende da cinta passada ao redor do peito, pronta para atirar em Cal. Há outros como ela, também tensos, também vigiando o prateado. Estão arrasados, feridos e são poucos, mas ainda parecem ameaçadores. Seus olhos nunca desviam do príncipe caído, o observando como um rato observa um gato. E então noto a algema nos pulsos de Cal, feita de um ferro que ele poderia derreter facilmente. Mas não o faz. Simplesmente fica ali, à espera.

Ao perceber meu olhar, seus olhos me encaram. A vida pulsa novamente nele.

— Mare — ele murmura e parte da ira ardente se desfaz. *Parte*.

Minha cabeça gira quando tento me endireitar no assento, mas uma mão reconfortante me mantém deitada.

— Quieta — diz uma voz, que reconheço vagamente.

— Kilorn? — balbucio.

— Estou aqui.

Para minha confusão, o ex-pescador abre caminho pelos guardas atrás de Farley. Ele possui suas próprias cicatrizes agora, e bandagens imundas envolvem seu braço, mas caminha ereto. E está *vivo*. Só de vê-lo, sou tomada por uma enxurrada de alívio. Mas, se Kilorn está lá, com o resto da Guarda, então…

Meu pescoço gira rápido para que eu veja quem está comigo.

— Quem…?

Trata-se de um rosto familiar, um rosto que conheço muito bem. Se já não estivesse deitada, certamente cairia. O choque é demais para suportar.

— Estou morta? Estamos todos mortos?

Ele veio me levar. Morri na arena. Isto é uma alucinação, um sonho, um desejo, um último pensamento antes de morrer. Estamos todos mortos.

Mas meu irmão balança a cabeça devagar e pousa sobre mim seus olhos cor de mel. Shade sempre foi o mais bonito, e a morte não mudou isso.

— Você não está morta, Mare — ele diz, com a voz suave de que recordo. — Nem eu.

— Como? — é só o que consigo dizer, indo mais para trás para examinar meu irmão por inteiro. Ele parece o mesmo de sempre, sem as habituais cicatrizes de um soldado. Até seu cabelo está maior, nada de corte militar.

Mas ele não é o mesmo. Assim como você não é a mesma.

— A mutação — digo, correndo a mão por seu braço. — Eles mataram você por isso.

Seus olhos parecem dançar.

— Tentaram… — ele começa.

Não pisco, não passa um instante, mas ele se move mais rápido que meus olhos, mais rápido até que um lépido. Agora está sentado do outro lado do vagão, perto do ainda algemado Cal. É como se meu irmão se deslocasse pelo espaço em saltos de um lugar para outro instantaneamente.

— … e falharam — conclui.

Ele sorri de orelha a orelha, admirado e satisfeito com meu queixo caído.

— Eles disseram que me mataram, contaram aos capitães que estava morto e que tinham cremado meu corpo.

Outra fração de segundo e ele aparece sentado ao meu lado novamente, surgindo do nada. *Se teletransportando*.

— Mas não foram rápidos o bastante. Ninguém é.

Tento concordar com a cabeça, tento entender seu poder, sua mera *existência*, mas não consigo compreender mais que seus braços envoltos em mim. *Shade. Vivo e como eu.*

— E os outros? Nossos pais…? — começo a perguntar, mas Shade me cala com outro sorriso.

— Estão seguros e à espera — diz com a voz um pouco trêmula de emoção. — Você vai ver todos em breve.

Meu coração quase explode só de pensar. Mas, como toda a minha felicidade, toda a minha alegria, toda a minha esperança, a sensação não dura muito. Meus olhos se detêm nas armas prontas para disparar da Guarda, no rosto tenso de Farley e nas mãos atadas de Cal. Ele, que tanto sofreu, que escapou de uma prisão atrás da outra.

— Soltem ele — peço.

Devo a ele minha vida, *mais* que minha vida. Com certeza, posso lhe oferecer algum conforto aqui. Mas ninguém esboça a menor reação às minhas palavras. Nem mesmo Cal.

Para minha surpresa, ele responde antes de Farley:

— Eles não vão soltar. E não deveriam. Aliás, vocês precisam vendar meus olhos se querem mais segurança.

Embora tenha sido derrubado, arremessado para fora da própria vida, Cal não pode mudar quem é. O soldado ainda está nele.

— Cale a boca, Cal. Você já não é mais um perigo para ninguém — comento secamente.

Com ar de desdém, ele inclina a cabeça na direção do punhado de rebeldes armados.

— Eles não parecem pensar o mesmo.

— Não para nós, quis dizer — acrescento, me encolhendo no assento. — Ele me salvou, apesar de tudo o que fiz. E depois do que Maven fez para vocês…

— Não pronuncie o nome dele — Cal ruge de uma maneira medonha que me faz arrepiar. Não deixo de notar a mão de Farley apertar a arma.

A revolucionária, então, vocifera por entre os dentes:

— Não importa o que ele fez por você, o príncipe não está do nosso lado. E não vou arriscar o que sobrou de nós por causa do seu romancezinho.

Romance. Nós dois estremecemos com a palavra. *Já não existe nada assim entre nós. Não depois do que fizemos um ao outro, e do que fizeram conosco. Não importa o quanto desejamos que ainda exista.*

— Vamos continuar a lutar, Mare, mas os prateados já nos traíram uma vez. Não vamos confiar neles de novo.

As palavras de Kilorn são mais suaves, como um bálsamo para me fazer entender. Mas seus olhos soltam faíscas sobre Cal. Ele obviamente se lembra da tortura no calabouço e da imagem terrível do sangue congelado.

— Ele pode ser um prisioneiro valioso — complementa Kilorn.

Eles não conhecem Cal como eu. Não sabem que é capaz de destruir todos, de escapar num piscar de olhos se quiser. Então, por que fica? Quando nossos olhos se encontram, descubro a resposta sem palavras à minha pergunta. A dor que irradia dele é suficiente para partir o coração. *Cal está cansado. Arrasado. E não quer lutar mais.*

Parte de mim também não quer. Parte de mim deseja se submeter às correntes, a uma vida cativa e silenciosa. Mas eu já vivi uma vida assim, na lama, nas sombras, numa cela, num vestido de seda. Jamais serei submissa de novo. E jamais vou parar de lutar.

Nem Kilorn. Nem Farley. Nunca pararemos.

— Os outros como nós… — Minha voz treme, mas nunca me senti tão forte. — Os outros como Shade e eu…

Farley inclina a cabeça e leva a mão ao bolso.

— Ainda tenho a lista. Sei os nomes.

— E Maven também — replico simplesmente. Cal se contorce ao ouvir o nome do irmão. — Ele usará a base sanguínea para caçar todos.

Apesar dos balanços e solavancos do trem sobre os trilhos escuros, faço um esforço para levantar. Shade tenta me apoiar, mas afasto sua mão. Preciso ficar de pé sozinha.

— Ele não pode encontrá-los antes de nós — ergo a cabeça, sentindo o vigor da eletricidade do trem. — Não pode.

Quando Kilorn vem na minha direção com uma expressão determinada, suas feridas, cicatrizes e bandagens parecem desaparecer. Tenho a impressão de ver a aurora em seus olhos.

— Ele não vai.

Um estranho calor paira ao meu redor, um calor como o sol, embora estejamos bem abaixo da superfície. É tão familiar para mim quanto meus raios, e me envolve num abraço que não podemos dar. Apesar de dizerem que Cal é meu inimigo, apesar de o temerem, deixo seu calor penetrar minha pele e seus olhos queimarem nos meus.

As lembranças que compartilhamos passam pela minha mente, trazendo cada segundo que passamos juntos. Mas agora nossa amizade não existe, foi substituída pela única coisa que ainda temos em comum.

Nosso ódio por Maven.

Não preciso ser uma murmuradora para saber que compartilhamos a mesma ideia: *Vou matá-lo*.

AGRADECIMENTOS

Vou fazer isso cronologicamente, para tentar incluir todo mundo, porque preciso agradecer a muitas pessoas. Em primeiro lugar e acima de tudo, aos meus pais, que sempre me deram apoio incondicional e me incentivaram a fazer tudo e qualquer coisa que eu quisesse. Eles continuam sendo meus maiores professores e sou grata a cada presente, principalmente por me deixar assistir *Jurassic Park* com três anos. Ao meu irmão Andrew, que participou de cada brincadeira e cada piada e tornou meus mundos fantásticos muito maiores e mais brilhantes. Meus avós — George e Barbara, Mary e Frank — que deram e continuam dando mais amor e lembranças que consigo conceber. Aos vários tios, tias e primos (que são muitos para nomear), sem falar nos amigos e vizinhos que me aguentaram correndo no meio de suas vidas e de seus quintais. Natalie, Lauren, Teressa, Kim, Katrina e Sam, que permaneceram ao meu lado durante os terríveis anos da adolescência e as escolhas questionáveis de roupa. Claro, a cada professor de inglês e estudos sociais que já tive, que sempre me mandavam parar de escrever romances no lugar de dissertações. E preciso agradecer aos que me influenciaram além da conta, mesmo que não me conheçam. Steven Spielberg, George Lucas, Peter Jackson, J. R. R. Tolkien, J.K. Rowling, C.S. Lewis. Cresci numa cidade pequena, mas por causa dessas pessoas meu mundo nunca foi pequeno.

A Universidade do Sul da Califórnia e sua incomparável Escola de Artes Cinematográficas de alguma forma deixaram eu me infiltrar como aluna, mudando completamente a trajetória da minha vida. Meus professores de roteiro, cada um deles, me levaram a ser a escritora que sou agora e me ensinaram todos os truques que conheço. Eu não só comecei a acreditar que essa minha compulsão por contar histórias era uma carreira viável como comecei a me tornar quem eu gostaria de ser. O curso de roteiro em si é a razão pela qual pude me tornar uma escritora profissional e não tenho como agradecer o suficiente. Fui sortuda o bastante para fazer amigos maravilhosos, alguns deles muito próximos, na faculdade — Nicole, Kathryn, Shayna, Jen L., Erin, Angela, Bayan, Morgan, Jen R., Tori, os garotos Chez, Traddies etc. — que me tornaram a contragosto uma pessoa melhor (e às vezes deliciosamente pior).

Depois da faculdade, enfrentei a perspectiva terrível de uma escolha impossível de carreira. Felizmente, eu tinha a Benderspink ao meu lado, especialmente meu primeiro agente Christopher Cosmos, que me incentivou a escrever *A rainha vermelha*. Quando terminei o primeiro rascunho, ele mandou para a New Leaf Literary, que me direcionou a outro caminho que transformou minha vida. Acabei nas mãos dos melhores no mercado editorial. Pouya Shahbazian, que continua a guiar *A rainha vermelha* e a mim pelas águas da indústria do entretenimento. Kathleen Ortiz, meu passaporte para o mundo e a razão pela qual *A rainha vermelha* continua a viajar o globo. Jo Volpe, nosso capitão destemido e amigo maravilhoso. Danielle Barthel, Jaida Temperly, Jess Dallow e Jackie Lindert, que aguentam meus pedidos estranhos e são totalmente indispensáveis. Dave Caccavo, meu camarada também entusiasta de George Washington e de futebol — e ouvi dizer que ele é bom com números. E desculpa, pessoal, mas deixei a melhor pro final. Suzie Townsend continua sendo minha estrela guia literária. *A rainha vermelha* é agora um livro de verdade por causa de várias pessoas, mas especialmente dela. Ela é o empurrão, o puxão e o tapinha nas costas de que sempre vou precisar.

Quando Suzie me ligou para contar que tínhamos recebido uma oferta para *A rainha vermelha*, contei a ela que estava dirigindo e podia bater numa árvore. Não bati, mas aceitei a oferta da Kari Sutherland e da HarperTeen. Como minha primeira editora, Kari segurou minha mão durante a jornada ao grande mundo editorial e transformou um manuscrito num romance. Não consigo expressar toda a gratidão que sinto por ela, além de Alice Jerman e de toda a equipe da Harper. Jen Klonsky, rainha dos aperitivos e diretora editorial fantástica. Os editores de produção Alex Alexo e Melinda Weigel. A preparadora Stephanie Evans, que lida com as minhas vírgulas como mais ninguém. A gerente de produção Lillian Sun. As designers que fazem mágica Sara Kaufman, Alison Klapthor e Barb Fitzsimmons, assim como o designer da capa, Michael Frost. Vocês fizeram um livro realmente lindo. A equipe de marketing Christina Colangelo e Elizabeth Ward, que colocou *A rainha vermelha* no mapa. As incomparáveis Gina Rizzo e Sandee Roston, a equipe trabalhando sem parar para divulgar o livro. A equipe do Epic Reads, Margot e Aubry, cuja empolgação abriu caminho até meu coração gelado. Elizabeth Lynch (pin), uma das pessoas mais trabalhadoras que já conheci. E a alegria que é Kristen Pettit, que lidera bravamente *A rainha vermelha* e o resto da série por sua jornada.

Não vou dizer que precisa de um batalhão inteiro porque ficaria batido (mas, sério, precisa de um batalhão inteiro). O resto do meu inclui minha equipe de entretenimento — todos os *troopers* da Benderspink: os Jake, JC, Daniel, o sempre reclamão David, e muitos estagiários para nomear. Meu advogado Steve Younger, também conhecido como meu pai na Costa Oeste. Sara Scott e Gennifer Hutchison, as princesas guerreiras que espero que levem *A rainha vermelha* para as telonas. E aí tem as pessoas que nunca conheci pessoalmente, mas trocam tuítes, e-mails e mensagens instantâneas comigo ao longo de cada dia. O mercado editorial e de entretenimento é muito vivo nas redes sociais, e eu conheci muita gente inspiradora e encorajadora que deram as boas-vindas à turma. Cada autor, blogueiro, escritor e fã é muito valioso, e agradeço a todos vocês pelas palavras e pelo apoio. Em especial Emma Theriault, minha gêmea canadense, leitora, crítica e amiga.

Sou uma escritora, e isso basicamente significa que trabalho sozinha, mas nunca me sinto assim de verdade. Muito obrigada a todos que ficaram ao meu lado e aceitaram minhas esquisitices — especialmente Culver, Morgan e Jen, Bayan (com quem

tenho transmissão de pensamento), Erin arcana e #Angela, que nunca me julgam (em voz alta). E os indispensáveis na minha rotina, que me ajudam a passar por cada dia — Jackson Market, o barista que nunca se importa com as minhas roupas de mendiga, Target, folhas de outono, Pottery Barn, livrarias, calças de ioga, camisetas bregas, os parques nacionais, os Patriots (tanto o time de futebol quanto os fundadores dos Estados Unidos), George R.R. Martin e Wikipédia. Também preciso agradecer ao estado de Montana, onde escrevi o segundo capítulo e decidi que iria com tudo nessa história de escrever um livro.

Peço desculpas por ser tão piegas, mas estou quase acabando. Agradeço mais uma vez a Morgan, minha melhor amiga e o empurrão que preciso mas nunca quero. Continuarei deixando a luz do corredor acesa. E agradeço novamente aos meus pais, Heather e Louis. Eles me deixaram mudar de casa e focar na escrita do livro, o que é muito louco. Eles me ajudaram a fazer uma universidade incrível mas incrivelmente cara e bem longe, o que é muito louco. Eles educaram essa esquisita aqui para parecer minimamente com um ser humano normal, o que é muito louco. E eles continuam a me apoiar, me amar, se sacrificar e me fazer baixar a bola, normalmente tudo ao mesmo tempo. Eles me fizeram chegar aonde cheguei, e permitiram que este livro, meu futuro e minha vida acontecessem. O que é muito louco.

STEPHANIE GIRARD OF STEPHANIE GIRARD PHOTOGRAPHY

VICTORIA AVEYARD cresceu numa cidadezinha em Massachusetts e frequentou a Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles. Ela se formou como roteirista e tenta combinar seu amor por história, explosões e heroínas fortes na sua escrita. Seus hobbies incluem a tarefa impossível de prever o que vai acontecer em As Crônicas de Gelo e Fogo, viajar e assistir Netflix.

Sumário